



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Ivo Francisco Barbosa

**Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político  
do Brasil**

Rio de Janeiro

2021

Ivo Francisco Barbosa

**Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura e Natureza.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Zeny Rosendahl

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

B238 Barbosa, Ivo Francisco.  
Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil / Ivo Francisco Barbosa. – 2021.  
245f.: il.

Orientadora: Zeny Rosendahl.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Geografia.

1. Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Aparecida, SP) – Teses. 2. Religião e geografia – Teses. 3. Turismo – Aspectos religiosos – Teses. 4. Espaço sagrado – Aparecida (SP) – Teses. 5. Peregrinos e peregrinações cristãs – Aparecida (SP) – Teses. 6. Religião e política – Aparecida (SP) – Teses. I. Rosendahl, Zeny. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 911.3:272(815.6)

Bibliotecária responsável: Taciane Ferreira da Silva / CRB-7: 6337

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ivo Francisco Barbosa

**Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura e Natureza.

Aprovada em 04 de junho de 2021.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Zeny Rosendahl

Instituto de Geografia – UERJ

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Miguel Angelo Ribeiro

Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Alberto Pereira dos Santos

Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira

Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves

Universidade Federal de Alfenas

Rio de Janeiro

2021

## **DEDICATÓRIA**

À minha família e à minha companheira, sem eles não seria possível concluir o caminho.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer àqueles que fizeram parte dessa caminhada é celebrar o final do trajeto trilhado. Nesses quatro anos de doutoramento em que inúmeras pessoas fizeram parte, incorre-se, por lapsos da memória, esquecer algumas pessoas que foram importantes, mas, afirmo neste agradecimento, a minha mais sincera estima por todos.

Agradeço aos meus pais, Eloim e Lourdes, por terem acreditado e por todo o suporte necessário ao longo do doutoramento. A luta de vocês está aqui. Às minhas irmãs, Ornela e Maitê, que sempre me apoiaram e auxiliaram em etapas da pesquisa. Agradeço pelas informações prestadas sobre a dinâmica do meu objeto nos momentos em que o pesquisador estava distante da pesquisa.

Agradeço aos alunos que passaram pelo NEPEC e ajudaram na construção da pesquisa e que me forneceram proposições, críticas e conselhos. Especialmente, ao grupo NEPEC: Jefferson, José Arilson, Cássio, Dayane, Regiane, Flávio, Vanda, Diego, Avacir e tantos outros, no lugar onde as ideias fluem e os pensamentos convergem, a vocês, meu cordial abraço pelas reuniões e diálogos riquíssimos.

Ao PPGEO, pela luta e força por uma geografia que resiste aos demandas na educação superior, ao apoio no consentimento da bolsa e dos prazos, aos docentes do programa que na prática docente e científica forneceram as bases para a pesquisa. Aos discentes, Marcel e outros, que nas conversas, no acolhimento e nos eventos, auxiliaram na consolidação da pesquisa.

Agradeço ao Professor Roberto Lobato (UFRJ) pelos diálogos, críticas e ressalvas na pesquisa, os quais foram fundamentais para o delineamento da problemática escolhida. Ao Professor Miguel Ângelo Ribeiro, agradeço as valiosas contribuições quanto a geografia e o turismo, os seus diversos apontamentos fazem parte da pesquisa.

Agradeço ao Santuário Nacional e à prefeitura do município de Aparecida pelo fornecimento de documentos valorosos e pelas entrevistas concedidas que deram substância ao trabalho.

Agradeço à minha companheira, Júlia, por ter acreditado, apoiado desde o mestrado esse caminho das pós-graduações, meu crescimento é fruto da sua companhia, sua cobertura e seu carinho me ajudaram na construção do processo.

À Professora Zeny Rosendahl, minha orientadora, sou extremamente grato por ter partilhado essa etapa da minha vida. Agradeço por toda paciência, críticas e conversas frutíferas no NEPEC. Se chegamos ao fim da pesquisa e ao êxito, deve-se a tua orientação.

Por fim, agradeço à Faperj pelo consentimento da bolsa de doutorado, agência que me acompanha desde o mestrado, meu sincero agradecimento.

## RESUMO

BARBOSA, Ivo Francisco. *Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil*. 2021. 245f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A análise da dimensão espacial da cidade-santuário de Aparecida envolve a compreensão dos inúmeros processos, agentes, ações e interações. Sua formação advém do culto à Santa e das práticas religiosas e sociais que a transformam. Ao longo da sua história, o espaço sagrado foi sendo remodelado em decorrência da expansão da devoção e, por conseguinte, o espaço profano. Atualmente, as transformações têm se pautado na implementação de formas simbólicas espaciais e religiosas e no desenvolvimento do turismo religioso. Deste modo, o objetivo da pesquisa é compreender e interpretar as interfaces do turismo religioso e da produção de formas simbólicas espaciais na cidade-santuário de Aparecida. Para a construção da pesquisa, aportou-se na metodologia da geografia da religião, campo da geografia cultural, a fim de compreender a espacialidade da cultura religiosa no processo de produção do espaço. Assim, foram realizadas pesquisas de campo, bibliográficas, entrevistas e registros fotográficos, de maneira a interpretar as interfaces do turismo religioso, as ações políticas e a produção do espaço na cidade-santuário a partir de agentes sociais, bem como as formas simbólicas espaciais religiosas, os símbolos e os significados na estruturação do Parque Temático Religioso.

Palavras-chave: Turismo religioso. Produção do espaço. Formas simbólicas espaciais.



## ABSTRACT

BARBOSA, Ivo Francisco. *Hieropolis of Aparecida-SP: place of faith, religious tourism and political space in Brazil*. 2021. 245f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The analysis of the spatial dimension of the sanctuary-city of Aparecida involves understanding the countless processes, agents, actions and interactions. Its formation comes from the cult of the Saint and from the religious and social practices that transform it. Throughout its history, the sacred space has been remodeled due to the expansion of devotion and, therefore, the profane space. Currently, the transformations have been based on the implementation of spatial and religious symbolic forms and on the development of religious tourism. Thus, the objective of the research is to understand and interpret the interfaces of religious tourism and the production of spatial symbolic forms in the sanctuary city of Aparecida. For the construction of the research, it was used the methodology of the geography of religion, field of cultural geography, in order to understand the spatiality of religious culture in the process of production of space. Thus, field research, bibliographic, interviews and photographic records were carried out, in order to interpret the interfaces of religious tourism, political actions and the production of space in the sanctuary city from social agents, as well as the religious spatial symbolics forms, symbols and the meanings in the structuring of the Religious Theme Park.

Keywords: Religious tourism. Space production. Spatial symbolic forms.

## RESUMEN

BARBOSA, Ivo Francisco. *Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fe, turismo religioso y espacio político en Brasil*. 2021. 245f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

El análisis de la dimensión espacial de la ciudad-santuario de Aparecida pasa por comprender los innumerables procesos, agentes, acciones e interacciones. Su formación proviene del culto al Santo y de las prácticas religiosas y sociales que lo transforman. A lo largo de su historia, el espacio sagrado ha sido remodelado como resultado de la expansión de la devoción y, por tanto, el espacio profano. Actualmente, las transformaciones se han basado en la implementación de formas simbólicas espaciales y religiosas y en el desarrollo del turismo religioso. Así, el objetivo de la investigación es comprender e interpretar las interfaces del turismo religioso y la producción de formas simbólicas espaciales en la ciudad santuario de Aparecida. Para la construcción de la investigación, se utilizó en la metodología de la geografía de la religión, campo de la geografía cultural, con el fin de comprender la espacialidad de la cultura religiosa en el proceso de producción del espacio. Así, se realizaron investigaciones de campo, bibliográficas, entrevistas y registros fotográficos, con el fin de interpretar las interfaces del turismo religioso, las acciones políticas y la producción del espacio en la ciudad santuario desde los agentes sociales, así como las formas simbólicas espaciales religiosas, símbolos y significados. en la estructuración del Parque Temático Religioso.

Palabras clave: Turismo religioso. Producción espacial. Formas simbólicas espaciales.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Dimensões de análise.....	25
Figura 2 –	Espaço Sagrado e Espaço Profano.....	26
Figura 3 –	Mapa Contexto: Vale do Paraíba.....	31
Figura 4 –	Monumento Porto do Itaguaçu [s.d].....	35
Figura 5 –	Vista do alto da Igreja Velha e Praça Nossa Senhora Aparecida.....	40
Figura 6 –	Pintura da Igreja de Nossa Senhora Aparecida de 1817.....	41
Figura 7 –	Igreja Velha no início do século XX.....	43
Figura 8 –	Estação Ferroviária de Aparecida – Romarias [20 --].....	46
Figura 9 –	Espacialização do Sagrado (T1, T2 e T3).....	48
Figura 10 –	Santuário da Imaculada Conceição de Washington, Estados Unidos da América e Santuário Nacional de Aparecida, Brasil.....	50
Figura 11 –	Morro das Pitas, pedra fundamental e terraplanagem.....	52
Figura 12 –	Construção da Basílica Nova.....	53
Figura 13 –	Papa Paulo VI consagrando a Rosa de Ouro e a celebração em Aparecida, em 1967.....	63
Figura 14 –	Devotos na celebração do Jubileu de 250 anos.....	64
Figura 15 –	Selo Comemorativo.....	78
Figura 16 –	Cartaz do Jubileu: 300 anos de bênçãos.....	78
Figura 17 –	Dioceses e datas de visitação da imagem peregrina pelo Brasil.....	79
Figura 18 –	Monumento a Nossa Senhora de Fátima.....	81
Figura 19 –	Campanário.....	84
Figura 20 –	Cúpula Central do Santuário Nacional.....	85
Figura 21 –	Baldaqunio: biodiversidade brasileira e a grande criação de Deus.....	86
Figura 22 –	Mídias digitais do Santuário Nacional (Instagram, Facebook, Twitter e YouTube).....	87
Figura 23 –	Mídias impressa do Santuário Nacional.....	88
Figura 24 –	Programação Festa da Padroeira, 10 a 12 de outubro de 2019.....	89
Figura 25 –	Festival da Padroeira: Tribuna Bento XVI.....	91
Figura 26 –	Eventos fixos do Santuário Nacional.....	92
Figura 27 –	Nicho de Nossa Senhora Aparecida.....	94

Figura 28 – Nicho de Nossa Senhora Aparecida: fé, promessas e hipermodernidade.....	95
Figura 29 – Sala das Promessas/Salas dos Milagres.....	97
Figura 30 – Card da Coroação: devoção, participação e recordação.....	98
Figura 31 – Devotão: Puxador de fiéis.....	100
Figura 32 – Procissão Memória: concentração e devoção no pátio do Santuário Nacional.....	100
Figura 33 – Trajeto Procissão Memória.....	101
Figura 34 – Devotos no pátio do Santuário Nacional para a celebração dos 300 anos....	103
Figura 35 – Fiéis assistem à celebração de dentro da igreja.....	104
Figura 36 – Devotos sobre o sol na celebração dos 300 anos.....	104
Figura 37 – Selos comemorativo: Aparecida 300 anos de Fé e Devoção.....	107
Figura 38 – Trajeto da Procissão Solene, 12 de outubro de 2017.....	108
Figura 39 – Festival da Padroeira: Padre Fábio de Melo.....	109
Figura 40 – O limiar entre peregrino-turista.....	116
Figura 41 – Esquema da espacialidade das formas na cidade-santuário.....	117
Figura 42 – Centro de Apoio ao Romeiro (CAR).....	120
Figura 43 – Cidade do Romeiro vista aérea.....	122
Figura 44 – Cidade do Romeiro.....	123
Figura 45 – Entrada do Bondinho Aéreo.....	125
Figura 46 – Morro do Presépio.....	126
Figura 47 – Memorial da Devoção: Nossa Senhora Aparecida.....	127
Figura 48 – Caminho do Rosário: Espaço de oração e lazer.....	128
Figura 49 – Porto Itaguaçu (2017).....	132
Figura 50 – Holy Land Experience.....	143
Figura 51 – Tierra Santa, Buenos Aires.....	144
Figura 52 – Mundo em miniatura: Palácio de Westminster.....	146
Figura 53 – Logo e entrada do Magic Park Aparecida.....	146
Figura 54 – Mapa de localização das formas simbólicas espaciais e religiosas no Parque Temático Religioso.....	148
Figura 55 – Cruz do Morro do Cruzeiro e ao fundo a Basílica Nova ainda em construção – 1958.....	150
Figura 56 – Morro do Cruzeiro em dia de Via-Sacra.....	151
Figura 57 – Parque de Diversões e Aquário.....	153

Figura 58 –	Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida (2018).....	153
Figura 59 –	Morro do Presépio e as primeiras representações.....	155
Figura 60 –	Esculturas no Morro do Presépio.....	156
Figura 61 –	Cidade do Romeiro: lojas de souvenirs.....	156
Figura 62 –	Pedalinho Devotos Mirins no lago da Cidade do Romeiro.....	157
Figura 63 –	Preços dos tickets do Bondinho Aéreo.....	158
Figura 64 –	Bilheteria do Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida.....	160
Figura 65 –	Cine Padroeira - A História de Nossa Senhora Aparecida.....	161
Figura 66 –	Museu de Cera - Representações históricas.....	162
Figura 67 –	Espaço Devotos Mirins no subsolo do Santuário Nacional.....	164
Figura 68 –	Construção do trajeto do Trem do Devoto.....	166
Figura 69 –	Caminho do Rosário: mistérios, cenários e paisagismo.....	167
Figura 70 –	Caminho do Rosário: estações, vegetação nativa e exótica.....	167
Figura 71 –	Ponto de partida da Romaria - Teatro Municipal (RJ), 2018.....	173
Figura 72 –	Reportagem do site O Antagonista e comentários dos leitores.....	175
Figura 73 –	Anúncio da Romaria à Aparecida.....	176
Figura 74 –	Caravana do Rio de Janeiro no estacionamento do Santuário Nacional.....	177
Figura 75 –	Bandeira Lula Livre e devota mariana lulista.....	178
Figura 76 –	Devotos marianos lulista organizando produtos e panfleto do Movimento de Fé e Política.....	178
Figura 77 –	Concentração da romaria na Praça Nossa Senhora Aparecida.....	179
Figura 78 –	Romaria na Passarela da Fé: desobediência e militância.....	183
Figura 79 –	Devotos lulistas com a bandeira do Brasil e do PT no Santuário Nacional..	183
Figura 80 –	Comentários em apoio a iniciativa do Santuário Nacional no portal A12....	194
Figura 81 –	Eu sou Ético Brasil.....	195
Figura 82 –	O retorno da Padroeira do Brasil ao Santuário Nacional, 1978.....	198
Figura 83 –	40 anos da Restauração da Imagem de Nossa Senhora Aparecida.....	199
Figura 84 –	Carreata na porta dos estúdios da TV Aparecida.....	200
Figura 85 –	Visita de Jair Messias Bolsonaro ao Santuário Nacional, 30 de novembro de 2018.....	208
Figura 86 –	Bolsonaro e religião - slogan de campanha, montagens e pastores.....	211
Figura 87 –	Comentários ofensivos em site de notícias.....	215
Figura 88 –	Ofensas ao arcebispo Dom Orlando Brandes no Facebook.....	215

Figura 89 – Acessos proibidos ao interior da Basílica.....	217
Figura 90 – Entrada do Presidente da República no espaço sagrado.....	218
Figura 91 – Saída do Presidente da República em carro aberto.....	220
Figura 92 – Comentários no perfil da página A12 no Facebook.....	221
Figura 93 – Primeira celebração no Santuário Nacional sem devotos.....	223
Figura 94 – Primeira missa com medidas de segurança.....	225

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Transição religiosa no Brasil: 1940 - 2032.....	203
---	-----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Cronologia da construção da Basílica Nova.....	49
Quadro 2 –	Número de visitantes no Santuário Nacional nos períodos de 1960-1962; 1968-1970; 2013-2018.....	82
Quadro 3 –	Formas Simbólicas Espaciais e Religiosas na cidade-santuário de Aparecida.....	149
Quadro 4 –	Perguntas aos candidatos à Presidência da República no Debate Aparecida	201
Quadro 5 –	Comentários de perfis apoiando o Presidente da República.....	209



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAR	Centro de Apoio ao Romeiro
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COVID-19	Doença do Coronavírus 2019
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
SARS-COVID-19	Síndrome Respiratória Aguda Grave – Coronavírus 2

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>1</b>	<b>CONSTRUÇÃO DA CIDADE-SANTUÁRIO DE APARECIDA: ENTRE HIEROFANIA E TURISMO RELIGIOSO.....</b>	<b>31</b>
1.1	As transformações históricas e políticas do espaço de Aparecida.....	32
1.2	O espaço sagrado primário: o <i>locus</i> da hierofania (1717-1745).....	39
1.3	O espaço sagrado secundário: a Igreja Velha (1745–1946).....	41
1.4	O espaço sagrado secundário: a Basílica Nova, o Santuário Nacional e as espacialidades religiosas da cidade-santuário de Aparecida (1946-1998).....	51
1.5	A cidade-santuário: dimensão religiosa, política e turística.....	56
1.5.1	<u>O espaço sagrado primário e secundário: os agentes sociais políticos em sua configuração.....</u>	<u>58</u>
1.5.2	<u>O Santuário Nacional e o Complexo Turístico Religioso.....</u>	<u>64</u>
<b>2</b>	<b>O TEMPO SAGRADO E A SUA ESPACIALIDADE: AS CELEBRAÇÕES A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA EM 2017.....</b>	<b>68</b>
2.1	A geografia cultural e o “subcampo” geografia da religião.....	68
2.2	As vicissitudes da pesquisa: a ida a campo e a busca por um método.....	71
2.3	Os caminhos da pesquisa de campo: experiências e vivências.....	72
2.4	As representações sociais: formas espaciais e comunicações com o religioso.....	73
2.5	O Santuário Nacional e os preparativos do Jubileu dos 300 anos.....	79
2.6	A festa sagrada do dia 10 a 12 de outubro: experiências do pesquisador e vivências dos devotos.....	90
2.6.1	<u>O primeiro dia: o tempo da hipermodernidade com as práticas dos padres cantores e a Igreja do espetáculo.....</u>	<u>92</u>
2.6.2	<u>O segundo dia: a devoção, a Coroação e a Procissão Memória.....</u>	<u>95</u>
2.6.3	<u>O terceiro dia: tempo <i>kaïros</i> e <i>cronos</i> em união.....</u>	<u>104</u>
<b>3</b>	<b>ESPAÇO E TEMPO DO TURISMO RELIGIOSO.....</b>	<b>113</b>
3.1	O turismo e o turismo religioso.....	113
3.2	O peregrino e o romeiro e a não similaridade com o turista religioso.....	116
3.3	O espaço sagrado e o espaço profano: do peregrino ao turista, o Complexo	

	<b>Turístico Religioso do Santuário Nacional.....</b>	<b>120</b>
3.4	<b>O processo de turistificação da cidade-santuário: o Complexo Turístico Religioso.....</b>	<b>130</b>
4	<b>A DIMENSÃO RELIGIOSA DO LAZER E SOCIAL NA CIDADE-SANTUÁRIO DE APARECIDA COMO PARQUE TEMÁTICO RELIGIOSO.....</b>	<b>136</b>
4.1	<b>Interpretação das formas simbólicas espaciais religiosas.....</b>	<b>137</b>
4.2	<b>Parques Temáticos: espaços de consumo, lazer e vivências.....</b>	<b>139</b>
4.3.	<b>Os Parques Temáticos Religiosos: <i>Holy Land e Tierra Santa</i>.....</b>	<b>144</b>
4.4	<b>O Parque Temático Religioso de Aparecida.....</b>	<b>147</b>
5	<b>A DIMENSÃO POLÍTICA E ECONÔMICA DO SANTUÁRIO DE APARECIDA NO PARQUE TEMÁTICO RELIGIOSO.....</b>	<b>173</b>
5.1	<b>O trajeto, a devoção mariana lulista e o Santuário Nacional: posicionamentos, percepções e vivências.....</b>	<b>175</b>
5.2	<b>Território religioso e os agentes políticos: católicos políticos contra Lula e católicos políticos a favor de Lula.....</b>	<b>182</b>
5.3	<b>A Igreja Católica e o Estado: agentes sociais de dimensão política e histórica.....</b>	<b>191</b>
5.3.1	<b><u>A dimensão política do Santuário Nacional: dia nacional mariano, Eu sou ético Brasil, restauração da Santa/Brasil e Debate Aparecida.....</u></b>	<b>196</b>
5.3.2	<b><u>Os movimentos de direita na Igreja Católica: as redes, a eleição e ida de Bolsonaro à Aparecida.....</u></b>	<b>206</b>
5.3.3	<b><u>O Santuário, a Santa e o Presidente da República.....</u></b>	<b>208</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>229</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>233</b>
	<b>APÊNDICE – Questionário 1 e 2.....</b>	<b>244</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo do fenômeno religioso tem sido o foco das ciências sociais e humanas na busca pela compreensão e interpretação dos aspectos sociológicos e antropológicos do campo religioso e das interações humanas. Na geografia brasileira, em contrapartida, essa temática só começou a ganhar relevância, a partir da década de 1990, com estudos relacionados à dimensão espacial da religião católica, como a tese de Rosendahl (1994), entre outros. Mas, de fato, na geografia os estudos voltados para a entendimento da cultura em seus múltiplos aspectos só foram objeto de estudo, enfaticamente, após a virada cultural, na década de 1970, com a denominada geografia cultural renovada. A geografia cultural tem procurado tornar inteligíveis os valores e significados da cultura e sua realização no espaço geográfico. É a partir dessa perspectiva de análise da dimensão espacial da cultura que versará esta tese, ao tentar contextualizar e analisar as transformações que o turismo religioso impõe no espaço urbano e as práticas sociais e religiosas envolvidas na cidade-santuário de Aparecida. Para discorrer dessas condições e singularidades, a tese tratará de campos temáticos que abarcam a geografia urbana, geografia da religião e o turismo, compreendendo a singularidade da religião Católica Apostólica Romana nessa configuração.

O objetivo geral de pesquisa é compreender e interpretar as interfaces do turismo religioso e da produção de formas simbólicas espaciais na cidade-santuário de Aparecida. De modo a compreender e interpretar as interfaces do turismo religioso e produção do espaço na cidade-santuário, bem como a historicidade de Aparecida e a construção das formas simbólicas espaciais, os seguintes objetivos específicos foram traçados:

- a) Contextualizar as estratégias da Igreja Católica na dimensão simbólica e do Estado no desenvolvimento do Complexo Turístico Religioso;
- b) Analisar os novos processos e inserções mercadológicas do turismo religioso no espaço profano;
- c) Identificar as formas simbólicas espaciais no Santuário Nacional que permeiam o espaço sagrado e o espaço profano, seus significados, as intencionalidades, os anseios dos peregrinos, romeiros, turistas religiosos, turista e visitantes.
- d) Interpretar a dinâmica do peregrino, do peregrino turista e do turista na produção de formas simbólicas espaciais e sua conseguinte manutenção

O entendimento da função turístico-religiosa é prioritário para a contextualização da história de sua formação, da construção da cidade-santuário e de sua modernização com vista ao turismo religioso e, fundamentalmente, na transformação do espaço urbano, sobretudo alicerçada na política institucional do Santuário Nacional em dotar a cidade-santuário de atrativos turísticos-religiosos e bens simbólicos. Ao equipar a cidade-santuário de atrativos e formas simbólicas espaciais e religiosas que exprimem: a) lazer, b) (res)significação, c) (re)valorização, d) modernização, e) vivências e f) práticas religiosas; o Santuário Nacional, modifica, controla e (re)direciona o turista-religioso de modo que possa ter o controle de ir e vir e do que consumir, este, no sentido dos bens simbólicos, como define Pierre Bourdieu (2007). Essas novas práticas/atividades adotadas pelo Santuário Nacional na construção do *Complexo Turístico Religioso*, colocam-no como uma instituição de poder incluída no sistema capitalista e, ao mesmo tempo, ampara as demandas e interesses dos devotos, onde a religiosidade permeia os artifícios do consumo e da sociedade mundana. Logo, essas novas alterações nos remetem as diversas condições, situações e significados que merecem ser investigados e tornados inteligíveis na perspectiva de uma geografia cultural apoiada nas percepções, mormente, do pesquisador.

A pesquisa em desenvolvimento é fruto do interesse do pesquisador pela complexidade que envolve o turismo religioso na cidade-santuário de Aparecida, no interior do estado de São Paulo. Iniciada em 2014 com o mestrado na Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, o estudo tinha como aporte a compreensão da produção do espaço urbano mediante a contextualização e análise dos agentes sociais: o Estado, a Igreja Católica, os incorporadores imobiliários e as camadas de baixa renda. A pesquisa levantou subsídios para o seu desdobramento e seu aprofundamento. Assim, conforme as pesquisas de campo eram realizadas e contextualizadas, outros questionamentos e indagações foram apresentados, demonstrando outras facetas na produção do espaço urbano, principalmente, alicerçadas no aspecto *sine qua non* dessa localidade, o religioso, tendo o agente modelador, o peregrino, uma especificidade pouco explorada na pesquisa e que pode proporcionar uma amplitude acerca da complexidade.

Com o estudo realizado no mestrado em relação à produção do espaço urbano em Aparecida, compreendeu-se que há uma multiplicidade de análises, processos e agentes plurais, sobre os auspícios de um espaço voltado ao turismo religioso que merece ser investigado. Concomitantemente, de uma análise crítica quanto às relações sociais que influem nesse processo, desse espaço voltado ao turismo religioso, o qual é fundamentalmente, particularizado pelas ações da Igreja Católica e do Estado (em várias

esferas). Dentre essas ações, destacam as transformações e empreendimentos realizados pelo Santuário Nacional que possuem como prerrogativa acolher o devoto e o evangelizar, mas podem estar inseridas em outras confluências de significados, valores e atos simbólicos que devem ser contextualizados e analisados, pois modelam e remodelam a cidade-santuário.

A análise dessas complexidades, dos significados, dos valores e processos que culminam nessa configuração espacial na cidade-santuário de Aparecida será realizada por meio da pesquisa bibliográfica, dos diálogos, das entrevistas abertas e suas contextualizações. A pesquisa bibliográfica tem sido realizada desde 2014 com o mestrado e aprofundada no doutorado, bem como os diálogos e as entrevistas. Em contrapartida, a análise agora buscará uma outra interface de interpretação sob o viés da geografia cultural, a partir de outras percepções e intenções.

As pesquisas de campo, no ano de 2017, foram realizadas prioritariamente nas festividades principais do catolicismo: na Semana Santa e no Jubileu de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Esses momentos dimensionaram a pesquisa e apontaram alguns aspectos negativos, como a tentativa de aplicação de questionários com os visitantes. Essa etapa demonstrou-se não efetiva, mas expôs percepções, diálogos e novos pontos cruciais no caminho investigativo, como a percepção de que o estudo centrado na geografia cultural deve priorizar o qualitativo e não o quantitativo. As pesquisas de campo realizadas no mestrado proporcionaram materiais investigativos que serão de valia para o desdobramento da pesquisa. Em 2018, a operacionalização das atividades de campo seguiu os mesmos parâmetros quanto às datas comemorativas, porém sem a realização de questionários, somente diálogos com os devotos e entrevistas com o reitor do Santuário Nacional, o padre João Batista. O ano de 2018 contou com o evento político e religioso da *Romaria à Aparecida por Lula livre e pela paz no Brasil*. Nesta, a pesquisa foi vivida e experienciada, desde o início, no Teatro Municipal, Rio de Janeiro, até a cidade de Aparecida e, posteriormente, na volta com os diálogos e opiniões dos devotos políticos. Esse campo teve como priorização a observação, os relatos, os discursos dos partidários e dos devotos, a missa solene, as fotografias e interpretações desse momento político. Ainda compondo as análises no ano de 2018, temos o debate eleitoral com os presidentiáveis no Centro de Eventos Padre Vitor Coelho de Almeida, anexo ao Santuário Nacional, e também as campanhas de conscientização do voto ético e cristão realizado pela instituição.

Os anos de 2019 e 2020 também integram as análises e interpretações das práticas devocionais no dia da Padroeira, 12 de outubro, sobretudo, no que tange às visitas do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, ao Santuário Nacional, considerados os

momentos mais significativos para a composição da pesquisa com respeito à dimensão política no lugar sagrado.

A cidade de Aparecida, no estado de São Paulo, é comumente conhecida por sua condição religiosa e pela prática do turismo religioso. Sua função turístico-religiosa advém do descobrimento da imagem de Nossa Senhora da Conceição, nas águas do rio Paraíba do Sul, no ano de 1717, e do culto que desenvolvera, mas também podemos compreendê-la em uma conjunção de fatores que favoreceram esse desenvolvimento, como acordos (entre Igreja Católica e Estado), dinâmicas socioeconômicas na região do Vale do Paraíba e de relações sociais históricas de diversos agentes na transformação daquele espaço. A cidade-santuário de Aparecida é um caso singular e sua função religiosa se destaca na dinâmica espacial, e compreender sua condição, inerentemente, faz-se da consideração de atributos específicos, como os aspectos relacionados ao sagrado, o profano, o devoto e suas múltiplas práticas sociais e religiosas. É sobre essa ótica que se busca compreender e apresentar bases quanto à complexidade do turismo religioso nessa cidade-santuário.

Essa proposição e complexidade referenciada será analisada em cinco capítulos que abordaram o religioso, a política, o econômico e as formas simbólicas espaciais na transformação espacial da cidade-santuário. No *Capítulo I - A construção da cidade-santuário de Aparecida: entre hierofania e turismo religioso*, será contextualizada a historicidade do surgimento de Aparecida, a partir de uma análise relacionada aos aspectos urbanos. Inicialmente, de modo a compreender e apresentar bases necessárias para a discussão de sua historicidade de formação e a especificidade religiosa, fundamentação com base em uma bibliografia centrada na investigação espaço-temporal e relacionadas à gênese e à função das cidades com características religiosas, questões estas consideradas elementares, nas quais os seguintes autores ancoram: Müller (1969); Barbosa, A (2000); Oliveira, C. (2001); Moura (2002, 2013); Barbosa, B (2007); Barbosa, I (2016). Esses autores contribuem para a construção da historicidade e das relações socioeconômicas, os agentes sociais e o processo de produção do espaço em Aparecida. Em outro momento, as produções da geógrafa Rosendahl (1994, 1996, 1997, 2003, 2005, 2008, 2008b, 2009, 2012, 2012b, 2014, 2018) somam-se na apresentação das categorias de análise da geografia da religião, nos estudos das hierópolis, no entendimento das práticas devocionais e atividades religiosas, e correlacionam-se às características que definem esse espaço como sagrado, às mudanças e às transformações com vista à devoção. Salienta-se a inseparabilidade do surgimento como município estar imbricado no encontro da imagem, por pressuposto, o entendimento dos termos sagrado e profano que estão relacionados à manifestação hierofânica nesse espaço e dialogam com o

escopo, pontos são prioritários no capítulo introdutório, e que terão como base o autor Mircea Eliade (1992).

*O Capítulo II – O tempo sagrado e sua espacialidade: as celebrações a Nossa Senhora da Conceição Aparecida em 2017* trata preponderantemente do sagrado, das práticas religiosas, dos festejos, da espacialidade do sagrado e do profano na cidade-santuário de Aparecida. A construção dessa etapa foi realizada em dois seguimentos: primeiro, a relação intrínseca do surgimento e os aspectos do sagrado, as primeiras práticas religiosas, os milagres, as romarias, experiências e vivência de devoção dos praticantes. Essa parte da pesquisa caracteriza a qualidade descritiva. Os autores principais destacados nesse levantamento são: Müller (1969), Freitas (1978), Machado (1979), Brustoloni (1978, 1979, 1980, 1982, 1998), Barbosa, A (2000), Moura (2002, 2013), Barbosa (2007), Alvarez (2014). Tais autores apresentam a historicidade e o magnetismo de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, nos proporcionando um rico material documental e investigativo. O segundo seguimento apresenta o pesquisador no campo e a experiência de ver e sentir o sagrado na festa sagrada entre os períodos de pesquisa, com destaque para a celebração do Jubileu dos 300 anos, em 2017. Nessa etapa, são apresentados, interpretados e contextualizados os dados coletados com os representantes do Santuário Nacional em duas maneiras: a) a partir da elaboração de um questionário e; b) pela transcrição de áudios e matérias em meios de telecomunicação. Segue nessa proposição de tornar inteligível o tempo sagrado, a espacialidade e as celebrações através dos olhares dos maiores envolvidos, os devotos aos turistas<sup>1</sup>. Outros elementos na investigação são as percepções do investigador no tempo de festa e nos demais momentos da pesquisa.

A pesquisa elaborada na dissertação de mestrado contou com um abundante material proveniente das entrevistas realizadas com o representante do Santuário Nacional, prefeitura municipal de Aparecida e outros agentes sociais. Essas informações são incorporadas neste estudo, pois configuram importantes momentos, significados e valores que representam posições, interesses e percepções dos envolvidos no turismo religioso e na religiosidade, de certa maneira, demonstram interpretações de tempos e situações outrora vigentes que podem ser contextualizadas aos pensamentos atuais.

*O Capítulo III – Espaço e Tempo do Turismo Religioso* traz a análise e a interpretação acerca do conceito de turismo no espaço e tempo religioso, em Aparecida. A preocupação é

---

<sup>1</sup> No decorrer da escrita da tese optamos por apresentar as falas dos colaboradores da pesquisa (devotos e turistas) em itálico.



compreender como as categorias que serão analisadas: (1) *peregrinos*, (2) *romeiros*, (3) *turista religioso*, (4) *turista* e (5) *turista secular* são fundamentais para compreensão das ações do Santuário Nacional, do *Complexo Turístico Religioso* e na transformação da cidade-santuário ao longo de sua história, assim como no entendimento das diferenciações entre o que é religiosidade nessas formas simbólicas espaciais ou o que podem ser compreendidas como atrativos relacionados ao lazer, configurando uma turistificação do espaço. Para fundamentar a base teórica desse capítulo, os autores discutidos são: Smith (1992), Steil (1999, 2003), Cruz (2000, 2001, 2007), Souza, A; Corrêa, M (2000), Rodrigues (2001), Alves Junior (2003), Santos (2006, 2006b), Reesink, M; Reesink, E (2007), dentre outros. Esses referenciais têm como proposição apresentar e apreender alguns dos caminhos que serão adotados quanto às categorias e, fundamentalmente, atentar para a relação do turismo religioso como um dos elementos chave da pesquisa e também como componente constitutivo e político do Santuário Nacional na transformação da cidade-santuário e no sagrado.

O *Capítulo IV – A dimensão religiosa do lazer e social na cidade-santuário de Aparecida como Parque Temático Religioso* procura compreender, interpretar e contextualizar as formas simbólicas espaciais e religiosas localizadas na cidade-santuário. Parte-se do pressuposto de que o Santuário Nacional tem efetivado seus esforços na construção de um *Complexo Turístico Religioso* que compõem: O Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida; O Morro do Presépio; O Bondinho Aéreo; o Centro de Apoio ao Romeiro (CAR); A Cidade do Romeiro e, futuramente, o Caminho do Rosário. Entende-se o *Complexo Turístico Religioso* como um Parque Temático Religioso e, para analisar essa perspectiva e hipótese, buscamos os fundamentos em autores da geografia cultural e do turismo: Asthon (1999, 2009), Claval (1999), Corrêa, R (2007, 2007c, 2010, 2010b, 2012); Hall (1997) e Soja (1996).

No *Capítulo V – A dimensão política e econômica do Santuário de Aparecida no Parque Temático Religioso* apresentamos a dimensão por meio de uma análise espaço-temporal dos agentes e momentos políticos, correlacionando-os com o estudo realizado no mestrado e as atuais manifestações políticas na cidade-santuário. A análise também centrará na discussão de um importante momento do ano de 2018, trata-se da *Romaria à Aparecida por Lula livre e pela paz no Brasil*. Esse ano decisivo no cenário político brasileiro foi palco da dimensão política e religiosa no território –ora por exclusão de grupos ora por aceitação de outros. Os anos subsequentes demarcam a vitória política da extrema-direita na eleição presidencial e, com ela, temos no lugar sagrado um importante movimento de dimensão política com a presença do presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Assim, discorre-se

da perspectiva e importância da manifestação religiosa aliada à política; as atuações, os discursos, a intolerância política e os atos de devoção carregados de significados e simbolismos nessa circunstância. Todavia, por termos construído a pesquisa em um momento único marcado pela pandemia SARS-COVID-2 ou COVID-19, como ficou conhecida a síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2 ou doença do coronavírus 2019, as práticas e atividades devocionais foram modificadas e, desse modo, tornou-se oportuno documentar e tecer interpretações dos acontecimentos. Assim, expostos os caminhos e os referenciais que aportarão o presente estudo, apresentam-se os capítulos, a construção teórica-epistemológica e prática desta tese.

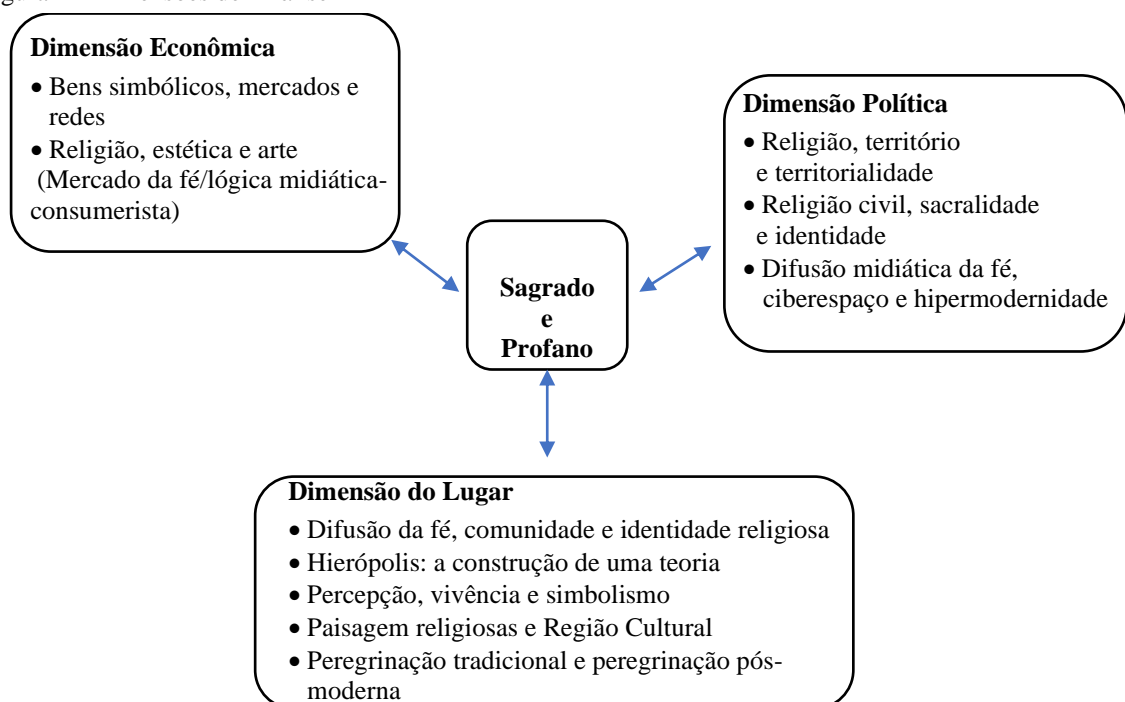
A história de Aparecida e o culto que desenvolvera é amplamente abordado nas mais variadas literaturas. Na academia, os estudos centralizam na religiosidade, nas artes e no cênico do templo para a *Mãe*, como é chamada por muitos devotos. Na ciência geográfica, a abordagem específica ocorre com a tese de doutorado de Oliveira (2001) e na dissertação de Barbosa (2016), os estudos norteiam o processo de produção do espaço urbano e os agentes sociais. Outros autores têm dedicado a essa rica temática e aos seus diversos significados na busca pela compreensão e interpretação da magnitude e força da imagem, as quais não devem ser interpretadas isoladamente (BARBOSA, 2016).

O espaço a ser analisado é formado por conjunções, interações e práticas sociais, *a priori*, a partir do desenvolvimento do seu aspecto singular, o culto à imagem. Todavia não se pode deixar de correlacionar que o espaço que surgira do culto à imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida já coexistia e é fruto de uma relação histórica de pertença com o município no qual emancipou-se, Guaratinguetá, e para com a região do Vale do Paraíba. Assim, ao analisar a formação da cidade-santuário, é importante relacionar a essa circunstância a relação do sagrado e do simbolismo que se desenvolvera, fundamentalmente, com o destaque que a região experimentou no cenário brasileiro, principalmente com a atividade cafeeira. Para essa construção reporta-se a: Müller (1969), Brustoloni (1978, 1979, 1980, 1982, 1998), Barbosa (2000), Oliveira (2001), Moura (2002), Barbosa (2007) e Barbosa (2016). Esses autores estudaram o Vale do Paraíba, o município de Aparecida e pontuaram a relevância do culto na constituição urbana.

Há então, na estruturação desse espaço, relações sociais carregadas de representações e símbolos que moldaram e transformaram o espaço urbano, e uma dessas representações simbólicas é a própria bipartição do espaço sagrado e do espaço profano em Aparecida. Para corroborar e tentar compreender o espaço urbano formado, o espaço sagrado e o contraponto, o espaço profano, o aporte se dá por Mircea Eliade (1992), o qual destaca o termo hierofania

para elucidar a experiência do sagrado como uma manifestação. O termo hierofania é apresentado por este autor, etimologicamente, do grego hieros (ἱερός) = sagrado e faneia (φαίνειν) = manifesto. Outros autores que recorremos para compreensão do fenômeno religioso são Max Weber (2004), que tratará da economia religiosa e o carisma, Emile Durkheim (2003), acerca da representação coletiva para a compreensão da religião e Rudolf Otto (2007), quanto ao sagrado e sua característica numinosa, como um elemento bem específico que foge da compreensão e apreensão racional. Referencia-se que esses autores baseiam seus estudos no entendimento no campo filosófico religioso, mas para conceber o sagrado e sua manifestação no espaço, os estudos de Zeny Rosendahl (1994, 1996, 1997, 2003, 2008, 2009, 2012, 2012b) são fundamentais. A geógrafa dimensiona e propõe metodologias para o estudo geográfico da religião ao trazer para a temática uma abordagem situada nas categorias de análise da geografia. Desse modo, a construção teórico-epistemológica partirá desse norte e das dimensões de análises propostas por Rosendahl (2003), a Dimensão Política, a Dimensão Econômica e a Dimensão do Lugar, categorias estas eficazes para o estudo. Há ainda outras dimensões de análises que incorporam aspectos relativos da hipermodernidade na prática devocional e que poderão enriquecer a compreensão do turismo religioso na cidade-santuário. Assim, o estudo de Oliveira (2017) acrescenta novas categorias de análise: as dimensões relativas à “Religião, estética e arte; à Difusão midiática da fé, ciberespaço e hipermodernidade e; à Peregrinação tradicional e peregrinação pós-moderna”, conforme exemplificado na Figura 1.

Figura 1 - Dimensões de Análise



Fonte: Modificado pelo autor, 2021 (ROSENDAHL, 2003; OLIVEIRA, 2017).

A cidade-santuário de Aparecida tem sua organização espacial determinada por agentes sociais como destaca Barbosa (2016), mais especificamente pelo devoto, como aponta Rosendahl (2009), quanto à organização espacial das cidades-santuário. Para Rosendahl (2008), há nessa produção do espaço com função religiosa a ação do povo como um agente transformador do espaço, a “piedade popular”. Para a autora, no Brasil, isso ocorre principalmente nos centros religiosos paulistas. Em Aparecida, a ação dos agentes sociais no espaço fica perceptível quando se analisa a partir das contribuições de Rosendahl (1996), quanto aos quatro elementos espaciais vinculados diretamente ou indiretamente ao espaço sagrado, o que proporciona uma interpretação das transformações espaciais relacionadas ao sagrado e ao profano, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Espaço Sagrado e Espaço Profano



Fonte: Rosendahl (1996, p.127)

O devoto atribui formas e funções no espaço (CORRÊA, 1989; ROSENDAHL, 2009). Nesse sentido, interpretam-se as ações desses no espaço sagrado e no espaço profano. Assim, essas contribuições podem apreender a relação da devoção e das demandas que são preponderantes para o Santuário Nacional implementar as novas obras. Por obras, entendem-se formas simbólicas espaciais, uma temática discutida por Corrêa (2007, 2007c, 2010b,) via contribuições advindas de Hall (1997), Cassirer (2001) e demais contributos da geografia cultural. Ao contextualizar, interpretar e correlacionar as diversas percepções e diálogos dos

entrevistados e devotos, espera-se dilucidar da turistificação na cidade-santuário e com os aportes de Nicolás (1989), Knafou (2006), Fratucci (2008).

Para buscar compreender e interpretar as percepções dos devotos, turistas religiosos e turistas que visitam o Santuário Nacional, inicialmente, optou-se pela realização de entrevistas diretas, esse critério foi adotado como caráter experimental, de modo a dimensionar algumas ponderações, dificuldades e opiniões no trabalho de campo. Sua realização ocorreu em 2017, mais especificamente, nos dias 7 a 10 de setembro. Após a aplicação desse primeiro questionário e sua reaplicação (com ressalvas e ponderações quanto à aplicabilidade) na semana da padroeira, nos dias 9 a 12 de outubro, e mediante a leitura de outros métodos, observou-se que sua aplicabilidade não seria efetiva, pois sua funcionalidade não permitiria uma percepção dos gestos e por uma metodologia calcada na observação participante, de maneira a interpretar as ações e os diálogos dos envolvidos. Para tal, os seguintes autores foram contributos: Malinowski (1976) e Valadares (2007).

O processo de construção do Santuário Nacional e de sua especialização com vista ao turismo religioso tem propiciado algumas interpretações e entendimentos, observou-se que o *Complexo Turístico Religioso*, antes restrito ao território religioso, tem sido ampliado para áreas do entorno, com a criação de espaços turísticos de lazer e entretenimento, sobretudo, de cunho religioso. Essa configuração tem favorecido em privilegiar os Parques Temáticos. Os autores que abordam a temática são: Soja (1996), Ashton (1999) e Corrêa (2007, 2007c, 2010b,). A partir dessas bibliografias, interpreta-se o *Complexo Turístico Religioso* do Santuário Nacional inserido em uma concepção de Parque Temático Religioso.

Ao longo da sua história de formação como maior templo mariano do mundo, a cidade-santuário de Aparecida sempre esteve condicionada às ações, aos interesses e aos atores políticos. Eles foram responsáveis pelas grandes transformações por intermédio de recursos financeiros, doações de terras, na legitimação e institucionalização do símbolo. Estar presente no Santuário Nacional, principalmente, na semana da padroeira em outubro, pode ser considerado como um ato obrigatório para boa parte dos candidatos ao executivo no Brasil. Do mesmo modo, pode ser dito de uma gama de celebridades musicais, atores da dramaturgia, entre outros. Notadamente, em maio de 2018, ocorreu a romaria política e religiosa, esse momento foi significativo e nos trouxe elementos comparativos quanto à historicidade da formação da cidade-santuário e os agentes políticos. Da mesma maneira, a esfera política e o caldeirão de divisões com o *impeachment* de Dilma Roussef, em 2016, traz para os candidatos à presidência maior relevância por estar presente na casa da Mãe do povo brasileiro e ser associado à imagem dela. É dentro dessas prerrogativas, percepções e interpretações que

discutiremos a dimensão política e econômica para tentar trazer luz a essas proposições. Os estudos realizados por Sack (1986), Rosendahl (1994, 1996, 2003, 2012a) e Castro (2005, 2009) dimensionam o político no território, a territorialidade religiosa e as ações na manutenção e controle das práticas devocionais. Percepções e interpretações que foram amplamente visualizadas e contextualizadas com a *Romaria à Aparecida por Lula livre e pela paz no Brasil*, bem como os eventos que ocorreram, em 2019 e 2020, e a ida do presidente da república ao Santuário Nacional de Aparecida.

Esperamos que nossos estudos proporcionem, no âmbito da geografia, outras contribuições acerca da religiosidade e do turismo religioso na produção e reprodução do espaço, sobretudo, de cidades-santuário, bem como as diferentes ações, interesses e inter-relações dos agentes sociais com vista à apropriação desses espaços e lugares específicos, dotados de simbolismo religioso.

## 1 A CONSTRUÇÃO DA CIDADE-SANTUÁRIO DE APARECIDA: ENTRE HIEROFANIA E TURISMO RELIGIOSO

A história do município de Aparecida está entrelaçada com o encontro da imagem da Santa nas águas do rio Paraíba do Sul. Nessa primeira parte, contudo, o cerne de discussão será a abordagem por outro parâmetro, inerentemente ao sagrado, a partir da historicidade de sua transformação urbana e as atividades econômicas. Essa interpretação de análise é por nós entendida por compreender que os aspectos relacionados ao religioso e essas atividades estão correlacionados em processo contínuo e imbricado na transformação urbana, logo, discorrer dentro de uma perspectiva espaço-temporal dessa produção do espaço urbano poderá nos proporcionar uma percepção e entendimento da atual dinâmica da cidade-santuário de Aparecida com vista ao turístico religioso. Nessa prerrogativa, recorre-se a uma análise espaço-temporal, atentando-se aos processos e atividades que foram preponderantes na região na qual circunscreve esse município. No segundo momento, a análise estará dividida em temporalidades no espaço, bem como os agentes e suas ações. Para a compreensão dessas temporalidades, toma-se como interpretação quatro tempos sacralizados:

- a) T1 – Espaço sagrado primário (1717 – 1745);
- b) T2 – Espaço sagrado secundário (1745 – 1946);
- c) T3 – Santuário Nacional (1946 – 1998);
- d) T4 – Santuário Nacional - cidade-santuário (1998 – 2020)

Essa periodização do espaço permitirá o entendimento do processo de espacialização, formação da cidade-santuário e o espaço sagrado, tornando-os inteligíveis. Pois, como considera Santos (1988), cada lugar possui um tempo espacial próprio que não se repete em outro e este está condicionado, conforme Corrêa (1987), a ações específicas da localidade.

É dentro dessa junção de tempos que se observa a produção do espaço, a espacialização do sagrado e o profano em Aparecida e, como tal, busca-se apresentar essas espacialidades e transformações nesse espaço específico.

### 1.1 As transformações históricas e políticas do espaço de Aparecida

O município de Aparecida, ao logo de sua constituição e de reconhecimento como capital mariana é, primeiramente, um espaço urbano, uma cidade e surge de relações sociais históricas. A população estimada é de 36.185 habitantes, segundo IBGE<sup>2</sup>, dos quais 34.534 residem na área urbana, o que configura uma alta densidade demográfica (289,13 hab/km<sup>2</sup>). Está localizado no médio Vale do Paraíba, conforme a Figura 3, na mesorregião do Vale do Paraíba Paulista e na região administrativa de São José dos Campos, que integram 39 municípios. Aparecida faz parte da bacia hidrográfica da Paraíba do Sul, no interior do Estado de São Paulo, na porção nordeste, distando, aproximadamente, 170 km da capital São Paulo e encontra-se na proximidade de duas formações rochosas, a Serra do Mar e Serra da Mantiqueira.

O município está situado na microrregião de Guaratinguetá, que é composta por nove municípios, e faz limites com as cidades de Guaratinguetá (N, NE, L e SE), com a qual mantém profundas relações históricas e de onde se emancipou em 1928; Lagoinha (S), de emancipação recente (1954) de São Luiz do Paraitinga; Potim (NO), que pertencia a Guaratinguetá até 1981, e Roseira (O), que pertencia a Aparecida até 1963.

Aqui, analisa-se esse espaço em duas vertentes: a primeira, como aglomerado humano, como uma concentração de população humana que está intimamente relacionada às atividades econômicas dos períodos na região do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. O Vale do Paraíba perpassou ao longo de sua ocupação por diversas atividades econômicas, mas somente o café pode ser considerado o maior responsável pela urbanização e industrialização desta região (MÜLLER, 1969). Nesse momento, reconhece-se este espaço, a partir de Sjoberg (1977, p. 38), onde a cidade “é uma comunidade de dimensões e densidade populacional consideráveis”, com formas em constante transformação e evolução por meio de relações sociais determinadas historicamente.

---

<sup>2</sup> População estimada de Aparecida – SP. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/aparecida.html>>. Acesso em 10 jun.2021.



Figura 3 – Mapa Contexto: Vale do Paraíba



Fonte: Elaboração pelo autor (2018).

Como um objeto envolto em relações sociais, a cidade é uma construção no espaço e no tempo, um produto social das relações do homem com o meio, ela se transforma com a própria progressão das relações sociais no espaço e no tempo (LEFEBVRE, 2006). Este espaço, a cidade de Aparecida, é produzido pelo trabalho da sociedade ao longo do tempo, das relações sociais que cercam o conjunto de diferentes usos que os seres humanos atribuem para esse espaço, como para atividades comerciais, de serviços, industriais, residenciais e, evidentemente, religiosas. Dessa complexificação de usos e das relações sociais atuantes, temos a produção do espaço, o espaço das interações sociais, o espaço da cidade capitalista (CORREA, 1989; CARLOS, 1994). Assim, de acordo com Santos (1992), o espaço é a combinação de um processo no qual os seres humanos, o tempo e a produção exercem papel principal de construção.

Para essa análise a partir do espaço urbano é importante reconhecer e assim é amplamente discutido na bibliografia, como em Santos (2013), que a atividade cafeeira foi o grande motor de urbanização e industrialização, no Brasil, e se tem, na região do Vale do Paraíba, o destaque nacional. Essa atividade afetará a dinâmica populacional da região e, por conseguinte, Aparecida.

A atividade cafeeira teve, segundo pesquisadores, três períodos: o primeiro período, de 1800 a 1840; o segundo período, de 1840 e 1875, para muitos é considerado o primeiro, pois representa o apogeu do cultivo com desenvolvimento da cultura do café na região do médio Paraíba, despontando nas cidades de Vassouras, Resende e Piraí – entretanto, alguns autores consideram que a entrada do café no Vale do Paraíba Sul Fluminense deu-se apenas em meados do século XVIII, como destaca Coltrinari (1975). O desabrochamento da urbanização no Vale do Paraíba Paulista dá-se durante todo o período áureo do café, com a atração do povoamento das regiões adjacentes, e propicia o surgimento de diversos núcleos urbanos, aglomerados e centros (MÜLLER, 1969). O terceiro período, a queda da cultura, no final do século XIX e início do século XX, acentuado pela crise econômica de 1929, traz o outro cenário para as cidades do Vale do Paraíba: a mudança de opulência e riqueza urbana para verdadeiros vazios econômicos e sociais (FERNANDES; COELHO, 2013).

A urbanização do Vale do Paraíba se apresenta em quatro fases como aponta Müller (1969): devassamento (século XVII); a atividade aurífera (século XVIII); e o *atividade cafeeira* (século XIX) e, mais recentemente, o período de industrialização no século XX. A identificação dessas temporalidades é importante para o entendimento do escopo do turismo religioso e a atual transformação urbana em Aparecida. Como exposto inicialmente, o urbano aqui é a primeira análise desse espaço específico e a atividade econômica cafeeira será

preponderante na criação da primeira capela (Igreja Velha) e no despontamento de Guaratinguetá, anteriormente denominada Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá e do povoado de Aparecida que será, no futuro, conhecido pelos milagres atribuídos a uma imagem encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul.

Ao tratar da historicidade da formação do município de Aparecida, inerentemente, deve-se correlacioná-la ao município de Guaratinguetá e, assim, como compreende Oliveira (2001, p. 59), ao justificar a relação de proximidade do município de Aparecida ao de Guaratinguetá: “sua história e dinâmica social sempre acompanharam o desenvolvimento de Guaratinguetá, inclusive pela aproximação das malhas urbanas entre ambos os sítios (conurbação)”. Logo, a investigação não deve, portanto, restringir-se à história da municipalidade sem considerar a relação conjunta da urbanização Guaratinguetá-Aparecida e sua integração regional.

O município de Guaratinguetá, sua data de ocupação em meados do século XVII, é iniciada com a exploração das minas de ouro para além da Serra da Mantiqueira (PASIN, 1983). O povoado surgiu em 1630, fundado por Domingos Luiz Lemes, com a construção da capela de Santo Antônio de Pádua. Guaratinguetá surge na primeira etapa da ocupação histórica na região do Vale do Paraíba, no período de devassamento no século XVII, ao longo do Rio Paraíba, Serra da Mantiqueira e Serra do Mar (MÜLLER, 1969). Em 13 de fevereiro de 1651, esse povoado passaria à categoria de vila, com o estabelecimento de novas famílias por requerimento do Capitão Domingos Luiz Lemes e com a construção de uma capela, Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, a segunda vila da região do Vale do Paraíba (BARBOSA, 2000). Em fins do século XVII, Guaratinguetá terá a capelinha como descreve Machado (1979, p. 155) no “centro de um novo povoado pertencente, então, à paróquia de Taubaté, e outrora à de São Paulo, eclesiasticamente dependendo da diocese do Rio de Janeiro, sufragânea de São Salvador, da Baía”.

A região de Guaratinguetá era constituída de pequenos povoados espalhados por toda a extensão territorial. Segundo historiadores, as terras do Vale do Paraíba Paulista foram desbravadas e povoadas por Jacques Felix e sua família à procura de minas. De acordo com Müller (1969), o fundador da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá teria pertencido ao grupo de desbravamento da capitania de São Vicente. No século XVIII, essa Vila destacou-se juntamente da Vila de Taubaté como uma das principais capitanias do Vale do Paraíba, devido às atividades do ouro, da cana-de-açúcar e, posteriormente, do café (HERMMAN, 1986).

A importância que se remete às atividades econômicas pode ser vista em Moura (2002, p. 30), o qual menciona que essas atividades econômicas geraram um aumento na qualidade de vida, “e que se reflete em modificações na estrutura profissional”. Para Hermman (1986), essa melhora é atribuída principalmente à prosperidade da lavoura canavieira, entre 1630 e 1775, com o aparecimento de especializações, como taberneiros, artesãos, comerciantes das lojas que funcionavam como entrepostos para os viajantes, ferreiros, taapeiros, carpinteiros, alfaiates e outros. Em Coltrinari (1974), essa condição surge da sua localização geográfica, do entroncamento e da via de circulação entre as estradas das Minas Gerais e o caminho até a costa litorânea através de Cunha e Paraty, por onde começava a rota marítima para a cidade do Rio de Janeiro. Essa ligação é referenciada em Müller (1969, p. 22), ou seja, “a rota mais importante, a de Guaratinguetá para Parati, por onde se fazia a ligação com o Rio de Janeiro, por via marítima”. A mesma relevância é descrita em Moura (2002, p. 30), Guaratinguetá é “ponto de passagem para quem, vindo das Minas Gerais, se dirige a Parati, [...] conduzindo açúcar para embarque naquele porto”.

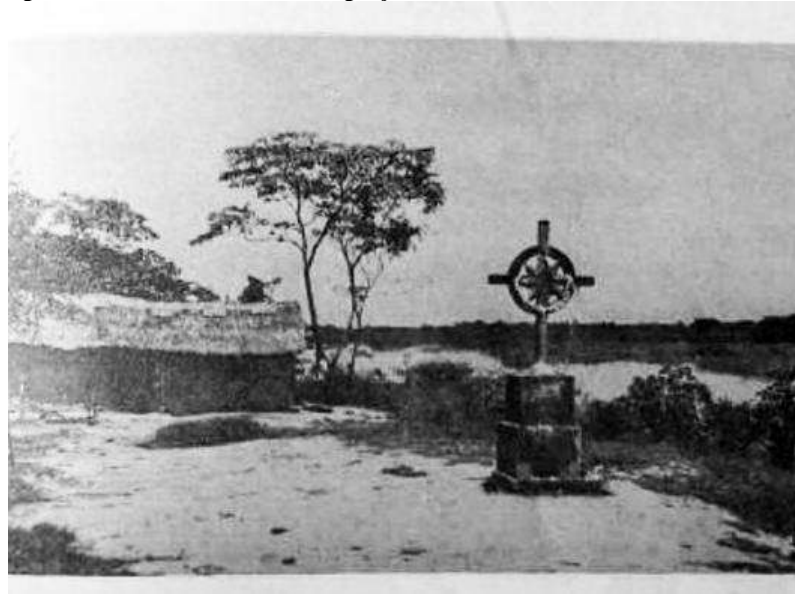
Essas condições, a produção canavieira e a divisão do trabalho sucedida por essa economia e a sua localização de entreposto fazem da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá um importante centro econômico na região, no período, como salienta Pasin (1983) e Alvarez (2014), transformando-a no principal centro de abastecimento para os sertões mineiros. Mas, há ainda outro momento que destacará esse espaço na região do Vale do Paraíba e ocasionará também em um aumento populacional, a descoberta de uma imagem de madeira barrenta, em 1717, nas águas do rio Paraíba do Sul.

O surgimento dos núcleos urbanos no Vale do Paraíba é atribuído à passagem das atividades econômicas e do desenvolvimento propiciado por essas atividades. Segundo Müller (1969), esses núcleos urbanos surgiram das vias de circulação criadas para o escoamento dessas atividades, a única exceção era o povoado de Aparecida, que é proveniente do achado e da criação da capela para o aporte da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Assim, destaca-se a segunda vertente de análise, o sagrado como elemento na produção do espaço como reconhece Rosendahl (2009). Esse momento de análise do sagrado como elemento da produção do espaço, da transformação urbana também será analisado em dois momentos: o *locus* da hierofania e a construção da primeira igreja.

O lugar da manifestação do sagrado fica onde, hoje, se encontra o Porto do Itaguaçu, o *locus* da hierofania (Figura 4). O milagre vivenciado rompe com uma ordem, há o fim de uma fase e início de outra como exemplifica Rosendahl (1994; 2009), o sagrado modifica o espaço e as coisas ao seu redor. Nesse local, o povoado de Aparecida surgiu, no entorno da primeira

capela descrita por Freitas (1979, p. 17) como "uma capelinha de pau-a-pique, pequena, em lugar barrancoso, sujeito a enchentes, que já não comportava os fiéis que ali acorriam em um número crescente". De certa maneira, no período de colonização brasileira, os povoados se constituíram ao redor de uma capela (MACHADO, 1979).

Figura 4 – Monumento Porto do Itaguaçu [s.d]



Fonte: Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

A geógrafa Rosendahl (2009) destaca que as cidades com funções religiosas possuem uma organização espacial típica advinda do agente modelador, os devotos. No povoado, no *locus* da hierofania, a demanda impulsionada pelo culto reorganiza o espaço. De acordo com Machado (1979), os devotos não estavam satisfeitos com o acesso e a falta de espaço. A demanda implicou, em virtude do crescente número de peregrinos, na necessidade de mudança do lugar de devoção, e, desse modo, fez-se necessária a demolição da primeira capela e a construção de outra, mais espaçosa e em melhores condições. Machado (1979) pontua que os romeiros reclamavam do difícil acesso ao local histórico, por ocasião das enchentes do Rio Paraíba do Sul. O novo local escolhido foi na região do Morro dos Coqueiros, no espaço sagrado secundário que, depois, se expandirá em uma nova Basílica mais moderna no bairro da Ponte Alta. Para Rosendahl (2009, p. 82), o “espaço sagrado primário é a capela pequena, construída no século XVIII nas proximidades do Rio Paraíba do Sul, onde ocorreu o milagre. A Basílica moderna representa o espaço sagrado secundário”.

Para os vigários da Vila de Santo Antônio de Guaratininguetá, em especial o administrador Padre José Alves Vilela, responsável pelos cuidados para com o espaço sagrado, pleiteava um local aprazível e em uma posição elevada para edificação da capela, foi,

então, definido o Morro do Coqueiros (BARBOSA, 2000). Para efetivação dos anseios dos vigários, era preciso negociar com as grandes famílias as porções de terras que circundavam a área escolhida e pedir autorização do Bispo do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2000). A escolha e a possibilidade de mudança só foram possíveis com as doações de terras. Essas terras pertencentes a proprietários fundiários tinham como principal atividade econômica o cultivo de cana-de-açúcar e café, com destaque para as doações de Margarida Nunes Rangel, Lourenço de Sá e de sua mulher, Dona Maria da Conceição de Jesus e Domingos da Costa Paiva, em 6 de maio de 1744 (BARBOSA, 2000). Assim, houve doações de outras famílias, mas após a construção da capela, em especial a concedida por Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos, cujas terras estavam posicionadas em direção ao bairro das Pitãs (Morro das Pitãs). Essas terras formariam, no futuro, o grande templo para Nossa Senhora da Conceição Aparecida e, por consequência, destacariam a Igreja Católica como grande proprietária fundiária em Aparecida (BARBOSA, 2007; BARBOSA, 2016).

Após a descoberta da imagem, o intenso fluxo de peregrinos e o aumento demográfico, sobretudo, impulsionado pela religiosidade, proporcionou no pequeno povoado a criação do Distrito de Aparecida em 1891<sup>3</sup>, anexada à Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá. No Distrito de Aparecida, destacavam-se quatro pequenas áreas pelo cultivo do café e estavam localizadas nas áreas conhecidas como Pitãs, Pindaitiba, Itaguaçu e Aparecida, com uma produção agrícola de “10.726 arrobas” (BARBOSA, 2000, p. 68). Essas regiões compreendem as localidades do Santuário Nacional, a cidade de Roseira, o bairro Itaguaçu e onde foi construída a Capela da Aparecida, hoje Igreja Velha.

Observa-se nas questões anteriores uma estreita relação das atividades econômicas e seus benfeitores com a construção da primeira capela, o que se interpreta como uma das condições preponderantes para a transformação e orientação da expansão urbana do município. Dessa orientação e expansão urbana, os autores Coltrinari (1974; 1975) e Barbosa (2016) exemplificam essa configuração urbana – da expansão urbana em formato de acrópole – tendo a Igreja Velha como o centro e as ocupações em direção às margens do rio Paraíba do Sul.

Apresentados as correlações econômicas, as atividades e alguns dos processos que culminam na produção do espaço urbano, reitera-se, no próximo subitem, a segunda vertente de análise, a hierofania, o sagrado e o profano.

---

<sup>3</sup> Decreto Estadual n.º 147, de 04-04-1891.

## 1.2 O espaço sagrado primário: o *locus* da hierofania (1717 – 1745)

O surgimento da cidade de Aparecida como sublinhado anteriormente, envolve compreender sua singularidade, a manifestação hierofânica, a relação do sagrado e do profano na constituição do espaço urbano e o turístico religioso. Para discorrer acerca desses conceitos e entendimento, referencia-se principalmente Eliade (1992), para o qual o sagrado é uma revelação, uma manifestação diferentemente do profano que transcende a concepção do homem, é o invisível dentro das categorias espaço-temporais, uma hierofonia diferente do mundo cotidiano, é a manifestação do sagrado em um objeto especial. É a partir do sagrado que há o profano, em uma relação dialética em que compreensão de um envolve a compreensão do outro. Assim, o profano consiste no exterior à manifestação do sagrado.

A experiência profana, ao contrário [do sagrado], mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o *ponto fixo* já não goza de um estatuto ontológico único; de acordo com Eliade (1992) aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. A bem dizer, já não há *Mundo*, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de *lugares* mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada em uma sociedade industrial.

O espaço sagrado primário T1 (1717 – 1745) é a primeira identificação no espaço e no tempo, por assim dizer, da inteligibilidade que se propõe a analisar, a espacialização do espaço sagrado. Seu ponto inicial se dá com a descoberta da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, em 1717, e a construção da primeira capela no Porto do Itaguaçu, o primeiro fixo e forma simbólica. A categoria de análise forma simbólica será desenvolvida nos capítulos II, III e, principalmente, no IV.

É com a manifestação do sagrado que temos, conforme Eliade (1992), o *ponto fixo* e *centro de mundo* para o homem religioso e, ao mesmo tempo, a ruptura, o entorno, o profano. Por ser a primeira capela o espaço sagrado reconhecido por indivíduos e grupos de devoção, onde a manifestação do sagrado extrapola o concebível, para o homem religioso, o devoto, este lugar não é mais comum, ele transcende o imaginário e é testemunha do invisível (ELIADE, 1992; ROSENDAHL, 1996, 1997). Ele, o sagrado que se manifestou nesse espaço, está circunscrito no espaço e no tempo mesmo que não seja deste mundo, ali onde ocorre a manifestação, o extraordinário e os milagres, há uma sacralização do lugar pela experiência devocional (ELIADE, 1992).

A compreensão desse espaço sagrado (Capelinha) e sua historicidade parte também da correlação com alguns fatos históricos que são também importantes em sua propagação e espacialização. Os historiadores correlacionam a descoberta da imagem nas águas do Rio Paraíba do Sul ao evento político do período, a passagem de dom Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar, pela região para tomar posse da Capitania Independente de São Paulo e Minas do Ouro<sup>4</sup>, em 4 de setembro, de 1717 (BARBOSA, 2007). A comitiva percorria o território da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá e seguiria em direção à Vila Rica (Ouro Preto) e como modo de entreter o Governador, a câmara da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá providenciou um banquete, para o qual os pescadores locais: João Alves, Domingos Garcia e Filipe Pedroso seriam os responsáveis pela pescaria.

Em sua obra, Barbosa (2007) descreve que os pescadores tentaram por inúmeras vezes jogar as redes em busca dos peixes que serviriam de alimento para a comitiva do governador, mas sem sucesso, e, nas duas últimas tentativas, vieram junto às redes a cabeça e o corpo de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal, entre os dias 16 e 17 de dezembro de 1717, e, a partir desse momento, a pesca passara a ser abundante. Há, nesse caso, uma estreita relação política e fatores socioeconômicos, como sinaliza Rosendahl (2008, p. 77), ao descrever que “os centros religiosos brasileiros como expressão do catolicismo popular originaram-se, a partir de diversas manifestações do sagrado, relacionadas, em sua maioria, a fatores socioeconômicos e políticos”.

O fator político e, principalmente, a hierofania marcam no espaço e no tempo a importância daquele momento, mas a sua propagação e a espacialização do sagrado se dão pelo papel do agente modelador, o devoto (ROSENDAHL, 1996). Isso ocorre fundamentalmente com a propagação dos milagres e a devoção gerada em seu entorno. Nessa conjunção de fatores temos personagens que foram preponderantes, para a construção do espaço sagrado primário, a capelinha de sapé no Porto Itaguaçu datada de meados de 1740. O primeiro personagem e devoto é Filipe Pedroso, um dos três pescadores, que receberá das mãos de João Alves a imagem em duas partes e seguirá com ela para sua casa (1717 a 1723) e construirá o primeiro altar, ou seja, temos o sagrado caracterizado pela religião doméstica (BRUSTOLONI, 1998). O segundo personagem é Anastácio, filho do pescador Filipe, um dos responsáveis pela construção do pequeno altar de madeira e o oratório para abrigar a imagem.

---

<sup>4</sup> Essa região abrangia os territórios dos atuais estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.



A casa de Filipe Pedroso é o primeiro lugar do culto, nesse lugar, a devoção tinha característica familiar, com a prática da reza do terço e da ladainha (BRUSTOLONI, 1998). A expansão da devoção acredita-se que tenha se desenvolvido impreterivelmente de pessoa a pessoa, sobretudo, tendo em vista a localização do pequeno santuário, situado no trajeto de circulação de comerciantes, tropeiros, caravanas e peregrinos que seguiam em direção a São Paulo e Minas Gerais. Conforme descreve Brustoloni (1998) apoiado em documentos históricos, ao afirmar que, após o achado da imagem, a devoção se espalhará pelas províncias de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e, posteriormente, ao Centro-Oeste e Sul do país.

O contingente devocional e as intempéries que são acometidas no espaço sagrado primário redimensionam a espacialização do sagrado e a própria característica informal do culto à Santa, sem rigor religioso, sem qualquer mediação do clero, vigários ou padres, demonstra uma característica específica das cidades religiosas brasileiras (OLIVEIRA, 1985; ROSENDAHL, 2009). Temos nesse momento, então, a primeira prerrogativa para uma mudança e a escolha de uma nova localidade que comporte o intenso fluxo de devoção ocasionado pelos milagres e que assegure aos grupos religiosos a prática devocional. Ao mesmo tempo, esse novo espaço para prática religiosa demonstra uma primeira percepção e interesse da atividade religiosa em dar início à gestão do fenômeno sagrado. Esse novo espaço sagrado configurará uma nova espacialização do sagrado, uma nova forma simbólica – o espaço sagrado secundário – a Basílica Velha, que resultará na hierópolis (ROSENDAHL, 2009). A Basílica Velha ou Igreja Velha, como é popularmente chamada pelos devotos. Essa nomeação ocorre com a construção da Igreja Nova/Basílica Nova/Santuário Nacional.

### **1.3 O espaço sagrado secundário: a Igreja Velha (1745 – 1946)**

A dificuldade de acesso (fluxo) à capelinha nas margens do rio Paraíba do Sul tornou-se uma das razões para a mudança do espaço sagrado primário para o secundário, bem como a afluência de devotos impulsionavam a mudança, já em meados de 1732 (BRUSTOLONI, 1998). Freitas (1978, p. 17) relata que o local escolhido para construção da capela era no “Morro dos Coqueiros, no alto da colina, lugar aprazível, de vista magnífica e iniciou as obras em 1743”, segundo Zaluar (1975, p. 74), o pesquisador, naturalista e viajante francês Saint-Hilaire descreve que o local escolhido estava “à extremidade de grande praça quadrada e rodeada de casas”. Os viajantes europeus, no século XIX, também apresentavam essa

característica pitoresca, bucólica, rodeada de natureza e com a cadeia de montanhas no horizonte (Figura 5).

Figura 5 – Vista do alto da Igreja Velha e praça Nossa Senhora Aparecida [s.d.]<sup>5</sup>



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida. (2014)

Entre todos estes templos que temos visto no interior do país, nenhum achamos tão bem colocado, tão poético, e mesmo, permita-se-nos a expressão, tão artisticamente pitoresco, como a solitária capelinha da milagrosa Senhora da Aparecida, situada a pouco mais de meia légua adiante da cidade de Guaratinguetá, na direção de São Paulo (ZALUAR, 1975, p.86).

Sua construção só foi possível, como descreve Freitas (1978, p. 17), com a ajuda dos “devotos, em dinheiro, material e mão-de-obra, concluiu-a dois anos depois, feita de taipa [...]”. O processo de construção de uma capela maior e que comportasse a demanda impulsionada pela devoção culminou na construção do que hoje é reconhecida como Igreja Velha ou Basílica Velha em 26 de julho de 1745 (Figura 6) (FREITAS, 1978; BARBOSA, 2000). A Figura 6 é a única ilustração conhecida da capela. A primeira capelinha era conforme descreve Braga (2000, p. 40) de “taipa de pilão e possuía uma nave central, duas laterais com tribunas, sacristia, quarto dos milagres e uma torre”, em 1745. Situada na antiga região denominada Morro dos Coqueiros, sua construção se fez com a ajuda de devotos, seja na doação de terras, dinheiro, materiais e mão de obra, mas principalmente pela ação do padre

---

<sup>5</sup> Data imprecisa, todavia, ao correlacionar a presença de carros e algumas construções, pode-se creditar que tenha sido tirada em meados de 1920 a 1930.

Vilella, vigário e pertencente à eclesiástica da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá (FREITAS, 1978).

Figura 6 – Pintura da Igreja de Nossa Senhora da Aparecida de 1817



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014).  
Artista Thomas Ender<sup>6</sup>.

A ação de padre José Alves Vilela é também simbólica e demarca no espaço e no tempo a inserção da Igreja católica, nesse cenário, com a aceitação da proposta de mudança da capelinha para uma igreja maior e o reconhecimento da imagem como milagrosa. Padre José Alves Vilela, juntamente aos devotos, construíram uma capelinha ainda em área imprópria para o culto e sem qualquer aviso à Igreja. Em 1743, juntou os relatos e preparou um relatório que fora enviado ao bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz (BRUSTOLONI, 1998). A resposta viria no dia 5 de maio, a qual concedeu-se a licença para edificação de uma igreja maior e mais apropriada para a Senhora Aparecida (ALVAREZ, 2014). Todavia a ação da Igreja católica nesse espaço sagrado esteve muito restrita às condições políticas e administrativas do período do Brasil Imperial. Com o regime de padroado, grande parte das esmolas e doações dos devotos estavam nas mãos de usurpadores, ladrões e do capitão-mor que repassava parte do cofre de Aparecida a Dom João, fato este que perdurou até 1844, com a criação da “Mesa Administrativa dos Bens e Esmolas de Nossa Senhora d’Aparecida” (ALVAREZ, 2014, p. 138), que passou as informações quanto aos roubos dos cofres, das esmolas, doações de terras e propriedades destinadas a hospedagem. Como destaca Alvarez (2014, p. 108), vide documento da Cúria Metropolitana, “A capela recebe esmolas pecuniárias, doadas por devoção e gratidão, lucrando todos os meses mais de cem mil réis”, o

---

<sup>6</sup> Representação mais antiga e conhecida da Igreja Velha antes da sua reforma.

que demonstra a importância de uma administração dos bens adquiridos com a devoção à Santa.

A aceitação para a construção é também o início do culto regido e orientado pela Igreja, uma vez que, para almejar a construção de uma igreja, eram necessárias a autorização das autoridades religiosas e a elaboração de um relatório com os milagres, assim, em 26 de julho de 1745, inaugurava-se a Igreja Velha e com ela o povoado e, fundamentalmente, o culto sob a égide de ‘Aparecida’ (BRUSTOLONI, 1998).

A espacialização do sagrado está também correlacionada a fatores políticos, econômicos e sociais, e não diferentemente, ocorrerá após a construção da nova igreja. Sua marca no tempo e no espaço da pequena vila de pescadores é caracterizada por intensas mudanças, como a criação do Distrito de Aparecida, em 1891 (BARBOSA, 2000; BARBOSA, 2016). Esse processo culmina em atribuir à localidade uma nova funcionalidade no âmbito político e administrativo, além do seu aspecto motriz, o poder do sagrado e o devocional. Como disserta Barbosa (2016, p. 75), a

criação da primeira igreja na região do Morro dos Coqueiros, tem início uma relação de forte conexão entre o povoado e a religião nesse Distrito, com o primeiro templo sinalizando o estabelecimento e a materialização do primeiro núcleo de povoamento. Esse espaço sagrado solidificado transformaria o espaço profano, a produção do espaço do entorno e a própria cidade de Aparecida.

A construção da nova igreja simboliza a própria constituição do que viria a ser núcleo urbano e a intensa devoção exigiu outra vez uma nova remodelação no espaço sagrado secundário. Zaluar (1975, p. 94), descreve o alcance da devoção, “a fama milagrosa da milagrosa Virgem espalhou-se [...] dos sertões de Minas, dos confins de Cuiabá e do extremo do Rio Grande”. De tal maneira, tornou-se necessária a reformulação e ampliação da capela. Essa reforma inicia-se em 1845, mas só atinge seu ápice com a intervenção de Dom Carmelo, em 1878, e só seria concluída e inaugurada em 24 de julho de 1888 (MOURA, 2013; ALVAREZ, 2014). A intervenção do Frei Monte Carmelo foi preponderante para que as obras iniciassem, primeiro foram construídas as duas torres, posteriormente as naves e capela-mor (Figura 7).

Figura 7 – Igreja Velha no início do século XX



Fonte: Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

O espaço sagrado secundário apresentado nesta análise contém três períodos importantes: a) a edificação da Igreja Velha em 1745; b) a ampliação em 1845-88<sup>7</sup> e; c) Congregação do Santíssimo Redentor, em 1894, essas temporalidades podem ser interpretadas como significativas na remodelação do espaço sagrado, na (re)significação devocional, da prática e da atividade religiosa. Os primeiros períodos estão intimamente relacionados ao

---

<sup>7</sup> Relata-se que há outros momentos significativos na constituição do espaço sagrado secundário, como a própria crescente da devoção que atinge aos mais distantes rincões do Brasil e as próprias doações diversas (dinheiro, objetos variados, posses e outros bens materiais) que são também uma condição preponderante no que compreende Barbosa (2016) como uma atuação oficial e administrativa dos bens, na estruturação da igreja e dos costumes devocionais, que também podem ser visto em Oliveira (2001) e Alvarez (2014).

poder do sagrado, a devoção impulsionada pelos milagres e a sacralização do lugar. A Congregação do Santíssimo Redentor teve como preocupação dinamizar, controlar a informalidade da devoção, os mais variados problemas ocasionados pela falta de organização do espaço e a confusão entre o sagrado e o profano. Isso decorre da particularidade religiosa brasileira, em que as práticas religiosas caracterizam-se por serem informais e populares. Em Aparecida, os devotos tinham como costume pegar e levantar a Santa em direção ao céu, repetiam os gestos dos celebrantes das missas, dormiam no interior da capela, beijavam a imagem, faziam pequenas procissões no entorno da capela e na escuridão (BRUSTOLONI, 1998; ALVAREZ, 2014).

A chegada dos Redentoristas é o ponto referencial na administração e manutenção do espaço sagrado e, em 1895, o redentorista José Wendhl assume a condição de pároco determinando que algumas práticas de devoção como bandas, músicas dentro da Igreja, e profanas, jogos de azar e festas no entorno fossem proibidas (REIS, 2000). Ao mesmo tempo, a religiosidade e a fama da *Santinha*<sup>8</sup> atraem novos devotos e visitantes, culminando em novas remodelações, ampliações e controle das práticas religiosas que ocorrerá, sobretudo, com a presença política e administrativa da Congregação do Santíssimo Redentor em 1894 (OLIVEIRA, 2001).

A vinda da Congregação do Santíssimo Redentor marca, no tempo e no espaço, a presença da Igreja Católica como um agente social (BARBOSA, 2016). A chegada dos Redentoristas é preponderante na administração, na organização do espaço sagrado, na estruturação, nas melhorias das áreas do entorno, na organização de romarias e no controle dos cofres da Igreja Velha (OLIVEIRA, 2001; BARBOSA, 2016). Como destaca a página do site A12 do Santuário Nacional<sup>9</sup>,

[...] em 1894, [quando] alguns missionários da Baviera, na região sul da Alemanha, vieram ao Brasil, atendendo ao pedido desesperado dos bispos de São Paulo (Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti) e de Goiás (Dom Eduardo Duarte Silva). A Messe era grande, mas poucos os operários capacitados. A Igreja no Brasil lembrava a comparação que Jesus fez com o povo sofrido de Israel da sua época: ovelhas sem pastor. Esses pioneiros alemães, coordenados pelo Padre Gebardo Wiggermann, 14 homens no total, vieram ao Brasil. Alguns foram para Goiás (08 deles), e uma turma ficou na cidade de Aparecida (06 deles). Desde então, os Missionários Redentoristas estão intrinsecamente ligados à História de Nossa Senhora Aparecida.

---

<sup>8</sup> Sublinha-se esse adjetivo e a denominação pelo caráter carinhoso que alguns devotos se reportaram nos diálogos realizados em campo.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/redentoristas/institucional/detalhes/historia-redentoristas-de-sao-paulo>>. Acesso em: 12 de nov. de 2018.

Com a Congregação do Santíssimo Redentor, o então Distrito de Aparecida e o povoado tornaram-se mais dependentes, do cofre do santuário e da Igreja Católica (OLIVEIRA, 2001). Essa nova configuração político, financeira e administrativa encerra um longo período de falta de recursos e da benevolência da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá. A vinda dos Redentoristas provocou uma alteração nas relações com o pároco da matriz de Guaratinguetá; era hábito realizar anualmente uma procissão até a igreja matriz e tal ação tinha como propósito aumentar a devoção e arrecadação de receitas para a cidade (BRUSTOLONI, 1998). Há também outras mudanças, os Redentoristas não só trouxeram gestão, controle e melhorias. Com a chegada dos alemães, ocorre um processo de romanização das atividades religiosas e conflitos com aqueles que foram, durante muito tempo, responsáveis pela igreja, como o Cônego Antônio Marques Henriques, sacerdote português. Dentre as divergências destacam-se: o calendário das festas religiosas, os líderes, leigos, os costumes, as manifestações religiosas populares e a romanização da igreja paulista (REIS, 1993).

A crescente devoção e o aumento significativo impulsionado, sobretudo, pelo surgimento da Estrada de Ferro Dom Pedro II (Estrada de Ferro Central do Brasil), em 1877, trará àquele espaço sagrado uma nova ruptura, com sua ligação com outras cidades, o que facilitou a manutenção e ampliação das romarias (Figura 8) de 300 a 400 devotos diariamente e até 1000, em dias festivos (BRUSTOLONI, 1998). A ferrovia trará a institucionalização das primeiras romarias, em 1900, organizadas por bispos e párocos. A primeira delas foi proveniente de São Paulo, em 8 de setembro e, em 1904, na Festa de Coroação de Nossa Senhora Aparecida como Rainha do Brasil (OLIVEIRA, 2001; MOURA, 2013).

Figura 8 – Estação Ferroviária de Aparecida – Romarias [20 --]



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

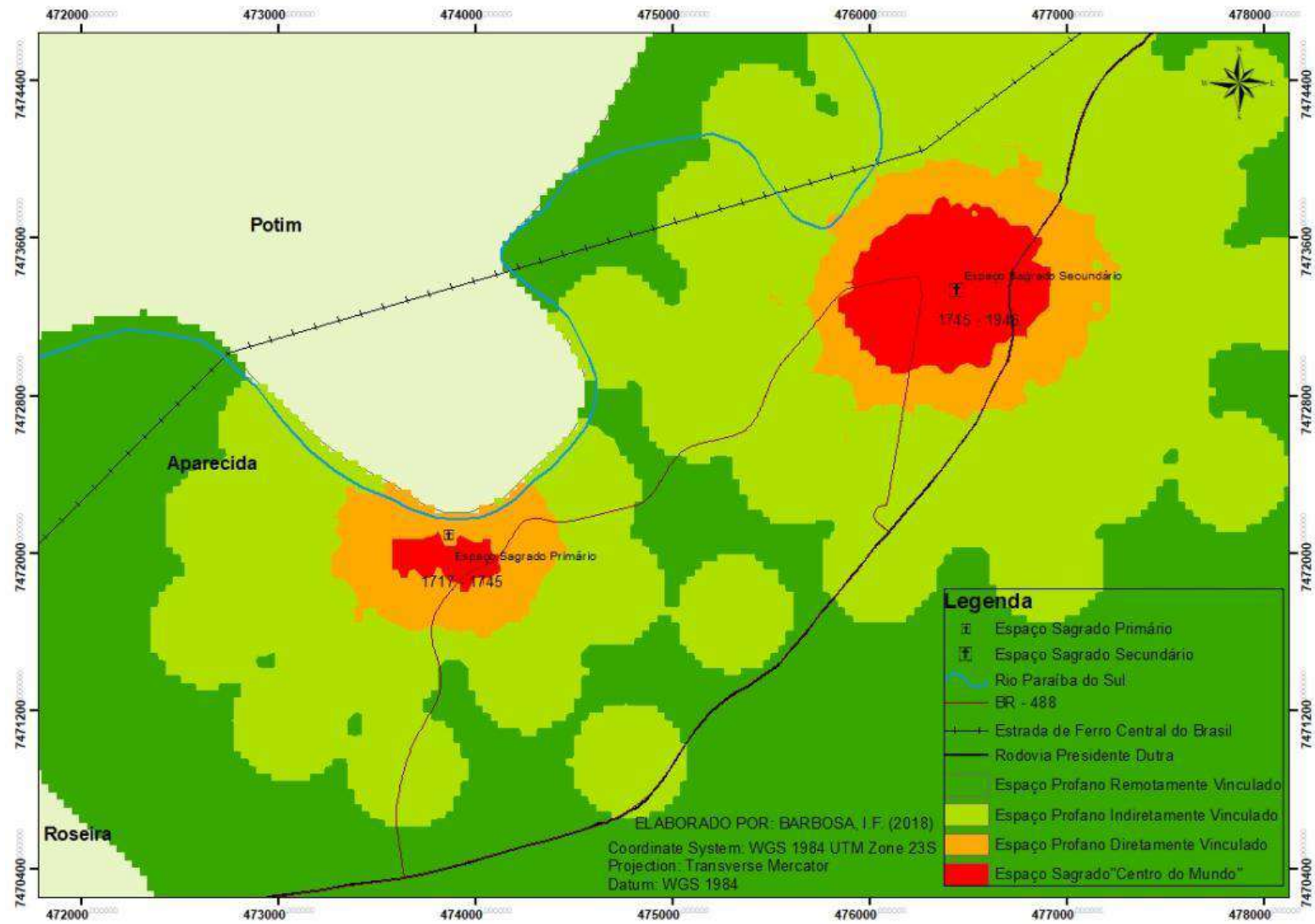
Essas transformações impulsionaram a devoção e a organização espacial da cidade-santuário advinda dos fluxos permanentes e periódicos dos peregrinos (ROSENDAHL, 2006). Esse processo de transformação é também proveniente da ação da Igreja Católica, pois desde a construção dos primeiros templos, enfatiza-se que a espacialização do sagrado ocorre pela própria natureza do sagrado, sua coesão e poder de atração (DURKHEIM, 2003). A alteração e mudança do espaço sagrado primário para o espaço sagrado secundário (res) significam o



*locús* da hierofania e a própria prática religiosa, ao tempo que permitiu uma maior espacialização do sagrado (Figura 9) e do seu entorno, o profano.

A organização espacial e a crescente devoção tornaram esse espaço sagrado, a Basílica Velha, não mais condizente com o culto religioso que desenvolvera até então, e tornou-se necessária uma nova expansão para uma nova localidade, que comportasse tal magnetismo que aquela santa de barro, inicialmente, em uma capela de terra batida, desencadeou. Oliveira (2001) descreve que a própria cidade que surgira em torno do espaço sagrado carecia de infraestrutura no aporte ao devoto; as ruas do entorno eram desmanteladas, o transporte não atendia a demanda e os constantes problemas de energia elétrica e serviços diversos eram rotineiros. Logo, uma nova empreitada se fez necessária para atender o culto mariano e a fama atingida por sua devoção. Assim, desencadeia-se a terceira periodização do espaço sagrado, a Basílica Nova.

Figura 9 – Espacialização do Sagrado (T1, T2 e T3)



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

#### 1.4 O espaço sagrado secundário: a Basílica Nova, o Santuário Nacional e as espacialidades religiosas da cidade-santuário de Aparecida (1946 – 1998)

Como evidencia Rosendahl (2009), as cidades religiosas têm sua organização espacial regida pelo fluxo de devotos, bem como os relatos e as bibliografias consultadas também detalham que a capela reformada e a própria cidade não condiziam com a tamanha força da devoção e o intenso fluxo. A cidade tornara-se incongruente ao culto que desenvolvera, a ausência de infraestrutura diversas como estacionamentos, água potável, energia elétrica, falta de transporte e, principalmente, segurança para os devotos e para a realização das práticas devocionais. Essas dificuldades alimentaram o anseio de ampliação e mudança do espaço sagrado. A incongruidade urbana e religiosa, no atendimento, na prestação e adequação de serviços é, à vista disso, um ingrediente essencial para o início da construção da obra monumental, a Basílica Nova, o Santuário Nacional. Dito isso, destacam-se alguns momentos da etapa de construção da Basílica Nova (Quadro 1).

Quadro 1 – Cronologia da Construção da Basílica Nova

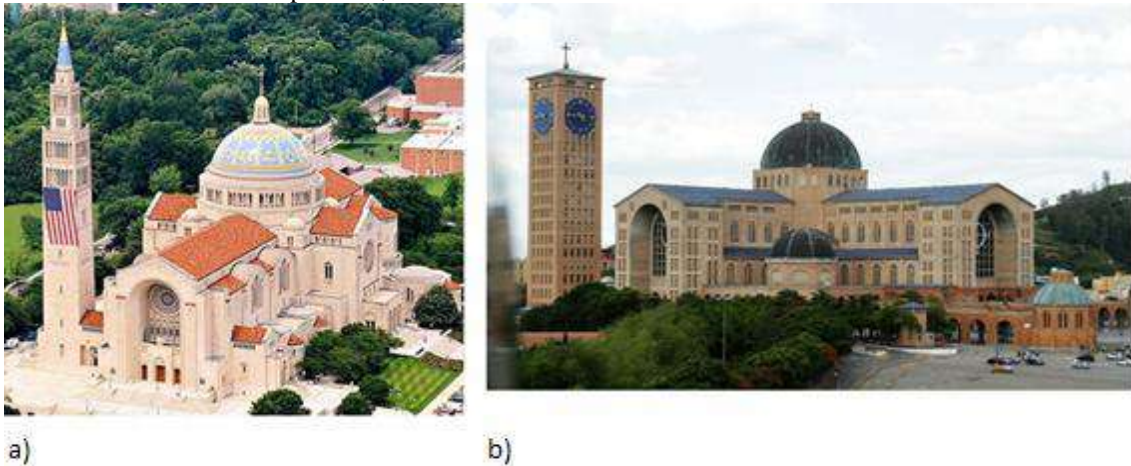
Ano	Ação
1939	Preocupação com o templo para Mãe
1946	Última aquisição de terrenos no Morro das Pitas e lançamento da pedra fundamental
1952	Início das obras
1955	Construções das sapatas das colunas da nave norte
1961	Torre Brasília – doada pelo presidente Juscelino Kubistchek por meio da CSN
1967	A Basílica foi inaugurada em partes para os devotos
1969 - 1971	Passarela da Fé – Governo Médici
1980	Conclusão da Basílica Nova

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Havia uma necessidade pelos problemas advindos do aumento de devotos e uma preocupação latente dos religiosos, como subscreve Brustoloni (1980, p. 3), “D. José Gaspar de Afonseca e Silva, logo após a sua posse como sucessor de D. Duarte, em 1939, [que] teve como primeira preocupação, entre outras, a urgente construção de uma nova basílica, digna da

padroeira do Brasil”. A área escolhida para a construção foi a região conhecida como Morro das Pitas, situado na porção oeste da Igreja Velha. De acordo com Brustoloni (1980), a opção dos Redentoristas era pela compra de terrenos próximos à Igreja Velha, no morro do Cruzeiro, todavia, esses não foram cedidos pelos proprietários da época. Esse conjunto de morros conhecido como Morro das Pitas era oriundo de diversas famílias. O bispo D. José Gaspar preferiu uma parte mais alta do morro situado atrás do Morro das Pitas e negociou, com o proprietário Rodrigo Pires do Rio, a venda por 300 contos de réis. Em 4 de novembro de 1946, finaliza-se a última compra de todo o terreno do Morro das Pitas e entorno, pela Cúria Metropolitana de São Paulo, totalizando, no período, uma área de 400 mil metros quadrados<sup>10</sup> (BRUSTOLONI, 1998).

Figura 10 – Santuário da Imaculada Conceição de Washington, Estados Unidos da América e Santuário Nacional de Aparecida, Brasil



Legenda: a) Santuário da Imaculada Conceição de Washington; b) Santuário Nacional de Aparecida.  
Fonte: a) Chicago Catholic<sup>11</sup>; b) foto de Luiz Nogueira [S.l.: s.n., 2000-].

No dia 8 de setembro, realizou-se uma grande celebração da Coroação, com a imagem seguindo em procissão da Igreja Velha ao Morro das Pitas, esse ato religioso consagrou o lugar, dando-lhe significado e simbolismo, e assim, abre-se o caminho para uma nova ruptura no espaço e no tempo em Aparecida.

<sup>10</sup> O projeto arquitetônico neorromânico da Basílica foi delineado por Dr. Benedito Calixto de Jesus Neto como descreve Brustoloni (1982, p.18), que em viagem para [...] os Estados Unidos, Canadá, México e Peru, [em 1947] a fim de estudar obras de arquitetura religiosa moderna e coletar dados para a planta da futura basílica. A 1º de fevereiro de 1949, apresentou ao Sr. Cardeal Motta o ante-projeto da obra. Apesar do tempo gasto e das viagens, não foi original, pois o projeto é cópia adaptada (grifo autor) do Santuário da Imaculada Conceição de Washington [Figura 10 (a)]. Em julho do mesmo ano, o Dr. Calixto viajou para Roma onde apresentou seu projeto às autoridades em arte sacra, que lhe sugeriram algumas modificações.

<sup>11</sup> Santuário da Imaculada Conceição de Washington. Disponível em: <<https://www.chicagocatholic.com/u.s./-article/2017/08/09/archdiocese-to-hold-collection-for-national-shrine-aug-27>>. Acesso em: 04 de nov. de 2018

A pedra fundamental (Figura 11) é lançada em 10 de setembro de 1946, mas o início das obras ocorre somente em 7 de setembro de 1952. O atraso nas obras se deve a problemas na validação do projeto de engenharia, recursos financeiros e a escolha da planta arquitetônica e a aquisição das terras no entorno do Morro das Pitas (MACHADO, 1969; OLIVEIRA, 2001). E, em 1952, ocorre a primeira missa, consagrando o lugar, tornando um espaço de comunicação com o céu (ELIADE, 1992). Em 1955, com a Comissão Executiva das Obras, tiveram início as obras de nivelamento do Morro das Pitas, a canalização do córrego e as construções das sapatas das colunas da nave norte (Figura 12). Já em 1958, com a criação da Arquidiocese de Aparecida, o Santuário passa a ser o centro administrativo, facultando na organização das pastorais e da parte burocrática, sobretudo, nas obras (REIS, 2000).

As obras para a construção do novo templo só foram possíveis com a participação do Estado (governo federal e estadual), as obras de canalização do córrego da Ponte Alta e de saneamento básico foram custeadas pelo Governo do Estado de São Paulo em parceria com os Redentoristas e aporte financeiro também ocorre com a esfera Federal, no governo de Getúlio Vargas, com uma doação de 10 milhões de cruzeiros<sup>12</sup> para a construção do novo Santuário (MACHADO, 1969; ALVAREZ, 2014).

Na organização espacial das cidades com características religiosas, há também outro agente social preponderante na dinâmica urbana e espacialização do sagrado, o devoto. Os devotos são financiadores das obras realizadas no e pelo Santuário Nacional, exemplo dessas ações é Família Campanha dos Devotos<sup>13</sup>. Outras participações com recursos financeiros e parcerias na construção do templo foram os custeios da estrutura metálica da Torre Brasília (Figura 12), iniciada em 1961, doada pelo presidente Juscelino Kubistchek por meio da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e a Passarela da Fé (Figura 12), com investimentos do governo Médici (1969-1974), em 1969, por meio do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem. Levou três anos para ser concluída, tendo sido inaugurada em 1972, com a função de interligar a Basílica Velha à Basílica Nova, e romper dois tempos e espaços distintos (MACHADO, 1969; OLIVEIRA, 2001). A Basílica foi inaugurada em partes para os devotos, em 15 de agosto de 1967, porém foi concluída somente em 1980 (Figura 12).

---

<sup>12</sup>Decreto Lei 2347-b de 1952. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=5608C9CC777C21E8532D013879992D2E.proposicoesWeb2?codteor=1219782&filename=Dossie+-PL+2347/1952](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5608C9CC777C21E8532D013879992D2E.proposicoesWeb2?codteor=1219782&filename=Dossie+-PL+2347/1952)>. Acesso em: 1 de jul. 2018.

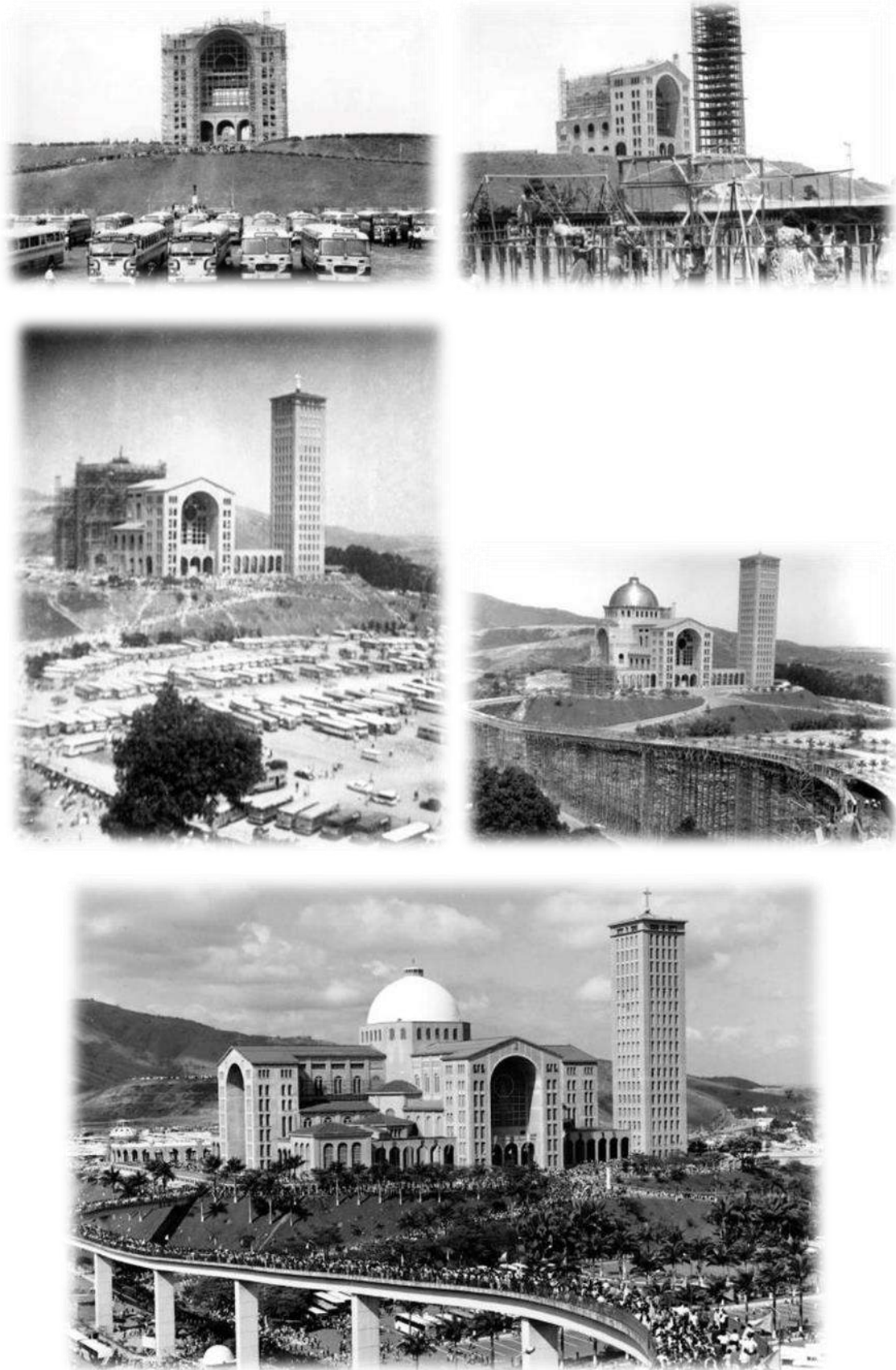
<sup>13</sup>“A Família Campanha dos Devotos nasceu em julho de 1999 com o objetivo de apoiar as obras de evangelização e de construção do Santuário Nacional de Aparecida”. Disponível em: <<http://www.campanhadosdevotos.com.br/pub/santuaronacional/#page/2>>. Acesso em 20 de jul. 2018.

Figura 11 – Morro das Pitas, pedra fundamental e terraplanagem



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

Figura 12 – Construção da Basílica Nova



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

Em contrapartida, a construção do novo templo para devoção e com segurança para as práticas religiosas e devocionais – dispô-lo de água, energia elétrica e saneamento, estruturas mínimas – não foram as únicas necessidades e demandas, a cidade que desenvolvera do fenômeno religioso ainda não estava preparada para atender aos inúmeros visitantes. Era necessária uma estrutura que também aliasse alimentação, lazer e bens simbólicos (BOURDIEU, 2007).

As ações descritas no parágrafo anterior, as relações de parcerias entre as dimensões políticas e religiosas na construção do templo e, ao longo da história, os laços e interesses políticos estiveram unidos no desenvolvimento do culto Mariano e na escolha desta como Padroeira do Brasil. Essas dimensões de análise da religião e política serão trabalhadas no último capítulo da tese, com destaque para a atual conjectura política nacional e onde a esfera religiosa centrada na instituição Santuário Nacional se insere. Neste ensejo de solidificação do maior templo dedicado ao culto Mariano, outra interpretação se faz, a cidade-santuário na dimensão religiosa, política e turística.

### **1.5 A cidade-santuário: dimensão religiosa, política e turística**

Por cidade-santuário tem-se a seguinte definição atribuída por Rosendahl (2009), são aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional. As hierópolis constituem lugares de peregrinação de diferentes religiões. Aparecida é uma cidade-santuário com uma ordem espiritual determinante e marcada por práticas religiosas de devotos ou romeiros. Esses regem uma funcionalização e organização espacial e social da cidade. O espaço sagrado primário e o secundário foram remodelados e ressignificados pela experiência da devoção e pelo poder do sagrado no espaço e no tempo, ao mesmo tempo, pela ação de agentes sociais políticos e principalmente religiosos.

Em Aparecida, aqueles que são os responsáveis pelo controle de ir e vir do devoto têm como preocupação atender as suas exigências e demandas e, para que isso ocorra, nessa cidade-santuário, possuem como objetivação, qualificar, apresentar novas representatividades e formas àqueles que vivem e sentem o sagrado. Nesse sentido, desde 1998, o Santuário Nacional tem implementado diversas obras, transformando o território religioso e seu entorno com os mais variados atrativos no *Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional*, que possuem como base a evangelização e o acolher bem aos devotos. Desse modo, objetiva-se



nesta parte da pesquisa a contextualização, interpretação e apresentação de matizes da dimensão religiosa, política e turística na estruturação do fenômeno religioso e da cidade-santuário. Realiza-se essa construção em dois tempos: a) o espaço sagrado primário e secundário (1717-1980), os agentes sociais e políticos em sua configuração; b) o espaço sagrado secundário: o Santuário Nacional e o Complexo Turístico Religioso (1980-2017).

### 1.5.1 O espaço sagrado primário e secundário: os agentes sociais políticos em sua configuração

A dimensão política na esfera do religioso e na formação dos centros religiosos brasileiros sempre estiveram condicionados aos interesses e às ações desses para com os crentes da devoção. Em Aparecida, como apresentado anteriormente, a viagem realizada pelo Governador de São Paulo e de Minas do Ouro, Conde de Assumar, do Rio de Janeiro à São Paulo, e desta até Minas e no seu trajeto, um banquete encomendado pela Câmara da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, foi o primeiro ato político nessa localidade, em 1719 (MACHADO, 1979). Considera-se esse momento o primeiro ato relacionado a uma figura política, pois com a manifestação do sagrado nesse lugar, a história do município de Aparecida nasce e nesse lugar da manifestação há uma ruptura, o *locus* da hierofania determina o fim de um tempo e início de outro (ROSENDAHL, 1994; 2009). O banquete fora encomendado pela Câmara da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá e isso era um hábito muito comum da época, tendo em vista que desde que saíra do Rio de Janeiro, o ilustríssimo Conde fora bem tratado em todas suas paragens, como em São Paulo, Taubaté e Pindamonhangaba (BARBOSA, 2000; BARBOSA, 2007).

A relação do sagrado, sua manifestação e o Conde de Assumar se restringem ao banquete, não há qualquer menção se este comeu os peixes obtidos da pesca milagrosa dos três pescadores João Alves, Domingos Garcia e Filipe Pedroso, bem como aos milagres e outros acontecimentos da devoção nos diários de viagem da comitiva (BRUSTOLONI, 1979; ALVAREZ, 2014). O relato mais antigo acerca do aparecimento da imagem e da devoção é da Companhia dos Jesus, data de 1748 e 1749, sem qualquer menção à pescaria e aos milagres. Segundo relato, dois missionários

[...] chegaram finalmente à Capela da Virgem da Conceição Aparecida situada na Vila de Guaratinguetá, que os moradores chamam de ‘Aparecida’ porque, tendo os pescadores lançado as redes no rio, recolheram, primeiro o corpo, depois, em lugar distante, a cabeça. [...] famosa pelos muitos milagres realizados. (BRUSTOLONI, 1979; ALVAREZ, 2014, p. 107).

Logo, as dimensões do religioso e político se restringem aos relatos relativamente escassos e o hiato no espaço-tempo do espaço sagrado primário ao espaço sagrado secundário.

O segundo momento de análise e interpretação de uma dimensão religiosa e política é a passagem de Dom Pedro I por Aparecida, o príncipe regente visitou a capela e rezou pela Santa e pelo Brasil, segundo relatos, em viagem para São Paulo, declarou a Independência do Brasil (BRUSTOLONI, 1979; ALVAREZ, 2014). Seria uma analogia e interpretação válida relacionar essa conjunção do religioso, na figura de Aparecida e a independência do Brasil como um sentimento de *nacionalismo*? De fato, a imagem e sua devoção, bem como o título de padroeira do Brasil, representam outros momentos políticos e religiosos que podem transmitir essa percepção. Esse momento da passagem do imperador pode também ser contextualizado na manutenção e na penúria do espaço sagrado primário, pois, com o acordo firmado entre Portugal e Vaticano, toda a riqueza provinda de terras brasileiras, nesse caso provinda da devoção, possuíam como destino as mãos do imperador, um momento obscuro para a Santa e o seu templo (ALVAREZ, 2014).

O terceiro exemplo é uma condição da consequência da divisão político e administrativa das terras brasileiras, o imperador determinara que seus representantes governariam suas terras e caberia no caso de Aparecida ao capitão-mor, Jeronimo Francisco Freitas, essa tarefa e a administração da capela. Segundo Alvarez (2014, p. 136), a vinda de dom João é significativa para o esvaziamento dos cofres da capela,

[...] em 1805 e 1809, a limpeza do cofre de Aparecida foi ordenada diretamente por dom João. Mas, ao longo dos 85 anos em que os representantes do império tomaram conta do dinheiro santo, eles se encarregaram de só deixar aos padres o mínimo necessário para a manutenção da igreja e dos prédios religiosos.

Tal situação de saques e deficiências econômicas para com o templo se modifica com a criação da Mesa Administrativa dos Bens e Esmolas de Nossa Senhora d’Aparecida em 1844, responsável pela gestão do patrimônio de Nossa Senhora Aparecida recebido por meio de doações. Essa situação se modifica com Dom Carmelo, torna-se um dos responsáveis pela reforma da Igreja Velha.

Além das vicissitudes enfrentadas com os roubos e as mais variadas deficiências econômicas, a relação política, religiosa e administrativa têm com os Redentoristas uma base importante no processo emancipatório. De acordo com o historiador Reis (1998), os

Redentoristas travaram embates com as lideranças locais e com o governo municipal de Guaratinguetá pela busca da autonomia do Distrito de Aparecida. O Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá descreve essa articulação da Igreja Católica e os anseios na desvinculação do espaço sagrado das administrações locais. No século XIX, a popularização e o acesso dos devotos à imagem e ao espaço da capela já transmitiam um relativo desconforto aos Redentoristas com a administração local e com os zeladores desse espaço.

[...] algúas pessoas a quem se tem encarregado o cuidado e zello da Capella de N. Snra. Aparecida, [...] permitem que os romeiros durmão, e habitem nos corredores da mesma Capella, de que resulta muitas vezes entrarem no Camarim em que está a Snra. E do trono a tirão e trazem nas mãos com algúas indecências. (ACMA, [18--?])

Para Oliveira (2001, p. 79), diante desse aumento do culto à Santa: “o santuário poderia propor uma parceria com o governo local para desenvolver sua infraestrutura e irradiar sua pastoral. Mas não foi exatamente isso que ocorreu” e sim a separação do vínculo com a instância municipal. Pode-se interpretar que a separação do vínculo reflete as intencionalidades que a devoção assume para a Igreja Católica e para o Estado: a de uma ação ofensiva de demarcação do culto e de sua institucionalização.

A política e o religioso na cidade-santuário são confluências, estão entrelaçadas e, segundo os seus representantes, possuem um diálogo restrito como apresenta Barbosa (2016) e, como informado em entrevista gravada com o atual reitor do Santuário Nacional, padre João Batista, com respeito à obra faraônica em homenagem ao jubileu, idealizada pela prefeitura municipal de Aparecida. Contudo, a partir da análise histórica, as dimensões política e religiosa foram fundamentais na estruturação da cidade-santuário. Exemplo dessa confluência dos agentes sociais como destacado anteriormente, se dá no processo emancipatório, em 17 de dezembro de 1928 (REIS, 1993). O processo de emancipação político-administrativa contou com o apoio dos redentoristas que não concordavam com a manipulação do orçamento por parte da Câmara de Guaratinguetá, principalmente, por não terem suas demandas atendidas como as melhorias no entorno: energia elétrica, calçamento das ruas, canalização do esgoto e outras melhorias no espaço público (REIS, 1993).

Segundo Reis (1993), o início do século XX não é marcado apenas pelas solicitações de melhorias no espaço público pelos redentoristas, esse período é sinalizado também por manifestações políticas. Aparecida tornara-se um lugar de refúgio e de busca para os grandes males que assolavam a sociedade, vinda de um período conturbado da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), das greves operárias, das crises econômicas, da Revolução de 1930 e

1932, das revoltas e das disputas políticas. Interpreta-se que os eventos de maior simbolismo, de relações políticas e religiosas ocorrem no século XX, em 1904 e 1930, com o reconhecimento de Nossa Senhora Aparecida como Rainha do Brasil e o decreto do Papa Pio XI, a declarando Padroeira do Brasil.

As primeiras romarias oficiais surgem no início do século XX, a mais importante foi a realizada em 1904, na Festa de Coroação de Nossa Senhora Aparecida como Rainha do Brasil. Essa ação eclesial demonstra a força institucional da Igreja e da política, assim como a proposição desse culto mariano e da sua institucionalização em âmbito nacional (BARBOSA, 2016). O Estado, nos primeiros anos da República, buscou dotar uma nova imagem simbólica aos governos e de identificação com a população, essa possibilidade de estreitamento e conversação entre o religioso e político atingem outro patamar com a Festa de Coroação,

Em 8 de setembro de 1904, Nossa Senhora Aparecida foi coroada rainha do Brasil. Observem-se bem a data e o título: um dia após a comemoração da independência uma designação monárquica. Não havia como ocultar a competição entre a Igreja e o novo regime pela representação da nação (CARVALHO, 1990, p. 95).

Nas Crônicas de Bruslotoni (1978. p. 123), há o desejo da Igreja com a coroação em um aspecto, principalmente, a devoção: “Na conferência dos Bispos do Sul do Brasil, foi resolvido por proposta de D. Arcoverde, arcebispo do Rio, a coroação da Imagem com a presença de todos os bispos. A data não está ainda marcada. Irá contribuir para aumento das romarias”.

Para Oliveira, C. (2001, p. 61), a separação entre Igreja e Estado e a nomeação de Nossa Senhora “resolvia a questão religiosa e criava uma nova problemática para a Igreja: enfrentar as políticas laicas de governos republicanos que não tomavam o catolicismo como religião oficial”. O mesmo autor ainda destaca que a peregrinação e propagação do culto ocorre em 1931, a partir da ação conjunta entre Estado e Igreja Católica, “numa mesma política cultural” e não da relação competitiva pelo espaço sagrado, quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida é proclamada Rainha e Padroeira do Brasil, “num grande ritual de consagração ao padroado de Nossa Senhora Aparecida” (2001, p. 63).

Para Oliveira (2001, p. 111), “difícilmente encontraremos na história de Aparecida outro período em que a parceria com o Estado tenha sido tão plena e eficaz como no momento da peregrinação nacional [...]”. Essa participação conjunta solidifica a proposição de totalidade de agentes que estão circunscritos na produção do espaço da cidade-santuário, no

simbolismo, na devoção e na política religiosa com a *institucionalização* de uma nação católica.

Em Santos (2007, p. 98) também há essa conjunção de interesses, ações do Estado e Igreja Católica no fortalecimento do rito,

Em 1929, no jubileu de prata da coroação solene de 1904, o episcopado brasileiro, comandado pelo arcebispo do Rio de Janeiro, d Sebastião Leme, solicitou ao papa Pio XI que a Santa fosse oficialmente declarada Padroeira do Brasil. Solicitação atendida, em 1931 foi promovida, na capital federal, uma grande comemoração pela sagração da Santa, na qual o Estado, representado por Getúlio Vargas e seus ministros, a hierarquia da Igreja Católica e o povo, em grande procissão, celebraram a Padroeira, cuja imagem fora trazida de trem em meio a uma enorme comoção nacional.

Com a consagração nacional, em 1931, no Rio de Janeiro (Distrito Federal), a Igreja Católica tem assim oficializado o rito religioso com a política cultural e a ampliação da abrangência da territorialidade do culto. Pode-se compreender dessa ação a federalização da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida como patrimônio nacional (OLIVEIRA, 2001). A partir de 1930, com o governo de Getúlio Vargas, a Igreja Católica centra seu posicionamento nas questões de classe, tendo papel importante na harmonia entre o governo varguista e o religioso. Como visto anteriormente, Vargas contribuiu consideravelmente para as obras da Basílica Nova, doando 10 milhões de cruzeiros, estimados na época como metade do valor necessário para realização da obra. O Decreto-Lei 2347-B de 1952, assinado por Getúlio Vargas, descrevia a construção da obra como uma sinalização do desejo e interesse nacional, ao tempo que concedia plenos poderes à arquidiocese de Aparecida na desapropriação de terras, isenção de impostos e outras benesses.

A construção da Basílica Nova é outro momento que fideliza as dimensões religiosa e política, as parcerias e doações como exemplificadas anteriormente foram fundamentais na edificação do templo, parcerias com os governos da ditadura militar e da nova república. A Igreja, sobretudo, nos governos militares esteve em uma condição de anuência e em posição de complacência, enfrentou impasses iniciais na aprovação do projeto arquitetônico, bem como a Santa que sempre foi bem vista pelos generais como descreve Alvarez (2014, p. 199), “A Santa dos Generais”.

Esse momento conflituoso e de enorme chaga na história brasileira, de acordo Alvarez (2014), o golpe militar era sabido pelos redentoristas em Aparecida, muito antes de sua efetivação. Essa afirmação e interpretação ocorre com a visita do deputado Paschoal Ranieri

Mazzili<sup>14</sup> à Aparecida, 29 de março, no domingo de Páscoa. Nesse dia, em missa realizada pelo padre Pedro Fré, este pediu que Nossa Senhora Aparecida intercedesse e abençoasse o então deputado e que protegesse o Brasil da ameaça comunista. O posicionamento dos padres era por uma mudança e só seria possível com a chegada dos militares ao poder, como pode ser visto no diário de registro dos padres redentoristas do santuário de 1932, *Ânuas de Aparecida*, que afirmava: “A revolução vem aí”; “vitória da revolução democrática contra o comunismo”; “Bendita seja a rainha do Brasil, Nossa Senhora Aparecida!”; “Nós, padres pregadores, sempre, mas principalmente aos domingos, alertávamos o povo contra o comunismo a que o governo do senhor João Goulart nos estava levando” (ALVAREZ, 2014, p. 200-201). A associação com a imagem, o símbolo e o poder que ela exerce até como aceitação de tais atos também era capitaneada nos discursos dos políticos desse período como descreve Gaspari (2004, p. 110) “[...] o governador de São Paulo, Adhemar de Barros [em 1938-1941], que atribuía a vitória da rebelião a mais um milagre de Nossa Senhora Aparecida, de quem se dizia devoto”.

A premissa de um apoio aos governos militares não foi, estritamente, unânime na instituição Igreja Católica, há várias divisões dentro da santa igreja, os redentoristas eram voltados a uma visão contrária ao comunismo, no entanto, nesse bojo de acontecimentos políticos e sociais do período, existiam grupos contrários como os seguidores da filosofia da Teologia da Libertação. Nesse sentido, segundo Mainwaring (2004), deve-se ter a preocupação de analisar e contextualizar esses posicionamentos, em que o exame da Igreja e de sua política deve contemplar o entendimento do seu caráter institucional, tendo a fé como um fenômeno superracional e nessa fé, o interesse. Desse modo, ela, a Igreja, tentará defendê-lo e expandir sua influência, a partir da mensagem religiosa. Logo, pode-se interpretar como uma maneira de *sobrevivência*, de aumento do capital religioso, a devoção por Nossa Senhora Aparecida.

O apoio dos Redentoristas ao golpe militar proporcionou a mais longa peregrinação na história da imagem, a Santa peregrinou a pedido de Marechal Castello Branco (1964-1967) por grande parte do país, o convite indicava que ela seria levada em uma “triumfante peregrinação às capitais de todos os estados do Brasil, e, em Brasília, aclamada generalíssima das gloriosas Forças Armadas Brasileiras” (ALVAREZ, 2014, p. 204). Em *Crônica Redentorista de Aparecida*, padre Júlio Brustoloni descreve (ALVAREZ, 2014, p. 204) que a

---

<sup>14</sup> Presidente do Brasil em dois momentos breves: 25 de agosto até 7 de setembro de 1961 e; 2 de abril de 15 de abril de 1964. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ranieri\\_mazzilli](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ranieri_mazzilli)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

visita de Nossa Senhora Aparecida pelo Brasil “[...] unirá o povo católico brasileiro, a padroeira tornar-se-á mais conhecida; o comunismo perderá talvez bastante terreno etcéter.”. Santos (2007, p. 98) traduz em números tamanha a proeza da peregrinação pelo Brasil.

Entre 30 de maio de 1965 e 24 de dezembro de 1966, as comemorações pelos 250 anos do encontro da imagem foram marcadas por oito peregrinações. De 29 de janeiro a 30 de outubro de 1968, foram sete peregrinações. No total, contabilizaram-se 1.300 localidades, 508 dias, 45.500 km, 15.500 km por via aérea e 100 km por via fluvial, percorrendo 23 arquidioceses, 74 dioceses, 8 prelazias.

A peregrinação nacional terá um papel fundamental na crescente da devoção e para Oliveira (2001, p. 89), a Santa “[...] cumpriria um importante papel na história política do país: legitimar um novo regime em curso, aperfeiçoando a parceria entre Estado e Igreja para que a abrangência do mito da padroeira fosse nacional”, e aliado à viagem pelo território nacional a celebração festiva jubilar de 1967 (BRUSTOLONI, 1979). Deve-se salientar que a peregrinação não era somente um desejo dos militares e dos seus postulantes, o desejo nacional pela peregrinação, condicionado às dificuldades do período, eram temerosas para grande parte da população brasileira e a benção de Nossa Senhora acalentá-los-ia (OLIVEIRA, 2001)

Em 2017, ano de celebração do jubileu dos 300 anos, realizou-se um evento similar ao ocorrido no período militar, a imagem peregrina percorre o Brasil, visitando as dioceses e teve efeito significativo na devoção e na visitação ao Santuário Nacional. A imagem peregrina no jubileu será discutida no Capítulo II. Para Rosendahl (1994), pode-se correlacionar essas práticas aos períodos de crise, nos quais o apego a religiosidade tem-se identificado como notável e com tendência ao crescimento. Essas condições ocorreram com a peregrinação pelo Brasil, em 1964, quando observa-se que o número de visitas anuais ao Santuário Nacional aumentara em 77%, de 903 mil, em 1968, para 1,6 milhão, em 1973 (ALVAREZ, 2014). Outros elementos podem estar atribuídos a esta crescente, mas essa prática e estratégia têm tido êxito.

Esses agentes sociais financiaram a obra monumental, como anteriormente apresentado, com Juscelino Kubistchek e a CSN na construção da torre, em troca esta seria nomeada e batizada como torre Brasília, alusão à capital federal e representava a grandiosidade e a modernidade desejada por Juscelino. No período da ditadura, de 1964 a 1985, as relações políticas e religiosas estiveram em consonância quanto à obra monumental mediante recursos financeiros e parcerias diversas. Oliveira (2001, p. 111) descreve que as ações dos governos militares e as obras realizadas no Santuário possuem menos caráter ideológico e, sim, uma pressa “governamental em se confirmar o milagre econômico do

desenvolvimento nacional. A Igreja em Aparecida aproveitou-se dessa urgência para adentrar na modernidade religiosa: uma religiosidade metropolitana [...]", uma cidade-santuário entre regiões metropolitanas, como categoriza Rosendahl (1996). Há também, com a criação da Arquidiocese de Aparecida em 1958 e a transferência do cardeal Carlos Carmelo Vasconcelos Mota para o município, em 1964, conjunturas importantes para o Santuário, na organização das pastorais, nos trâmites burocráticos e, principalmente, por facilitar o contato direto com os governos federal e estadual. De toda maneira, interpreta-se que o Estado e a Igreja articularam-se e realizaram diversas ações, dimensionaram o religioso e a política tendo a Santa e a devoção como aporte.

A obra monumental é finalizada em 1980 e consagrada pelo Papa Joao Paulo II, demarcando no tempo e no espaço a representatividade do símbolo e da Igreja no Brasil. É com a finalização e a sagração do espaço que se analisa o Santuário Nacional, *a casa da Mãe, Mãe de Deus e Padroeira*<sup>15</sup>. Essa forma simbólica espacial é interpretada como outra ruptura, o espaço sagrado e o espaço profano atingem outra dimensão com o templo. Assim, busca-se interpretar e analisar, no tempo e no espaço, essa transformação.

### 1.5.2 O Santuário Nacional e o Complexo Turístico Religioso

A proposição desse subitem é compreender e interpretar a transformação do Santuário Nacional, a religiosidade e o *Complexo Turístico Religioso*. A preocupação será em apresentar importantes momentos, recheados de significados, símbolos e signos que corroboraram para a magnitude e modernização do templo e para com as adjacências, o comercial dos bens simbólicos.

O Santuário Nacional ou Basílica de Aparecida atinge outra configuração e simbolismo, em 1967, com o templo ainda em processo de construção. Esse simbolismo é identificado com a forma simbólica da Rosa de Ouro (Figura 13), a qual representa a importância que a autoridade Papal designa à determinada localidade, pessoas ou Santuário, devido a sua estima para com a religião, a Santa Sé e a devoção. É com o Concílio Vaticano II que essa condecoração se tornou um presente papal a Nossa Senhora. No caso, a comemoração dos 250 anos da descoberta da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul. A

---

<sup>15</sup> Alusão aos diversos nomes que os devotos reportaram nos diálogos.



benção dada pelo Papa Paulo VI (Figura 13) é simbólica e em mensagem para o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota apregoa

Dizei a todos os brasileiros, Senhor Cardeal, que esta flor é a expressão mais espontânea do afeto que temos por esse grande povo que nasceu sob o signo da Cruz. No Santuário de Nossa Senhora Aparecida, ela dará testemunho de Nossa constante oração à Virgem Santíssima para que interceda junto do Seu Filho pelo progresso espiritual e material do Brasil<sup>16</sup>.

Figura 13 – Papa Paulo VI consagrando a Rosa de Ouro e a celebração em Aparecida, em 1967



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

O presente papal consagra o espaço sagrado, a Santa e o seu Santuário, ao tempo que representa o estreitamento das relações com o Vaticano. Oliveira (2001) descreve que as celebrações entorno da Rosa de Ouro proporcionaram ao Santuário Nacional novos empréstimos federais e um maior fluxo de devotos (Figura 14).

---

<sup>16</sup> Discurso do Papa Paulo VI por ocasião da bênção da Rosa de Ouro para o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1967/august/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19670812\\_rosa-oro.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1967/august/documents/hf_p-vi_spe_19670812_rosa-oro.html)>. Acesso em: 01 jul. 2018.

Figura 14 – Devotos na celebração do Jubileu de 250 anos



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aparecida (2014)

Esse período é marcado pelas alternâncias de poder e problemas administrativos no Santuário Nacional. Nesse ensejo de situações, a figura o padre Née Sotillo, tesoureiro e administrador no Santuário de Aparecida, torna-se fulgurante no processo de modernização, na medida em que compreende que “a basílica não seria sustentada pelo santuário e nem pela cidade de Aparecida. [...] A basílica nova sustentaria o sonho (atualizado), o santuário e a cidade de Aparecida.” (OLIVEIRA, 2001, p. 118). Padre Née Sotillo ao lado de Dom Antônio Macedo, foram proeminentes no processo de modernização e na responsabilidade administrativa tão elogiada do Santuário e na construção da nova Basílica. Ao tempo, realizaram outras obras no Santuário que, hoje, compreendem um importante ponto de encontro, de descanso, de lazer, de bens simbólicos e de ex-votos. Dentre as obras realizadas,

destacam-se as construções no subsolo da Basílica Nova, como salas dos romeiros e de promessas, também conhecida como Sala dos Milagres, em 1974<sup>17</sup> (OLIVEIRA, 2001).

Esses novos pensamentos e idealizações esbarravam com uma preocupação latente do clero na época, o processo de dessacralização, sobretudo, com a realização de obras no Santuário Nacional que correspondiam à comercialização de artigos religiosos nas dependências internas (subsolo) e externas, como as lojas e lanchonetes na Torre Brasília. Essas obras inauguravam um novo fluxo de possibilidades ligadas à comercialização da fé (OLIVEIRA, 2001). O Santuário Nacional é hoje, além de *casa da Mãe*, *da Santinha*, de *Nossa Senhora Aparecida* e de todas outras denominações que os devotos aferem, um espaço de lazer, religioso e político. Mas destaca-se na sua magnitude e importância, principalmente, no tempo de festa, quando se observam as mais variadas nuances, sentimentos e vivências. É um território religioso e, como tal, tem sua expressividade maior em uma data específica, o dia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Assim, o próximo capítulo busca analisar e interpretar a vivência no campo e seus matizes, a experiência vivida no dia 12 de outubro de 2017.

---

<sup>17</sup> A Sala de promessa ou Sala dos Milagres foi criada em 1974 e reúne os ex-votos, em latim *ex-voto suscepto* = por um voto alcançado. De acordo com o Santuário Nacional, corresponde ao segundo lugar mais visitado, atrás apenas do Nicho de Nossa Senhora. Em 2003 recebeu uma grandiosa reforma estrutural e estética.

## 2 O TEMPO SAGRADO E A SUA ESPACIALIDADE: AS CELEBRAÇÕES A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA EM 2017

Neste capítulo, se propõe analisar e interpretar a festividade do dia 12 de outubro de 2017, tal como apresentar algumas vivências do pesquisador em outras datas específicas como a Semana Santa do mesmo ano. As percepções e interpretações neste capítulo são provenientes da participação *in loco* na celebração do Jubileu dos 300 anos, nos dias 10, 11 e 12 de outubro de 2017. Da mesma maneira, contextualiza-se os diálogos com os devotos no tempo de festa, o questionário respondido pelo representante do Santuário Nacional e outras impressões no campo. No segundo momento, analisa-se a espacialidade do sagrado e profano, dimensionando a experiência religiosa e o alcance da organização espacial.

Para construir a etapa de discussão foi prioritário dialogar com a perspectiva da geografia da religião, pois considera-se que, a partir desta, será possível atrelar a compreensão e interpretação da dinâmica espacial do sagrado e do devoto na cidade-santuário. Desse modo, na primeira parte, apresenta-se a temática e o campo da geografia cultural para uma construção teórico-epistemológico da pesquisa.

### 2.1 A geografia cultural e o “subcampo” geografia da religião

Ao destacar-se no subtítulo a palavra *subcampo* em itálico, a intenção é depreender que este não é secundário ou separado na construção teórica-epistemológica desta tese, considera-se a geografia da religião para este estudo parte indissociável em um estudo que se propõe geográfico. Ao tempo, faz-se necessária sua apresentação e correlação com a matriz a qual está relacionada, a geografia cultural.

Rosendahl (1996) destaca que a religião como temática da ciência geográfica era continuamente relegada, vista como um campo de estudo específico das ciências sociais. Contudo, como um fenômeno que se realiza no espaço e no tempo, a religião leva os indivíduos e seus grupos a sentir, ver e perceber o sagrado no espaço, logo, como fenômeno no espaço geográfico, a geografia pode interpretar as relações sociais intrincadas.

A abordagem da geografia da religião e sua importância para os estudos da organização espacial, julga-se, dois momentos fundamentais na construção da proposta de

idealização: primeiro, situar a temática no campo da geografia, a geografia cultural, reconhecendo o movimento de renovação na geografia. O segundo momento é a inserção da temática no Brasil e, mais especificamente, da professora Zeny Rosendahl com a sua tese de doutoramento em geografia; *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*, em 1994, e de outros autores que corroboram esta pesquisa. Desse modo, inicia-se por contextualizar a geografia cultural, numa abordagem introdutória desse subcampo da geografia humana na temática.

A geografia cultural como subcampo da ciência geográfica perpassa três fases<sup>18</sup> ou momentos de amadurecimento epistemológico: a primeira fase de caráter positivista, se dá entre 1890 a 1940, segundo Claval (1999). Nessa fase os estudos eram voltados para os aspectos materiais da cultura, a paisagem natural e cultural e os gêneros de vida (CORRÊA, 2007). Na primeira fase, os estudos são caracterizados por serem direcionados as relações entre sociedade e natureza, não dando uma importância relativa às relações sociais. Os temas abordados analisam – sobretudo – a região cultural, a história cultural, a ecologia cultural, a difusão cultural, etc (CORRÊA, 2007).

O segundo momento ou segunda fase, permeia 1940 a 1970, período no qual a geografia cultural passa por um processo de crise e, conseqüentemente, a geografia por uma nova frente filosófica – regional e teórico-quantitativa (CORRÊA, 2007). Nesse momento, as discussões voltadas à cultura e a suas gradações não eram prestigiosas, uma vez que emergiam desse período o progresso técnico, lutas sociais e entre outros (CLAVAL, 1999). Nesse período de visão epistemológica positivista tudo que abarcasse uma análise centrada nas explicações fenomenológicas e abstratas eram renegadas, o positivismo lógico nega o sagrado e a fé, sobretudo, a existência de Deus, este “constitui-se em uma questão metafísica, fora do âmbito da ciência positiva” (ROSENDAHL, 1996, p. 20).

A terceira fase, após 1970 até os dias atuais, é marcada pelo escopo humanista, cultural e marxista renovado. É nesse período que a geografia cultural perpassou por intensas modificações, com a incorporação em seu temário de análises voltadas para os aspectos materiais e imateriais (CORRÊA, 2007). Essas mudanças epistemológicas, teóricas e metodológicas, podem ser interpretadas a partir do pensamento de Cosgrove (2003, p. 103): “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”. Em outros dizeres, como subscreve Corrêa (2007, p. 4), a “produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos,

---

<sup>18</sup> Salienta-se que a abordagem da geografia cultural em três fases adotada é descrita por Paul Claval (1999).

costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc”, logo, a palavra-chave nos estudos da geografia cultural renovada é o significado dessa produção e reprodução material e imaterial. Assim, a produção humana, por ser cultural, ocorre no espaço, na paisagem, no lugar e nos territórios – e são representações e significados que possuem intenções e estão além de uma análise simplesmente material.

A cultura, nesse momento, passa a estar compreendida nos estudos geográficos como um conceito polissêmico. A geografia cultural renovada e humanista preocupa-se com os significados e os valores, em contraposição aos preceitos anteriores, principalmente, desvinculando-a da “entidade” supraorgânica, conceituação resignada aos teóricos da Escola de Berkeley (CORRÊA, 2007). A cultura é então compreendida como um contexto, um reflexo da sociedade, analisada e interpretada como reflexo, meio e condição social (HALL, 1997; DUNCAN, 2003).

Esse período, no Brasil, os estudos geográficos estavam pautados na perspectiva do materialismo histórico e dialético, em que parte dos trabalhos realizados na geografia humana convergiam para bases econômicas atreladas às relações culturais propriamente ditas, por conseguinte, os estudos da geografia cultural brasileira eram compreendidos em uma abordagem relacionada à superestrutura (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003; ROSENDAHL, 2010). No ambiente acadêmico brasileiro, as pesquisas foram amplamente influenciadas por condições internas e externas. As internas caracterizavam-se pelo predomínio do campo da geografia sobre uma perspectiva crítica enquanto as condições externas estavam inseridas no que se chamou de *virada cultural*, ao final de 1980 (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003). A *virada cultural* irá representar um momento de mudanças em escala mundial como aponta Mitchell (2000), como os movimentos do fim da Guerra Fria, a contracultura, os movimentos migratórios dos países periféricos para os países centrais, o ativismo social e ecológico, entre outros (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003). É nesse ensejo de mudanças nas mais variadas frentes que a geografia cultural e, por conseguinte, a geografia da religião ganhará substância.

A geografia da religião como parte da geografia cultural se firmará no período após 1990, com estudos voltados à espacialidade da cultura. Por meio da abordagem discutida por Rosendahl (1994, 1996), propõe-se estudar os significados, valores e o simbolismo no espaço, tendo o fenômeno religioso como um agente modelador do espaço, mais especificamente, da manifestação espacial do sagrado (CLAVAL, 1999). A geografia da religião e o seu campo de estudo são diversificados, mas, para o interesse deste estudo, a idealização ocorre com o foco nas categorias de análise sagrado e profano, uma abordagem proposta pela professora Rosendahl (1996).

Os estudos da dimensão religiosa no espaço não tiveram forte influência na geografia como ocorreu nas demais ciências sociais, os fatos religiosos eram alijados, como aponta Rosendahl (1996), podem-se destacar as causas dessa relativa ausência: a influência positivista, a irrelevância do tema na geografia crítica cerceada no materialismo histórico e dialético e a importância da geografia humanista, a qual buscará compreender as relações humanas, os seus significados e valores, contrária a uma visão reducionista do ser humano, nesta, ele deve ser compreendido e contextualizado na sua dimensão subjetiva, na experiência vivida individual e coletiva, ele ocupa o centro da análise e interpretação, o ser, o perceber e sentir (ROSENDAHL, 1996). É com base nessa prerrogativa de estudos, após 1970, que se engendra a geografia da religião e propriamente a geografia cultural.

A cultura é polissêmica e como salienta Eagleton (2008, p. 56),

Se durante algum tempo a cultura foi uma noção demasiado seleta, hoje possui a inconsistência de um termo que deixa muito pouco de fora. Mas ao mesmo tempo especializou-se em excesso, refletindo obedientemente a fragmentação da vida moderna, em vez de, tal como sucedia com o conceito clássico de cultura, procurar reintegrá-la.

Assim, explicita-se e identifica-se este estudo sobre uma perspectiva da geografia cultural, polissêmica e inserida na vida moderna, na diversidade da sociedade. O próximo tópico demonstrará os caminhos da pesquisa e as etapas que foram preponderantes para construção e idealização da metodologia empregada no tempo de festa.

## **2.2 As vicissitudes da pesquisa: a ida a campo e a busca por um método**

A pesquisa de campo é um processo de construção longo e árduo, de variáveis e condicionantes, que podem resultar em produtos satisfatórios ou desastrosos. Disto isso, a realização desta atividade exige dedicação e percepção, sobretudo, em abandonar uma ideia vigorada. A primeira pesquisa de campo para o doutorado ocorrera no primeiro semestre de 2017, de 7 a 10 de setembro, com a aplicação de questionários semiabertos (APÊNDICE, p. 244). Em tese, tal questionário teria como foco coletar dados e apontar direcionamentos da pesquisa e, de fato, trouxe resultados consideráveis, todavia, sua aplicabilidade demonstrou-se não efetiva e atribui-se às duas situações: a) a negativa do Santuário Nacional quanto à aplicação de questionários na área interna e somente fora do território religioso e; b) Os trinta e cinco questionários aplicados demonstraram alguns padrões de respostas e também aspectos

sentimentais dos devotos, esse caráter emocional, por sua vez, direcionou o entendimento e o caminho pelo qual a pesquisa deveria se subsidiar. Assim, compreende-se que a pesquisa centrada na perspectiva da geografia cultural deve ponderar pelo qualitativo e não o quantitativo, em correlacionar os aspectos simbólicos e significantes do devoto na configuração espacial. Dentro dessa conjuntura, apresenta-se, no próximo tópico, a pesquisa de campo inicial.

### 2.3 Os caminhos da pesquisa de campo: experiências e vivências

Realizar pesquisa de campo em Aparecida, por ser natural desse município, é se desfazer de concepções e pré-julgamentos que me são inerentes e, da mesma maneira, é um processo de autocrítica comportamental e reaprendizagens. A postura de pesquisador, a seriedade, a prancheta e a caneta são parte do conjunto que se desfaz na primeira entrevista. Os devotos ensinam ao pesquisador como este deve se portar e como o método de questionário semiaberto prende o tempo, o *tempo cronos*, pois, na sua grande maioria, os entrevistados são de outras cidades<sup>19</sup> e encararam horas e até dias dentro dos ônibus, em carros particulares ou em peregrinação a pé. A preocupação com os questionários nunca foi apresentar de maneira exata todos aqueles que visitam o Santuário Nacional, trata-se de uma tática, método de diálogo e aproximação com o entrevistado.

*De onde você vem? Quantos dias ficará em Aparecida? Está vindo de excursão (ônibus), de carro, em romaria ou a pé? (vide APÊNDICE, p. 244)*

Os entrevistados são das mais variadas partes do Brasil, mas, naquela data específica, são de estados do centro-sul, como divulgado pelo Santuário Nacional. A caracterização de Santuário de alcance regional é defendida pela geógrafa Zeny Rosendahl, embora no tempo de festa máximo, a semana do dia 12 de outubro, seu alcance é em escala mundial.

---

<sup>19</sup> Entrevistados em pesquisa de campo por estado e município em 2017. Estado de Minas Gerais: Belo Horizonte, Congonhas, Diamantina, Joaquim Felício, Itamarandiba. Estado de São Paulo: Aparecida, Mogi das Cruzes, Osasco, Potim, São José dos Campos e São Paulo. Estado do Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro e São João de Meriti. Estado do Paraná: Irati, São José dos Pinhais e Curitiba. Estado de Santa Catarina: Laguna e Garopaba. Estado de Goiás: Pires do Rio. Estado do Espírito Santo: Araucária e Vitória.



A experiência de aplicação dos questionários limitando-se as áreas de entorno do Santuário Nacional, ao tempo que impediu uma maior aplicação e uma série de negativas, demonstrou que há uma zona limítrofe ou um limiar que separa o profano do território religioso. Estar no Santuário Nacional representa para o *visitante* (usa-se a palavra visitante como maneira de englobar: o romeiro, o devoto, o turista, o turista religioso. Essa tratativa e terminologias serão discutidas no Capítulo III), segurança e conforto, que podem ser resumidos em uma frase repetida por muitos dos entrevistados: *é estar na casa da mamãe*. Estar ali é ter e não ter pressa, pois como reportado estão ansiosos para ir ao encontro do Nicho de Nossa Senhora Aparecida e, a aplicação dos questionários prejudicará o momento máximo, o tempo *kairós*, a motivação de estar nesse lugar, o sagrado e o agradecimento a *Santinha* pelas mais variadas boas-venturanças.

O método da observação participante permite ao pesquisador estar atento, viver e sentir, nesse caso, a alegria emanada da devoção. Como destaca Costa (2011, p. 78)

Nos trabalhos de campo em geografia, a observação se constituiu, portanto, como uma predicabilidade essencial para o entendimento das espacialidades. Entender a paisagem, o território, o lugar seria um exercício no qual deveria haver um distanciamento entre o sujeito e o objeto. Em nome de um rigor científico ou de uma preocupação com a verdade e a objetividade, conceberam-se instrumentos de medidas, técnicas e métodos de pesquisa, para que fosse permitido a observação, a compreensão e a explicação do fato geográfico.

A partir do método da observação participante, outros questionamentos surgiram na pesquisa de campo, seria possível interpretar as falas, os desejos, as emoções e todos os outros vocábulos apresentados pelos entrevistados em uma perspectiva de representações sociais? Desse modo, a próxima discussão tentará introduzir esse campo e correlacioná-lo com as falas observadas.

#### **2.4 As representações sociais: formas espaciais e comunicações com o religioso**

As pesquisas de campo foram profícuas em demonstrar modos e novas abordagens metodológicas. Inicialmente, como maneira de obter resultados e interpretações com respeito aos visitantes, adotou-se a aplicação de questionários semiaberto, contudo, sua aplicação trouxe uma outra percepção acerca do estudo e objetividade, onde compreende-se que ao entrevistar, observar e interpretar os sujeitos, o sagrado e suas interrelações, inerentemente, embutem em distanciar (liberdade para observação das práticas dos devotos) e não se prender

às caixas moldadas. Essa percepção ocorrera com as respostas obtidas dos entrevistados quanto a última pergunta do questionário: *O que representa Nossa Senhora da Conceição Aparecida para você? Consegue descrever em uma palavra?* (Ver APÊNDICE, p. 244). Descrever em uma palavra seja o que for é uma tarefa extremamente árdua. E como seria para o homem religioso, o devoto, falar do extraordinário, do mágico, do confortante, do zeloso, do milagroso e todas as matizes que se possa tentar aplicar para descrevê-los. Nesse ensejo, foram realizadas trinta e cinco entrevistas nas imediações do Santuário Nacional, abaixo reúnem-se os adjetivos, sentimentos e interpretações indicadas pelos devotos:

*Primeiro Jesus; A coisa mais sagrada do mundo; amor; companheira; confiança; Deus; fé; fortaleza; Mãe; Mãe que cuida; Mãe e devota; Mãe de Cristo; Mãe de misericórdia; maior devoção; Nossa mãe; Nossa rainha; Nossa Senhora Aparecida; Padroeira do Brasil; presença; proteção; retrato; Santa; ternura; tudo; tudo de bom; tudo na minha vida; tudo que peço ela me ajuda; uma grande santa.*

As transcrições desses enunciados não seguem uma ordem quanto ao número e gênero e não é esse o objetivo. As falas dos entrevistados expressam sentimentos, simbolismos, valores individuais e coletivos. Ao estudar e interpretar essas falas e suas respectivas descrições, julga-se necessária a contextualização e observação do devoto, das práticas e suas representações no espaço. Desse modo, compreende-se que essas falas são maneiras de representação, que se realizam nas formas simbólicas espaciais e atribuem sentido e significados para a vivência com o sagrado, a experiência devocional em Aparecida. Por pressuposto, três explanações e entendimentos circunscrevem essa análise: o sagrado, as formas simbólicas espaciais e as representações sociais.

Para analisar o sagrado e o seu papel na transformação espacial da cidade-santuário de Aparecida, recorre-se principalmente a Eliade (1992) e aos estudos de geografia de Rosendahl (1996, 2003, 2008, 2009, 2012b). Disto isso, têm-se como primeira definição de sagrado como uma manifestação, que transcende a concepção do homem e o seu exterior – o profano – o mundo cotidiano. Ainda nessa seara de conceituação e definição, a devoção à Santa, ao sagrado, é saltar da normalidade e do fora da realidade mundana. O sagrado em Berger (1985, p.38), entende-se como “uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele”, podendo estar em certos “objetos da experiência”, em “objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens [...]”. Essa idealização do sagrado em Berger (1985) é construída a partir de Eliade e do numinoso de Otto (2007).

Em Otto (2007), o termo sagrado está revestido de determinações éticas e filosóficas, contrariamente ao seu início, ele terá um poder e em sua constituição têm-se uma relação distinta e tenra de elementos racionais e não-rationais. Na sua obra *O Sagrado*, o autor cunha o termo *numinoso* – o sagrado – a experiência divina e religiosa, que está na base da psique humana, nas sensações e percepções, no não-rationais e racionais, o sagrado é interpretado em uma esfera moral e ética.

O autor (2007, p. 180) destaca as manifestações do sagrado em interiores e exteriores, as primeiras estão na “[...] consciência religiosas, [n]o discreto sussurro do espírito no coração [...]”, enquanto no exterior encontram-se em “[...] eventos, fatos, pessoas, em atos de autorrevelação, ou seja, que além da revelação interior no espírito também haja revelação exterior do divino”. Nesse sentido, a devoção à Santa, ao sagrado, está na compreensão do íntimo, ele se realiza em sua interiorização, no momento de contemplação e introspecção do homem religioso, por meio da fé.

Na cidade-santuário de Aparecida, o sagrado pode ser encontrado na Basílica Nova, na Basílica Velha, nas procissões e no homem religioso, sua divisão se dá no espaço, na ritualização e na prática. Está na diferenciação com o profano, dessa maneira, “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum” (DURKHEIM, 2003, p. 51).

A análise do fenômeno religioso, da festa sagrada e da cidade-santuário está no entendimento do sagrado e do profano e nas formas simbólicas que são representações sociais carregadas de significados. Elas são polivocais e um processo de construção da imaginação individual e dos grupos sociais, e estão intimamente interligadas ao espaço (HALL, 1997; CORRÊA, 2007). Elas podem ser identificadas como estátuas, templos, cemitérios, shopping centers, memoriais, prédios, etc (CORRÊA, 2007)

As formas simbólicas espaciais são constituídas de fixos e fluxos, possuem atributos primários como espacialidade, localização e itinerários (CORRÊA, 2007). Na cidade-santuário de Aparecida, elas podem ser identificadas em fixos como o Santuário Nacional, a Igreja Velha, o Morro do Cruzeiro e a Via Sacra, o Memorial da Devoção, a feira livre, o Centro de Apoio ao Romeiro, a Cidade do Romeiro, entre outras. Estas formas espaciais apresentam e representam funções para a quais são concebidas e, cada qual, assume uma outra funcionalidade para aquele que dela desfruta e interage. As formas simbólicas espaciais podem estar representadas em fluxos como nas procissões, manifestações populares, em desfiles cívicos, bem como em outras imaterialidades, como nas palavras dos entrevistados. As formas simbólicas espaciais naquela localidade representam a fé religiosa.

Para analisar e interpretar os vocábulos acima supracitados pelos entrevistados, as formas simbólicas espaciais, que serão principalmente abordadas no Capítulo IV, e a devoção vivenciada nas pesquisas de campo, adotou-se como suporte teórico-epistemológico os autores: Mauss (1974), Moscovici (1978), Jodelet (1991) e Hall (1997) e Durkheim ([1912] 2003), que trouxeram para o universo desta tese uma outra inteligibilidade, o conceito de representação.

O conceito de representação social é apresentado por Durkheim (2004), no livro *Da divisão do trabalho social*, como representação coletiva, são funções mentais e comportamentos coletivos, é o conjunto da consciência e de valores que moldam um sistema e é perpetuado para a sociedade, ele está imerso na psique humana. A consciência coletiva ou representação coletiva é o “conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado, que tem sua vida própria, pode-se chamá-lo de consciência coletiva ou comum” (DURKHEIM, 2004, p. 50). Assim, o conjunto de crenças e sentimentos possuem uma função especial e “são de ordem própria, uma vez que elas consistem em sistema de representações e ações”. Por pressuposto, ao analisar as palavras dos devotos: *Mãe e Padroeira do Brasil*, compreende-se que são representações com funções e, como tal, possuem ações que podem ser interpretadas com significados diversos, tais como: *a protetora, a zelosa*, mas fundamentalmente religiosa, relacionada ao sentido divino, o sagrado.

A representação coletiva é uma maneira pela qual os grupos enxergam o mundo e como se veem nele e, para o homem religioso, estar no Santuário Nacional, na casa da Mãe, nesta forma simbólica espacial e religiosa, é estar no mundo e vivenciá-lo, é encontrar o sagrado e a razão de sua (devoto) existência. Estar diante dessas formas simbólicas espaciais é conduzir-se pela devoção e a toda sua espacialização pelo território religioso e cidade-santuário.

Durkheim (2003), no livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, indica a representação social na religião, recorrendo aos povos primitivos, neles os comportamentos e os rituais são mais simples, representam e compõem um sistema de linguagem em convívio com seus pares, uma forma de classificação e de pensamento, que exprimem realidades coletivas. Assim, as idealizações e interpretações dos significados e sua atribuição à Santa, compõem o seio do grupo, ou seja, parte de um sistema comum. Ao mesmo tempo, essas representações religiosas nesse espaço como forma de consciência coletiva se realizam nas crenças e ritos ao redor do sagrado e, nesse sentido, as práticas sociais e o sistema de ideias (crenças) irão compor o comportamento do homem religioso no espaço e a religião.

Para Moscovici (1978), a representação é parte de processos sociais elaborados pelos indivíduos, são conjuntos de explicações e ideias em interrelação com o sujeito e o objeto. Elas são fruto do cotidiano e apreendidas pela sociedade, produto e processo da realidade dos indivíduos e da maneira como eles reconhecem e representam a vivência no mundo. Assim, segundo o autor (1978, p. 44), “a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, em seus alicerces e em suas consequências” e o processo de construção da representação social se dará mediante dois processos: a *ancoragem* e a *objetivação*, onde a primeira consiste na conexão do objeto em um sistema de representação pré-existente (conceitos) e o segundo é a objetivação deste esquema conceitual, tornando real, material.

A idealização das falas atribuídas são, por nós, interpretadas como formas coletivas e individuais que tentam explicar, materializar, dar sentido, valores e significados ao objeto social, de maneira que seja possível dotá-lo de sentido. As falas e os seus significados são provenientes de outras explicações, crenças e ideias, dos processos sociais (históricos), que se cristalizaram ao longo do tempo, desde a manifestação do sagrado, nas formas simbólicas espaciais e religiosas (Capelinha no Porto do Itaguaçu e Igreja Velha), bem como na idealização deste objeto sagrado tornar-se *A Padroeira do Brasil*, como explanado no primeiro capítulo, tem-se assim um processo de ancoragem e objetivação.

Jodelet (1991) também trará para esta construção e entendimento das representações sociais importantes contributos, a representação social é uma forma de conhecimento, elaborada socialmente e tendo um objetivo, a apreensão e representação do objeto social. Para a autora (1991), a representação social tem por característica se dar no objeto, terá sempre um caráter imagético, uma linguagem, o lado afetivo, o simbólico, o significante, o construtivo, o autônomo e contribuirá para construção de uma realidade e um conjunto social, nunca um sistema fechado e pré-determinado. Elas são sistemas que orientam os grupos, organizando condutas e maneiras de agir, são modos de comunicação e trocas, concomitantemente, diversificam os processos e reconstituem novos conhecimentos.

Mauss (1974) traz outros aspectos das representações, nesse caso, representações religiosas, o autor apresenta o rito como uma ideia, uma representação. Na obra *Ensaio sobre a Dádiva*, as representações estão centradas na importância dos ritos e não necessariamente nas relações sociais e, assim, compreender o social e as representações no espaço religioso se faz da elucidação do rito, ao discernir o religioso e o que é mágico. Essas só terão sentido enquanto relacionadas à vida social, formulando um sistema de trocas, valores simbólicos e crenças (pensamentos e representações). Para Mauss (1974, p. 147), analisando o ritual oral dos cultos funerários australianos, “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de

sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação.” Por pressuposto, as representações vivenciadas e sentimentos observados nos devotos em Aparecida, correspondem a um processo inerente ao ato, aos ritos que giram em torno das coisas sagradas, na fé religiosa.

Hall (1997, p. 17) no processo de significação da cultura, analisa por dois sistemas de representações: o primeiro, a esfera da significação, na correlação e semântica das palavras, em correspondências e [...] cadeia de equivalências entre coisas, pessoas, objetos, eventos, etc. e nossos sistemas de conceitos, ou seja, os mapas conceituais”.

O segundo sistema de representação para Hall (1997, p. 17), “associa-se à construção de um conjunto de correspondências entre nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, arrançados ou organizados para várias linguagens as quais representam esses conceitos.” Essa construção do sistema de representação da cultura e a natureza dos signos nas formas simbólicas se dá em três correntes: o construtivismo, a reflexiva e a intencionalista. Em linhas gerais, a interpretação construtivista tem como pressuposto base a experiência de diversos grupos sociais e a sua construção coletiva dos significados. Na reflexiva, a interpretação das formas simbólicas parte de um único e dado significado, de modo que uma forma simbólica é a interpretação *pura* do significado aparente. A intencionalista parte da mera intenção perceptível e informada dos agentes formuladores de uma determinada forma simbólica. Diante disto, a construção de uma interpretação dos significados, sentimentos e representações naqueles vocábulos, nas formas simbólicas espaciais partirá de matizes que transitam entre as três correntes.

Considera-se que o devoto ao estar em contato com as formas simbólicas naquele espaço, se reconhece na representação religiosa e por ela se orienta. O homem religioso, como observado em suas falas, não tem medo de expressar seus sentimentos e assim demonstraram os entrevistados, mais especificamente dois deles. Ao serem perguntados sobre o que representa Nossa Senhora Aparecida, vieram aos prantos e relataram *um nó na garganta e uma sensação de engasgar-se*, na medida que tentaram responder uma pergunta e se desculparam por tal ato. Compreende-se que realizar pesquisa de campo é surpreender-se, emocionar-se e estar diante de representações sociais coletivas e religiosas... Estudar o fenômeno religioso e, principalmente, sentir, viver e experienciar a devoção é ter a percepção dos momentos e ponderar acerca do método de investigação. Por pressuposto, analisa-se as experiências devocionais e as formas simbólicas espaciais e religiosas sob uma perspectiva

das representações sociais religiosas. Dito isto, aquele método de questionário foi abandonado e o diálogo e a percepção centraram a análise, agora, no tempo de festa.

## 2.5 O Santuário Nacional e os preparativos do Jubileu dos 300 anos

A realização de qualquer evento que se preze grandioso perpassa um processo de planejamento longo e contínuo. Identifica-se, em meados de 1978, sobre a administração do padre Noé Sotillo, seguidas alterações no território religioso com vista ao acolhimento dos devotos, como a instalação de área de descanso, alimentação e entre outros, que facultaram no desenvolvimento do Santuário Nacional e nas preparações das festas sagradas subsequentes. Assim, na medida que o Santuário Nacional foi adequando a demanda da devoção ao espaço sagrado, a instituição sedimentou as alterações que proporcionaram no modelo exitoso daquele templo mariano, tendo em vista, sobretudo, a dificuldades administrativa do município de Aparecida quanto ao turismo religioso. Embora não somente as obras infraestruturais realizadas no Santuário Nacional ao longo de sua construção e que prezam pelo acolhimento do devoto são, fundamentalmente, responsáveis pelo êxito do Jubileu dos 300 anos. A realização da festa sagrada é um evento em sua síntese provocador de emoções e, nesse sentido, analisam-se as experiências exitosas da imagem peregrina e da semana da padroeira, do dia 1 ao dia 12 de outubro de 2017, que se interpreta como preponderantes e uma experiência já aplicada em outros períodos.

O planejamento da festa da padroeira de 2017, inicia-se com encerramento da festa anterior, como informado pelo padre João Batista de Almeida<sup>20</sup> e com o símbolo inicial, o lançamento do selo do Jubileu (Figura 15), do Cartaz do Jubileu (Figura 16) e a inauguração da página A12/300anos<sup>21</sup>. Do encerramento da festa da padroeira, no dia 12 de outubro de 2016 até 12 de outubro de 2017, o Santuário Nacional recebeu 12.834.019 de devotos, turistas e visitantes. O sucesso do ano jubilar e a sua idealização, deve-se também a imagem peregrina que percorrerá aproximadamente 250 circuncisões eclesíásticas pelo Brasil, em uma estratégia de irradiação, propagação e de celebração da devoção mariana.

---

<sup>20</sup> Informação obtida de entrevista, 17 de abril de 2018.

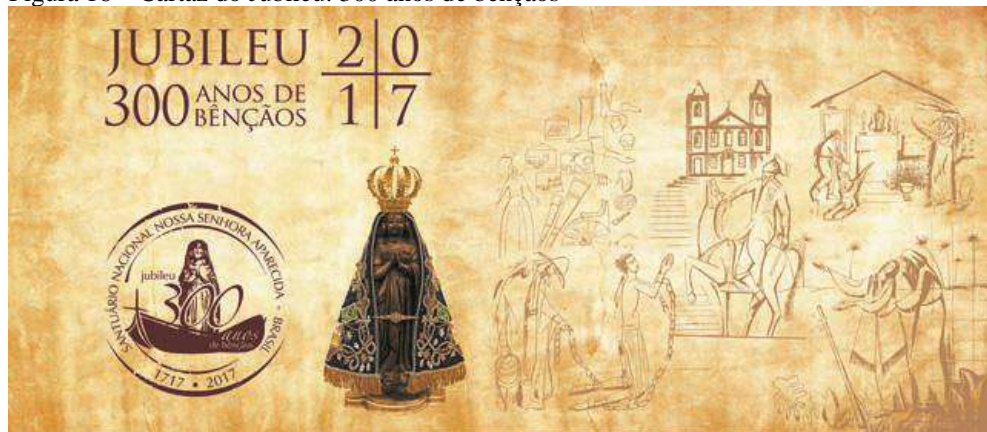
<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/300-anos>>. Acesso em 23 de out. 2018.

Figura 15 – Selo Comemorativo



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

Figura 16 – Cartaz do Jubileu: 300 anos de bênçãos



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

O projeto da imagem peregrina para os 300 anos, intitulado *300 anos de bênçãos: com a Mãe Aparecida, Juventude em Missão* ou *Rota 300*, foi lançado no dia 2 de maio de 2014, pelo então bispo auxiliar de Aparecida, Dom Darci Niciolli, durante a 52ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A devoção mariana, da imagem peregrina celebra o tricentenário do achado da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul. O triênio, entre 2014 e 2017, de acordo com Dom Darci Niciolli, teve como propósito “reviver a esperança, que a história do encontro da imagem não fique apenas no passado”<sup>22</sup> e uma

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/05/imagem-peregrina-de-nossa-senhora-vai-percorrer-pais-para-celebrar-jubileu.html>>. Acesso em 2 de out. de 2018.

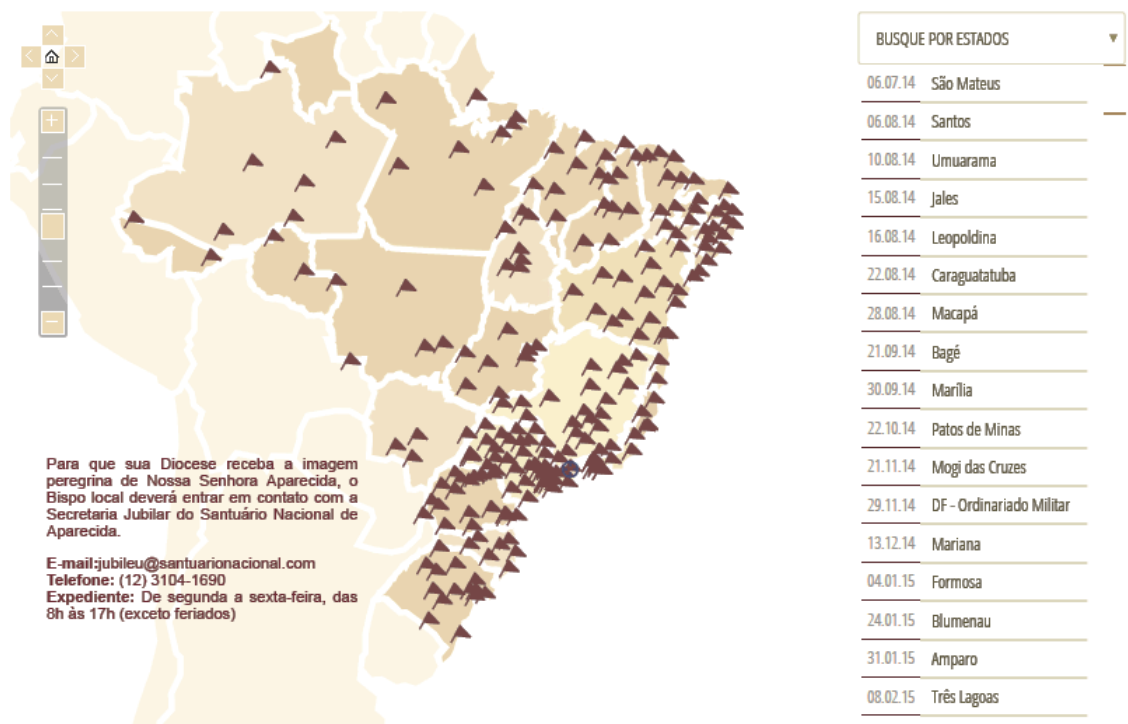


oportunidade de missão para as igrejas particulares. É a Mãe, que visita todas as igrejas. Uma motivação para os cristãos católicos e também uma oportunidade para anúncio da Boa Nova de Nosso Senhor Jesus Cristo. Maria é “arca da esperança”, Nela o Espírito Santo trabalhou e Nela a Palavra se encarnou. Levamos Nossa Senhora para falar de Seu Filho Jesus<sup>23</sup>

Em três anos de peregrinação, o acolhimento da Imagem Jubilar aproximou o devoto, selando o convite para este visitar o templo da Mãe. Ao passo que reforçou o desejo de paz, convívio na fé em Cristo e na espiritualidade. Nesse processo de peregrinação pelo Brasil, o primeiro local a recebê-la foi a Diocese de São Mateus, no estado do Espírito Santo, por 21 paróquias da diocese e, após quatro meses, retornou ao Santuário Nacional.

Na Figura 17, disponível no site A12, é possível ver as regiões percorridas pela imagem peregrina<sup>24</sup>. Nessa ferramenta, o devoto pode acessar os lugares que receberam a imagem e, na época, se houvesse o desejo de recebimento da imagem peregrina na diocese pertencente, o Santuário Nacional fornecia o procedimento de solicitação de visita da imagem peregrina, como pode ser visto no canto inferior esquerdo da figura abaixo.

Figura 17 – Dioceses e datas de visitação da imagem peregrina pelo Brasil



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/noticias/300-anos-imagem-peregrina-de-aparecida-visita-dioceses-pelo-brasil-1>>. Acesso em 2 de out. de 2018.

<sup>24</sup> Agenda peregrina. Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/300-anos/agenda-peregrina>>. Acesso em 2 de out. de 2018.

Para o padre João Batista de Almeida, o sucesso Jubilar deveu-se também a imagem peregrina que não somente esteve presente nas “dioceses, paróquias e comunidades”, a imagem também esteve em lugares públicos como câmara de vereadores, prefeituras, colégios, hospitais, presídios entre outros. Para o reitor do Santuário Nacional, esses momentos podem ter sido importantes no relacionamento e no despertar da devoção, por representar muito mais que devoção mariana, a transmissão de um relacionamento mais próximo de Deus.

No tempo de festa, no dia 12 de outubro de 2017, observou-se bandeiras de diversos países como: Estados Unidos, Portugal, Angola, Moçambique, Paraguai, Argentina e outros. Ao dialogar com devotos moçambicanos por meio do seu interprete, um agente de viagem, este informou que estavam a convite do padre da paróquia de Salvador, responsável pela missão religiosa no país africano. De acordo com o reitor do Santuário Nacional, padre João Batista de Almeida, a presença de devotos estrangeiros deve-se também a imagem peregrina na criação de um relacionamento e na rede de conexões, “*Ela [a imagem] foi para o Santuário de Fátima [...] [onde foi] colocada permanentemente, [...] [está] no jardim do Vaticano, Ela foi para Coréia, foi para Colômbia, Ela foi para Alemanha, Ela foi para França [...]*”<sup>25</sup>. A Imagem Peregrina não somente esteve no território brasileiro, houve uma peregrinação da imagem por países católicos, tendo como objetivo o destacamento da devoção e do Santuário Nacional como um templo de escala internacional, nas palavras do reitor.

Dentre essas redes de conexões, destacam-se os países de língua portuguesa, principalmente Portugal, com a parceria entre as cidades-santuários de Fátima e de Aparecida para as celebrações dos respectivos triênios. Fruto dessa troca e experiência de fé mariana, o Santuário Nacional para comemoração do triênio de Fátima, realizou uma missa solene, no dia 18 de maio 2014, e inaugurou o monumento (Figura 18) para a imagem em seu território, localizado na proximidade com a Torre Brasília, na porção norte. Da mesma maneira, no dia 12 de maio de 2015, na celebração das velas no Santuário de Fátima, a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida esteve na procissão.

---

<sup>25</sup> Transcrição de áudio de entrevista realizada no dia 17 de abril de 2018.

Figura 18 – Monumento a Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

A peregrinação pelo território brasileiro, além cumprir o seu papel de irradiação e propagação, traz para o homem religioso uma aproximação com o sagrado e lhe proporciona a verdadeira realidade (ELIADE, 1992). Com a peregrinação da imagem pelo território brasileiro, o Santuário Nacional, Igreja Católica, reforça a memória do descobrimento da imagem, da devoção e impulsiona a ano jubilar e a própria festa sagrada, em uma estratégia de devoção e manutenção da fé, o capital religioso. Essa tática é interpretada, a partir dos estudos da geógrafa Rosendahl (2012), mais especificamente, no livro *Primeiro a obrigação, depois a devoção: Estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Assim, compreende-se que a imagem peregrina corresponde uma estratégia espacial da Igreja Católica, na difusão da fé, na devoção mariana e por meio das paróquias e dioceses, uma escala de ação e hierarquia. A peregrinação da imagem traz a devoção para uma escala local, escala do lugar, ou seja, uma maneira de aproximação do devoto para com Nossa Senhora Aparecida e um território religioso das comunidades locais (OLIVEIRA, 2017)

Rosendahl (2012) nos seus estudos apresenta essas estratégias de controle do território religioso, bem como as práticas e atividades que corroboram a territorialidade religiosa. Nesse sentido, a imagem peregrina no ano jubilar não foi uma estratégia utilizada unicamente naquele período específico, ao longo da história desse templo mariano, a Igreja Católica adotou outras peregrinações da imagem pelo território brasileiro com intuito de propagação da fé, mas também de legitimação política e social.

A idealização de uma primeira peregrinação nacional oficial já era almejada pelos governantes em 1964, mas só foi realizada no dia 3 de maio de 1965 a 24 de dezembro de 1966 (BRUSTOLONI, 1979; 1998). Segundo Brustoloni (1998), a realização da peregrinação

oficial se deu por dois motivos: a população clamava por uma peregrinação e, principalmente, a preparação para o ano Jubilar em 1967. Soma-se também as obras no Santuário, uma vez que boa parte das arrecadações eram provindas das visitas as arquidioceses, dioceses e prelazias, foram destinadas na construção do templo. Assim, compreende-se que essa estratégia da Igreja Católica de irradiação e consolidação da devoção e impulsionamento do Santuário tornou-se exitosa e consolidada.

A imagem peregrina proporcionará ao povo brasileiro o reconhecimento quanto à Santa, reforçou a historicidade e o conhecimento acerca dos milagres e, ao mesmo tempo, desencadeou no aumento da peregrinação ao Santuário Nacional. O aumento no número dos visitantes é relatado em Brustoloni (1979, 1998), embora sem apresentar dados quantitativos, mas pode ser verificada e interpretada nos dados informados pelo Santuário Nacional. No Quadro (2) ilustra-se este aumento no número de visitantes no Santuário Nacional de 1960-1962 e 1968-1970, que pode estar relacionado ao Jubileu de 250 anos e a política institucional da Igreja e do Estado. Apresenta-se também o número de visitantes de 2013-2017, compreendendo a mesma prerrogativa de impulsão e irradiação da devoção mariana vide imagem peregrina do Jubileu dos 300 anos.

Quadro 2 – Número de visitantes no Santuário Nacional nos períodos de 1960-1962; 1968-1970; 2013-2018.

Anos	Visitantes	Anos	Visitantes
1960	1.261.398	2013	11.856.000
1961	1.061.205	2014	12.225.608
1962	714.660	2015	12.112.583
1968	903.353	2016	11.007.000
1969	1.009.955	2017	13.000.000
1970	1.087.285	2018	*

Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

De dezembro de 1962 a dezembro de 1967, não há registros de visitantes nas fontes do Santuário Nacional, os dados são imprecisos e não há uma contabilidade adequada. Pode-se interpretar essa ausência de dados a instabilidade política e social, bem como o processo de organização da administração do Santuário e a própria construção do templo.

Essa primeira análise dos dados demonstra um incremento considerável com a imagem peregrina e a celebração do Jubileu dos 250 (1967) e dos 300 (2017) anos. O que se propõe não é discorrer do quantitativo e sim compreender e interpretar que essa estratégia tem

sido efetiva ao longo deste templo mariano, aliado as condições políticas e sociais. Por condições políticas e sociais, destaca-se que o Brasil tem presenciado momentos conturbados de crise, notadamente, nos dois tempos sagrados dos Jubileus de 1967 e 2017, sobretudo, nos últimos quatro anos. Desta análise quanto a crise, Rosendahl (1994) interpreta que os santuários católicos, nesses períodos, têm tido aumento expressivo nas peregrinações.

O sucesso do Jubileu dos 300 anos parte então do projeto da imagem peregrina, da replicação de experiências passadas e suas remodelações, dos devotos e da construção de aparatos infraestruturais e a construção de formas simbólicas espaciais e religiosas que agreguem uma gama de interações, intensões e reflexividades. Por formas simbólicas espaciais pode-se ilustrar duas que foram inauguradas para o Jubileu dos 300 anos: o Campanário do recinto do Santuário, inaugurado no dia 24 de dezembro de 2016 e a arte da Cúpula sob o altar central e do Baldaquino, inaugurado no 11 de outubro de 2017.

O Campanário (Figura 19) é composto de treze sinos, dos quais doze deles são referências aos apóstolos de Cristo e homenageiam bispos e cardeais que foram importantes ao longo da história da Santa. O 13º, o maior deles, representa a Virgem de Aparecida e a São José, e também a Família Campanha dos Devotos. O tocar dos sinos, o som emitido no material feito em bronze, segundo o seu idealizador, o artista Cláudio Pastro, é uma alusão a voz divina, a voz de Deus.

Figura 19 – Campanário



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Ao realizar diversas obras e inaugurá-las, o Santuário Nacional agrega novas atrações, intenções e reflexividades ao espaço. Essas novas obras sintetizam arte sacra, biodiversidade, modernidade e experiência estética no espaço sagrado. Proporcionando ao visitante uma experiência sensorial, harmonização, beleza cênica e contemplação com os vários símbolos e signos contidos, principalmente religiosos. Como ilustra as fotografias da Cúpula sob o altar (Figura 20) e o Baldaquino (Figura 21), assim como as opiniões dos representantes do Santuário Nacional, tudo que se realiza no templo mariano é para o devoto e “Tudo foi feito por meio d’Ele e sem Ele nada foi feito”<sup>26</sup> (Jo 1,3). Trata-se de uma experiência com o sagrado na arte, o homem religioso quer viver em mundo onde haja sagrado em todas as partes (ELIADE, 1992).

---

<sup>26</sup> Esta passagem bíblica faz parte da descrição atribuída a obra sacra da Cúpula e do Baldaquino. Podendo ser visualizada em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/igreja/o-esplendor-da-natureza-brasileira-na-arte-sacra-de-aparecida>>. Acesso em: 08 de out. 2018.

O fiel pode encontrar nas redes sociais todos os detalhes da construção, a simbologia e significados dos desenhos e cores, a linguagem escrita e bíblica, realizar um passeio pelas mídias sociais e propagar as informações por meios das mídias integradas do Santuário Nacional.

Figura 20 – Cúpula Central do Santuário Nacional



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Figura 21 – Baldaquino: biodiversidade brasileira e a grande criação

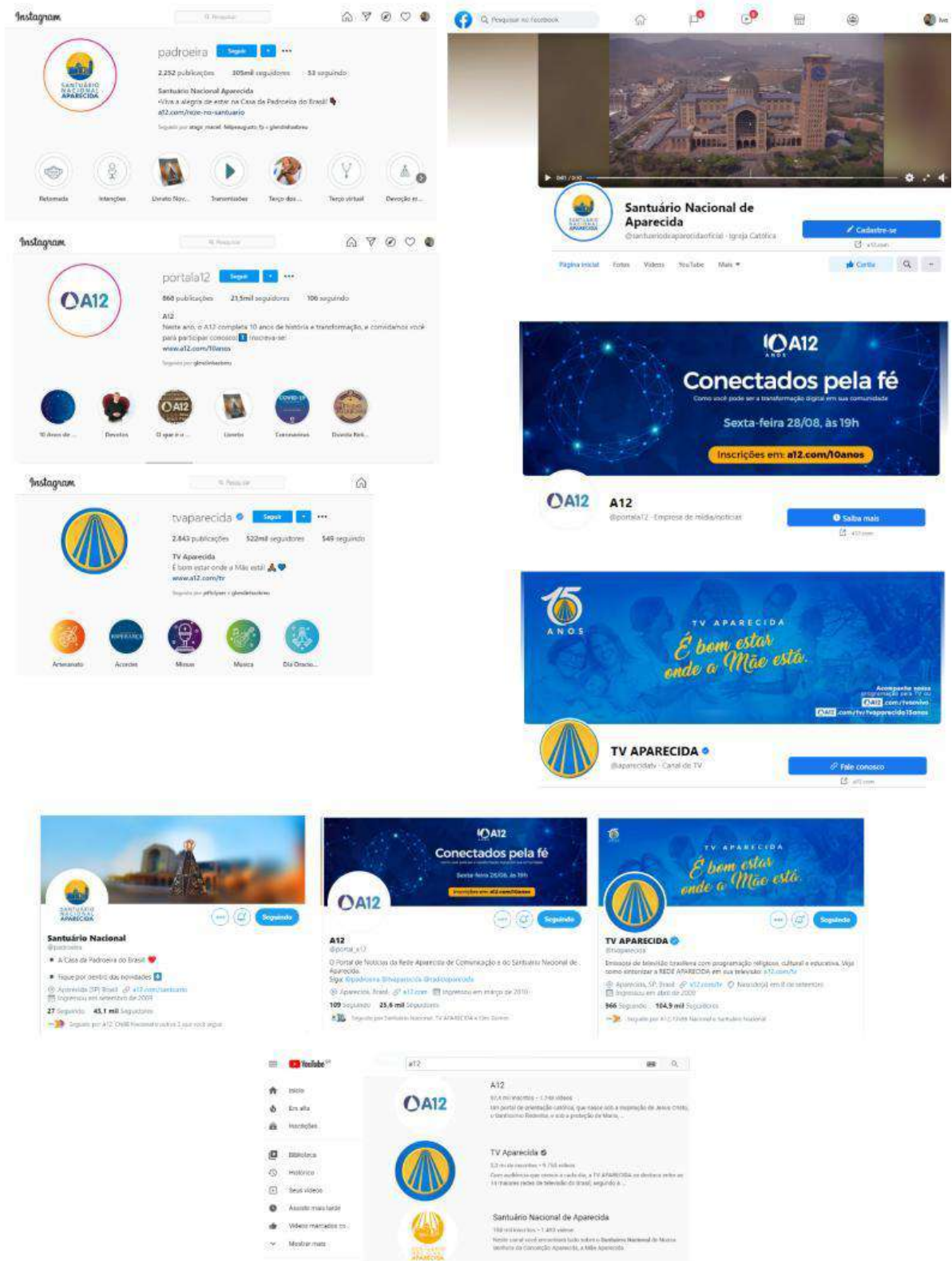


Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Outro elemento fundamental no êxito do Jubileu se dá com o uso das mídias interativas, em tempos hipermodernos, os meios de contato com os devotos também ocorre via espaços midiáticos e o Santuário Nacional tem se especializado nesta seara. Na atualidade, o Santuário Nacional conta com uma ampla rede de meios digitais: a rede emissora de televisão Aparecida - A12, o portal digital A12, o Facebook, Instagram, Youtube e Twitter (Figura 22), e os meios impressos: Jornal do Santuário, Revista de Aparecida, Revista Devotos Mirins, Jovens de Maria e outros (Figura 23).



Figura 22 – Mídias digitais do Santuário Nacional (Instagram, Facebook, Twitter e YouTube)



Fonte: Rede Sociais - Internet.

Figura 23 – Mídias impressa do Santuário Nacional



Fonte: Santuário Nacional (2018)

O jubileu dos 300 anos foi um projeto de construção longo, seu sucesso se garante pelas obras e pela divulgação, mas principalmente pela experiência devocional, o papel do agente modelador – o devoto – ele que dá substância ao religioso, ao espaço sagrado. Assim, apresenta-se no próximo tópico o tempo da festa, a devoção e o pesquisador no campo.

## 2.6 A festa sagrada do dia 10 a 12 de outubro: experiências do pesquisador e vivências dos devotos

A participação na festa sagrada para o devoto mariano é uma experiência carregada de sentimentos, representações sociais e religiosas. O devoto no tempo de festa participa de atividades religiosas regidas pela instituição católica e por práticas religiosas, na sua grande maioria, informais. O tempo sagrado é o ápice da contemplação para o homem religioso, é no tempo *kaïros* que há a busca pelo sagrado e toda a orientação para o devoto, mas sua realização ocorre em um tempo *cronos*, nesse caso, constituído pelo Santuário Nacional, à

medida que coordena as atividades religiosas e o controle da devoção. Essa coordenação, controle, direcionamento da devoção e realização da festa sagrada, se institui com o calendário da semana da padroeira, a Novena, do dia 1 ao dia 9, e a Festa da Padroeira, do dia 10 ao dia 12 de outubro, a partir de uma série de atividades e práticas religiosas, que preparam o devoto para a celebração principal, a coroação da Santa no Jubileu. Compreende-se que o ato de instituir não tem em sua síntese um caráter de imposição, o devoto que visita o templo mariano possui a liberdade de devoção e a Igreja procura diretrizes a essa devoção.

A análise, percepção e interpretação da devoção na Festa da Padroeira, se pautará pelo método participativo e priorizará o *outsider* (BECKER, 2008), àquele que está fora de uma regra estabelecida, prioriza-se, então, o peregrino no território religioso e no espaço sagrado e, neste, toda sua representação social e religiosa. Desse modo, na busca por uma contemplação das experiências vividas nos três dias de Festa da Padroeira (Figura 24), a pesquisa de campo dividiu-se nos seguintes tempos:

Figura 24 – Programação Festa da Padroeira, 10 a 12 de outubro de 2017

10 DE OUTUBRO	11 DE OUTUBRO	12 DE OUTUBRO
06h00   Alvorada	06h00   Alvorada	00h às 04h00   Vigília Mariana
07h00   Missa	07h00   Missa	05h00   Missa: Terço das Mulheres e Terço dos Homens
09h00   Missa (TV Aparecida, RA, A12.com)	09h00   Missa - Memória de todos os Arcebispos e Bispos, Missionários Redentoristas, Colaboradores Vivos E Falecidos (TV Aparecida, RA, A12.com)	07h30   Missa das Crianças (TV Aparecida, TV Cultura, RA, A12.com)
10h30   Missa	10h30   Missa	09h30   Missa Solene em comemoração aos 300 anos do encontro de Nossa Senhora Aparecida - Obliteração do Selo Jubilar (TV Aparecida, RA, RCR e A12.Com)
12h00   Missa	12h00   Missa	12h00   Homenagem a Nossa Senhora
13h30   Oração do Terço Jubilar	13h30   Oração do Terço Jubilar	13h00   Missa
14h00   Acolhida no Altar Central	14h00   Acolhida no Altar Central	15h00   Consagração Jubilar no Porto Itaguaçu
15h00   Oração Jubilar - participação especial das crianças   Jubileu das Crianças	15h00   Oração Jubilar - participação especial das crianças   Jubileu das Crianças	16h00   Concentração da Procissão Solene
16h30   Missa	16h30   Missa	16h30   Saída da Procissão Solene
19h00   Vigília Mariana	18h30   Acolhida às Romarias e Autoridades	19h00   Missa de encerramento do Jubileu
20h30   Festival Da Padroeira (Tribuna Bento XVI)	19h00   Coroação Solene e inauguração da cúpula do Santuário (TV Aparecida, RA, A12.Com)	20h40   Festival da Padroeira (Tribuna Bento XVI)
	20h30   Procissão Memória para o Porto Itaguaçu	23h00   Show Pirotécnico

Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

- a) no dia 10, o acompanhamento do Festival da Padroeira, localizado na Tribuna Bento XVI, às 20:30;

- b) *dia 11, Missa às 9h; Acolhida às Romarias e Autoridades, às 18:30; Coroação Solene e inauguração da cúpula do Santuário às 19:00 e Procissão Memória para o Porto Itaguaçu às 20:30;*
- c) *Missa Solene em comemoração aos 300 anos do encontro de Nossa Senhora Aparecida - Obliteração do Selo Jubilar, às 9:30; Concentração e Saída da Procissão Solene às 16:00 e a Missa de encerramento do Jubileu às 19:00.*

#### 2.6.1 O primeiro dia: o tempo da hipermodernidade com as práticas dos padres cantores e a Igreja do espetáculo.

O primeiro dia na Festa da Padroeira é marcado pelo Show na Tribuna Bento XVI (Figura 25). O show teve início às 20:30, nesse espaço destinado aos shows de padres católicos e outros artistas conhecidamente devotos marianos, o devoto pode aliar devoção e música. O evento musical contou com a presença dos padres: Fábio de Melo, Antônio Maria, Reginaldo Manzotti, Juarez, Omar, Zezinho, Joãozinho, Marcos e Periquito. Nessa análise, compreende-se o ser parte da hipermodernidade como discutem Lipovetsky e Serroy (2015), os shows compõem capitalismo artísticos, um processo de estetização do mundo, da imagem, do consumo, da comunicação. Assim, a Igreja Católica inserida na sociedade capitalista de consumo de massa tem, por exemplo, nos padres cantores um bem simbólico religioso, de comunicação e de difusão da fé (ROSENDAHL, 2003; OLIVEIRA, 2017).

Figura 255 – Festival da Padroeira: Tribuna Bento XVI



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Os devotos mesmo em um dia chuvoso estavam naquele espaço para acompanhar seus ídolos, portavam faixas, badanas e camisetas alusivas aos *popstars* do catolicismo. A percepção dos shows e da devoção dos participantes para com os padres cantores poderiam muito bem ser comparada aos artistas renomados no cenário musical brasileiro, carregam uma legião de fãs e correspondem aos anseios da Igreja Católica, sobretudo, a partir das diversas mídias em um processo de evangelização e difusão da fé (OLIVEIRA, 2017). Esse reflexo do peso das redes sociais na evangelização, difusão da fé e, principalmente, no sucesso da Festa da Padroeira, foi informado pelo Instagram, de acordo com a rede social, o templo mariano foi a sétima localização brasileira mais publicada em 2017<sup>27</sup>.

A prática de shows no território religioso compõe o calendário de celebrações do Santuário Nacional. Há anualmente eventos religiosos, acolhimento a caminhoneiros, festas juninas, Natal iluminado e outros (Figura 26), onde os shows se inserem na gama de funcionalidade deste espaço: religiosidade, lazer e turismo. Exemplo desta funcionalidade do território religioso é a tradicional Festa do Carreteiro, realizada desde de 1996, que está na sua 38ª edição. Compreende-se que o Santuário Nacional por meio dessa política de realização de

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/imprensa/releases/santuاريو-nacional-alcanca-marca-de-13-milhoes-de-visitantes-em-2017>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

eventos, sobretudo, pautados nos shows católicos regidos por padres midiáticos, insere-se na lógica midiático-consumerista, como apresenta Oliveira (2017).

Figura 26 – Eventos fixos do Santuário Nacional



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

Os shows possuem como preceito a evangelização e na maioria são “gratuitos” e recebem o aporte de empresas público privadas, fomento federal e estadual. Dentro de uma análise na dimensão lugar e econômica, os shows, mais especificamente, o realizado no megaevento do Jubileu da Padroeira, proporciona ao devoto um espaço de transcendência por meio da música e da pregação religiosa. Ao passo que, em uma perspectiva da hipermodernidade, o homem consome o produto religioso, identificado nos shows e na pirotecnia vivenciada, nos símbolos e signos que são reproduzidos em dois telões, nas esculturas e nas práticas. Embora haja toda uma estratégia de consumo e produção do religioso nos megaeventos como a Festa da Padroeira, é nítido, no olhar do participante da celebração, a felicidade de estar naquele tempo único. Para o homem religioso, o consumo está livre de regulações, o sentimento do consumo do bem simbólico é uma via de aproximação com o sagrado (ELIADE, 1992; BOURDIEU, 2007). Ao sair do megashow “anestesiado” pelo tempo único, isso pode ser sentido nos seguidos devotos que passaram pelo pesquisador e, mesmo terminado o evento, seguiram cantando e louvando. Encerrando o primeiro dia devoção por meio do megashow, o devoto está na espera do segundo dia, o dia 11, a devoção, a coroação e a Procissão Memória.

### 2.6.2 O segundo dia: a devoção, a Coroação e a Procissão Memória

O primeiro dia de participação na Festa da Padroeira forneceu as primeiras percepções da devoção e da alegria radiante dos muitos que lá estavam. A estrutura instalada para o show na Tribuna Bento XVI e a organização ao redor do território religioso demonstravam a grandiosidade deste evento e a sensação de estar em uma data específica é algo simbólico não somente para o devoto, é também para o pesquisador. O segundo dia reservava os momentos mais esperados pelos devotos marianos: a) a visitação ao Nicho de Nossa Senhora, b) as missas de acolhimento das Romarias e Autoridades para Coroação Solene e a inauguração da cúpula do Santuário e, por último, c) a Procissão Memória, o retorno do sagrado ao espaço sagrado primário, o *locus* da hierofania. A interpretação e análise do tempo de festa e as temporalidades no espaço sagrado serão trabalhadas tendo no método da observação participante o cerne, bem como a descrição do pesquisador no campo.

A cidade de Aparecida está tomada por peregrinos vindos de todas as partes e de todas as direções, a dinâmica espacial se modifica, a facilidade de acesso, as materialidades sociais que integram o templo ao eixo metropolitano corroboram para que o momento seja único também em números. Visitam o Santuário Nacional na Festa da Padroeira cerca de 13 milhões de fiéis<sup>28</sup> e o principal objetivo é visitar a *Santinha*, o lugar obrigatório.

O primeiro local de visitação para o devoto mariano no Santuário Nacional, obrigatoriamente, é o Nicho de Nossa Senhora Aparecida, reinaugurado em agosto de 2011, está localizado na Asa Sul, é o Trono da Santa. O totem onde está resguardado a Santa é blindado e revestido de ouro branco<sup>29</sup> na parte interna e ouro dourado na externa (Figura 27), com mosaicos e detalhes de peixes na parte de visitação, que remetem ao primeiro milagre nas águas do rio Paraíba do Sul.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/imprensa/releases/santuاريو-nacional-alcanca-marca-de-13-milhoes-de-visitantes-em-2017>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

<sup>29</sup> Nicho de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/locais-turisticos/nicho>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

Figura 27 – Nicho de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

O lugar mais visitado recebe dos devotos variadas denominações e representações sociais e religiosas, dentre elas as mais comuns são: *Santinha*, *oratório*, *casinha*, *corredor de pedidos*, intitulado por Rosendahl na pesquisa de campo ou Nicho de Nossa Senhora, esta última denominada pelo Santuário Nacional.

No segundo dia da Festa da Padroeira, observou-se manifestações emocionais e religiosas, olhares atônitos, choros copiosos, braços estendidos para tocar a Santa, rezas, ex-votos depositados ao pé do Nicho, transmissões simultâneas (*streaming*<sup>30</sup>) para amigos, parentes e uma alegria singular, típica do religioso. Na Figura 28, pode-se observar esses matizes da devoção experienciadas.

---

<sup>30</sup> Streaming é uma transmissão de dados digitais ao vivo por meio de mídias sociais, em “tempo real”.



Figura 28 – Nicho de Nossa Senhora Aparecida: fé, promessas e hipermodernidade



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Aos pés da Santa, encontram-se várias lembrancinhas, ex-votos, fotos e todos os tipos de apetrechos, são bens simbólicos que carregam em si, para o devoto, uma conexão com o sagrado, com uma graça alcançada ou uma nova promessa, ali, prontamente apresentada. A visitação é breve, dura pouco tempo, o volume de visitantes não permite uma contemplação demorada, ali o tempo *cronos* é relativo, ao estar na presença da Santa o devoto está no tempo do sagrado, na relação íntima com o tempo *kaíros*.

O itinerário no espaço sagrado é determinado, os devotos são os principais responsáveis pelas práticas religiosas adquirirem uma repetição habitual que de acordo com Rosendahl, (1994, p. 141), “conferem uma fisionomia própria aos centros religiosos” e obedecem a roteiros na forma como se vivência o espaço sagrado, os atos comportamentais como: visitar a imagem, seguir em procissão, assistir as missas, rezar na capela das velas, entre outros. Deste modo, não se pode *perder tempo – cronos* – entre a visitação ao Nicho, acender uma vela na Capela das velas, acessar a Torre Brasília, se alimentar *fisicamente* nas lanchonetes e na padaria, o devoto ainda seguirá sua rotina devocional, de alimentação do seu plano espiritual. A rotina devocional inclui, principalmente, dois lugares: a Sala das Promessas e as missas, especialmente, a Acolhida às Romarias e Autoridades, às 18:30 e a Coroação Solene e inauguração da cúpula do Santuário às 19:00.

Na Sala das Promessas ou Sala dos Milagres (Figura 29) ocorreram sucessivas transformações ao longo da história. Continuamente, o Santuário Nacional reorganiza e troca os ex-votos expostos ao visitante. Esse espaço que outrora localizou-se na pequena capelinha no rio Paraíba, posteriormente, foi um anexo à Igreja Velha, já ocupou um espaço no Hotel Recreio, localizado na praça Nossa Senhora Aparecida, hoje o que se vê daquela aparente desorganização deu lugar a um novo espaço organizado e com uma ambientação *mais limpa*, contrastando com o caos de outros períodos.

Naquele espaço o devoto encontrará provas da fé<sup>31</sup>, graças alcançadas e bens simbólicos dos mais variados, além de ex-votos de celebridades do meio artístico, políticos, esportistas e romeiros, há também mesas com papéis para que os devotos possam escrever para à Santa. Como descreve Rosendahl (1994, p. 146) “cada fiel ao trazer o pedido, sob a forma de promessa, realiza um contrato com o santo e ao obter a graça, cumpre sua parte do contrato, deixando ali na sala, parte de si simbolizada em objetos de cera, fotografias e roupas”.

Na Sala dos Milagres, o devoto vive o sagrado por meio da documentação exposta, há uma relação direta com o santo e o fiel, sem intermediações, os ex-votos como representação simbólica comunicam a religiosidade e a devoção, nesse espaço encontram-se a identidade social e cultural do catolicismo popular brasileiro.

---

<sup>31</sup> Sala da Promessas. Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/locais-turisticos/sala-das-promessas>>. Acesso em: 27 de out. de 2018

Figura 29 – Sala das Promessas/Salas dos Milagres

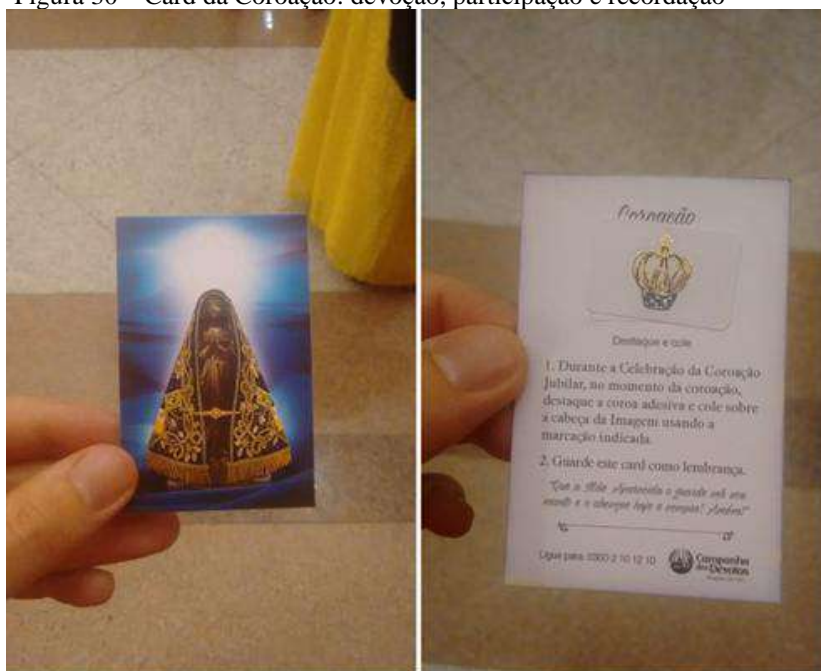


Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

A pesquisa de campo no tempo de festa proporciona a observação de inúmeros testemunhos de graças alcançadas, desejos pessoais e a percepção de sentimentos diversos. Nem mesmo o calor predominante é empecilho para o devoto no seu roteiro devocional, a dificuldade e a extenuação reforçam o caráter penitencial, no sentido de sacrifício, o sol castiga boa parte dos romeiros e o pesquisador, contudo não torna a movimentação no Santuário Nacional menos intensa por todo o território religioso. Ao mesmo tempo, os diversos atrativos do Complexo Turístico Religioso cumprem uma outra parcela do roteiro devocional, mas agora com outros objetivos, como o lazer. O “acolher bem também é evangelizar”, é também procrastinar, vivenciar o tempo do ócio após as obrigações com o sagrado até o evento principal do dia, a coroação.

A coroação de Nossa Senhora Aparecida é o evento mais esperado do dia, o templo sagrado fica abarrotado de fiéis e a sensação de unicidade do momento é perceptível no olhar do devoto. Para acompanhar a cerimônia e torná-la mais íntima e participativa para o devoto, o Santuário Nacional elaborou uma lembrancinha, um *card* de Nossa Senhora Aparecida (Figura 30), que fora entregue aos devotos que adentravam ao recinto. Na lembrancinha, o devoto participaria do ato de coroação, ao destacar a *coroa* do verso e coroar a Santa, na frente.

Figura 30 – Card da Coroação: devoção, participação e recordação



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Encontrar um lugar para acompanhar a cerimônia religiosa é um verdadeiro ato de penitência, os espaços estão todos ocupados, a festa dá identidade ao devoto e o devoto dá identidade à festa. O sentimento de orgulho de ser católico e de felicidade de estar na Festa da Padroeira é comumente reportado por alguns fiéis, *que festa linda, que bom que cheguei aqui, valeu todo o sacrifício*, – o olhar do peregrino demonstra a felicidade e a alegria do momento vivenciado.

A missa da Coroação solene apresentou diversos símbolos e significados, a Rosa de Ouro presenteada pelo Papa Francisco, que foi a terceira presenteada pela Santa Sé, simbolizando a importância do momento. Outro símbolo é a própria Coroa moldada pela empresa *H Stern*, nela encontram-se pedaços de terras de todas as capitais do Brasil, representando o povo brasileiro, reforçando a Imagem Peregrina, Padroeira e Rainha do Brasil. A Coroação tem seu ápice com a inauguração da Cúpula Central, outra obra simbólica do Santuário Nacional, realizada pelo artista plástico Cláudio Pasto. A Cúpula Central inaugurada é mais uma forma simbólica religiosa no espaço sagrado, uma arte sacra que comunica a religiosidade, fé e Deus. Em *Ecos Marianos* (2019, p. 63) a “[...] arte sacra desse espaço [Cúpula Central] transmite Deus, que se reflete na própria natureza, primeiro elemento de santidade do mundo”. “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (João, 1, 3-4).

A Cúpula e o Baldaquino são linguagens e símbolos com os quais o sagrado se comunica com o fiel por meio da arte. Para o devoto, essas formas simbólicas são obras de Deus, representam uma realidade verdadeira; *tudo que aqui está é para a Mãe, é Deus*. Nesse sentido, as palavras proferidas pelos devotos são compreendidas como representações sociais e religiosas. O simbolismo e significados nessa arte sacra são fundamentais para vida social (MAUSS, 1974) e religiosa, configurando uma troca simbólica e representatividade no espaço.

A última análise, percepção e interpretação da espacialidade do sagrado no tempo de festa, ocorre com a *Procissão Memória para o Porto Itaguaçu*, iniciada às 20:30, na lateral da Tribuna Bento XVI. A *Procissão Memória* ou procissão resgate, teve início em 1994 e há dez anos é puxada pelo padre Domingos Sávio, padres e músicos se revezam na animação, nos cânticos e rezas, em cima de um trio-elétrico, conhecido como *Devotão* (Figura 31) e pelo andar. O *Devotão* é um caminhão adaptado com caixas de som e adquirido por meio do programa Família Campanha dos Devotos. O *Devotão* guia os fiéis do Santuário Nacional (Figura 32) em direção à Avenida Itaguaçu, atual BR-488, até o Porto do Itaguaçu, o *locús* da

hierofania. A procissão possui como propósito o resgate da história da cidade de Aparecida e a memória de Nossa Senhora Aparecida, de acordo com o Santuário Nacional.

Figura 31 – Devotão: Puxador de fiéis



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

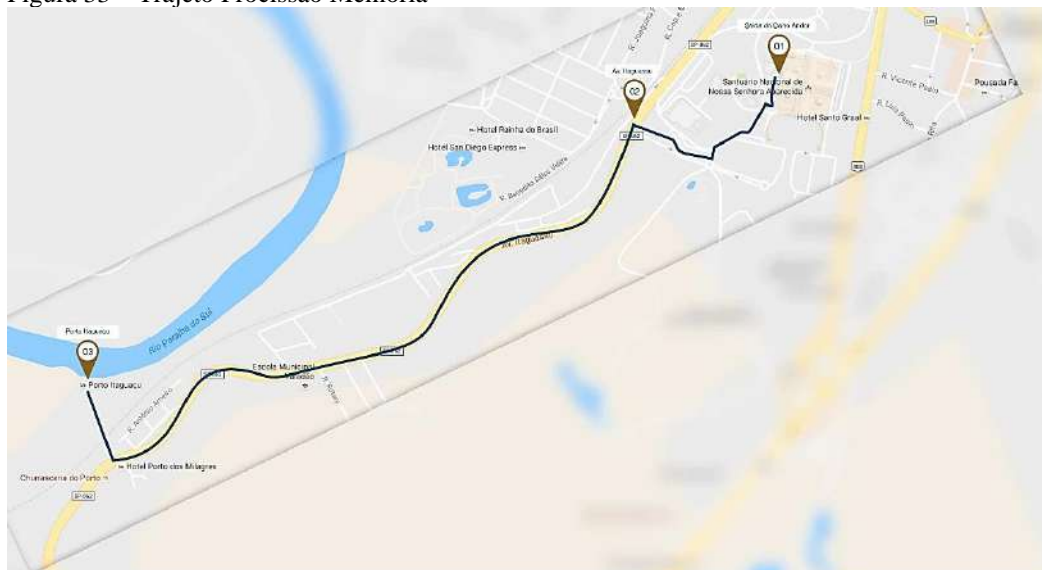
Figura 32 – Procissão Memória: concentração e devoção no pátio do Santuário Nacional



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

A procissão, após deixar o estacionamento do Santuário Nacional, segue em seu trajeto (Figura 33) pela avenida Itaguaçu agora interditada pela Polícia Federal, olhares, passos, suor, cansaço e peregrinação, a rotina devocional espacializa o sagrado.

Figura 33 – Trajeto Procissão Memória



#### TRAJETO PROCISSÃO MEMÓRIA 2017

11 DE OUTUBRO  
QUARTA-FEIRA  
SAÍDA ÀS 20H30

- Saída do Andor (lateral Casa das Velas/Torre – Santuário Nacional)
- Segue em direção à Avenida Itaguassu
- Segue pela Av. Itaguassu até ao Porto do Itaguassu, local do encerramento da Procissão Memória.

Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

A Santa percorre o espaço profano indiretamente vinculado antes do cortejo, tornando-o sagrado no momento do cortejo, retornando ao espaço profano indiretamente vinculado, essa prática qualifica o espaço em diferentes tempos sagrados e profanos. Ao mesmo tempo, os cidadãos aparecidenses em suas casas, localizadas no trajeto, externam sua fé e preparam pequenos altares com a suas representações de Nossa Senhora. A procissão como forma simbólica móvel (CORRÊA, 2007) também impulsiona a economia dos moradores, pequenos mercadinhos que provavelmente estariam fechados encontram, nesse momento, uma oportunidade de obtenção de lucro. O sagrado impulsiona a devoção, espacializa e traz dinâmica econômica, há um sistema de produção de bens simbólicos (BOURDIEU, 2007), em vários locais encontram-se pequenos vendedores de artigos religiosos. Para Rosendahl (1994, p. 190),

o consumo do sagrado é uma característica singular nas cidades-santuários e independe da localização do espaço sagrado, podendo ocorrer no Santuário de Fátima, em Portugal, na cidade Lourdes, na França, no Vaticano, na Itália, ou mesmo nos espaços sagrados brasileiros de Canindé, Muquém e Santa Cruz dos Milagres.

O trecho é realizado sobre o asfalto, margeando curvas, subidas e descidas que tornam a procissão ainda mais penosa, um ato sacrificial, os devotos a fazem pela fé na Santa, por graças alcançadas e por desejos variáveis, tudo é suportável e prazeroso. A procissão segue e

não é mais possível ver o Devotão, os cânticos, os detalhes históricos ditos pelos padres não podem ser mais ouvidos por todos, nesses momentos os devotos puxam rezas, cânticos e conversam aleatoriamente.

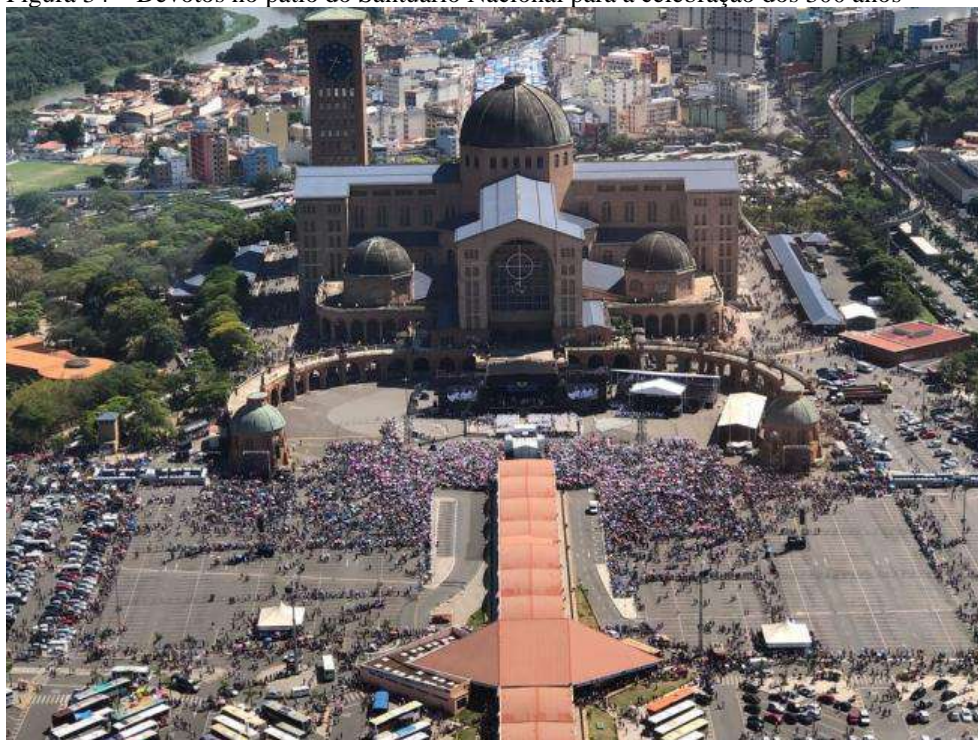
Na procissão, os devotos expressam a todo momento sentimentos que podem ser percebidos e interpretados em suas falas: *eu caminho pela vida, pela saúde*, dissera uma pessoa. *É uma procissão, tenho que caminhar*, no sentido de *sacra facere*, fazer sagrado (ROSENDAHL, 1996) a partir da peregrinação. *Não preciso correr*, no tempo do sagrado = o tempo *kaíros*, o relógio, o quantitativo, a pressa – o tempo *cronos* – é relativo. O último trecho da procissão é o Porto do Itaguaçu, ali o padre rememora a história, os milagres, o sagrado, agradece aos fiéis e ressalta a importância do lugar sagrado e da natureza, remetendo a vegetação e ao rio Paraíba do Sul e, no final, a pirotecnia, os fogos brandem no céu e alegria de finalizar o trajeto e estar onde tudo começou. A Procissão Memória foi realizada. Finda-se o dia, agora o devoto agradece e se prepara para o retorno aos hotéis, as pousadas, as casas, as barracas, aos ônibus e aos carros. O último dia de celebração e consagração se avizinha, para o peregrino, numa nova emoção para o dia seguinte. A emoção se espera!!!!

### 2.6.3 O terceiro dia: tempo kaíros e cronos em união

A programação da Festa da Padroeira (ver Figura 24) é composta por inúmeras atividades religiosas ao longo do dia, o tempo de festa é extenso, todavia, o evento mais esperado pelos devotos é a Missa Solene com a presença do alto clero, políticos e celebridades do mundo artístico. Em 2017, devido ao simbolismo do tricentenário e ao número recorde de devotos, o Santuário Nacional organizou a missa na Tribuna Bento XVI (Figura 34).



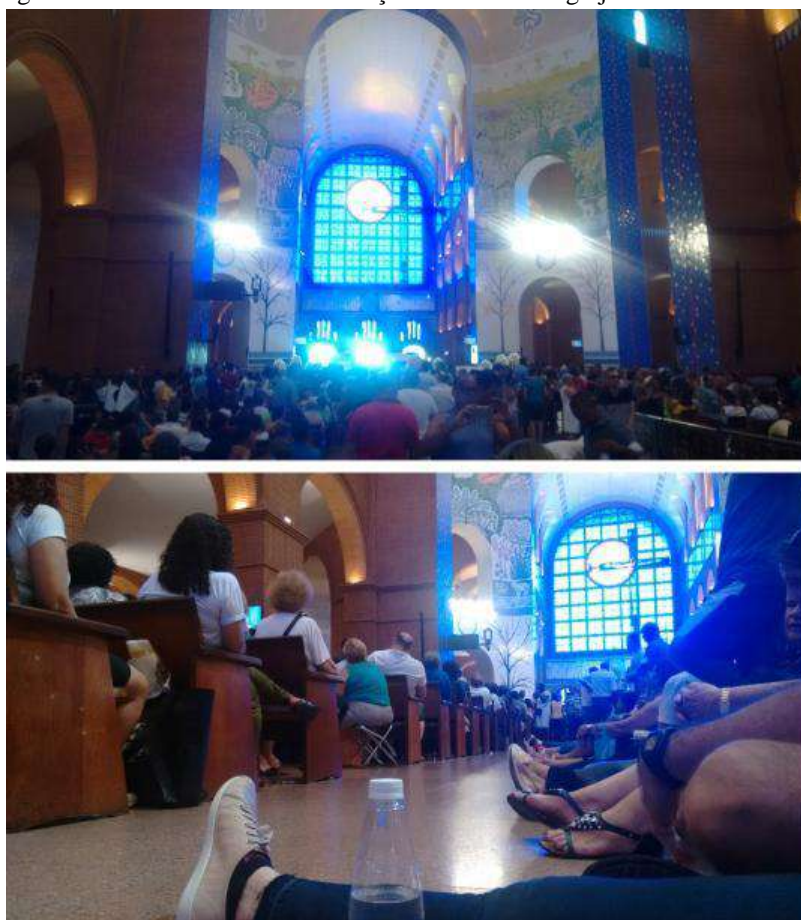
Figura 34 – Devotos no pátio do Santuário Nacional para a celebração dos 300 anos



Fonte: André Rosa/TV Vanguarda

Compreende-se que a espacialização do sagrado nessa data específica se dá também no pátio, outrora, local de passagem, no tempo comum. No momento de ocupação da prática religiosa, se altera e adquire a funcionalidade religiosa. Na área interna do templo, o sagrado repousa no altar central, no Nicho de Nossa Senhora, na capela do Santíssimo e no íntimo do devoto. O espaço interno (Figura 35) tornara-se também refúgio do calor do dia que beirava aos 40° graus (Figura 36), enquanto no pátio onde realizava-se a missa solene, a Santa era consagrada em um processo de *illo tempore* (ELIADE, 1992).

Figura 35 – Fiéis assistem à celebração de dentro da igreja



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Figura 366 – Devotos sobre o sol na celebração dos 300 anos



Fonte: Carlos Santos/G1

A missa solene foi celebrada pelo cardeal italiano Dom Giovanni Battista Re, Prefeito emérito da Congregação para os Bispos e Presidente emérito da Pontifícia Comissão para a América Latina, enviado especial do Vaticano. No início da celebração, os devotos reagem

com alegria com o vídeo exibido nos telões, aparentemente, eles não esperavam uma mensagem do Papa Francisco. Todavia, o papa é assumidamente devoto de Nossa Senhora e já demonstrou inúmeras vezes em cerimônias e mensagens ao povo brasileiro. Naquele dia, não foi diferente sua mensagem, ele desejou os mais sinceros votos para a Santa e pediu que o povo brasileiro, o devoto mariano, tenha esperança na sua fé e por dias melhores. Abaixo reprodução na íntegra da mensagem papal:

Querido povo brasileiro.

Queridos devotos de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

Minha saudação e minha bênção para todos vocês que estão vivendo, em Cristo Jesus, o Ano Mariano por ocasião do jubileu de 300 anos do encontro da imagem da Virgem Mãe Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul.

Em 2013, durante a minha primeira viagem apostólica internacional, tive a alegria e a graça de estar no Santuário de Aparecida e rezar aos pés de Nossa Senhora confiando-lhe o meu pontificado e lembrando o povo brasileiro por acolhida tão calorosa que veio do seu abraço e do coração generosos. Naquela ocasião, inclusive, manifestei meu desejo de estar com vocês no ano jubilar, mas a vida de um Papa não é fácil. Por isso, nomeei o cardeal Giovanni Battista Re como Delegado Pontifício para as celebrações do dia 12 de outubro. Confiei a ele a missão de garantir, assim, a presença do Papa entre vocês.

Ainda que não esteja fisicamente presente quero, entretanto, por meio da Rede Aparecida de Comunicação, manifestar meu carinho por esse povo querido devoto da Mãe de Jesus. O que deixo aqui são simples palavras, mas desejo que vocês recebam como um fraterno abraço neste momento de festa.

Em Aparecida, repito aqui as palavras que proferi em 2013, no altar do Santuário Nacional, aprendemos a conservar a esperança, a nos deixar nos surpreender por Deus e a viver na alegria. Esperança, querido povo brasileiro, é a virtude que deve permear o coração dos que creem, sobretudo quando ao nosso redor, as situações de desespero parecem querer nos desanimar. Não se deixem vencer pelo desânimo! Não se deixem vencer pelo desânimo! Confie em Deus. Confie na intercessão de Nossa Senhora Aparecida. No Santuário de Aparecida, em cada coração do devoto de Maria podemos tocar a esperança que se concretiza na vivência da espiritualidade, na generosidade, na solidariedade, na perseverança, na fraternidade, na alegria que há neles são valores que encontram sua raiz mais profunda na fé cristã.

Em 1717, quando foi retirada das águas, pelas mãos daqueles pescadores já os inspiraram a confiar em Deus que sempre nos surpreende: peixes em abundância, graça derramada de modo concreto no coração daqueles que estavam temerosos diante dos poderes estabelecidos. Deus os surpreendeu, pois Aquele que nos criou, com amor infinito, nos surpreende sempre. Deus nos surpreende sempre!

Neste jubileu festivo em que comemoramos os 300 anos daquela surpresa de Deus, somos convidados a sermos alegres e agradecidos. Alegrai-vos sempre no Senhor. E, com essa riqueza, a alegria que irradia de seus corações, transborde e alcance cada canto do Brasil, especialmente as periferias geográficas, sociais e existenciais que tanto anseiam por uma gota de esperança.

Que o singelo do sorriso de Maria que conseguimos vislumbrar em sua imagem seja fonte do sorriso de cada um de vocês diante das dificuldades da vida. O cristão jamais pode ser pessimista! O cristão jamais pode ser pessimista!

Por fim, agradeço ao povo brasileiro pelas orações que diariamente oferecem por mim, especialmente durante a celebração da Santa Missa. Rezem pelo Papa e tenham a certeza de que o Papa sempre reza por vocês. Juntos, de perto ou de longe, formamos a Igreja, o Povo de Deus. Cada vez que colaboramos, ainda que de maneira simples e discreta, como anúncio do Evangelho, tornamo-nos, assim como Maria, um verdadeiro discípulo missionário. **E o Brasil hoje necessita de homens e mulheres que, cheios de esperança e firmes na fé, deem o testemunho de que o**

**amor manifestado na solidariedade e na partilha é mais forte e luminoso que as trevas do egoísmo e da corrupção.**

Com saudades do Brasil! Com saudades do Brasil!

Concedo-lhes a bênção apostólica pedindo a Nossa Senhora Aparecida que interceda por todos nós!

Que assim seja!” (grifo nosso)

A mensagem é recebida com alegria e entusiasmo, por mais que não esteja presente, o papa, “popular”, é muito bem visto, a mensagem dele sinaliza a preocupação com o povo brasileiro e enfatiza os seguidos casos de corrupção. Notamos, que essa problemática tem sido utilizada em todos os meios de comunicação e estava presente no discurso papal.

Após a exibição do vídeo, outro momento significativo ocorre com o anúncio dos políticos presentes na celebração: o governador paulista, Geraldo Alckmin (PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira) e os ministros Antônio Imbassahy (PSDB), da Secretaria de Governo e Gilberto Kassab (PSD – Partido Social Democrático), da Ciência, Tecnologia e Inovações, foram retumbantemente vaiados por boa parte dos fiéis<sup>32</sup>. A presença dos agentes do governo reforça o caráter identitário de Nossa Senhora Aparecida perante a nação, padroeira e protetora, de união entre as dimensões políticas e religiosas, de importância da religião católica no país.

Na homilia do celebrante, o discurso também reiterou as incertezas que acometem o Brasil, reforçou a importância da oração e da reza por Nossa Senhora Aparecida, pela proteção dos devotos, por justiça social, fraternidade e esperança. Homília do Legado Pontifício,

Neste santuário, onde a Igreja brasileira ama, venera e invoca Maria como Nossa Senhora Aparecida, por ocasião dessa importante efeméride, cada um de nós se consagre a ela, Mãe de Deus e nossa Mãe. Consagremos nossas vidas com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e problemas. Entreguemos a Nossa Senhora Aparecida todas as famílias do Brasil, para todas implorando proteção e ajuda, alegria e esperança. Confiemos também o futuro do Brasil para que transcorra na justiça, na paz, na solidariedade e na fraternidade. **Que Nossa Senhora Aparecida em sua ilimitada solicitude materna assista e proteja cada um de vocês, assista e proteja todo o Brasil!** (grifo nosso)

As dimensões política e religiosa se imbricam na celebração, as mensagens do Papa Francisco e do Dom Giovanni Battista Re possuem contextos similares e preocupações com o futuro no Brasil. O espaço sagrado ao longo de sua historicidade sempre foi espaço de manifestações do clero ante os problemas brasileiros. A dimensão política e religiosa está presente em todas as partes e símbolos, como também se imbricam com o Ritual de

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/missa-em-aparecida-tem-mensagem-do-papa-e-vaias-a-politicos/>>. Acesso em 30 de out. de 2018.

Obliteração do Selo Jubilar, com o selo comemorativo *Aparecida 300 Anos de Fé e Devoção* (Figura 37)

Figura 377 – Selos comemorativo: Aparecida 300 anos de Fé e Devoção



Fonte: Correios (2017)

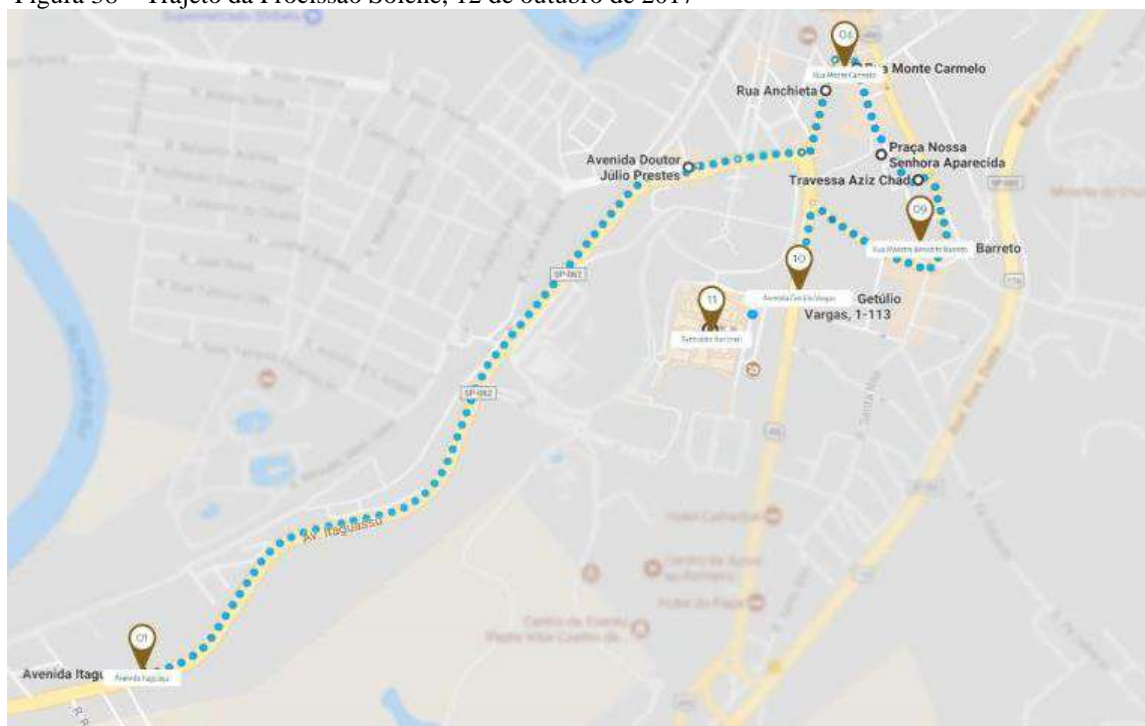
Os selos compõem um bem simbólico ofertado na loja virtual do Santuário Nacional e nas agências dos correios, enquanto os selos obliterados pelas autoridades compõem o acervo do Museu Correios, em Brasília, Distrito Federal, tornando-os memória da consagração e símbolo da devoção mariana. A presença do selo nas agências dos correios pode relacionada ao Estado e religião, na configuração do discurso de maior nação católica do mundo e na representação social e religiosa. De certo modo, a propagação do selo e o seu alcance podem ser considerados conflitantes em uma concepção de Estado laico, embora, a relação conflitante esteja nessa interpretação e como discutido na primeira parte, o Santuário Nacional/Igreja Católica e o Estado, tiveram ao longo da historicidade a preocupação da perpetuação e desenvolvimento do culto mariano.

O último ato na Missa Solene é a substituição da coroa no Nicho, enquanto os fiéis acompanham pelos telões o padre João Batista na sua caminhada pelos corredores até o Nicho, o padre Daniel Antônio da Silva, administrador e ecônomo do Santuário Nacional, reforça o processo de idealização da coroa e as porções de terra de todas as regiões do país

que a compõem, a Federação está ali simbolizada e a Rainha e Padroeira do Brasil deve reinar sobre o povo brasileiro...

O sagrado reorganiza o espaço, no tempo de festa, ele altera a dinâmica socioeconômica e espacial. Na Procissão Solene, o sagrado modifica a organização espacial de outrora, as ruas anteriormente ocupadas por carros são agora ocupadas por peregrinos em seu roteiro devocional, na fé incansável e inabalável. A Procissão Solene (Figura 38) concentra-se no espaço sagrado primário, Porto do Itaguaçu, percorre a Avenida Itaguaçu – BR-488, Avenida Júlio Prestes – entre o território religioso e a feirinha de Aparecida -, posteriormente segue pela rua Anchieta, rua Monte Carmelo, Praça Nossa Senhora Aparecida, Igreja Velha e avenida Getúlio Vargas, também BR-488 e, por fim, adentra no território religioso, no Santuário Nacional para o encerramento do jubileu dos 300 anos.

Figura 38 – Trajeto da Procissão Solene, 12 de outubro de 2017



#### TRAJETO PROCISSÃO SOLENE 2017



**12 DE OUTUBRO**  
QUINTA-FEIRA  
SAÍDA ÀS 16H

- |  |  |
|--|--|
| 1- Avenida Itaguaçu                    | 7- Rua Santos Dumont (pela contramão)  |
| 2- Avenida Doutor Júlio Prestes        | 8- Praça Marechal Deodoro da Fonseca   |
| 3- Rua Anchieta                        | 9- Rua Maestro Benedito Barreto  |
| 4- Rua Monte Carmelo                   | 10- Avenida Getúlio Vargas (pela contramão) (ponto de partida em frente à Feirinha de Aparecida) |
| 5- Praça Nossa Senhora Aparecida       | 11- Santuário Nacional   |
| 6- Travessa Aziz Chad (pela contramão) |  |

Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

Nessa espacialização do sagrado, o comércio, os comerciantes e os hoteleiros, localizados nas respectivas ruas que irão compor a forma simbólica móvel são submetidos ao

poder do sagrado (DURKHEIM, 2003), impondo uma nova dinâmica espacial, bem como as atividades comerciais e o cotidiano do aparecidense.

A Festa da Padroeira ainda reserva dois momentos de devoção e experiência de fé: a missa de encerramento do jubileu dos 300 anos e o Festival da Padroeira (Figura 39), na Tribuna Bento XVI. O Festival da Padroeira reuniu os cantores Daniel, Michel Teló, Chitãozinho e Xororó, Alcione, Paula Fernandes, Renato Teixeira, Elba Ramalho, Preta Gil, Agnaldo Rayol, Joana e Pe. Fábio de Melo, encerrando o tempo de festa. Os artistas são conhecidamente devotos de Nossa Senhora Aparecida e em suas mensagens externou-se a fé, as graças alcançadas e os agradecimentos, como expressara o cerimonialista do evento, o cantor Daniel: “O que eu levo é força para seguir em frente e volto com a fé renovada e restaurada. Sou um romeiro privilegiado”. Todos os artistas que se apresentaram testemunharam algum agradecimento e provas de fé. A Santa é democrática e atende a todos que nela buscam o conforto espiritual, da celebridade musical ao romeiro.

No Festival da Padroeira, há espaço também para crítica como na fala do Padre Fábio de Melo, que ao puxar a Ave-Maria, declara: “Merecemos um país melhor, nós pagamos altíssimo por um país melhor, nós queremos que Brasília nos governe com justiça”, as dimensões políticas e religiosas se encontram no espaço sagrado, no tempo de festa. Ao longo de todo o Jubileu dos 300 anos, os sermões, discursos e diálogos com os devotos tiveram a preocupação com o Brasil, a corrupção e o momento de crise vieram à tona. Em tempos de crise há o recrudescimento religioso.

Figura 39 – Festival da Padroeira: Padre Fábio de Melo



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional. Foto: Thiago Leon (2017)

O Festival da Padroeira e toda estrutura estabelecida para esse grande evento tem como propósito, como afirma o Santuário Nacional, a evangelização e proporcionar aos devotos as mais variadas sensações e sentimentos, de maneira que a fé e o sagrado sejam alcançados por meio de experiências sensoriais. Há ainda nessa intenção e aporte por meio do megaevento musical, interpreta-se a prática de expansão da fé por meio dos meios de comunicação e o desenvolvimento do turismo religioso, consolidando a cidade-santuário como um complexo turístico diversificado e com atividades turísticas religiosas durante o ano todo. Uma cidade-santuário e templo de fé do catolicismo popular e um espaço religioso do turismo. É sobre a ótica do turismo que o capítulo III versará, ao procurar compreender as diversas diferenciações conceituais para o turismo religioso na cidade-santuário.



### 3 ESPAÇO E TEMPO DO TURISMO RELIGIOSO

A construção deste capítulo visa contribuir para o entendimento e interpretação do desenvolvimento do Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional e adjacências, por essas compreende-se o Morro do Cruzeiro, a Cidade do Romeiro e o Caminho do Rosário. A proposta ensejada é quanto a diferenciação do perfil e conceitos de turista, turismo religioso, devotos, peregrinos e romeiros, bem como correlacioná-los com as formas simbólicas espaciais religiosas e comerciais que compõem a cidade-santuário de Aparecida.

#### 3.1 O turismo e o turismo religioso

O turismo é uma atividade econômica que promove uma organização e reorganização do espaço pela relação direta e indireta dos fluxos, os deslocamentos. Ele é entendido como um ato/ação quando um indivíduo se põe em deslocamento de forma livre e espontânea, é o deslocamento que se dá fora de seu domicílio de origem, ela é uma atividade humana e social (KNAFFOU, 1996; ALVES JUNIOR, 2003). O turismo “em sua essência e natureza primeira se compõe dos movimentos e das paradas dos turistas pelo espaço” (FRATUCCI, 2014, p. 45), que, ao parar, apropria-se do espaço, em muitos casos, criado para tal funcionalidade. De acordo com Alves Junior (2003, p. 26), “esta ação deve ter um período mínimo de vinte quatro horas, com pernoite”. No entanto, essa definição não abarca todos os entendimentos, uma vez que o ato de viajar está principalmente pautado na motivação, no tempo livre, no lazer e no conhecimento, que podem ocorrer com menor tempo de duração e não necessariamente com pernoite. Nesse sentido, o turismo envolve o tempo de lazer e segundo Pérez (2009, p. 14), é

[...] fundamentalmente, um tempo de consumo. A partir desta perspectiva teórica, o turismo é um sistema de produção e consumo de tempo de lazer, socialmente conotado de signos e atributos sociais. O turismo é uma produção e consumo de bens simbólicos com significações sociais. Fazer turismo é uma expressão das identidades sociais dos seus intervenientes.

Essa visão também é compreendida pelo sociólogo John Urry (1990), para o qual o turismo é o consumo de bens e serviços que não necessariamente sejam necessários, mas que geram no turista sensações agradáveis e experienciais que fujam das condições de trabalho na

sociedade moderna e não uma busca por uma autenticidade do indivíduo. Assim, conforme destaca Pérez (2009, p. 112), “fazer turismo é uma forma de afirmar que somos modernos e de confirmar o nosso estatuto social, tal como ter um bom carro ou uma casa bonita”.

O turista procura recuperar suas energias para retornar ao seu ponto inicial, a vida cotidiana e o continuar do trabalho, vendendo sua força de trabalho. Ao viajar, ele consome as diversas atividades produzidas para o seu deleite e ao final da sua viagem, tão pouco chega na sua morada, no seu trabalho, já quer outra vez partilhar do prazer de viajar (FRATUCCI, 2008). Dessa maneira, estabelece-se um eterno ciclo vicioso específico de nossa sociedade pós-moderna e que é massificado no discurso e na idealização do ato de viajar como fuga da realidade.

O turista é o agente responsável pelo fenômeno turístico e de acordo com Fratucci (2008, p. 81), é também “de todo o jogo de relações complementares, concorrentes e antagônicas que constituem a cadeia econômica que surge para atender as suas necessidades durante os seus deslocamentos temporários”, os hotéis, os restaurantes, o comércio, a segurança, os transportes e os atrativos turísticos destinados ao grupo social.

Outro ponto que se destaca é que a prática do turismo está inserida nas relações capitalistas como uma atividade econômica, muito distante de uma essência e de uma busca por uma existencialidade e de conhecimento do indivíduo. O turismo impõe sua lógica de organização do espaço às lógicas do lazer (CRUZ, 2000). Hoje, é uma atividade incorporada ao sistema capitalista que visa, principalmente, ao uso do tempo livre em seu sentido laboral (GAMA; SANTOS, 2008). Assim, o indivíduo após sua carga de trabalho procura ocupar seu tempo livre com uma atividade que o remeta ao “descanso e a necessidade de se recuperar para voltar ao ambiente do trabalho”, isto é, a sua rotina diária (ALVES JUNIOR, 2003, p. 24).

Ressalta-se que o turismo como conceito é um fenômeno complexo, ele é mutável e como argumenta Banducci e Barreto (2001, p. 23), “[...] opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias sendo difícil de apreendê-lo, em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou de uma única ciência.” Dessa maneira, buscamos clarificar nosso escopo tendo como inteligibilidade as transformações ocorridas na cidade-santuário no que tange aos aportes turísticos e religiosos. Devemos ainda compreender que o conceito de turismo abarca duas vertentes (DIAS; ISAYAMA, 2014): o sistema econômico proveniente de grupos de empresas privadas ou públicas na oferta de serviços e produtos turísticos e; como uma prática sociocultural que transforma o visitante e o local, reciprocamente e, ao mesmo tempo, o espaço em questão.

É dentro da perspectiva lançada que compete introduzir acerca da ideia de turismo religioso como um ato de viajar, seja a lazer e com uma característica específica, a do fator motivacional religioso. Segundo Steil (2003), o turismo religioso consiste na mudança de sentido do sagrado e de sua estruturação para aspectos da vida cotidiana, para os artífices mundanos e consumistas. Para Steil (1999, p. 416), os termos turismo e peregrinação estão interligados e fazem “surgir no campo da religião uma estrutura turística de significados e valores que acaba [abarcando], mesmo que inconscientemente, a tradição peregrínica, produzindo um outro evento, que poderíamos chamar de turismo religioso”.

O autor (1999, p. 4) fala para diferenciarmos peregrino-turista ou turista-religiosos “[...] devemos buscar nas estruturas de significados, a que cada um está referido e aciona ao participar do evento, o critério possível de classificação”. Eles se diferenciam dos peregrinos tradicionais não somente pela motivação que os fazem deslocar-se para os locais de peregrinação, mas, [...] sobretudo pelas estruturas de significados dentro das quais inserem sua experiência” (1999, p. 4).

Ainda não elucidando aos termos acima, o turismo religioso no seu cerne como atividade turística é relativamente recente, conforme analisa Santos (2006). O diferencial no turismo tradicional para o religioso é a procura do imaterial e do simbólico, mas com um sentido mais claro que é o voltado para hábitos de consumo dos mais variados. Por turismo religioso, referencia-se também por Arminda Souza e Marcos Corrêa (2000), como o turismo motivado pela cultura religiosa, cuja característica principal é a ida a locais que possuam conotação fortemente religiosa, ou ainda o conjunto de atividades que expressam sentimentos místicos ou suscitam fé. O turismo religioso para Santos (2006, p. 293) é o deslocamento de maneira voluntária, temporária e não remunerada, “religiosamente motivada, combinada com motivações de outro tipo, que tem por destino um lugar religioso (de âmbito local, regional, nacional e internacional), mas que não é, em si mesma, uma prática religiosa”.

O turista religioso tem como anseio uma busca pelo lazer e prazeres de uma viagem, todavia, sem desvincular-se de sua fé, que não é necessariamente seu motivo maior ao se pôr a viajar (ALVES JUNIOR, 2003). Diferentemente do turista religioso e erroneamente vinculado a esta expressão, está o peregrino e romeiro, duas outras formas que buscam a satisfação espiritual, são igualmente viajantes, mas que possuem um objetivo básico, a procura do sagrado.

Abumanssur (2003, p. 58) afirma “nem todo o turismo é uma forma de religião, nem toda a peregrinação é uma forma de turismo”. Logo, tem-se em Aparecida a concepção na qual “o turismo e religião convergem num mesmo evento, [assim] temos aí um objeto

fecundo de oportunidades de compreensão do fenômeno religioso” (ABUMANSSUR, 2003, p. 58). Embora apresentado os termos e conceitos, outra percepção e construção epistemológica julgamos coerente realizarmos, o entendimento do turismo religioso: o romeiro e o peregrino.

### 3.2 O peregrino e o romeiro e a não similaridade com o turista religioso

O peregrino é aquele que caminha e viaja para fora de sua casa, por terras desconhecidas, terras estrangeiras na busca pelo desconhecido e disposto a manter o contato com forças sagradas (PARK, 2004; SOUZA, 2018). A peregrinação remonta a antiguidade, embora não se saiba ao certo quando teve início, há registros no Egito antigo, na Babilônia, na Europa pré-cristã e outros (TURNER, 2008). As peregrinações, de acordo com Santos (2010, p. 147), constituem um patrimônio cultural de muitos povos, é uma forma típica de sua expressão religiosa. É uma das formas mais antigas de migração humana, “[...] estimulada por motivos não estritamente econômicos [...] e que se tornou uma realidade de relevância e impacto ainda mais notáveis com o surgimento dos grandes sistemas de crença”.

A peregrinação cristã, “que data do século V, também é conhecida como romaria, pelo fato de consistir inicialmente na ida de devotos de suas localidades para Roma, visitar o túmulo de Pedro” (ROSENDAHL, 1996, p. 56). Enquanto as peregrinações nos primórdios do Catolicismo inauguram o costume de se pôr a deslocar-se para pedir ou agradecer por uma graça alcançada, assim, o “Romeiro pode ser sinônimo de peregrino – aquele que se sente estrangeiro, que está de passagem, em busca de um bem maior, superior à sua condição” (SANTOS, 2007, p. 61).

Definição semelhante é encontrada em Reesink e Reesink (2007), para o qual a peregrinação pode ser compreendida como o ato de busca, deslocamento, ou saída temporária de um lugar a outro, nesse caso específico, para o local sagrado do santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Em Alves Junior (2003, p. 38), também se compreende essa definição, em que o peregrino e o romeiro, partilham da mesma atribuição de um turista, ou seja, ato de viajar e fazer uma jornada, parte-se de um ponto específico e retorna-se a um ponto de origem, e o objetivo básico dessa caminhada é a busca ao sagrado e o partilhar de práticas típicas de uma peregrinação, como o sacrifício. O visitante vai em busca do novo, da

arte, da história do lugar, também encontrado nas formas simbólicas espaciais e religiosas na cidade-santuário de Aparecida.

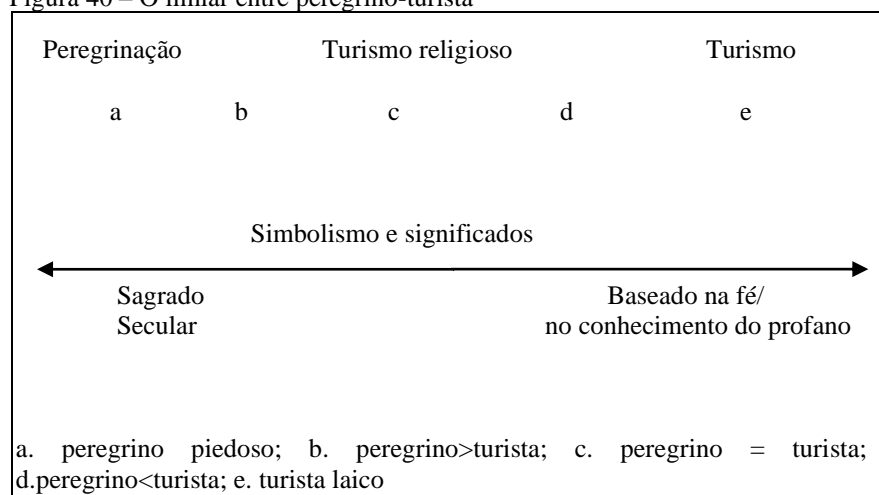
Compreendemos que o peregrino ou romeiro podem ser concebidos como sinônimos, todavia, não podemos reduzir ambos a uma especificação e dotá-la como clarificada e imóvel, ambos buscam o sagrado, a fé, mas não consideramos que exista um tipo de romeiro ou peregrino *sui generis*, imerso na sua motivação, este *homos religiosus* eliadeano não é posto de maneira definitiva e concreta sem movimento, ele é dinâmico e sua definição também será.

A definição do conceito de peregrino é polissêmica e de acordo com Carneiro (2013, p. 136),

[...] as peregrinações são descritas como experiências que podem proporcionar aos peregrinos “conhecimento de si mesmos”, “introspecção”, “despojamento material” em uma dimensão mais subjetiva. Mas também pode favorecer o contato dos peregrinos com “paisagens”, com uma “natureza exuberante” e com “belos quadros da natureza”. Além disso, valoriza-se a possibilidade de conhecerem, durante o percurso, “patrimônios nacionais”, “sítios históricos e arqueológicos”, ruínas etc. Ao mesmo tempo aponta-se uma dimensão da experiência de se realizar esses caminhos que pode significar também uma peregrinação “mística” ou “religiosa”, por meio da qual podemos ter “aproximação de Deus”, contato com o “Criador” e “fervor religioso”. Seguindo ainda a polissemia dos sentidos, a experiência de peregrinação pode conjugar também lazer, esporte e ecologia, sendo que esses “atributos” ou “atrativos” não são excludentes, mas combinam-se de acordo com a interpretação muitas vezes construída pelos idealizadores destas rotas, servindo de suporte para suas distintas imagens e representações.

As ideias acima podem ser completadas, o peregrino e o turista religioso podem ser entendidos como similares, de acordo com Smith (1992), em compartilhar de três elementos operativos: o rendimento para a deslocação, tempo de lazer e a aprovação social da viagem, e até mesmo se utilizam das mesmas infraestruturas encontradas no deslocamento como nos pontos e locais turísticos. Desse modo, a diferenciação se dá no particular, nas relações motivacionais, que fazem os indivíduos ou grupos se deslocarem de seus locais habituais, teoricamente, suas zonas de conforto. Exemplificação elucidativa pode ser vista na Figura 40:

Figura 40 – O limiar entre peregrino-turista



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021, e adaptado de Santos (2006, p. 8)

Como aponta Smith (1992) e Santos (2006), este esquema demonstra a linha tênue que os autores destacaram na diferenciação entre peregrino e turista. Embora haja uma linha tênue na diferenciação, ambos partilham de uma característica muito significativa e comum, uma maior fidelidade ao destino de acolhimento se comparada ao turista, priorizam o elemento central que é a devoção, baseando-se em crenças e esperanças individuais. Há nesse trânsito uma variedade de motivações, desejos, formas de recreações e intencionalidades na determinação de um conceito que pode ser considerado de característica transitória, mas particular, no que se refere ao indivíduo.

Considera-se essa transitoriedade nos sentidos e significados também nos referidos grupos, conforme aponta Steil (1996, p. 58), essa própria variedade e trânsito dos discursos podem ser vivenciados nos espaços santuários brasileiros, onde

[...]Manifesta-se aí, na variedade de discursos, muitas vezes contraditórios e competitivos, anunciados por romeiros, moradores e dirigentes, uma grande *polifonia*, onde não apenas as visões e ditos de cada uma destas categorias, mas também os mútuos *desentendimentos* entre elas e as formas como cada uma interpreta as ações e os motivos das outras, fazem parte do culto.

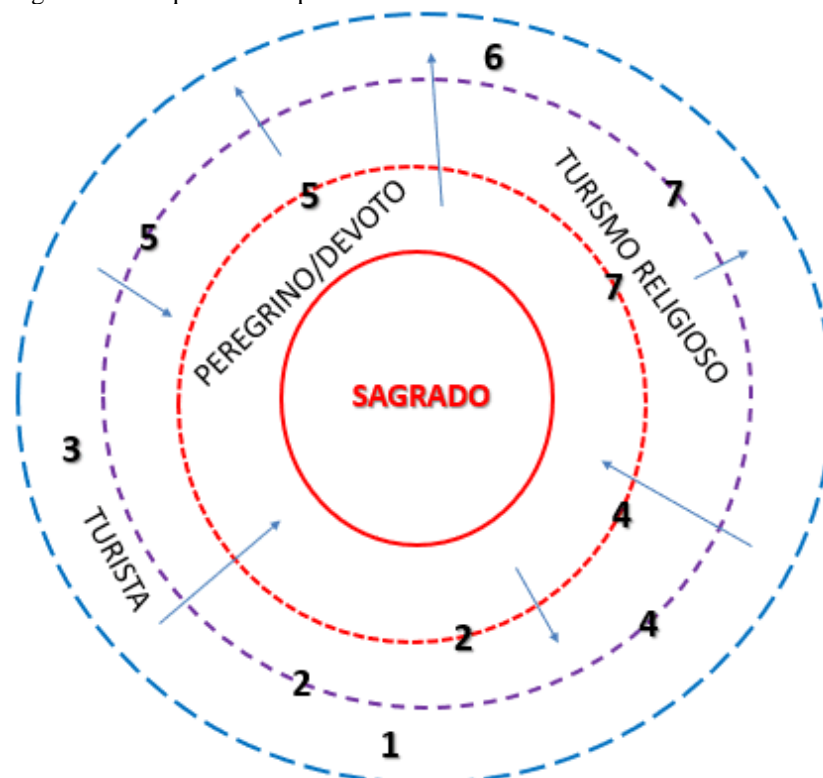
Na hierópolis de Aparecida, o surgimento de diversas construções pela Igreja Católica que transitam do espaço sagrado ao espaço profano, do peregrino religioso ao turista secular, podendo estar circunscrito nesta transitoriedade de sentidos e significados.

Os empreendimentos e as obras do Santuário possuem uma variedade de signos e símbolos que são relacionados ao religioso, elas diferenciam-se no trânsito do peregrino/devoto ao turista. Embora, possamos notar algumas diferenciações e direcionamento relativos às categorias analisadas, que serão retratadas nos capítulos subsequentes. De certa maneira, a linearidade se dá na própria construção do indivíduo como

pertencente ao grupo atinente, nesse sentido, as formas e suas especificidades não engessam as estruturas exploradas quanto às categorias. Todavia, por mais que elas possam estar atribuídas aos grupos, bem como suas tessituras, a única marca sólida em toda a estrutura é o sagrado e sua espacialidade que está refletida na produção do espaço, mais especificamente, dos empreendimentos turísticos.

Na Figura 41, o sagrado é o centro do cosmo, a força de atração no espaço religioso em Aparecida, ao mesmo tempo, as formas/empreendimentos estão circunscritas na dinâmica que o sagrado impõe e condiciona, elas podem estar identificadas – seja por uma característica, um símbolo, uma composição, uma motivação, uma atração – a um grupo específico, mas, permitem e, assim foram idealizadas, proporcionar diferentes motivações e entendimentos, por conseguinte, sua delimitação não é rígida, o que permite o trânsito e linearidade das categorias no espaço da cidade-santuário. O devoto ao sair do sagrado pode se transformar em turista ou turista religioso, vice-versa, há uma polifonia de sentidos e representações, os componentes não são rígidos aos atrativos turísticos e tampouco o são aos próprios grupos, mas, são identificáveis nos atos e práticas de devoções, na maneira como a motivação religiosa delinea o indivíduo.

Figura 41 – Esquema da espacialidade das formas na cidade-santuário



Legenda: 1 – Centro de Apoio ao Romeiro (CAR); 2 – Morro do Presépio; 3 – Bondinho Aéreo; 4 – Morro do Cruzeiro; 5 – Memorial da Devoção: Nossa Senhora Aparecida; 6 – Cidade do Romeiro; 7 – Caminho do Rosário.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

A estruturação do espaço atual está condicionada as transformações ocorridas no espaço sagrado e no espaço profano, nas mudanças para acolher a devoção e sua demanda – dos peregrinos aos turistas – e alicerçam a espacialidade e a territorialidade. Deste modo, buscamos no próximo tópico apresentar a historicidade, sua relação com a transformação para o atendimento a demanda e deficiência municipal e, principalmente, apresentamos o Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional.

### **3.3 O espaço sagrado e o espaço profano: do peregrino ao turista, o Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional**

Esta etapa atentou-se em apresentar o espaço sagrado e o espaço profano, embora já retratado no primeiro capítulo, que simbolizam e representam um caráter expansionista da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, de fomento do turismo religioso. De todo modo, a ideia que se enseja é demonstrar o caráter transitório do peregrino e turista e as práticas adotadas pela Igreja Católica em Aparecida para agregar recursos turísticos a cidade-santuário. E, fundamentalmente, discorrer acerca dos atrativos turísticos incluídos no Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional.

O primeiro espaço para fé solidificado no espaço de Aparecida foi a construção da primeira capela em 1745, no Morro dos Coqueiros pelo padre Vilella, vigário da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, isso sem considerar o espaço sagrado primário, o espaço da manifestação sagrada (MOURA, 2013). Os relatos históricos dão conta de que com o aumento significativo no número de romeiros e de outros visitantes, tornou-se necessária a reformulação e ampliação da capela. Como destacado na primeira parte da tese, a reforma no espaço sagrado secundário se dá pela intervenção de Dom Carmelo em 1878, que ficou à cargo da realização do projeto, da parte orçamentária e do trabalho como empreiteiro. No entanto, as diversas desavenças com os governantes da Vila declinaram as atividades, os recursos e a agilidade na reformulação que só seria concluída e inaugurada em 24 de julho de 1888 (MOURA, 2013; ALVAREZ, 2014).

A construção do espaço sagrado, a atual Igreja Velha, marca a solidificação de uma estrutura inicialmente voltada para o ato devocional, dos romeiros e peregrinos, porém a própria expansão deste culto proporcionará o desenvolvimento de outras atividades voltadas



ao atendimento dos devotos. Em meados de 1888, com pousadas e outros setores dirigidos ao acolhimento, o que apontava para a vocação turístico-religiosa.

A crescente propagação do rito e das romarias demonstravam uma necessidade latente de expansão e construção de um novo espaço para o sagrado, como anteriormente descrito no Capítulo I, a Basílica Nova. A construção desse novo espaço e às atividades nas cidades que surgiram da função religiosa pressupõe discorrer da organização espacial e o papel do agente modelador (romeiro, peregrino, turista religioso e turista) (ROSENDAHL, 1996). Esta última ocorre devido ao fluxo e afluxo das romarias e dos peregrinos para as cidades-santuários, que pode variar de local para local, com fluxos o ano todo e dias esporádicos de fluxo mais intenso. Esse movimento, por sua vez, condiciona uma organização espacial do entorno que reflete na produção do espaço voltada para comportar o fluxo de fiéis. Assim, as cidades-santuários precisam se organizar espacialmente para o acolhimento dessa demanda, com a disponibilização de alojamentos, estacionamentos para veículos e de locais para alimentação.

A convergência dos peregrinos ocorre aos centros de peregrinação pelos milagres ocorridos e relatados no santuário, os milagres de Nossa Senhora trouxeram e impulsionaram a devoção. Nos dias atuais, a atração e a organização do espaço se dão também pela prática do turismo, nesse sentido, o Santuário Nacional e a Igreja Católica, compreendendo a secularização da sociedade, têm investido na restauração de patrimônios e da refuncionalização dos espaços para o turismo religioso. A organização espacial da cidade-santuário ocorre em um processo que tem a função de atender as atividades do agente modelador – o peregrino – mas também da atuação dos demais agentes sociais, que comercializam os bens simbólicos e, ao mesmo tempo, proporcionam ao devoto um espaço sagrado à contemplação de sua fé, numa nova forma espacial e funcionalidade. A transformação então ocorrerá pelos fluxos permanentes e periódicos dos peregrinos. Em Aparecida, além do fluxo permanente, essa transformação advém, principalmente, da estratégia da Igreja Católica, desde a construção dos primeiros templos e, agora, com a idealização dos empreendimentos.

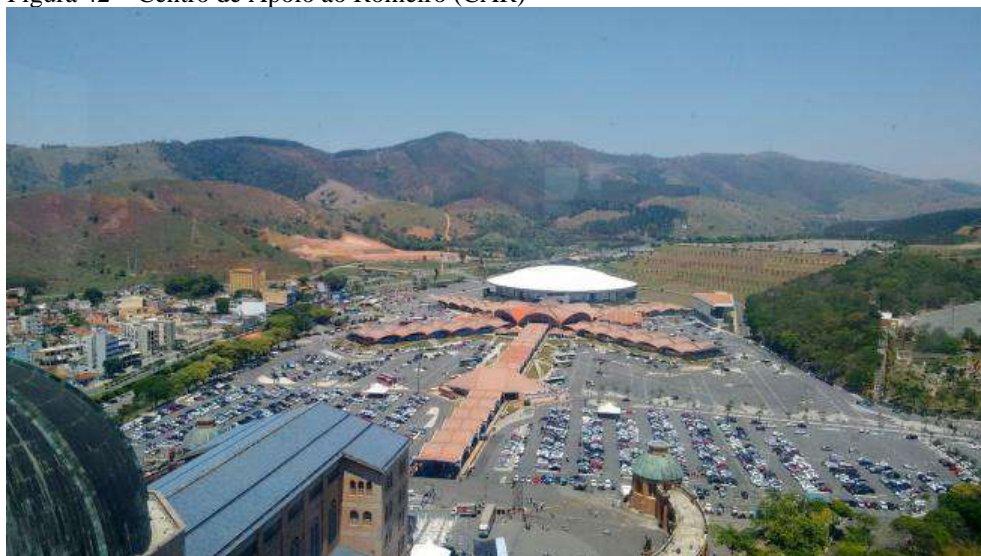
A organização espacial apresentava sinais da incongruência da capital profana em atender à crescente expansão que o culto à Santa desencadeou, como a ausência de infraestrutura no aporte ao agente modelador; ruas desmanteladas; falta de transporte; energia elétrica e serviços diversos (OLIVEIRA, 2001). Por conseguinte, a monumentalidade do Santuário Nacional sinalizava para uma disparidade do município e do rito que se desenvolvia em seus limites. A cidade se tornara limitada em sua função urbana, insustentável para tal

grandiosidade que se instalava. É essa insustentabilidade que fortalece a necessidade de criação de um espaço da Igreja funcional,

No início, o contraste justificava-se no simbolismo espiritual de que a padroeira da maior nação católica deveria ser acolhida na maior casa eclesial. Décadas depois, percebeu-se que esta casa seria ainda maior se multiplicasse a funcionalidade de suas dependências, ficando autônoma do povoado que ocupava seu entorno (OLIVEIRA, 2001, p. 80).

É a partir dessa preocupação e da necessidade de agregar funcionalidade aos espaços da Igreja, portanto, que surge o Complexo Turístico Religioso, mais especificamente com a construção do Centro de Apoio ao Romeiro (CAR) (Figura 42), que abarcará os variados perfis de visitantes e irá compor uma estratégia ampla de evangelização por meio do atrativo turístico. O primeiro dele, nessa concepção de turismo religioso e comércio, o CAR. Não consideramos nesta etapa o Morro do Cruzeiro por ter sido implementado muito antes e a construção do CAR demarcar toda uma nova dinâmica espacial da instituição na cidade-santuário. A partir da sua construção temos uma série de novos empreendimentos e refuncionalização de objetos, como o próprio Morro do Cruzeiro que ganhará uma nova roupagem. Esta etapa de discussão será aprofundada no capítulo IV.

Figura 42 – Centro de Apoio ao Romeiro (CAR)



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Esse espaço de consumo, inaugurado em 30 de maio de 1998, insere a igreja no circuito mercadológico, com o monopólio do espaço demarcado. Esse espaço, que tem como diretriz principal “acolher com muito carinho os romeiros que visitam a Casa da Mãe

Aparecida<sup>33</sup>”, é formado por lojas de artigos religiosos, eletrônicos e as mais variadas quinquilharias, além de contar com praça de alimentação, posto médico, berçário e farmácia. Tem-se, nesse momento, a maior intencionalidade em adequar o espaço sagrado para além da devoção e intentar para uma forma caracterizada mais especificamente como um espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, direcionado ao turismo religioso.

Esse momento representa, uma particularidade nas cidades-santuários modernas, uma nova forma de religiosidade e de comercialização dos bens simbólicos relacionados ao espaço sagrado, onde o ato de devoção e de exercer a fé na sociedade moderna tem estado em concordância com o ato individualista do homem moderno (BARBOSA, 2016).

O turismo religioso é uma maneira de turismo, ou seja, há um sentido comercial nele, mas nesses espaços, em Aparecida, o turista está em busca de uma componente espiritual. Nesse novo espaço, então, esse novo romeiro é um turista religioso que desembarca não apenas para a reflexão e busca de bênçãos do sagrado, mas para a contemplação do espaço mercadoria e de reprodução do capital. Compreende-se que o “novo Santuário – Basílica Nova” não é apenas um espaço sagrado teofânico, mas um espaço de atrativos diversos, em que a religiosidade permeia os artífices do consumo e da sociedade mundana. Como ilustra Rodrigues (2017), em tempos de hipermodernidade, outras práticas de evangelizações devem ser empregadas e os referidos empreendimentos buscam esse processo.

As análises nesta etapa se restringem a ações no espaço da Igreja, no Santuário Nacional, há também outros empreendimentos como a “Cidade do Romeiro”, localizado fora do território religioso do Santuário Nacional de Aparecida. A Cidade do Romeiro (Figura 43) é uma materialidade no espaço urbano projetada pelo Santuário Nacional para acolhimento dos romeiros, peregrinos, turistas religiosos e turistas, mas também como um centro turístico-religioso e comercial.

---

<sup>33</sup> CAR – 15 anos de acolhimento. Disponível em: < <http://www.a12.com/santuاريو/noticias/centro-de-apoio-ao-romeiro-15-anos-de-acolhimento-comodidade-e-lazer-aos-visitantes>>

Figura 43 – Cidade do Romeiro vista aérea.



Fonte: Santuário Nacional (2014)

Esse produto turístico, a aproximadamente 700 metros do Santuário Nacional de Aparecida, foi inaugurado no dia 15 de dezembro de 2012 e lançado com investimento parcial de 60 milhões de reais provenientes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)<sup>34</sup>. O empreendimento possui dois hotéis, o Hotel Rainha do Brasil (Figura 44) e Hotel San Diego Express, bem como uma Capela Nossa Senhora da Esperança, o Centro de Reuniões Santo Afonso de Ligório, o Centro Comercial, restaurantes, área de convívio, e uma ampla área verde com lagos e parques, distribuídos em 177 mil m<sup>2</sup>. O espaço é dotado de formas simbólicas espaciais e religiosas, como o Caminho do Rosário, inaugurado oficialmente no dia 14 de outubro de 2018.

---

<sup>34</sup>Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,aparecida-investe-na-cidade-do-romeiro-imp-,580818>>. Acesso em 04 de dez. 2017.

Figura 44 – Cidade do Romeiro



Legenda: 1ª foto - A entrada da Cidade do Romeiro; 2ª foto - Basilístico em homenagem a clérigos; 3ª e 4ª fotos acessos ao Hotel Rainha do Brasil.

Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2018).

A inauguração precedeu de uma missa na Tribuna Bento XVI e uma procissão que seguiu em direção ao empreendimento. Nesse trajeto, a imagem da Santa, o sagrado, delineou o espaço profano diretamente vinculado e o espraiou, esse ritual de construção modifica o tempo cotidiano e as suas vivências. A inauguração também marca um outro ato simbólico, a bênção da imagem. Naquele momento específico o cotidiano modificou-se, todavia, com o término da procissão, as bênçãos de Nossa Senhora e o seu retorno ao templo, o espaço profano diretamente vinculado retorna a sua caracterização específica e é delineado por outras ações, como a realização do show de inauguração com a dupla sertaneja Gian e Giovani.

Em sua descrição, no site A12, a Cidade do Romeiro foi idealizada com o propósito de receber peregrinos e religiosos, no entanto, como dissertado nesta etapa da pesquisa, há uma variedade de perfis que se insere nesse empreendimento e compreende-se que esse espaço possui uma característica identificável com o lazer e consumo, uma estruturação voltada para os aspectos da vida cotidiana, tendo em vista que encontra-se lojas de bens simbólicos religiosos, alimentação, Pedalinho dos Devotos Mirins e Trem do Devoto<sup>35</sup>. As obras foram realizadas pelos parceiros Bontur, o mesmo responsável pelo Bondinho Aéreo, e a Duarte

---

<sup>35</sup> O Pedalinho dos Devotos Mirins e o Trem do Devoto foram inaugurados no dia 5 de julho de 2019.

Empreendimentos. Segundo o ecônomo do Santuário Nacional, padre Luiz Cláudio Alves de Macedo, o projeto procura dar mais vida e opções de turismo religioso,

Quando nós iniciamos o projeto Cidade do Romeiro, por ocasião da inauguração do Hotel Rainha do Brasil, nos quisemos que a Cidade do Romeiro fosse uma extensão do Santuário Nacional, uma extensão de acolhida, de serviço, de estrutura e também de oração. Então começamos a Cidade do Romeiro, o Hotel Rainha do Brasil, o Caminho do Rosário, o Trem do Devoto e o Pedalinho e tudo isso agora unido ao Porto Itaguaçu, compõem um itinerário interessante para **dar mais vida e opções no turismo religioso e no ato devocional e de vivência de fé do romeiro de Nossa Senhora**<sup>36</sup> (grifo nosso).

Há também uma preocupação da Igreja Católica ao criar esses empreendimentos para atender um público exigente, de demanda elevada, isso se conclui pelo padrão dos serviços e pelos preços cobrados nos estabelecimentos hoteleiros da Cidade do Romeiro.

A Igreja tem, ao longo do surgimento de Aparecida, demarcado sua presença no espaço das mais diversas formas, seja na instituição do rito sagrado e nas construções, como no presente, seja no estabelecimento de novos espaços comerciais. Dessa ação na historicidade do município, observa-se que, a partir do desenvolvimento de outros produtos turísticos ligados à exploração do sagrado, a Igreja Católica tem expandido seu alcance e sua inserção direta no processo de produção e, de forma indireta, na reprodução do espaço urbano, além de, concomitantemente, aumentar a relação de dependência da municipalidade para com esse agente social.

Outros pontos-turísticos encontrados na cidade-santuário e analisados são: o Morro do Cruzeiro e o Bondinho Aéreo (Figura 45), esses representam uma inserção direta da Igreja Católica na produção e na reprodução do espaço urbano<sup>37</sup>. O Morro do Cruzeiro, antes de ser identificado como esse ponto turístico-religioso na cidade de Aparecida, era almejado pelos redentoristas como um importante ponto para a construção do novo Santuário, em meados de 1939 (BRUSTOLONI, 1980).

O Bondinho Aéreo, interliga o Santuário Nacional ao Morro do Cruzeiro, no bairro Santa Luzia. Projetado pela empresa Bontur S/A, foi inaugurado oficialmente em 25 de junho de 2014, custou aproximadamente 19 milhões de reais, na época, aos cofres da Igreja. Para o administrador do Santuário, o padre Macedo: O Bondinho Aéreo vai ao encontro da “demanda do público que visita Aparecida, com uma crescente exigência dos serviços oferecidos. O Santuário tem buscado atender essas novas exigências e, ao mesmo tempo,

---

<sup>36</sup> Novos atrativos na Cidade do Romeiro. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/cidade-do-romeiro-conta-com-novos-atrativos-para-a-acolhida-dos-devotos>>. Acesso em 4 de jul. 2020.

<sup>37</sup> Barbosa (2016).

estimular iniciativas na cidade”<sup>38</sup>. De fato, essas materializações no espaço urbano de Aparecida proporcionam uma remodelação e, de certo modo, uma valorização do lugar, carente de atrativos de lazer ligados ao turismo-religioso em sua maneira mais estruturada. Por atrativos turísticos compreende-se “todo elemento material que tem a capacidade própria ou em combinação com outros, para atrair visitantes” (FERRI; RUSCHMANN, 2000, p. 10-11).

Figura 45 – Entrada do Bondinho Aéreo



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017)

Para o representante da Igreja, esse empreendimento trará benefícios à cidade, pois “temos muito, ainda, aquele turista de um dia, que cumpre suas obrigações religiosas e volta, imediatamente, para sua cidade de origem. Acreditamos que o bondinho aéreo será mais uma possibilidade para que aqueles que vêm a Aparecida tenham motivos para permanecer na cidade”<sup>39</sup>. As declarações dos representantes do Santuário Nacional acerca da construção desse e de outros empreendimentos no espaço urbano em Aparecida têm por critério a especialização do turismo-religioso. Ao adicionar novas demandas para esse novo devoto é desejo de fixar o turista por maior tempo na cidade. Trata-se de um Complexo Turístico Religioso por agregar condições de atrair, a partir do lazer, tanto o peregrino piedoso como o turista secular.

O Complexo Religioso possui também o Morro do Presépio (Figura 46), inaugurado em dezembro de 2006, que possui 7.345 metros de comprimento, com peças em tamanho natural e feitas de cimento, corresponde a mais uma forma espacial criada pelo Santuário Nacional relacionada ao turismo religioso e evangelização por meio das obras, segundo a instituição. O acesso se dá por um pórtico de nome Portão dos Pastores, espaço onde podemos

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو-nacional/noticias/detalhes/bondinhos-aereos-colorem-o-ceu-de-aparecida>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو-nacional/noticias/detalhes/bondinhos-aereos-colorem-o-ceu-de-aparecida>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

encontrar esculturas e passagens bíblicas. Destaca-se que, além de seu caráter evangelizador, os visitantes e devotos encontram nesse lugar um ponto especial para tirarem fotos de recordação de sua visita ao Santuário Nacional e da Serra da Mantiqueira.

Figura 46 – Morro do Presépio



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2018)

Para as comemorações dos 300 anos do achado da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, comemorado na semana da padroeira, 1 a 12 de outubro de 2017, o Santuário Nacional inaugurou diversas obras que simbolizam este momento, bem como a promoção de atividades e recursos turísticos que agreguem ao turismo religioso, como o Memorial da Devção: Nossa Senhora Aparecida (Figura 47), inaugurado em 12 de fevereiro de 2016. Nele, o visitante encontrará o Cine Padroeira, o Museu de Cera com mais de 60 personificações, o Cantinho dos Devotos Mirins, espaço para exposições e uma loja de artigos religiosos.



Figura 47 – Memorial da Devoção: Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2017).

No Complexo Religioso, o Memorial da Devoção tem como atributos e intenções aliar multimídia simbólica numa experiência sensorial. Essa definição pode ser vista na síntese apresentada em seu site<sup>40</sup>:

Nossas atrações unem arte e efeitos multimídia, para levar o visitante a uma experiência sensorial única pela história da Padroeira do Brasil, desde seu encontro nas águas do Rio Paraíba do Sul até os fatos mais recentes dessa trajetória, passando pela construção da Basílica Nacional.

O Memorial da Devoção pode ser interpretado, como outros empreendimentos, no espaço sagrado e no espaço profano, tais como: a) o Bondinho aéreo, b) o Morro do Presépio, c) o CAR, d) a Cidade do Romeiro e e) o Caminho do Rosário. Representam intenções e posicionamentos que como defendido pela instituição possuem como proposição a ação de “acolher bem também é evangelizar” - “Surpreender e proporcionar momentos inesquecíveis de um jeito único e acolhedor<sup>41</sup>”.

O Caminho do Rosário (Figura 48) foi o último empreendimento produzido pelo Santuário Nacional em Aparecida, teve como contribuição para sua construção a Família Campanha dos Devotos. Localizado entre os bairros do Jardim Paraíba e São Geraldo. Seu início se dá dentro da Cidade do Romeiro, em um trajeto de aproximadamente 1.132 metros. Em missa de inauguração no Santuário Nacional, o celebrante, Dom Orlando Brandes, reitera a participação do devoto na sua construção, “Você que partilhou a construção do Caminho dos Rosário, você está na direção certa do caminho do céu. O Caminho do Rosário é também um caminho bíblico, por isso é caminho do céu.”. No caminho o devoto e turista encontrará

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.memorialdadevcao.com.br/>>. Acesso em: 09 de nov. 2017.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.memorialdadevcao.com.br/>>. Acesso em: 09 de nov. 2017.

um “espaço de oração e lazer”, conforme a página oficial do Santuário Nacional. Ele foi proposto segundo o padre Daniel Antônio da Silva, “basicamente o caminho foi pensado na perspectiva de ter um espaço oracional e devocional para os romeiros. É um novo espaço de oração a partir da meditação dos mistérios do rosário, que estão em forma de cenários”<sup>42</sup>. Nesse trajeto, o devoto terá a aliança entre natureza e religião, um lugar de reflexão às margens do rio Paraíba do Sul.

Figura 48 – Caminho do Rosário: Espaço de oração e lazer



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

Há outras percepções além das relatadas pelos idealizadores. Não se deve apenas atribuir tais intenções e posicionamentos realizados pelo Santuário Nacional aos empreendimentos do Complexo Turístico Religioso, ao tratar o turismo e, nesse caso, o turismo religioso, a análise se pauta neste como um fenômeno espacial que é resultado da ação de diversos agentes sociais (FRATUCCI, 2014). Assim, na busca pelo entendimento deste como uma transformação espacial conduzida por agentes sociais e para uma complexidade de perfis, do turista ao peregrino/romeiro, o próximo tópico tentará contextualizar e compreender a turistificação traduzida no Complexo Turístico Religioso.

### 3.4 O processo de turistificação da cidade-santuário: o Complexo Turístico Religioso

A construção do Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional é um processo de turistificação do espaço e de reprodução do capital. Como trata Nolan e Nolan (1989, p.

---

<sup>42</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2018/noticia/2018/10/02/aparecida-inaugura-caminho-que-liga-a-basilica-ao-porto-itaguacu.ghtml>>. Acesso em: 14 de mai. 2020.

11), alguns santuários funcionam “apenas como lugares de peregrinação, uma maioria serve de múltiplas funcionalidades [...] atraindo visitantes em férias, que procuram uma combinação de recreação e experiência religiosa”. Nesse processo há uma instrumentalização da cultura religiosa pelo turismo, transformando-o num produto mercantil que pode acarretar numa mercantilização da cultura pelo turismo e, ao mesmo tempo, ocasionar problemas positivos e negativos (PÉREZ, 2009).

Os efeitos positivos da mercantilização da cultura religiosa podem ser vistos na qualificação, na *revitalização* e na refuncionalização dos espaços outrora *abandonados*, como exemplo podemos destacar a remodelação do espaço sagrado primário e do Morro do Cruzeiro. Todavia, o excesso da mercantilização da cultura religiosa naquele espaço pode banalizar, torná-la massiva e superficial. E ainda propiciar, em questões urbanas, a segregação espacial, contudo, não nos ateremos a estas condições nesta pesquisa, pois não é nosso tema de pesquisa.

Partindo do pressuposto acima, o Santuário Nacional de Aparecida insere nessa perspectiva de múltiplas funcionalidades, num processo mercantilização da cultura religiosa e de turistificação do espaço. Esta consiste na apropriação de áreas do espaço por diversos agentes sociais e para os seus respectivos interesses (KNAFOU, 1996). De acordo com Cruz (2001; 2007), o processo de turistificação do espaço é um processo de apropriação e uso do espaço pelo e para o turismo, nesse espaço não ocorrem somente mudanças físicas relacionadas ao sistema de objetos, há nessa dinâmica, intervenções no sistema de ações – na qualificação profissional da infraestrutura e na propaganda do atrativo turístico, que fazem parte das ações do agente hegemônico – o Santuário Nacional. Embora quando falamos de processo de turistificação do espaço devemos compreender que “[...] a criação de um novo sistema de objetos é, portanto, acompanhada pela adequação de objetos preexistentes aos novos usos requeridos pelo turismo [...]” (CRUZ, 2007, p. 12). Nesse sentido, temos processo de turistificação do espaço por criação de sistemas objetos novos e refuncionalização de outros preexistentes na cidade-santuário.

Para Knafou (1996) há três fontes possíveis para turistificação dos lugares e espaços: a) os turistas, b) o mercado e c) o planejador. Os primeiros nesta pesquisa são compreendidos como turista, turistas religiosos, peregrino/romeiros. Eles são responsáveis no processo pela sua atividade de deslocamento, de ir ao local na busca das qualidades, necessidades e, principalmente no estudo de caso, por motivos imateriais. Eles atuam em interações diversas, numa relação dialética com todos os outros comerciantes, hoteleiros, turista, turistas religioso, peregrino/romeiros, poder público e outros, logo, os empreendimentos do Santuário Nacional

são correspondências das demandas requeridas pelos devotos e os demais. O segundo, o mercado, analisa-se em duas situações: a) como mercadoria a ser colocada à venda para o consumidor de todos os matizes; como a busca pelo material que pode ser frívolo: roupas, eletrônicos, souvenirs, entre outros – ou o extremamente necessário – os relacionados à alimentação. Há ainda no entendimento deste mercado, mas para lugares com característica religiosa, os colocados à venda e que assumem duas outras percepções: produto com valor para o vendedor e produto com valor simbólico religioso, os artigos religiosos, são os bens simbólicos.

Embora a turistificação do espaço ocorra pela ação de diversos agentes sociais, a terceira fonte apontada em Knafou (1996) é o planejador, ele é responsável pela dimensão espacial e, neste estudo, se faz pela força do agente especialista do sagrado. O Santuário Nacional, que ao apropriar-se de trechos do espaço com seus empreendimentos procura obter o seu controle e das ações de outros agentes sociais. A ação dos agentes sociais se dá de maneira variada, por ora perceptível, outrora não, como com o poder público que normatiza e regula a ocupação do espaço, de modo que as atividades atendam aos interesses locais, definida pela sua especificidade e, ao mesmo tempo, pelo capital. Exemplo dessa correlação poder público local e Santuário Nacional, pode ser observada com a construção da Cidade do Romeiro, onde os hotéis erguidos ultrapassam o limite de edificação do bairro, todavia, a legislação foi apropriada para o interesse do poder econômico e força política da instituição católica<sup>43</sup>. Há também acordos que são concatenados e acordados, ou, são, às vezes, relegados ao usufruto de uma atividade comercial do turismo religioso em áreas que não deveriam estar suplantados, como a apropriação do espaço em áreas de risco, várzeas e outros. Não iremos nos aprofundar.

Na cidade-santuário o processo produtivo do turismo entroniza o espaço como um todo e, principalmente, o próximo ao sagrado. O turismo e as atividades que emergem dele se apropriam dos espaços pela “[...] *existencia o permanencia de ciertos rasgos superestructurales religiosos o culturales* [...]” (NICOLAS, 1989, p. 58). As principais transformações com vista à turistificação são confluentes da especificidade religiosa e, aqui identificadas, se dão nos espaços sob ação do Santuário Nacional. Ao apropriar-se do processo produtivo, o agente social valoriza o destino turístico, fornecendo novas funcionalidades, fixos e fluxos, e os fluxos são incorporados aos agentes sociais em uma dinâmica da turistificação.

---

<sup>43</sup> Tal discussão é melhor delineada em Barbosa (2016).

Devemos elucidar que as alterações não somente desencadeiam valorização do espaço como acarretam situações negativas: o desordenamento urbano, a eliminação de paisagens naturais<sup>44</sup>, a construção de paisagens artificiais e utilização de valores e símbolos do grupo majoritário. Há ainda conflitos internos gerados pelo processo de turistificação do espaço, entre comerciantes e agente social idealizador, comerciantes e público alvo, quando tal ação e opção pelo modelo acarreta por segregar parcela da população que tinha nas proximidades sua atividade comercial<sup>45</sup>.

Seguindo a proposição de Knaffou (1996), identifica-se na cidade-santuário de Aparecida, as três possibilidades de relações entre turismo e território no processo de turistificação do espaço: *território sem turismo*, *turismo sem território* e *território turístico*. A primeira, o *território sem turismo*, são aqueles territórios que ainda não foram apropriados pelo turista, seja por condições infraestruturais, políticas, culturais ou falta de atratividade (KNAFFOU, 1996; FRATUCCI, 2008). Nesse sentido, o agente social ao projetar o Complexo Turístico Religioso com diversas formas simbólicas espaciais e religiosas procura *sanar* uma deficiência histórica da municipalidade, conforme reportado nos capítulos iniciais, quanto a demanda devocional e alimentar o caráter superracional, a fé, com empreendimentos que a contemplam. Todavia, ao produzir a turistificação e a delimitá-la, o Santuário Nacional condiciona uma outra possibilidade, o *turismo sem território*, tendo em vista que sua produção condiciona o devoto e o turista religioso ao espaço delimitado, cria-se um roteiro turístico<sup>46</sup> a ser seguido que se soma ao tempo do sagrado, o da prática devocional. Por consequência, a municipalidade, carente da dinâmica que envolve a vinda do devoto, tem nas suas atratividades (comércios, atrativos locais e outros) uma não vivência, que acaba por atingir, invariavelmente, a comunidade local. Deve-se deixar evidente que tal situação corresponde uma dialética, ela é por si só contraditória, ela se retroalimenta, a municipalidade vive da dinâmica do devoto em todas as condições. A terceira possibilidade é o *território*

---

<sup>44</sup> Na construção do Morro do Cruzeiro, Bondinho Aéreo e Caminho do Rosário foram retiradas vegetações nativas e o aplainamento de áreas, tornando-os esteticamente mais harmônico para a prática religiosa e turística.

<sup>45</sup> A construção dos empreendimentos do Santuário Nacional facultou na transformação do comércio e daqueles que vivem da atividade em Aparecida. As obras centralizaram o comércio nos arredores da Basílica Nacional, nos domínios da instituição e no seu território religioso, em contrapartida, relegaram a parte do comércio não ligado aos espaços de domínio em precarização e pouca atratividade.

<sup>46</sup> Como nos informado em questionário aplicado e em diálogos nos tempos de festa, muitos dos devotos vindos de excursões costumam seguir um roteiro turístico definido pelos agentes de viagens e por suas paróquias. Em síntese, os roteiros envolvem a visitação ao Santuário Nacional, o Complexo Turístico Religioso e outros locais na cidade-santuário, mais precisamente, a Feirinha Livre. Em diálogos com hoteleiros essa situação também nos foi reportada.

*turístico* que são “inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores.” (KNAFOU, 1996. p. 73).

A cidade-santuário é uma criação do sagrado, das relações sociais históricas e um espaço forjado pela demanda que a *hierofania* impulsionou. É um espaço que em suas relações históricas de formação têm nos agentes modeladores devoto, turista religioso e turista o processo de turistificação. São eles que com as avaliações subjetivas de suas necessidades ditarão o produto turístico e suas condições de usufruto (FRATUCCI, 2010). Desse modo, não há lugares turísticos sem turistas (KNAFOU, 1996), ou, não há Aparecida sem o sagrado e sem o devoto. Ao mesmo tempo que é uma criação da devoção, os espaços ocupados pelos devotos fomentam os mercados locais, o cotidiano, e outras áreas são refuncionalizadas para atender o elemento que condiciona a sua criação. Um exemplo atual e significativo dessa condição é Porto Itaguaçu (Figura 49) e adjacências, no bairro de São Geraldo, a demanda devocional do espaço sagrado primário impulsionou o Santuário Nacional em sua remodelação da área e no surgimento de um eixo de expansão hoteleira<sup>47</sup> e comercial.

Figura 8 – Porto Itaguaçu (2017)



Legenda: 1ª e 2ª foto. Portal A12 Santuário Nacional, 3ª foto.  
Fonte: Registro fotográfico de campo (2017).

---

<sup>47</sup> A expansão hoteleira na cidade-santuário de Aparecida pode ser consultada em Barbosa (2016).

Em análise quanto a esse processo de turistificação, retira-se de Cruz (2007), para qual a expressão *território turístico* não existe teoricamente e sim usos *turísticos do território*. A apropriação de porções do espaço ocorre por diversas atividades. Essa turistificação não é somente no sentido comercial, a partir de uma lógica do trabalho, a produção turística, como descreve Nicolás (1996, p. 44), “*no obedece a las leyes de la producción económica tradicional: el espacio turístico se crea y recrea como valor de uso (y también de cambio), sin que su destrucción ocurra*”. Assim, o turismo nesse espaço é para o ócio, lazer e consumo, mas principalmente da atividade econômica proveniente do religioso. A turistificação, o processo produtivo, se desenvolve por via do suprracional, a necessidade de retroalimentação por meio de formas simbólicas espaciais e religiosas.

A turistificação do espaço se dará na produção de formas simbólicas espaciais e religiosas que, antes de tudo, são imagens. Elas podem ser imagens consolidadas ou em consolidação no imaginário do turista/turista religioso/devoto. Este processo ocorre de duas maneiras: a) a imagem orgânica e b) a induzida (GUNN, 1972); a primeira é aquela onde não há um controle sobre o conteúdo do produto, sua disseminação ocorre nos meios de comunicação em massa, em livros, revistas, das conversas, dos relatos de amigos – a memória – de parentes e dos visitantes do lugar. A segunda é resultante da exposição e influência direta do idealizador, que pode ser o governo, o agente de viagem e, mais precisamente, o agente produtor em Aparecida o Santuário Nacional, que por meio de suas mídias sociais, dos canais de Tvs e da mídia impressa, induz e almeja a consolidação da imagem, do produto turístico e das formas simbólicas espaciais. Por conseguinte, buscaremos no próximo capítulo o entendimento das formas simbólicas espaciais como produto e recurso turístico na apropriação do espaço, bem como imagem produzida, a turistificação do espaço como Parque Temático Religioso.

## 4 A DIMENSÃO RELIGIOSA DO LAZER E SOCIAL NA CIDADE-SANTUÁRIO DE APARECIDA COMO PARQUE TEMÁTICO RELIGIOSO

Neste capítulo, apresenta-se o conceito de formas simbólicas espaciais será interpretado geograficamente tendo como proposição a análise em seu atributo identificável ou seja: religiosas, comercial e lazer, ou constituída como junção de ambas. Para tentar dar inteligibilidade às formas, partimos da conceituação e apresentação dos recursos turísticos apresentados no Capítulo III. A intenção é compreender, interpretar e contextualizar as formas simbólicas espaciais e religiosas localizadas na cidade-santuário. Ao tempo que se elucida acerca de uma proposição e entendimento de que os esforços na construção de um Complexo Turístico Religioso pelo Santuário Nacional que engloba: o Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida, o Morro do Presépio, o Bondinho Aéreo, o Centro de Apoio ao Romeiro (CAR), a Cidade do Romeiro e o Caminho do Rosário, devem estar inseridos numa perspectiva teórica e propositiva de *Parque Temático Religioso*.

A hipótese levantada terá como aporte teórico-conceitual autores da geografia cultural e do turismo: Soja (1996), Hall (1997), Claval (1999), Asthon (1999) e Corrêa, R (2007, 2007c, 2010, 2010b, 2012). Assim, o capítulo está dividido nas seguintes partes: a) primeiramente, na construção conceitual e entendimento das formas simbólicas; b) posteriormente, buscamos contextualizar a historicidade dos parques temáticos no mundo e no Brasil, suas qualificações e atributos, c) por último, trabalhamos com a nossa hipótese, o parque temático religioso do Santuário Nacional. Na construção da proposta ensejada, utilizamos os recursos metodológicos: os arquivos fotográficos, as bibliografias, os sites dos atrativos turísticos, os diálogos com devotos, com o Santuário Nacional e as entrevistas realizadas nas mídias digitais.

### 4.1 Interpretação das formas simbólicas espaciais religiosas

As formas simbólicas são representações sociais carregadas de significados – são polivocais –um processo de construção da imaginação individual e dos grupos sociais, e estão intimamente interligadas ao espaço (HALL, 1997; CORRÊA, 2007). Elas podem ser identificadas como estátuas, templos, cemitérios, shopping centers, memoriais, prédios e



outros (CORRÊA, 2007). Segundo o autor (2007, p. 7), elas “são representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural”. São representação da realidade, elas representam uma comunicação, uma linguagem entre os grupos. Tal comunicação se dará pelo significado dessas formas e o seu significante, que exprimem uma relação atribuída.

Elas são representações sociais dotadas de aspectos simbólicos dos que as elaboraram e dos que dela interagem. E para White (1973, p. 335), “todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é comportamento humano”, e, nesse sentido, as formas construídas representam essas reflexões, intenções e construções coletivas – são idealizações do comportamento humano. Partindo da premissa acima, as formas simbólicas são materialidades que compõem imaterialidades e subjetividades, e cabe a geografia cultural compreender essas dinâmicas no espaço e no tempo. Nessa prerrogativa, as formas simbólicas tornam-se espaciais por estarem relacionadas ao espaço, compondo processos, função, fixos e fluxos – com localizações e itinerários (CORRÊA, 2007). Elas tornam-se simbólicas pelo depósito de significados

[...] que lhes são atribuídos; sendo o seu estudo, geográfico ou de outra natureza, passível de análises individuais e coletivas, isso porque um dado objeto pode instigar a proeminência de significações das mais variadas, diferença esta produto de um processo cultural subjetivo. (OLIVEIRA e SOUZA, 2010, p. 4)

A construção do entendimento das formas simbólicas espaciais perpassa ao processo de sua constituição como tal, como categoria analítica e, para isso, envolve analisá-las, de acordo com Hall (1997), por dois sistemas de representação: o *mapa conceitual* interno ao sujeito e o social, *a linguagem*. Sem esse sistema não poderíamos interpretar o mundo de maneira significativa, conforme aponta o autor (1997, p. 17), “[...] *there is the 'system' by which all sorts of objects, people and events are correlated with a set of concepts or mental representations which we carry around in our heads. Without them, we could not interpret the world meaningfully at all*”.

O significado será construído a partir de um “sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos que podem estar a favor ou 'representam' o mundo, o que nos permite referir-se a coisas tanto dentro como fora de nossas cabeças” (HALL, 1997, p. 17). Por conseguinte, o mapa conceitual se objetiva a partir da junção com a linguagem, de modo que se correlaciona aos nossos conceitos e ideias com “algumas palavras escritas, faladas, sons ou imagens visuais”, que carregam significados e signos. Esses signos “mostram ou representam os conceitos e as relações conceituais entre eles e o que carregamos em nossas cabeças e,

juntos, compõem os sistemas de significados da nossa cultura”. (HALL, op. cit., p. 18, tradução nossa). Nas palavras do autor (op. cit., p. 17)

*Representation is the production of the meaning of the concepts in our minds through language. It is the link between concepts and language which enables us to refer to either the 'real' world of objects, people or events, or indeed to imaginary worlds of fictional objects, people and events.*

Devemos compreender as formas simbólicas e seu poder simbólico, segundo Bourdieu (1989), mediante três estruturas de sistemas simbólicos: a) estruturas estruturantes; b) estruturas estruturadas e; c) como instrumentos de dominação. Na primeira, elas correspondem instrumentos do nosso conhecimento e de construção de um mundo objetivo, são estruturas que permitem a solidificação de uma estrutura simbólica, como a religião, a arte, a ciência, entre outros. Na segunda, os sistemas simbólicos só podem ser estruturantes a partir de sua consolidação como tal, como estrutura que suporta os signos e os significados. Nesse sentido, a forma simbólica espacial e religiosa só será estrutura quando buscar ou possuir a finalidade de estruturar um grupo ou parcela de um segmento, com o qual comunica e se faz comunicar. Na terceira opção, de viés marxista, os sistemas simbólicos possuem uma relação política, uma relação de dominação, servindo de interesse ao grupo que a formulou, em contraposição a função gnosiológica.

Assim, as formas simbólicas espaciais, isto é, os objetos que compõem o ambiente construído da cidade-santuário, são representações do nosso sistema, sobretudo do devoto. O processo de significação se fará da interpretação do significante e o significado, o sujeito e o objeto. Nessa relação entre o sujeito e o signo, observa-se que essas formas possuem como prerrogativa: a) complexificação do turismo religioso, b) a economia locacional e, principalmente, c) a intencionalidade na perpetuação e transmissão da religiosidade, os aspectos relacionados ao sagrado. Elas representam o poder espacial do sagrado, podendo “[...] incorporar os atributos já conferidos aos lugares e itinerários, como estes podem, por outro lado, beneficiar-se ou não da presença de formas simbólicas” (CORRÊA, 2007, p. 9). Da mesma maneira que representam e “refletem os significados estabelecidos, elas também criam significados” (CORRÊA, 2012, p. 135). Por conseguinte, a produção de formas simbólicas espaciais religiosas também criará e ressignificará outras percepções e vivências no agente modelador, seja peregrino, devoto, turista ou outra persona envolvida.

As formas simbólicas espaciais podem ter diversas razões e representar inúmeras intencionalidades, como um obelisco em memória às vítimas de uma determinada guerra, o busto de um general, um patrono educacional, um templo religioso e seus signos que definem

sua matriz religiosa, entre outros. Na cidade-santuário, as formas simbólicas espaciais religiosas apresentam elementos que a definem como tal, em contrapartida, outras apresentam nuances que podem estar inseridas em mais de uma percepção. Dentre as percepções, temos a voltada ao consumo, que como sintetizado no capítulo anterior, corresponde ao processo de turistificação do espaço, mas, acima de tudo, um processo de evangelização por ser uma instituição religiosa.

A produção de formas simbólicas espaciais religiosas pelo Santuário Nacional insere-se numa perspectiva de significados e significantes, atribuições dotadas pelo agente idealizador e ressignificados pelo frequentador, o peregrino e o turista, e outros agentes possíveis. A ressignificação ocorre por meio da prática de criação de espaços temáticos sob ação do agente modelador ao frequentá-los, as formas visíveis e, também, por meio dos aspectos subjetivos do frequentador para com os símbolos inerentes às obras.

As formas simbólicas “[...] tendem a ressignificar lugares específicos e conectá-los a projetos de sentido mais amplo.” (OLIVEIRA e SOUZA, 2010, p. 4). Nesse espaço singular elas comunicam com os sujeitos e as suas devoções, numa experiência ligada ao sagrado. Existe uma harmonia nos símbolos e de sua significação nas obras realizadas pelo Santuário Nacional. Entendemos esses espaços como as formas visíveis que estão incluídas no Complexo Turístico Religioso e são por nós interpretadas sobre um outro olhar, como *Parque Temático Religioso*. Nesse sentido, buscaremos interpretar e correlacionar a definição teórica de parques temáticos e sua possível contextualização quanto ao denominado Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional.

#### **4.2 Parques Temáticos: espaços de consumo, lazer e vivências**

Em nossa proposta de interpretar o Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional existente foi desvelado da pesquisa empírica realizada por nós. Estamos diante de um Parque Temático Religioso. Partimos de algumas percepções, dos elementos e dos aspectos comuns aos mesmos. A inteligibilidade, se faz necessária ao entendimento desses aspectos inerentes a um Parque Temático em geografia.

Os primeiros parques temáticos surgiram na Europa em meados de 1400-1500. Eles foram criados ao redor de grandes cidades, constituíam-se imensos jardins e eram chamados de *Jardins Du Plaisir* (Jardins dos Prazeres), e reuniam diversas atividades ao ar livre; fogos

de artifícios, dramatizações, danças, jogos, alimentação, entre outras (CARMELLO, 2002). Para Soja (1996, p. 101-102), esses seriam ancestrais do parque temático, “os parques públicos e os jardins imperiais do passado são considerados ancestrais dos parques temáticos por terem sido concebidos como espaços complexos de representação simbólica da cultura e da sociedade”. A maior parte dos parques temáticos daquele período encerraram as atividades, contudo, o *Bakken*<sup>48</sup>, localizado no norte de Copenhagen, na Dinamarca, detém o título de parque temático mais antigo do mundo e ainda se encontra em atividade.

O precursor desse gênero aos moldes como conhecemos os parques temáticos foi *Walt Elias Disney*, com a construção da *Disneyland*, inaugurado em 1955, na Califórnia. Em 1971, com o complexo de diversão *Walt Disney World*, na Flórida, o gênero ganha forma e marca<sup>49</sup>. Nele aliam-se equipamentos, brinquedos, zonas de interesses como: alimentação, exposições, teatro e outros, onde cada visitante pode fugir do cotidiano e adentrar no extracotidiano.

Eles possuem como proposta a tematização que pode ser única ou diversa (SOJA, 1996). É o tema “*que da contenido, estructura y significado a todos los elementos que configuran ese espacio*” (COCUZZA, 2014, p. 17), por meio dela a linguagem ancora e representa o imaginário sociocultural (ASHTON, 2009). Nesses espaços reúne-se um conjunto de serviços e produtos para o visitante, aliando entretenimento, alimentação, arquitetura, arte, cheiros, gostos, diversão, compras e estímulo à atividade turística, transformando-se em uma atração (ASHTON, 2009).

Na legislação brasileira, Lei Geral do Turismo, o parque temático é assim definido

Art 31. Consideram-se parques temáticos os empreendimentos ou estabelecimentos que tenham por objeto social a prestação de serviços e atividades, implantados em local fixo e de forma permanente, ambientados tematicamente, considerados de interesse turístico pelo Ministério do Turismo.

Eles “servem como laboratórios civilizacionais que tem sua arquitetura limitada à simbologia e a estética possível apenas como uma experiência isolada e bem definida” (SOJA, 1996, p. 101-102). São espaços de lazer individual ou de grupos, onde a arte e a vida se fundem em um ambiente imaginário, que proporcionam para o visitante uma experiência

<sup>48</sup> Bakken - The worlds oldest amusement park. Disponível em: <<https://www.bakken.dk/english/>>. Acesso em 7 de jun. 2020.

<sup>49</sup> Os parques temáticos podem ser encontrados em todos os continentes. No Brasil, por exemplo, foram criados: o Beto Carrero World, em Santa Catarina, no ano de 1991; o Parque da Mônica em São Paulo, no ano de 1993, todos em atividade. O Parque do Gugu em 1997, também em São Paulo e encerrado as atividades em 2002; o Wet'n Wild, em 1997, no município de Itupeva, ainda em funcionamento; o Terra Encantada, na cidade do Rio de Janeiro, em 1998 e fechado em 2010; o Hopi Hari, na cidade de Vinhedo, em 1999, ainda em funcionamento; o Magic Park, em Aparecida, no estado de São Paulo, em 1998, encerrando as atividades em 2002, entre outros.

diferenciada. O formato do parque temático recorre a imagens ou situações conhecidas, de tal maneira que as representações das formas possam ser reconhecidas pelos visitantes amplamente (COCUZZA, 2014).

Eles são espaços de lazer da pós-modernidade centrados nos ditames consumistas, híbridos contemporâneos que mesclam cultura, economia, filosofia, sociedade e política (SOJA, 1996). Neles são oferecidos objetos, produtos e imagens, que são símbolos da consciência coletiva, normalmente difusos ou perdidos. De modo que permitem ao observador – visitante -, reconstruir e reencontrar seu lugar no universo. Nesse sentido, um parque temático com característica religiosa, as formas simbólicas espaciais realizam mediante a fé essa reconstrução e reencontro espiritual com o mágico, a fantasia, o inexplicável – o sagrado, ao passo, que também proporcionam aos visitantes a desconexão da realidade e a conexão ao mundo lúdico. Da mesma maneira, permitem ao visitante, nesse caso os devotos, reconhecer e reconstruir o seu lugar na sociedade na qual o religioso é a centralidade.

Os parques temáticos apropriam-se de uma simbologia e a partir da sua representação proporcionam um modo de “reviver ou retroceder no tempo e no espaço ou ainda buscar algo no futuro (matar parte da curiosidade em relação ao mesmo)” (ASHTON, 1999, p. 65). Neles o entretenimento, a aventura e a cultura são programadas sob “*condiciones claramente pautadas a partir de una programación controlada de las prácticas de uso y una equilibrada planificación de las actividades*” (COCUZZA, 2014, p. 17). Nossa análise permite interpretar que a construção das formas simbólicas espaciais se apropria dos símbolos religiosos. Sua meta é representá-los, além de reforçar a sua característica identitária. A estratégia contém a (re)condicionar as práticas religiosas e a controlá-las nesses espaços sobre uma prerrogativa de evangelização via turística.

Atualmente os parques temáticos são ícones da pós-modernidade e podem ser interpretados sobre uma perspectiva da sociedade do espetáculo (DEBORD, 2000). A leitura geográfica possível de análise indica uma das características dessa chamada sociedade do espetáculo fragmentária que conduz ao fetichismo consumista na sociedade capitalista. A espetacularização, às vezes, para algumas pessoas, reflete respostas aos desejos humanos, como também as respostas pelo sentido de vida que a sociedade busca em diferentes dimensões. Os parques temáticos são essas representações e alegorias mentais com a finalidade de atender os íntimos desejos dessa sociedade. Eles ultrapassam o imaginário. Nos parques temáticos estamos em um processo de “capturar o mundo real e condensá-lo em um único universo sintético, sob forma de um show de realidade” (BAUDRILLARD, 1997, p. 124-125).

Os parques temáticos são um produto da circulação das mercadorias, um objeto criado para o consumo turístico, onde ele “[...] reduz-se fundamentalmente à distração de ir ver o que se tornou banal” (DEBORD, 2000, p. 78), um espaço onde a modernidade “[...] retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço”. Nesse espaço, a cultura apropriada em formas simbólicas espaciais com seus signos é integralmente uma mercadoria “[...] vedete da sociedade espetacular” (DEBORD, 2000, p. 87), uma outra realidade espacial. Deste modo, a cultura como mercadoria torna-se a sociedade espetacular, a própria produção e reprodução do espaço nesse sistema.

Devemos compreender os parques temáticos tendo como entendimento a proposição de Dumazedier (2004, p. 34) quanto ao lazer,

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Assim, o parque temático deve, acima de tudo, oferecer lazer e insere-se numa dimensão cultural no espaço e no tempo, sua constituição ocorre da vivência lúdica e das interações dos grupos sociais para com aquele espaço. Inserido numa perspectiva atual, numa atividade turística, eles representam uma fuga da realidade, na qual o visitante está em busca do diferencial, sobretudo, quanto a sua rotina de trabalho, um espaço que lhe proporcione um escape, uma fantasia, num mundo de emoções e magia. Essas fantasias são representações sociais das vivências dos indivíduos em sociedade, num parque temático as emoções estão representadas por fixos e fluxos, pelos movimentos das encenações, pelo teatro ao ar livre, pela tecnologia, por luzes, enfim: a arquitetura, o passado, o presente e o futuro.

Segundo Ashton (1999, p. 67), baseando-se em Andrés Pan de Soraluce, *general manger* da *Disneyland-Paris*, o parque temático deve reunir algumas condições para ser compreendido como tal:

- a) estar composto por atrações exteriores e cada uma deve ser peça independente;
- b) ter um custo de entrada e não por atração
- c) ser construído com base nas necessidades dos visitantes;
- d) focalizar mais diversão do que aprendizado;
- e) proporcionar mais sensação física do que simulação;
- f) e por último, ser um destino em si mesmo.

Para a autora (1999), essas são as condições necessárias na confecção do arquétipo. Há particularidades intrínsecas aos parques a sua delimitação territorial por cercas. Devem ser dotados de alta tecnologia, sobretudo nos brinquedos, uma boa infraestrutura para as atividades complementares e também possuem uma área extensa reservada (ASHTON, 1999; BRASIL, 2014). Todavia, interpretamos que o segundo elemento, o custo de entrada e não por atração, não se enquadra no nosso escopo, pois observamos nos espaços de lazer do Santuário Nacional uma diferenciação, onde o custo se dá por atração e não por preço fixo.

Na nossa proposição, compreendemos que o *Parque Temático Religioso do Santuário Nacional* não pode ser qualificado exclusivamente nas determinações e especificações de parque temático tradicional. Ele não é cercado e sua definição não pode ser compreendida irrestritamente na funcionalidade consumista. Ele possui atrativos que englobam as condições necessárias e estão espacializadas na cidade-santuário, localizadas em áreas pertencentes a administração da instituição.

Os parques temáticos, segundo a pesquisa de Santos (2009) realizada em Portugal, possuem uma tipologia e podem ser divididos em: a) *Históricos* – que retratam datas, personagens, espaços, regiões e acontecimentos; b) *Fantasia e Aventura* – que misturam esportes radicais, emoção, adrenalina e mundo imaginário; c) *Naturais* – por apresentarem características naturais, com foco no mundo animal e vegetal e; d) *Ciência e Tecnologia* – são parques que adotam novas tecnologias e investem nesta para uma perspectiva de futuro. Ou seja, reafirmando a idealização de Soja (1996), são híbridos contemporâneos e pós-modernos.

De acordo com Ashton (1999), os parques temáticos compõem-se de territórios que correspondem ao seu mecanismo de sucesso e estruturação macroeconômica. Esses territórios representam uma teia que, no nosso entender, são as particularidades atrativas, os espaços e lugares onde o devoto e o turista, poderão, partido do que propõe a autora; *ver, comer, comprar e vivenciar*. Em análise, há uma outra razão para a visitação em um parque temático religioso – **a fé, o sagrado** – nesse sentido, temos uma outra qualidade na sua estruturação ou tematização. Atribuímos essa qualidade ao *sentir*, o caráter motivacional que diferencia os atrativos criados e o perfil do visitante do parque temático religioso. Esse é o fator que diferencia a especificidade e singularidade desse espaço e do seu processo de turistificação, o qualificando como **parque temático religioso**.

### 4.3 Os Parques Temáticos Religiosos: *Holy Land e Tierra Santa*

O primeiro parque temático religioso foi criado em Waterbury, Connecticut, nos Estados Unidos, em 1955. O *Holy Land*, como era conhecido, era possível encontrar ambientes que remetiam a Belém e Jerusalém; como o jardim do Éden, as recriações da vida e dos mistérios de Jesus, a *Via Crucis*, capelas, réplicas de catacumbas, dentre outras (SHIFF, 2004). Encerradas as atividades, em 1984, o parque foi adquirido por investidores e o que restou de sua característica inicial foi apenas uma cruz em néon<sup>50</sup>. Também nos EUA, atualmente, o parque temático religioso mais conhecido é o *Holy Land Experience*<sup>51</sup> (Figura 50) em Orlando, na Flórida. Da mesma maneira do primeiro, ele também recria uma ambientação da cidade antiga de Jerusalém e possui um papel de evangelização por meio do estudo bíblico e o culto com profissionais especializados religiosos. Nele, o turista religioso, o devoto e o turista encontram mais de 40 atrações, restaurantes e lojas. Dentre as atrações principais que acontecem, no auditório *Church of All Nations*, destacam-se as apresentações ao vivo, tais como a reencenação da paixão e crucificação de Jesus Cristo. Na Figura 50, vemos a página inicial do seu site e destacamos algumas abas: a possibilidade de aquisição de *tickets* (ingressos), seção de vídeos, contato para agendamento de visitas e caravanas, shows, os ambientes temáticos e outras atividades.

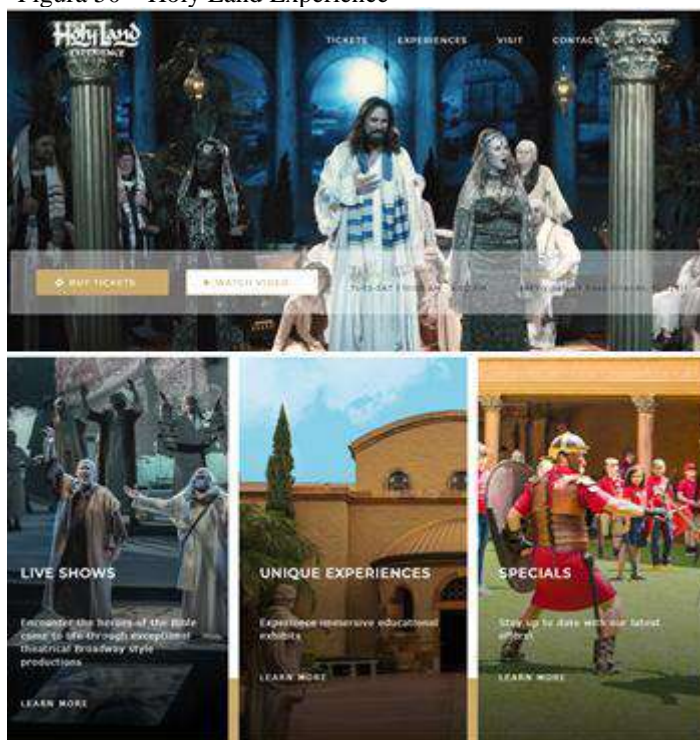
---

<sup>50</sup> Holy Land. Disponível em: < <https://www.holylandwaterbury.org/>>. Acesso em 30 de jun. 2020.

<sup>51</sup> Holy Land Experience. Disponível em: < <https://holylandexperience.com/>>. Acesso em 30 de jun. 2020.



Figura 50 – Holy Land Experience



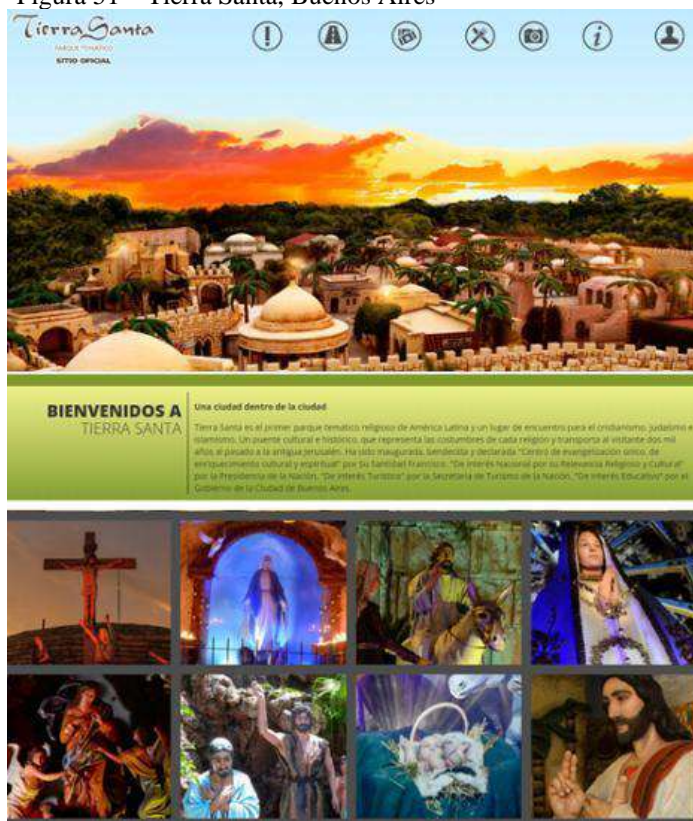
Fonte: Holy Land Experience

Na América Latina, o primeiro parque temático religioso foi inaugurado em 2000, sobre as bênçãos de Jorge Bergoglio, na época Arcebispo de Buenos Aires, hoje, Papa Francisco, que salientou a funcionalidade do parque como um “Centro de Evangelização único, de enriquecimento cultural e espiritual”<sup>52</sup>. De acordo com Cocuzza (2014), sua inauguração marcou a comemoração do novo milênio e tinha como propósito o projeto de refuncionalização da zona costeira impulsionada pelo governo argentino. O parque *Tierra Santa* (Figura 51) localiza-se em *Costanera Norte*, na cidade autônoma de Buenos Aires, na Argentina, tem sua tematização ambientada na Jerusalém antiga, cujo objetivo central é a recriação da vida de Cristo e a cultura da época. Ele está dividido em setores e atrativos: a Criação, o Presépio, a Última Ceia, a Ressurreição e outras. Há, ainda, um Muro das Lamentações, Museu das religiões, Oratório, Mosteiro Franciscano, Passeio dos Artesãos, Gruta da Virgem e dos Santos. Assim como os demais, esse parque temático alia a experiência de ver, vivenciar e comer. O visitante imerge numa espetacularização que lhe traz aspectos culturais de uma época por meio dos cenários, músicas, vestimentas, sons e comidas.

---

<sup>52</sup> Tierra Santa. Disponível em: < <https://aguiarbuenosaires.com/terra-santa-buenos-aires/>>. Acesso em: 30 de Jun. 2020.

Figura 51 – Tierra Santa, Buenos Aires



Fonte: Site Tierra Santa.

O *Tierra Santa* assim como outros parques temático religiosos, instrumentalizam os espaços físicos, a partir da produção de formas simbólicas espaciais e, por meio delas, seus idealizadores proporcionam atividades lúdicas, educativas, evangelizadoras. Ao mesmo tempo, oportunizam um lazer relacionado ao ócio, ao descanso e a reparação das deteriorações cotidianas do trabalho, da vida na sociedade. Nesse sentido, o parque temático religioso centra-se no lazer e no processo de evangelização, aliando turismo religioso por meio da apropriação dos espaços para os símbolos e signos da cultura religiosa, nos casos identificados, o cristianismo apostólico romano.

No Santuário de Aparecida, o Parque Temático Religioso qualifica-se pela centralidade do sagrado, ele é o responsável pela diferenciação espacial, as formas simbólicas espaciais produzidas possuem nele sua estruturação e conteúdo, a especificidade/diferenciação se dá no “papel do sagrado na recriação do espaço, reconhecendo o sagrado não como simples aspecto da paisagem, mas como elemento de produção do espaço” (ROSENDAHL, 1997, p. 149). Por conseguinte, analisaremos no próximo tópico o Parque Temático Religioso de Aparecida.

#### 4.4 Parque Temático Religioso de Aparecida

O primeiro parque temático em Aparecida que se tem relato estava inserido na proposição elencada no estudo de Ashton (1999). Considera-se o *Magic Park Aparecida*<sup>53</sup> que foi construído em 1998, e teve sua atividade encerrada em 2002. Estava localizado entre os bairros Jardim Paraíba e São Geraldo, sua localização era privilegiada, a aproximadamente 800 metros do Santuário Nacional. A sua localização e a ausência de serviços destinados ao lazer e a alta demanda de turista ao Santuário Nacional favoreceram na época a empreitada do fundo de pensões do Brasil – o Previ – que adquiriu 49% de participação no empreendimento e aliou-se à multinacional italiana, *Park Inn* Participações Turismo e Comércio Ltda, na implantação do projeto que custou US\$ 80 milhões. No Magic Park podíamos encontrar um presépio animado que ostentava o título de maior do mundo, com 84 bonecos em tamanho real e com movimentação mecânica. A espetacularização continha: a) a encenação da vida de Cristo em três atos: a anunciação, a vida na Galileia e o nascimento em Belém; com jogo de luzes, som ambiente e embalada na voz do tenor Luciano Pavarotti cantando Ave Maria. b) o maior destaque no parque era o mundo em miniatura, construído numa área de 10 mil metros quadrados que continha 98 réplicas de monumentos famosos: Cristo Redentor, Torre Eiffel, Estátua da Liberdade, Muralha da China, Torre de Piza, Coliseu, entre outros) (Figura 52). Outras atividades de lazer eram: c) os brinquedos infantis, d) trem-fantasma, e) bate-bate, f) montanha-russa com *looping*, g) barco-pirata, h) *splash*, i) *kamikaze*, entre outros. Após encerramento das atividades em 2002, o espaço sem função permaneceu até ter sua transformação na Cidade do Romeiro e no Caminho do Rosário. Refuncionalizado o espaço, antes de lazer e agora com a função acolhedora aos agentes sociais de número expressivo no lugar.

---

<sup>53</sup> Inauguração do Magic Park Aparecida. Disponível em: < <https://www.dgabc.com.br/Noticia/276526/magic-park-inaugura-no-sabado>>. Acesso em: 7 de jun. de 2020.

Figura 52 – Mundo em miniatura: Palácio de Westminster



Fonte: Arquivo Margic Park<sup>54</sup>.

A idealização de um parque temático em Aparecida permaneceu. Houve a tentativa com o Magic Park. A nossa análise permite pensar como Ashton (1999) quanto ao referido tema, incluindo-o na categoria temática principalmente por ter custo de entrada, embora algumas atrações eram cobradas à parte; também era composto por atrações externas e cada uma correspondia há uma forma independente; sua característica focalizava a diversão e a necessidade do visitante, sobretudo, carente de atrativos turísticos na cidade-santuário.

Na Figura 53, temos o *logo* do Magic Park Aparecida e a sua entrada em estilo arquitetônico romano, com figuras em trajes romanos e, ao centro, uma estátua da Lupa Capitolina de Roma ou Loba Capitolina, alimentando Rômulo e Remo. Por sinal, a fachada e as estruturas internas se mantiveram e foram refuncionalizadas, compondo hoje a forma simbólica espacial e religiosa, a Cidade do Romeiro e o Caminho do Rosário.

Figura 53 – Logo e entrada do Magic Park Aparecida



Fonte: Achus<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Boletim Previ, nº 76, Novembro/Dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.previ.com.br/noticias/boletins/edicoes\\_antigas\\_pdf/BOLETIM\\_2000\\_11-12.pdf](http://www.previ.com.br/noticias/boletins/edicoes_antigas_pdf/BOLETIM_2000_11-12.pdf)>. Acesso em: 03 de Set. 2020.

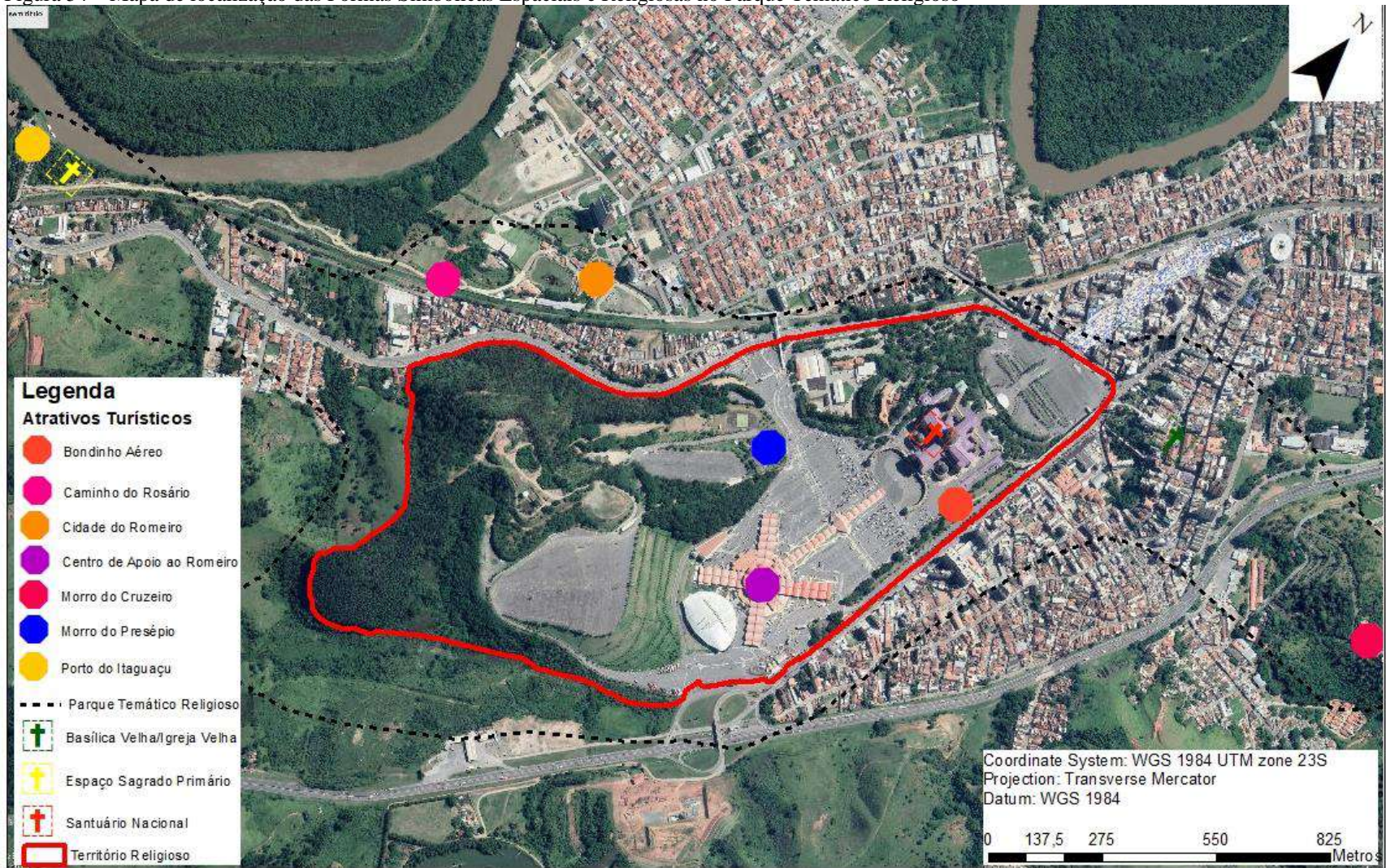
<sup>55</sup> Magic Park. Disponível em: <<http://www.achus.info/parques/sitio/Magic-Park-Sao-Paulo.asp>>. Acesso em: 03 de Set. 2020.

A pesquisa empírica e os pressupostos teóricos apresentados acerca dos parques temáticos nos levam à análise como exemplos os parques temáticos religiosos de *Holy Land*, nos Estados Unidos e *Tierra Santa*, na Argentina. Na busca por semelhanças e diferenças elaboramos tópicos de análise do Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional como *Parque Temático Religioso*. Desse modo, apresentamos um mapa com a localização dos a) atrativos turísticos/formas simbólicas espaciais, b) os espaços sagrados (espaço sagrado primário e espaço sagrado secundário, c) o território religioso e; d) a área de abrangência do parque temático religioso. O Complexo Turístico Religioso no Santuário Nacional adquiriu uma faixa de terreno que margeia a linha férrea na proximidade com o rio Paraíba do Sul, incluindo a desocupação de casas e compras de terras. Esta ação teve como propósito a consolidação do projeto Caminho do Rosário e a requalificação do Porto do Itaguaçu.

No quadro 3, apresentamos as formas simbólicas espaciais que fazem parte da nossa proposição do Parque Temático Religioso, bem como as conjunções quanto à inteligibilidade desejada. Destacamos as qualificações: a) religioso e/ou lazer do simbolismo na forma; b) ano de criação; c) circunscrita ou não no território religioso; d) práticas religiosas identificáveis; e) comercialização de bens simbólicos; f) lojas para alimentação e g) a maneira que se dá o acesso, pago ou gratuito. Tais qualificações assemelham-se aos identificáveis no estudo da autora Ashton (1999) acerca dos parques temáticos.

O Parque Temático Religioso de Aparecida (Figura 54) pode ser considerado como territórios. São produtos da turistificação do espaço, onde podemos encontrar as particularidades intrínsecas que são: *ver, comer, comprar, vivenciar e sentir*. O primeiro que analisamos é o Morro do Cruzeiro que, historicamente é reportado nos capítulos iniciais. Idealizado pelos Redentoristas para ser a casa da *Santa*. Ele está localizado no bairro da Santa Rita, numa área cortada pela rodovia Presidente Dutra e que lhe confere um certo isolamento da Região Central, do Território Religioso e, por conseguinte, dos Espaços Sagrados Primário e Secundário.

Figura 54 – Mapa de localização das Formas Simbólicas Espaciais e Religiosas no Parque Temático Religioso



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Quadro 3 – Formas Simbólicas Espaciais e Religiosas na cidade-santuário de Aparecida

<b>Forma Simbólica Espacial</b>	<b>Ano (criação)</b>	<b>Território religioso</b>	<b>Atributo</b>	<b>Práticas Religiosas</b>	<b>Símbolos Religiosos</b>	<b>Bens Simbólicos</b>	<b>Alimentação</b>	<b>Acesso Pago (S/N)</b>
Morro do Cruzeiro	1948 (2000) *	Não	Religioso e Lazer	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Centro de Apoio ao Romeiro	1998	Sim	Lazer	Não	Não	Sim	Sim	Não
Morro do Presépio	2006	Sim	Religioso e Lazer	Sim	Sim	Não	Não	Não
Cidade do Romeiro	2012	Não	Lazer	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Bondinho Aéreo	2014	Sim	Lazer	Não	Não	Não	Não	Sim
Memorial da Devoção	2016	Sim	Religioso e Lazer	Não	Sim	Sim	Não	Não
Caminho do Rosário	2018	Não	Religioso e Lazer	Sim	Sim	Não	Sim	Não

Legenda: \*No ano 2000 o Morro do Cruzeiro foi refuncionalizado e adquiriu condições para compor o Complexo Turístico Religioso

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

As pesquisas afirmam que a primeira forma simbólica instalada foi uma Cruz em 1925 (Figura 55) e, após 23 anos, no dia 6 de abril, durante a celebração da Semana Santa, foram inauguradas as Capelinhas da Via-Sacra. Estabeleceram novos símbolos de comunicação à prática e à atividade religiosa. Por conseguinte, a inserção dessas novas formas espaciais estabeleceu o Morro do Cruzeiro como um ponto religioso e turístico na cidade-santuário. O estabelecimento da Cruz no ponto de maior altitude e da Via-Sacra, confirmam a análise da proposição de *ver, sentir e vivenciar o sagrado a partir da fé*, mas ainda não consideramos com qualidades da pós-modernidade. Isso ocorrerá com as reformar ulteriores.

Figura 55 – Cruz do Morro do Cruzeiro e ao fundo a Basílica Nova em construção, 1958

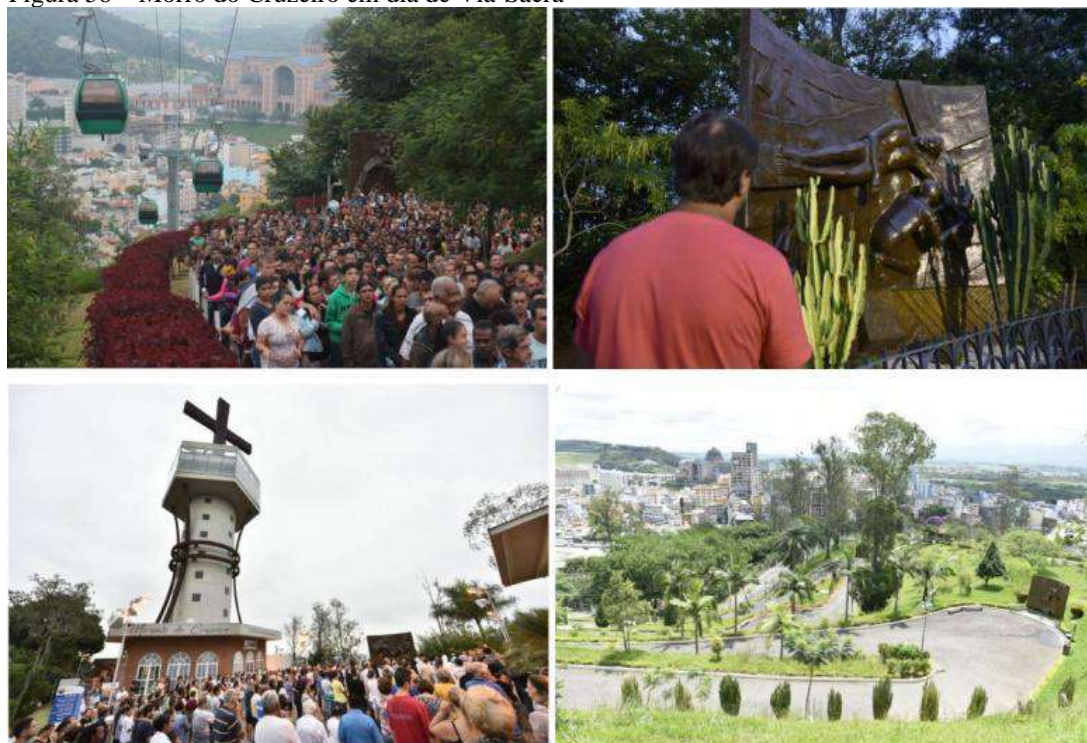


Foto: Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional

A inserção de novas formas simbólicas e a prática religiosa como mais um atrativo na cidade-santuário, o local só ganharia uma estrutura adequada e uma característica mais funcional ao projeto do Complexo Turístico do Santuário Nacional no ano 2000. As alterações tiveram aporte do a) artista plástico Cláudio Pasto, o mesmo que assina toda a reforma do Baldaquino e Cúpula sob o altar, b) e do paisagista Gustaaf Winters. O projeto arquitetônico incluiu: arborização, paisagismo, jardinagens, melhorias nas instalações, asfaltamento em todo o trajeto da Via-Sacra, sistema de sinalização, som e iluminação, e uma nova cruz moldada em aço, pensando 25 toneladas e com 23 metros de altura, que deram uma nova funcionalidade e atratividade ao Morro do Cruzeiro (Figura 56). A reforma ocorreu nas estações da Via-Sacra, que receberam painéis ilustrados, em estilo neoclássico de bronze. Foram produzidas pelo artista plástico Adélio Sarro Sobrinho, compondo uma nova significação e simbolismo ao ponto turístico. Estamos ressaltando as práticas e as atividades religiosas. O *ver* torna-se parte da vivência do devoto e do turista religioso, o *sentir* a arte na forma espacial pode apresentar uma emoção, uma significação da experiência sensorial desejada pelo artista ao confeccionar sua obra aos devotos.



Figura 56 – Morro do Cruzeiro em dia de Via-Sacra



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

O caminhar ao Morro do Cruzeiro possui 900 metros de extensão, numa área de 2.210 m<sup>2</sup>. Nesta forma simbólica espacial e religiosa, o devoto, o turista religioso e o turista, poderão encontrar diversos bens simbólicos que remetem a historicidade do lugar, da *Santa* e do Santuário Nacional, postos de parada oferecem um café e uma loja oficial. No mirante da Torre, com 30 metros de altura, possui dois elevadores que comportam até 12 pessoas por vez, o visitante poderá ter um *point view*, em 360°, que abrange: a cidade de Aparecida, o Santuário Nacional, o rio Paraíba do Sul e a Serra da Mantiqueira.

Não observamos somente atributos relacionados ao lazer e a prática religiosa. Tornou-se um centro para exposição permanente ou temporária sobre diversas temáticas, mas que envolvam, principalmente, a história da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Assim, vemos mais uma característica relacionada aos parques temáticos, a experiência lúdica e educativa, voltada à evangelização e ao conhecimento da historicidade do lugar e, principalmente, como forma simbólica, ela desempenha uma intencionalidade na perpetuação e transmissão da religiosidade. Elas refletem os significados estabelecidos, bem como criarão outros significados para aqueles que nela se conectam, em harmonia com as estratégias da Igreja Católica Apostólica Romana.

A pesquisa aponta que, no ano de 2014, o Morro do Cruzeiro ganhou um componente a sua estrutura, o bondinho aéreo, que facilitou o acesso dos visitantes a este espaço, e

incorporou uma outra atratividade turística, nesse caso, relacionado ao lazer, mais adiante retomaremos essa análise.

A segunda forma simbólica espacial é o Centro de Apoio ao Romeiro ou *Shopping* dos Romeiros. Consideramos que sua construção marca um momento significativo em nossa pesquisa acerca das proposições do Santuário Nacional e uma mudança de vertente no espaço do mesmo. Criado em 1998, esse espaço de consumo insere a instituição numa prerrogativa de “*acolher bem também é evangelizar*”. Estratégia da instituição religiosa ao identificar esse espaço em sua dimensão social, religiosa e a perspectiva capitalista, de oferta e demanda. Isso pode ser compreendido na venda ou no aluguel dos *boxes* e nos pontos nesse espaço. Os bens simbólicos são agregados do valor religioso, além do valor de uso.

No espaço de consumo o visitante encontrará lojas de artigos diversos, na sua grande maioria destinadas a comercialização de bens simbólicos relacionados a religião católica. Compreende-se que o devoto/peregrino após cumprir suas obrigações devocionais com o sagrado, deseja como lembrança do lugar participar do consumo de bens simbólicos, refletindo parte da reprodução do capital e do produto em si. A forma simbólica espacial comercial. Entendemos que naquele espaço e tempo religioso a dimensão econômica existe. Eles tornam-se muito mais turista e/ou turista religioso, pois, ao ir de encontro ao espaço de consumo, mesmo não o desejando e não o procurando, lá o encontram, os artífices do consumo, que os influenciam materialmente e imaterialmente.

Esse espaço transforma o devoto num turista/turista religioso, o seu alimento (espiritual) não é mais a fé, e sim um alimento material, quer seja ele uma necessidade física e/ou consumista, e não mais, necessariamente, a sua motivação principal. Encontramos outros grupos que vão ao CAR e a Aparecida para apropriar-se desse atrativo tendo em vista sua característica comercial somente.

Há ainda na proximidade do CAR outras duas atividades turísticas, um parque de diversões, o Big Center Park ou Parque de Diversões (Figura 57), localizado próximo à Ala Sul, e conta com *looping*, barco pirata, kamikaze, bate-bate e outros, notadamente, esses brinquedos eram parte do antigo Magic Park. E o Aquário, localizado na Ala Oeste, e possui dois tubarões lixa, tartarugas, peixe-leão, peixe-palhaço, peixe cirurgião-patela, arraias, entre outras espécies. Em ambos o turista pagará ingressos pelas atrações e terá experiências lúdicas e aventuras. Desta maneira, os anexos ou complementos ao CAR, nos remetem as condições dos parques temáticos destinados ao lazer, ao consumo, a alimentação, *ao ver e vivenciar*. Podemos encontrar, nesse espaço, uma variedade de significações comumente associadas aos parques temáticos.

Figura 57 – Parque de Diversões e Aquário



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

Na proximidade com o CAR ainda temos: o Memorial da Devoção, que será interpretado adiante, e o Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida (Figura 58) que não será objeto de nossa análise, o motivo ocorre devido a sua menor atratividade ao visitante, a sua característica e a funcionalidade, de ter atrações esporádicas e estar relacionado, principalmente, a eventos ecumênicos. E palco de eventos esportivos.

Figura 589 – Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida (2018)



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

No ano de 2006, temos a criação de outra forma simbólica espacial e religiosa, o Morro do Presépio, localizado no pátio do Santuário Nacional, que alia religiosidade, lazer e lúdico. Conforme descrito nos capítulos iniciais, nele podemos encontrar mais de 70

esculturas em tamanho natural, que representam o nascimento de Jesus Cristo, personagens e passagens bíblicas.

Nos diálogos em trabalhos de campo os turistas religiosos nos reportaram algumas qualidades quanto ao atrativo: “*muito lindo e muito decorado*”; “*lugar de meditação*”; “*lugar para lembrar o nascimento de Cristo*”; “*uma experiência muito boa, até parecem de verdade (as esculturas)*”; “*é um lugar bonito, bom para ver a Basílica, a Serra, os bondinhos*”; “*é gratuito e vazio*”; “*uma leitura dos fatos bíblicos com esculturas maravilhosas*”; “*bom para tirar fotos*” e “*pouca área para descanso*”. Notadamente, observamos que as esculturas proporcionam uma experiência representativa do ambiente e dos indivíduos, sobretudo devido ao tamanho das esculturas por fidelizarem a estatura e o porte médio dos grupos. Outra percepção muito relatada refere-se à ambientação, o tempo histórico reportado nas paisagens, vestimentas e esculturas. O cenário eleva o *status* da experiência do visitante por meio da apropriação da simbologia (ASHTON, 1999). A relação da forma simbólica com a natureza é parte desse cênico e uma característica muito comum nos espaços que são considerados turísticos de uma maneira geral, principalmente por oportunizar certa qualidade para registros fotográficos da paisagem natural e artificial.

Embora a forma simbólica espacial e religiosa tenha o seu nome advindo do nascimento de Cristo, as primeiras esculturas estão postas em um pequeno lago artificial, elas abrem o trajeto do passeio ao visitante e são representações dos pescadores numa rememoração do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba do Sul (Figura 59). Nesse espaço, o turista religioso poderá encontrar ainda um *deck* que proporciona um bom ângulo para tirar fotos e selfies, uma qualidade muito comum e identificada nos perfis atuais dos turistas, sobretudo nos dias de análise de campo.

Figura 59 – Morro do Presépio: as primeiras representações



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

No Morro do Presépio, os elementos de *ver*, *sentir* estão presentes como: grutas, cascatas, lago, bancos para descanso, esculturas. É possível tirar fotos participando da fantasia – como montar em camelo, dromedário e cavalo (Figura 60) – e um mirante. Este último é um ponto muito frequentado por fornecer uma área aplausível para descanso e de contemplação da natureza. Nesse espaço de lazer, a localização geográfica coloca o visitante posicionado à frente da Basílica, e encontrará, a oeste, a Serra da Mantiqueira, ao sul, o Centro de Apoio ao Romeiro e o Memorial da Devoção. A visão ampla coloca o romeiro ou turista numa estratégia de natureza diferente do seu dia a dia na vida urbana. O olhar no horizonte é parte integrante da caminhada ao sagrado.

Figura 60 – Esculturas no Morro do Presépio



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

A Cidade do Romeiro classificada nessa pesquisa como a quarta forma simbólica espacial (Figura 61) foi inaugurada em 2012, ou melhor, boa parte das estruturas hoje encontradas já existiam e faziam parte do antigo Magic Park. Nesse sentido, a área foi refuncionalizada, tornando-se mais uma atratividade para o turismo religioso. Nela, o visitante encontra lojas para alimentação, souvenirs, vestuários e entre outros. Em seu jardim, há ainda o Hotel Rainha do Brasil, erguido em dois anos e ao custo de 60 milhões de reais, na época. Considerado de quatro estrelas e com capacidade para receber até 1032 hóspedes, possui 15 pavimentos e 330 apartamentos. O Hotel demarca a posição do Santuário Nacional até então com a presença de comerciantes, e no atendimento a uma classe de renda mais elevada, destacada pelo padre Luiz Cláudio Alves a época de seu lançamento, "Nosso objetivo é receber bem o visitante de Aparecida. Focamos a classe C, mas nossas acomodações também recebem tranquilamente pessoas de qualquer classe social. É um hotel quatro estrelas".

Figura 61 – Cidade do Romeiro: lojas de souvenirs



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

Apresenta-se como forma espacial integrante do Parque Temático devido as suas visitas e os componentes que foram inseridos em 2018 como: a) o Pedalinho Devotos Mirins (Figura 62), b) o Trem do Devoto e c) o Caminho do Rosário, o tornando um atrativo turístico, proporcionando, agora, uma experiência de lazer e de devoção. Podemos identificar as funções contidas nos serviços oferecidos aos hóspedes do hotel Rainha do Brasil, que partilham de visitas guiadas à Basílica e outras informações contidas no Complexo.

Figura 62 – Pedalinho Devotos Mirins na Cidade do Romeiro



Fonte: RMC – Urgente (2020)<sup>56</sup>.

Temos nessa forma e no Caminho do Rosário, uma junção de funcionalidades: a) na primeira, destaca-se o Pedalinho Devotos Mirins com 6 caravelas e 6 cisnes, onde o turista e o turista religioso poderão desfrutar do passeio no lago numa paisagem bucólica e remodelada, tal atividade custa R\$ 10,00 por pessoa e dura 10 minutos. O espaço destinado à atratividade é todo tematizado com a b) Turma dos Devotos Mirins, projeto de evangelização infantil do Santuário Nacional. A tematização remete à idealização do parque temático religioso e sua funcionalidade lúdica, lazer e aprendizagem. Como afirma o ecônomo do Santuário Nacional, padre Luiz Cláudio Alves de Macedo, “Queremos, de **forma lúdica**, aproximar as crianças e seus familiares desse projeto. Dessa forma, mais do que uma área de **diversão**, vamos fazer daquele espaço um local de **fortalecimento dos valores cristãos por meio desses personagens**” (grifo nosso).

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://rmcurgente.com.br/pedalinhos-devotos-mirins-e-nova-atracao-em-aparecida/>>. Acesso em: 5 de ago. 2020.

Em 2014, uma outra obra icônica complementa o Parque Temático Religioso, é inaugurado o Bondinho Aéreo, um empreendimento que interliga o Santuário Nacional ao Morro do Cruzeiro. Sua estrutura compõe-se de 47 cabines de teleférico, com capacidade para seis pessoas, que percorrem uma distância de 1.1km sobre vias importantes; Avenida Itaguaçu – BR-488; Rodovia Presidente Dutra. Diferentemente dos primeiros analisados, no bondinho o turista tem que adquirir tickets para ter acesso ao atrativo, que pode somente de ida ou volta, ou as duas, conforme o desejo do usuário. Os preços estão indicados na Figura 63, abaixo:

Figura 63 – Preços dos tickets do Bondinho Aéreo



Ticket Type	Route	Adult Price (R\$)	3rd IDADE (60+ years) Price (R\$)	Infant (6-12 years) Price (R\$)	Infant (0-5 years) Price
Passeio Completo	Subida - Morro do Cruzeiro - Acesso à Torre Mirante - Descida	30,00	15,00	15,00	Grátis
	Subida - Morro do Cruzeiro - Descida	26,00	13,00	13,00	Grátis

Fonte: Bondinho Aparecida<sup>57</sup>.

Inicialmente, o projeto foi alvo de acusações por parte de moradores e hoteleiros, contrários à construção do empreendimento por alegarem diversos transtornos como a proximidade das torres de sustentação com hotéis e moradias, poluição visual, risco de deslizamento em algumas áreas de morro onde foram construídas as torres. Todavia, por mais que tenha sido alvo de seguidas investigações, reclamações e processos por parte dos atingidos, o bondinho aéreo passou e confirmou uma relação intrínseca entre Igreja Católica Apostólica Romana/Santuário Nacional e o Estado, nas figuras da prefeitura e união, que

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://bondinhoaparecida.com.br/precos-e-promocoas/>> Acesso em 13 abr. 2021.



corroboraram para o êxito do projeto de forma rápida passando por qualquer imbróglio judicial<sup>58</sup>.

As ações políticas e da sociedade no aceite ou na recusa ao bondinho aéreo exerce uma função significativa no entendimento do Parque Temático Religioso, sua construção foi fruto de uma parceria do Santuário Nacional com uma empresa privada, sua qualificação é nitidamente vinculada ao lazer, identificada na sua particularidade de proporcionar ao turista uma experiência visual e aventureira, numa busca por um momento de distração por meio das distintas atrações. Ao mesmo tempo, localiza-se no território religioso, um espaço demarcado pelo poder do sagrado e do agente social, que procura desse e outros atrativos, ditar a convivência do devoto, transformá-lo também em turista, e, como tal, em um ser consumista de lazer. Evidentemente, não podemos deixar de compreender que o advento proporciona uma maior acessibilidade ao devoto que decide cumprir a Via Sacra ou apenas ir ao Morro do Cruzeiro. Contextualizar as ações do Santuário Nacional nas dimensões dos sagrados: política, econômica e do lugar (ROSENDAHL, 2003).

A penúltima forma simbólica espacial e religiosa em nossa análise é o Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida, inaugurado em 2016, sua construção se deu em comemoração ao jubileu de 300 anos do encontro da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul. Consideramos essa forma como o objeto mais significativo, completo e representativo dentro da análise de Parque Temático, nele encontraremos qualidades inerentes a todos os perfis de visitantes. A identificação dessas qualidades atribui-se aos atrativos turísticos como: a) o Cine Padroeira, b) o Museu de Cera, c) o Cantinho dos Devotos Mirins, d) espaço para exposições e e) uma loja de artigos religiosos.

No Memorial da Devoção (Figura 64), há atrações que levam o visitante a experienciar a história do sagrado, a transformação dos espaços sagrados, as personalidades na consolidação da Santa como padroeira do Brasil e, ainda, proporciona uma experiência de

---

<sup>58</sup> Na construção do bondinho aéreo houve diversas acusações e alegações que eram reportadas pelos afetados, desde rachaduras nos prédios vizinhos, impossibilidade de aumentar o skyline, principalmente por parte dos hoteleiros, a proximidade da obra com a rodovia Presidente Dutra, que poderia ocasionar desvio de atenção por parte dos motoristas, porém, nada disso foi suficiente para o seu impedimento. Segundo reportagem vinculada no G1, não houve estudo de impacto de vizinhança e ambiental da obra. O que se viu foi uma aliança da instituição Igreja e o Estado, onde a sociedade civil não teve voz e tão pouco houve a realização de uma audiência pública quanto à obra. E como especificidade dessa aliança, instituição privada e pública, temos uma peculiaridade muito tradicional nos modelos de gestão e parceria entre agentes sociais nas cidades brasileira, a adoção de isenção de imposto como condição para implementação do projeto, tendo como mantra a prerrogativa do benefício econômico em detrimento do coletivo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/03/mpf-investiga-construcao-de-teleferico-em-aparecida-sp.html>>. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/05/em-investigacao-teleferico-e-inaugurado-em-aparecida.html>>. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/11/mp-retoma-investigacao-sobre-impacto-do-teleferico-em-aparecida.html>>.

consumo de artigos religiosos. Devemos atentar para a sua qualidade como experiência sensorial e visual, que é uma característica muito encontrada nos parques temáticos. Essa função pode, muito bem, ser encontrada nas atrações o Cine Padroeira (Figura 65) e o Museu de Cera, que inserem os sujeitos numa ambientação por via visual e sonora por meio das telas e cenários que narram o espaço e tempo do lugar. Usufruir dessa fantasia cinematográfica temos o Cine Padroeira. A mensagem no seu tempo sagrado está personificada no Museu de Cera. O visitante precisa adquirir ingressos<sup>59</sup> nas seguintes categorias: adulto, sênior e infantil, nos respectivos valores: 25, 20 e 10 reais, para cada atração, ou comprar o formato combo (Cine + Museu de Cera), também com os mesmos valores para as mesmas faixas etárias. É possível informar que nesse aspecto o lazer tem semelhanças com a visita religiosa. A temática muda, mas o comportamento permanece.

Figura 64 – Bilheteria do Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Registro Fotográfico de Campo (2018)

---

<sup>59</sup> Dreams Entertainment Group. Disponível em: < <https://www.dreamticket.com.br/empresa/aparecida>>. Acesso em: 4 de ago. 2020.

Figura 65 – Cine Padroeira: A História de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional

A forma simbólica espacial religiosa presente e pesquisada no Santuário Nacional tem como propósito, por assim dizer, que esse fixo desempenhe um importante papel na glorificação do passado, anúncio do futuro, criação de valores comuns a todos e identitário e, sobretudo, como um lugar de memória (CORRÊA, 2007). Ao mesmo tempo, possui uma perspectiva relacional, pois comunica-se com outras formas simbólicas espaciais no Santuário Nacional, em uma relação de interesses, práticas e vivências para com o religioso (CORRÊA, 2007). A pesquisa empírica demonstra a teoria geográfica.

A demonstração do processo de transformação do espaço sagrado na exibição fílmica representa, segundo nosso entendimento, uma anúncio do futuro, em outros dizeres, uma modernização do espaço sagrado por intermédio da criação de diversas formas simbólicas espaciais comerciais e religiosas para atender as demandas dos fiéis. Nessa forma há uma compressão do espaço-tempo, uma supressão de fatos e o enaltecimento de referências simbólicas políticas, sociais e religiosas do espaço sagrado. Compreendemos que essa idealização visa fundamentalmente à representação da memória e, ao mesmo tempo, criar uma relação identitária do devoto e de magnitude do símbolo. Por conseguinte, o Cine Padroeira cumpre sua função de representação contínua e como tal, a forma simbólica legitima os resultados complexos na criação de significados, em sua comunicação para com os grupos sociais atinentes (HALL, 1997). Ela ainda nos revela uma outra circunscrição e

inserção da Igreja Católica Apostólica Romana no processo de reprodução do capital, numa relação econômica, política e religiosa.

No Museu de Cera (Figura 66), encontram-se inúmeros personagens, figuras políticas, sociais e religiosas que são retratadas no Cine Padroeira. Esses personagens representam parte da construção do símbolo religioso e da forma simbólica espacial religiosa, o templo da *Santa*. Essa atração retrata o símbolo, a partir de uma ambientação, nos cenários criados observa-se que há uma disposição de jogos de luzes e cores, tons suaves e claros, bem como uma riqueza na caracterização de vestimentas e outros adereços da época vigente. Acredita-se que essa relação sensorial é uma consonante na busca da espetacularização para atender a demanda do agente social em sua vivência no espaço religioso.

Figura 66 – Museu de Cera: representações eclesiásticas e personalidades



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional.

Ao analisar, no campo empírico, o comportamento dos devotos e turistas, interpretamos que essa forma simbólica espacial descreve, “uma certa interpretação do passado, [...], graças à aparente objetividade que apresentam em razão da permanência que desfrutam ao apresentarem-se como fixos[...]” (CORRÊA, 2007c, p. 11). Assim, há uma aparente objetividade e essa relação pode ser interpretada e contextualizada por meio das figuras políticas-sociais que marcaram o momento histórico de construção do templo e devoção da fé na imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Essa forma espacial, como outras analisadas, desempenha a função de comunicar informações e ações religiosas que são impregnadas de intenções, uma delas é a de qualificar a vivência, numa experiência de *ver e sentir*, a partir do espetáculo.

A primeira ambientação no Museu de Cera é o cenário da descoberta no Rio Paraíba do Sul. Essa ambientação é a única, de certa forma, com interação direta entre o visitante e o cênico. Nesse local, o visitante pode tirar fotos numa réplica de jangada e também segurar uma imagem semelhante a encontrada. Toda essa etapa é orientada por um fotógrafo e, ao final, o visitante pode escolher se adquire as fotos de sua visita no Museu.

É possível interpretarmos a vivência nessa forma espacial para além do significado cênico, religioso e de glorificação do passado, há nessa estratégia uma função singular da Igreja Católica no Santuário Nacional, no sentido de que ela é responsável pela produção do sagrado para o consumo pelo devoto. A oferta atende ao devoto, o trabalho religioso especializado exerce a função de produção e comercialização da fé, no sentido que há um controle e mediação (institucional) do que deve ser consumido e difundido para o devoto (ROSENDAHL, 2009).

O Museu de Cera reflete como uma forma simbólica espacial sua criação e comunicação da realidade histórica, mas não apenas como um instrumento de comunicação e propagação, há também uma legitimação social e política ao observar a importância de envolvidos como os governantes, as elites e a Igreja Católica Apostólica Romana na apresentação do símbolo como Padroeira do Brasil e do Santuário Nacional de Aparecida. Desse modo, a própria criação do Santuário Nacional de Aparecida, considera-se como um reforçar político, e essa forma simbólica espacial tenta comunicar essa relação de identidade nacional e religiosa vinculada à imagem. Ao mesmo tempo, busca trazer ao visitante uma experiência que remonte aos séculos passados, do descobrimento a modernização do Santuário Nacional. Assim, compreende-se que o Memorial da Devoção como forma simbólica cria sua função, seu processo, e sua estrutura estratégica.

A visita ao Memorial da Devoção não se restringe ao Cine Padroeira e o Museu de Cera, há um outro ambiente voltado exclusivamente para o público infantil e, ao final do memorial, uma loja com souvenirs e artigos religiosos. O espaço voltado às crianças é conhecido como o Cantinho dos Devotos Mirins, que representa um espaço direcionado a evangelização e aproximação das crianças com o religioso. É importante salientar que o Cantinho dos Devotos Mirins, no Memorial da Devoção, é uma ambientação em menor escala do que se encontra no subsolo da Basílica. O Espaço Devotos Mirins no subsolo (Figura 67), os pais podem realizar o cadastro dos filhos para receberem as revistas da instituição e tirar fotos com os personagens, bem como registrar seus nomes nas intenções de orações e missas. Nesse mesmo espaço, há marketing para os adultos acerca dos materiais produzidos pelo Santuário Nacional, como a Revista Aparecida. No subsolo ainda há: uma loja oficial do

Santuário Nacional com materiais variados para crianças e adultos, uma ilustração do Caminho do Rosário, estande da livraria do Santuário Nacional, sala de promessas, Casa das Velas I e II, Casa do Pão, totens de caixas eletrônicos, lojas para alimentação e espaços para recarregar celulares.

Figura 67 – Espaço Devotos Mirins no subsolo do Santuário Nacional



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

No Cantinho dos Devotos Mirins localizado no memorial o visitante contempla três cenários em tamanho real e sete estátuas em resina, com parte dos personagens das histórias em quadrinhos. Nesse espaço o público infantil pode tirar fotos com Mãezinha, Tijolino, Silvana, João, Domingos, Cidinha e o cão Pingo, personagens da revista de divulgação mensal para as crianças cadastradas na Família Campanha dos Devotos<sup>60</sup> e, também, fazem parte do programa televisivo da rede Aparecida. A lembrança invade as residências após a visita.

A Turminha, como são conhecidos os personagens, é parte do projeto de evangelização infantil do Santuário Nacional e contribuem, como salienta o agente social - “para a formação cristã, pessoal e cultural das crianças, com catequese em forma de história em quadrinhos, passatempos e informações dos fatos que acontecem no Santuário

---

<sup>60</sup> “A Campanha dos Devotos é uma grande Família de fé e união dos fiéis que amam Nossa Senhora Aparecida e que, além de sua devoção, intercedem e ajudam concretamente a Obra Evangelizadora da Casa da Mãe”. Disponível em: < <http://www.a12.com/santuاريو/campanha-dos-devotos/o-que-e-a-campanha-dos-devotos>>. Acesso em: 15. Nov. 2017.

Nacional”<sup>61</sup>. Diante dessa afirmativa e de outras observações, o Memorial da Devoção reflete a forma simbólica espacial e sua função de interpretações e intenções de seus idealizadores, denotando uma característica polivocal e, ao mesmo tempo, de instabilidade de significados, mas essencial na temática do parque temático religioso.

Ao final do itinerário da visita ao Memorial da Devoção, tem a lojinha de produtos religiosos e outras lembrancinhas diversas. Nesse local, o perfil muda e o devoto torna-se turista religioso ao se deparar com um espaço de consumo de uma variedade de artigos religiosos com a logo marca do Santuário Nacional, que atestam a veracidade e a qualidade do produto comercializado.

Em continuidade a nossa análise abordamos o Caminho do Rosário que foi inaugurado oficialmente no dia 14 de outubro de 2018, o caminho complementa a experiência *ver, sentir e vivenciar* o sagrado num trajeto de aproximadamente 1.132 metros. Um objeto icônico nessa forma simbólica é o Trem do Devoto (Figura 68), podemos entendê-lo como uma aventura e adrenalina semelhante ao ocorrido nos parques temáticos. Nela, os turistas religiosos são transportados para o Porto do Itaguaçu numa réplica de trem com maquinário inglês e com uma data fictícia de construção de 1717, demonstrando realidade ao simbolismo dessa forma que irá levar o turista religioso e o devoto de volta para o espaço sagrado primário, o início de tudo. Segundo o gerente de operações, Fabio Cardoso<sup>62</sup>,

O Trem surgiu com o propósito de auxiliar as visitas ao Caminho do Rosário. O intuito é que a pessoa faça o caminho a pé, meditando os mistérios do terço e depois volte pelo trenzinho. Entretanto, ele também pode ser utilizado em um percurso de ida e volta, já que a obra foi pensada, sobretudo, para as pessoas que possuem dificuldade de locomoção.

A saída e a chegada atingem um percurso que simbolicamente indica o início e o término da peregrinação. Foi possível reconhecer nos rostos uma alegria e segurança. O simbólico atinge sua função real.

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://devotosmirins.com/museu-de-cera-nossa-senhora-aparecida-inaugura-cantinho-dos-devotos-mirins/>>. Acesso em 15. Nov. 2017.

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/imprensa/releases/santuاريو-nacional-inaugura-trem-e-pedalinho-na-cidade-do-romeiro>>. Acesso em: 01. Set. 2020.

Figura 68 – Construção do trajeto do Trem do Devoto



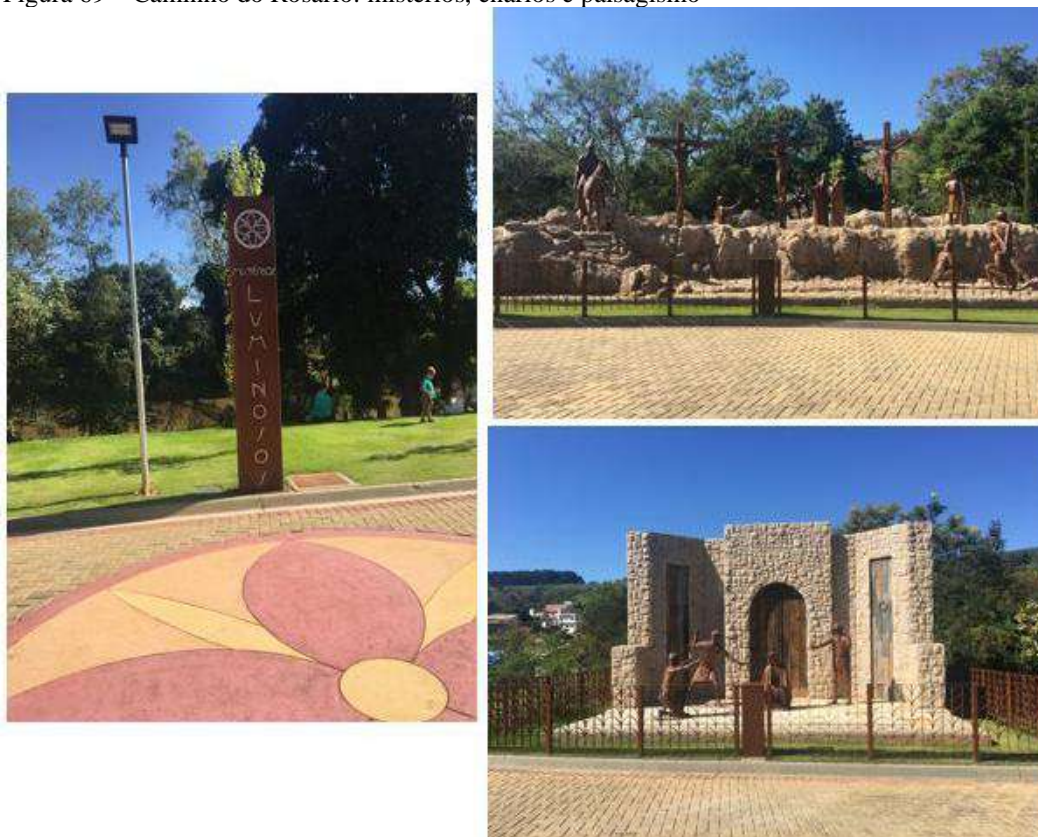
Fonte: Registro Fotográfico de Campo (2018)

Num caminho de 1,4 quilômetros realizados em 15 minutos, onde serão contemplados os cenários que retratam *os mistérios* do Rosário por meio de 128 esculturas, transportando o devoto para uma fantasia, uma ambientação paisagística, uma contemplação da natureza, uma natureza projetada para ter uma ordem temporal. O trajeto realizado pelo Trem do Devoto custa 10 reais por trecho e idosos e crianças pagam a metade do preço.

A literatura indica a forma simbólica espacial como religiosa por ser dotada de símbolos e signos ligados a religião cristã, os mistérios do rosário: Gozosos, Dolorosos, Gloriosos e Luminosos, retratados a partir de 20 cenários com seus momentos mais significantes (Figura 69). Inúmeros significados, torna-se religioso para o devoto e o turista religioso, que encontram na forma simbólica atinge e favorece a prática religioso. Ao turista, a forma pode representar religiosidade, mas sua composição principal é vivenciada para o usufruto da arte, do cênico e da natureza. Nessa forma, o devoto/turista religioso encontrará um lugar de oração e, também, de lazer por meio da exuberância da flora nativa e exótica (Figura 70), com aproximadamente 90 espécies, tais como; as acácias, ipês, jacarandás, manacás, tamareiras, romãs e outras. O paisagismo é outro elemento contributo na temática pois convida e proporciona ao devoto vivenciar o sagrado na natureza.



Figura 69 – Caminho do Rosário: mistérios, enários e paisagismo



Fonte: Registro Fotográfico de Campo (2018)

Figura 70 – Caminho do Rosário: estações, vegetação nativa e exótica



Fonte: Registro Fotográfico de Campo (2018)

A aliança natureza e religião, cores e formas nos cenários são característicos dos parques temáticos que por meio do visual procuram dinamizar as experiências do participante, tal combinação é parte dos interesses e objetivos dos idealizadores, tendo em vista que o espaço "foi pensado a partir de cenários. Em cada mistério tem diferentes simbologias, por exemplo, os mistérios dolorosos [refletem a tristeza] são mais introspectivos e usam as cores

roxo e vermelho escuro. Já as partes da anunciação [refletem o nascer, a vida] usam cores alegres, com flores brancas e amarelas"<sup>63</sup>, conforme explica o padre Daniel. Essas simbologias e significados relacionados as cores e a fauna podem ser encontradas na página oficial do Caminho do Rosário, assim como o participante da Família Campanha dos Devotos, que recebe o Guia Oracional Caminho do Rosário, contendo o passo a passo do Santo Terço e do Mistérios do Rosário. Observa-se que o Santuário Nacional procura com as formas e os guias consolidar uma prática religiosa e, ao mesmo tempo, fidelizar a forma criada, tornando-a o componente na vivência do devoto.

Diferentemente das outras formas simbólicas espaciais nessa o visitante não paga para ter acesso ao caminho, bem como proporciona uma forma que tem sido utilizada para outras narrativas como atividades físicas, os passeios a pé pelo público em geral, normalmente carente de atrativos diversos na cidade de Aparecida. Identifica-se também que no caminho podemos encontrar quiosques para consumo diversos: guloseimas, refrigerantes e água, por sinal, estas em formato da Santa, que é notadamente um produto vendido pelo Santuário Nacional em outras dependências da instituição. Os quiosques encontrados no Caminho do Rosário e em outras atrações assemelham às tendas de parque temáticos, onde os visitantes levam consigo parte da experiência temática, uma prova da realidade vivenciada.

O Caminho do Rosário é um espaço de oração e lazer, do devoto ao turista, um espaço para diversos perfis. Ele é um processo de turistificação do espaço e procura, segundo seus idealizadores<sup>64</sup>, resgatar a importância do Porto do Itaguaçu, aliando a oração, a arte e a natureza. Destaca-se essa sua condição de interligação entre o espaço sagrado primário e o secundário, proporcionando uma vivência contínua com o lugar da hierofania, que outrora estava abandonado e com pouca atratividade. Ao mesmo tempo, o caminho agrega funcionalidade e qualidade aos hotéis situados na BR-488/Avenida Itaguaçu, uma área de expansão hoteleira<sup>65</sup> marcante em Aparecida.

Compreende-se que as formas simbólicas espaciais são polivocais e se inserem em uma relação de valor de uso e valor de troca, tanto pelo simbólico religioso como pela sua comercialização. A relação de valor de uso e troca das formas simbólicas está descrita em

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2018/noticia/2018/10/02/aparecida-inaugura-caminho-que-liga-a-basilica-ao-porto-itaguacu.ghml>>. Acesso em: 5 de ago. 2020.

<sup>64</sup> O Caminho do Rosário. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuario/caminho-do-rosario>>. Acesso em: 2 de set. 2020.

<sup>65</sup> Para maiores informações consulte Barbosa (2016).

Corrêa (2010, p. 8-9), que compreende o shopping center e parques temáticos como formas simbólicas não meramente materiais que visam “transmitir mensagens sobre identidade, poder e continuidade de valores, como os monumentos em geral tentam transmitir”, são construções planejadas e modeladas, “resultantes de massivos investimentos de capital a serem ampliadamente reproduzidos”, desse modo, partilhamos desse entendimento quanto a elas, contudo, ponderamos que a própria comercialização destas está direcionada também à produção e reprodução de artigos religiosos e podem demarcar uma interpretação de transmissão de mensagens e valores simbólicos religiosos.

O Parque Temático Religioso em Aparecida assim como os similares, nas suas formas e atrações, elas espacializam narrativas, neste caso, fundamentalmente, a religiosa, embora tenhamos outras. Segundo Coccuza (2014, p. 37), analisado o parque temático *Tierra Santa*, as atrações espacializam narrativas “[...] a traves de procesos de instrumentalizacion de espacios que peran como soporte fisico de un conjunto de actividades ludicas, educativas, animacion, de sensibilizacion, produccion de cono cimientos y mecanismos de educacion no formal”. Por conseguinte, as formas construídas na cidade-santuário espacializam narrativas voltadas ao religioso e ao lazer, para os mais variados grupos, e que podem ser enquadradas e identificadas em educativas, lúdicas, animações e sensibilizações.

A consolidação dessas formas simbólicas espaciais e religiosas é a própria estruturação do Parque Temático Religioso regido pelo agente social, o Santuário Nacional. Consideramos também que com a prerrogativa do slogan: *acolher bem também é evangelizar*, as ações e suas formas devem ser analisadas pelo entendimento do turismo e o movimento de reprodução do capital, que transforma o tempo livre em tempo de lazer. Dessa maneira, os objetos analisados cumprem o importante papel no lazer, na recreação e na viagem como elementos constituintes dos grupos sociais que a vivenciam, uma necessidade essencial, de “autopreservação e para o reconhecimento e admiração do grupo social no qual está inserido” (RODRIGUES, 1997, p. 39). Eles ainda cumprem o papel e são planejados, assim como os parques temáticos tradicionais, para manter o público por longo período desfrutando dos atrativos e tendo a certeza que a experiência vivenciada deve ser repetida.

O Parque Temático Religioso é uma construção para o grupo social atinente, um espaço que procura, em tese, satisfazer os desejos, proporcionar alegrias, ser recreação, renovação, restauração e interesses, mas, principalmente, são anseios do agente social responsável pela sua transformação. Devemos ainda compreender que ao elaborar as formas simbólicas espaciais, o projetor se utiliza dos símbolos que são parte dos valores buscados pelos sujeitos e o seu grupo social. Assim, as obras e os itinerários criados representam novos

signos que diferenciarão os indivíduos do seu grupo social e, ao mesmo tempo, corroboram para a produção e reprodução dessas formas simbólicas espaciais e religiosas. Eles compõem uma liturgia do lazer no e fora do território religioso, “que se transforma após a entrada e desenvolve-se, permitindo que uma nova noção de ‘lugar’ surja como evento interativo” (ASHTON, 1999, p. 67).

O sucesso das formas simbólicas espaciais religiosas e do parque temático religioso pode ser considerado pela propaganda midiática do Santuário Nacional, com alcance significativo nas principais plataformas digitais Youtube, Facebook, Twitter e Instagram, uma interação importante em tempos pós-modernos. A efetivação dos empreendimentos também ocorre das relações dos indivíduos com seus pares, a comunicação e propaganda, uma relação mais simples – *a boca a boca* – a subjetividade quanto aos produtos turísticos. Há ainda uma parceria com governos, paróquias, agentes de viagens, entre outros, que podem corresponder na qualificação e prosperidade dos referidos atrativos. Em contrapartida, nas pesquisas de campo realizadas, os devotos demonstraram não conhecer boa parte dos produtos turísticos, ora por não fazerem parte das obrigatoriedades do itinerário, ora por total desconhecimento, ora pela falta de tempo, ora pelos dispêndios financeiros e pelas distâncias a serem percorridas.

Devemos deixar claro e não esquecermos de correlacionar o poder do sagrado e sua esfera de atuação sobre os produtos turísticos, as formas simbólicas espaciais, ele dará um significado pluricultural àqueles que delas participam. Compreende-se que o parque temático e suas atrações têm a função religiosa. A presença no lugar sagrado reflete o simbolismo do sagrado e pode impregnar essa sensação em outros visitantes e não somente ao devoto e o peregrino. Incluímos os agentes modeladores que exercem o serviço de manutenção dessas caminhadas. Privilegiamos os devotos e os turistas, mas sabemos da atuação dos que mantêm *Parque Temático Religioso em Aparecida*.

## 5 A DIMENSÃO POLÍTICA E ECONÔMICA DO SANTUÁRIO DE APARECIDA NO PARQUE TEMÁTICO RELIGIOSO

Nossa interpretação do sagrado na sua dimensão política nos conduz aos agentes políticos que estiveram presentes em ações na indicação de Nossa Senhora em sua proclamação como Padroeira e Rainha do Brasil. Assim como, na doação de áreas com a finalidade de expansão do Santuário Nacional e na difusão do culto mariano, apresentados nos primeiros capítulos. O ano 2018 foi decisivo no cenário político brasileiro, o Santuário Nacional e a Igreja Católica Apostólica Roma demonstraram interesse e preocupação com os rumos políticos nacionais, sobretudo com a intolerância política e religiosa. Da mesma maneira, os candidatos, os partidos políticos e outros movimentos, veem neste lugar sagrado, o local propício para manifestações e para associarem às suas imagens, a popularidade política fica evidente nas mídias. Exemplo dessa estratégia foi *A romaria à Aparecida por Lula livre e pela paz no Brasil*. A perspectiva e importância da manifestação religiosa aliada à política se fez presente, com atuações, discursos, intolerância política e atos de devoção carregados de significados e simbolismos. São ações que dimensionam e compactuam que o político e o religioso estão presentes, são conflitantes e interpretativos. Assim, esta parte da pesquisa apresentará a devoção mariana lulista no Santuário Nacional e as dimensões políticas e religiosas no espaço-tempo da cidade-santuário.

Neste capítulo iremos dar destaque aos eventos ocorridos no Santuário e que marcaram no espaço, pelos agentes sociais envolvidos, comportamentos e ações sociais tradicionais e afetivas no pensar weberiano da sociedade com marcas de dimensões políticas e religiosas. A narrativa apresenta uma fonte histórica documental para interpretação futuras de possíveis pesquisadores da dimensão política do sagrado na ciência.

O pesquisador na ciência geográfica privilegia o estudo da nossa sociedade no espaço e no tempo. A pesquisa empírica fornece a descoberta de como nossa sociedade arranja espacialmente sua vivência. Em campo, nos últimos dos anos, o comportamento da dimensão do sagrado em seu ideário político alterou o espaço de Aparecida. Em 2019, marcado por eleições de vitória política da direita e extrema-direita, e a situação do partido dos trabalhadores – esquerda – gerou conflitos. Em 2020 a presença da COVID-19 esteve presente no Santuário Nacional apresentando um ano atípico em nosso cronograma de pesquisa. Era necessário interpretar os acontecimentos, bem como documentar o que estava acontecendo. Foi interpretado e documentado neste capítulo. Dentre as ações analisadas

destacam-se: a) o *Eu sou Ético Brasil*, de cunho político e religioso, b) o *Debate Aparecida* – debate presidencial – e os relacionados ao religioso como c) o *Dia Nacional Mariano Brasil* e d) a comemoração da *restauração da Santa/Brasil*. Os dois últimos influenciam numa relação política e religiosa, embora não de maneira explícita quanto aos primeiros. O projeto incidia e pontuava na preparação do devoto para o voto consciente e, acima de tudo, cristão, uma participação ética nas eleições numa análise crítica dos candidatos ao pleito do executivo.

A dimensão política e religiosa do sagrado numa abordagem geográfica é interpretada por territórios religiosos – unidades hierárquicas de administração – na hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana podem ter os nomes de dioceses ou paróquias. Neste Estudo iremos acrescentar os territórios religiosos dos neopentecostais conhecidos como igrejas nas diferentes denominações. Essa escolha ocorre devido a ligação do atual presidente da república com a denominação evangélica. A análise será no tripé formado: Igreja católica Apostólica Romana, Presidente da República do Brasil evangélico e sua visita em práticas religiosas católica no Santuário de Aparecida.

A narrativa será abordada nas visitas oficiais do presidente da república: a) a visita do recém-eleito a presidência da república, Jair Messias Bolsonaro, no dia 30 de outubro de 2018 e; b) a segunda visita do presidente da república ocorre num tempo de festa. No dia da Padroeira, na missa do dia 12 de outubro de 2019. A relação política e religião torna-se forte pela data escolhida. A primeira foi uma visita rápida ao templo para cumprir sua agenda no Vale do Paraíba. A segunda, num gesto simbólico deste que, por enquanto, foi um dos poucos presidentes a visitar o Santuário Nacional no dia 12 de outubro<sup>66</sup>.

A construção dessas etapas no capítulo partiu da realização de trabalhos de campo ao longo dos períodos, utilizamos registros fotográficos próprios e de mídias digitais, principalmente do Santuário Nacional. A correlação dos eventos, das análises e das contextualizações do político e religioso se pautaram na documentação bibliográfica apresentada, mas, consideramos, que a percepção e vivência dos acontecimentos no Santuário, nos fornecem outra visão que não é inerente a documentação bibliográfica. Os eventos possuem um tempo e espaço específico, que não se repetem, e vivenciá-los proporciona uma inteligibilidade e interpretação particular dos atos.

O espaço e tempo dos acontecimentos e personagens buscam ampliar a interpretação e a discussão sobre religião e política, tendo o templo como lugar da manifestação dos agentes

---

<sup>66</sup> Primeiro Presidente da República a visitar os festejos de Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/jair-bolsonaro-participa-dos-festejos-da-padroeira-do-brasil-em-aparecida>>. Acesso em 16 de mar. 2021.

políticos e a sua relação com o Brasil, bem como analisa-se movimentos direita, extrema-direita e esquerda, seus posicionamentos quanto às posições adotadas pelo Santuário Nacional, CNBB e outros. Desse modo, a nova organização espacial com os agentes políticos nos conduz ao próximo item:

### 5.1 O trajeto, a devoção mariana lulista e o Santuário Nacional: posicionamentos, percepções e vivências

A análise da experiência vivida num ato político inicia-se com o trajeto do Rio de Janeiro à cidade de Aparecida, do qual o pesquisador acompanhou em um ônibus fretado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) (Figura 71). A viagem teve início com a concentração no Teatro Municipal, região central do Rio de Janeiro, onde dois ônibus seguiram viagem em direção ao Santuário Nacional, às 7 horas da manhã do dia 20 de maio de 2018. A inserção do pesquisador na caravana foi relativamente fácil, na semana que antecedia a viagem, por meio de uma busca no Facebook, foi possível encontrar o seu organizador, no qual apenas me exigiu um documento de identificação com foto e um número de celular para participar, sem quaisquer custos ou questionários sobre o desejo de compor a caravana política.

Figura 71 – Ponto de partida da Romaria - Teatro Municipal (RJ), 2018



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

Nesse trajeto algumas percepções, interpretações e opiniões demonstravam a particularidade e direcionamento quanto à romaria. Os dois ônibus da caravana não estavam

cheios, em média 25 a 30 pessoas, composta majoritariamente de maiores de 30 anos de idade. Em síntese, a grande maioria dos petistas com o qual dialogamos eram católicos e devotos de Nossa Senhora Aparecida. Outros me reportaram como intenção o ato político, por Lula e, por outro lado, rezar contra a violência no Brasil. Contudo, as falas, os discursos e os ideais eram centrados nos posicionamentos políticos e injustiças cometidas por juízes para com o Lula. De fato, tal condição por mais que não fosse defendida em uníssono por todos os representantes era comumente defendida por grupos ligados à romaria:

Estamos empenhados em fazer uma grande mobilização até o Santuário, pois entendemos que o país vive um momento crítico, principalmente para a classe trabalhadora e os mais pobres. Será importante mais esse momento, de mostrarmos que **somos contra a prisão sem provas do Lula [grifo autor]** e que queremos ter o direito de escolha nas próximas eleições”, diz José Carlos, coordenador dasubsele da CUT-SP no Vale do Paraíba<sup>67</sup>.

Ressalta-se que, para uma romaria com o intuito de ir à Aparecida e rezar pelos supracitados, em nenhum momento foram observadas rezas, cânticos ou outras práticas religiosas durante a viagem. O que não se pode atribuir essa condição a todas as romarias daquele dia.

É importante frisar que antes da própria viagem e do ato religioso em Aparecida, as redes sociais já eram inflamadas com a possibilidade da realização de uma missa no território religioso e que, de acordo com grupos contrários, caberia ao Santuário Nacional barrar tal situação, conforme alguns comentários em mídias<sup>68</sup> (Figura 72) e páginas contrárias à realização da missa com aqueles propósitos anunciados pela presidenta do partido dos trabalhadores, Gleisi Hoffman (Figura 73),

---

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://cutrs.org.br/movimentos-por-lula-livre-organizam-romaria-ate-santuario-de-aparecida-no-proximo-domingo/>>. Acesso em 29 de set. 2018.

<sup>68</sup> Matérias vinculadas na mídia digital. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/santuario-de-aparecida-critica-seu-uso-politico-apos-gleisi-convocar-romaria-por-lula.shtml>>; <<https://www.oantagonista.com/brasil/santuario-condena-romaria-de-gleisi-por-lula/>>. Acesso em: 27 de set. 2018.



## Figura 72 – Reportagem do site O Antagonista e comentários dos leitores Santuário condena 'romaria' de Gleisi por Lula

**Brasil** 03.05.2018 18:47

Gleisi Hoffmann convocou os fiéis do petismo para uma romaria a Aparecida, no próximo dia 20, **como registramos mais cedo aqui**. O objetivo é –palavras dela– “expressar nossa fé e pedir pela liberdade” de Lula.

O Santuário Nacional de Aparecida, informa a Folha, não gostou e divulgou uma nota sobre a romaria da presidente do PT.

**Desejos** 07.05.2018 11:21

Gleisi está defendendo o 09 dedos com todo o interesse, pois esta fazendo em causa própria. Sabe que condenada irá presa também, espero que consiga ir depois das eleições quando não irá se reeleger e perderá foro privilegiado. Casal de ladrões de dinheiro dos aposentados. Irá chorar muito e seu nariz voltará a ser caído como era antes dela tentar fazer nariz de rampa. Todos os maus adjetivos que escreveria aqui, desejo a ela e seus filhos.

 responder

**Adalberto** 05.05.2018 18:45

Deveria ser crucificado. O perigo é ele roubar a cruz!!!!

 responder

**Aldo** 04.05.2018 17:46

Mais uma exclusividade nacional, uma jabuticaba político-religiosa, o comunista cristão e católico.

 responder

**Claudio** 04.05.2018 16:01

A Igreja Católica que se cuide. Agora vai ter romaria para o capeta.

 responder

Fonte: O Antagonista<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.oantagonista.com/brasil/santuario-condena-romaria-de-gleisi-por-lula/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

Figura 73 – Anúncio da Romaria à Aparecida



Fonte: Twitter de Gleisi Hoffman (2018)

E pelo coordenador Gilberto de Carvalho<sup>70</sup>,

A missa não é um **ato político-partidário**, nada disso. Vai ser um **ato católico**, o pessoal vai lá para rezar, não é pra fazer debate, nem pregação. É para rezar pelo Lula, nós estamos muito felizes porque está havendo uma grande participação, em Minas Gerais tem mais de 30 ônibus se organizando e também em São Paulo, no Vale do Paraíba, nós queremos lotar a basílica para que o Lula sinta o apoio do povo e para que esse povo possa se expressar.

O Santuário Nacional, em nota à imprensa no dia 4 de maio de 2018, se posicionou de maneira política em relação à romaria e enfatizou que o espaço sagrado “é uma Casa que se coloca contra toda e qualquer utilização do seu espaço para fins políticos ou ideológicos”, mas é também um templo aberto que preconiza os ensinamentos cristãos e como tal é um “espaço sagrado que acolhe todos os filhos e filhas de Nossa Senhora Aparecida, sem distinção”<sup>71</sup>. Ao mesmo tempo, ciente do seu posicionamento político e da influência sob seus fiéis, compreende o momento político vivido e “sob qualquer hipótese se posiciona ou se

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/05/2018vamos-lutar-com-muito-amor-para-que-lula-volte-anosso-meio2019-afirma-ex-ministro>>. Acesso em 29 de set. 2018.

<sup>71</sup> Nota Oficial do Santuário Nacional. Disponível em: <<https://arqaparecida.org.br/Imprensa/Noticia/134-Nota%20Oficial%20do%20%20Santu%C3%A1rio%20Nacional>>. Acesso em 4 de mai. 2018.

posicionará em favor de quaisquer líderes políticos, refutando toda e qualquer iniciativa que queira utilizar-se do Altar da Eucaristia para fins de promoção individual ou partidária”.

A chegada em Aparecida ocorrera às 11 horas da manhã, no estacionamento do Santuário Nacional, onde lá estavam outros três ônibus da romaria política e religiosa. Após pose para fotos (Figura 74), a organização da romaria salientou aos devotos lulistas, o objetivo da viagem e ponderou aos que tivessem vindo à Aparecida para compras na Feira Livre, conhecida por seus produtos de origem do Paraguai e para conhecer o Santuário Nacional, que mantivessem o objetivo principal, a missa às 14 horas, bem como o ponto de concentração, a Igreja Velha, o primeiro templo oficial para a Santa.

Figura 74 – Caravana do Rio de Janeiro no estacionamento do Santuário Nacional.



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

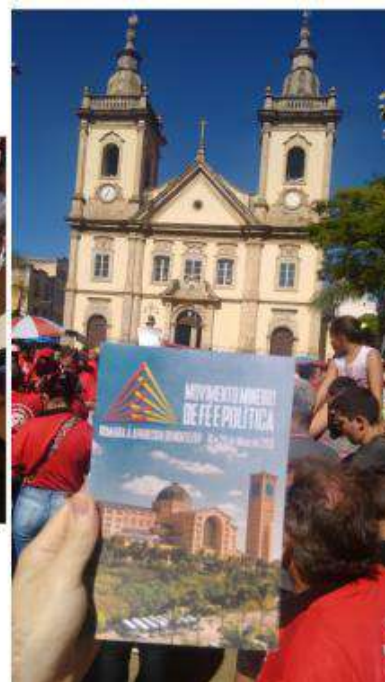
Na concentração as primeiras hostilidades tiveram início, como “*Lula ladrão*”, “*Vá pra Cuba*”, “*Petrolão*”, “*Comunistas*”, outros reclamaram do rosto do Lula em uma imensa bandeira (Figura 75) e disseram: “*vamos colocar uma foto da família e não desse ladrão*”. As hostilidades foram feitas por moradores e trabalhadores das lojas e dos hotéis que circunvizinham a igreja. Em contrapartida, não foram ouvidos qualquer resposta às ofensas por participantes da romaria para com os locais. Durante a concentração, a todo o momento algum orador fazia uso do microfone, proferindo discursos e falas, explicando a natureza do ato, bem como informando da venda de acessórios (santinhos, camisas, bandeiras) e a distribuição de panfletos dos grupos organizadores (Figura 76).

Figura 75 – Bandeira Lula Livre e devota mariana lulista



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

Figura 76 - Devotos marianos lulista organizando produtos e panfletos do Movimento de Fé e Política



Fonte: Registro fotográfico de campo (2018)

Na Praça Nossa Senhora Aparecida, o profano diretamente vinculado ao sagrado demonstra suas nuances, os cânticos, as rezas, a venda de santinhos de Nossa Senhora Aparecida, camisetas com a imagem de Lula e outros, sinalizavam os matizes do ato político e religioso. No mar de camisas vermelhas (Figura 77), a imagem da Santa e o rosto de Lula irrompiam na concentração. O religioso e político se entrelaçaram ao profano e ao sagrado, davam outra áurea e simbolismo para o ato.

Figura 77 – Concentração da romaria na Praça Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2018).

Na história de Aparecida e de construção desta cidade-santuário, o político esteve presente desde o início no pequeno povoado da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, na Igreja Velha, no Santuário Nacional e, naquele momento, na romaria político partidária. Os agentes sociais – Igreja Católica e os políticos – concatenaram acordos, interesses e condições que alicerçaram a propagação da religiosidade e naquela romaria outras tratativas, nuances e intenções foram previamente acordadas, que merecem uma análise e interpretação.

A romaria concentrara-se na Praça Nossa Senhora Aparecida, em frente à Igreja Velha, entre um puxador do ato e uma reza, o discurso do coordenador Gilberto de Carvalho, onde disse que *“estamos em missão de fé, pela paz, pela justiça, pela injustiça com Lula. É um ato religioso, por justiça à Marielle, nossa companheira”*. O discurso do coordenador demonstrou uma característica fundante para o entendimento do território religioso, as relações de poder e força do sagrado sobre os grupos sociais, onde apresentou o acordo firmado com o Santuário Nacional. Os representantes: Dom Orlando Brandes, Arcebispo da

Arquidiocese de Aparecida, o Padre João Batista de Almeida, Reitor do Santuário Nacional e a diretiva da Romaria, acertaram que os manifestantes deveriam respeitar o espaço sagrado e o território religioso. Compreende-se a partir do acordo, o poder político e institucional do Santuário Nacional e as estratégias de convívio no espaço. Por pressuposto, para compreender as táticas e ações desses agentes sociais no espaço sagrado e espaço profano, a análise dos conceitos de território são fundamentais e serão temáticas do próximo tópico em construção.

## **5.2 Território religioso e os agentes políticos: católicos políticos contra Lula e católicos políticos a favor de Lula**

A conceituação de território, território religioso e territorialidade religiosa serão apresentados nesta etapa da tese por meio de: Sack (1986), Rosendahl (1994, 1996, 2003, 2005, 2008b, 2012, 2018), Souza (1995) e Haesbaert (2004). O propósito dessas conceituações é dimensionar o político no território, a territorialidade religiosa e as ações na manutenção e controle das práticas devocionais. Essas conceituações são necessárias pela percepção do momento vivenciado no espaço profano e espaço sagrado, as interações dos praticantes com o ato religioso e partidário.

O território é constituído de eventos históricos e naturais, é uma unidade espacial contínua ou não delimitada, definida por e a partir de relações de poder (SOUZA, 1995). Segundo Haesbart (2004), podemos agrupar o território em quatro grupos de vertentes básicas: *política, cultural, econômica e natural*. Sinteticamente, a vertente *política* compreende as relações espaço-poder ou jurídica-política, um espaço delimitado e controlado (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2004). Esse poder, na maioria das vezes, está relacionado ao Estado, embora, pode-se relacionar essa configuração de poder a instituições como a Igreja, mais especificamente, ao Vaticano e, para esta análise, ao Santuário Nacional. Dentro da vertente *cultural ou simbólico-cultural*, a amplitude da relação de dominação do poder se verifica em sua dimensão simbólica ou subjetiva, da apropriação simbólica do território pelo grupo social para com o espaço vivido. Nessa vertente, encontramos a dominação simbólica religiosa no espaço da cidade-santuário, delimitando relações sociais, a partir do simbólico, da fé. Na vertente *econômica*, as relações são determinadas pelos recursos, as classes sociais e a relação capital-trabalho, culminando em uma divisão territorial

do trabalho. Por último, a vertente *natural* que envolve relações entre a sociedade e a natureza.

O território é visto, principalmente, a partir das três primeiras vertentes apresentadas, embora a dimensão cultural ou simbólico-cultural seja a determinante para o entendimento do espaço vivido na romaria em análise. Todavia, partindo do pensamento de Raffestin (1993, p. 47), poderíamos interpretar o território exclusivamente por uma abordagem cultural, evocando “os elementos e códigos culturais”, mas seria não compreender que as vertentes econômicas e políticas permeiam o cultural. Nesse sentido, partimos de um território por uma visão integradora.

O território é constituído por relações de poder, o espaço territorializado do Santuário Nacional em Aparecida é um dos instrumentos de exercício de poder seja sobre os devotos e não-devotos, os agentes sociais, que se exerce sobre o território. O simbólico é a força que determina este poder, a força do sagrado e sua identidade com o lugar são confluências desta delimitação, da territorialidade. A territorialidade está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (SACK, 1986, p. 6), há nesse espaço territorializado ligações afetivas, construção histórica e de identidade do grupo social com a sua devoção. Seus elementos e significados são constituintes dessa delimitação e estão embutidos na fé e na sua representação social (SACK, 1986; SOUZA, 1995; SMITH, 1999).

O território religioso é reflexo da identidade cultural de um grupo, conforme disserta Rosendahl (2005). Nesta identidade cultural específica temos a construção da Padroeira do Brasil, símbolo máximo do catolicismo brasileiro. Os territórios religiosos “são qualitativamente fortes, constituídos por fixos e fluxos, possuindo funções e formas espaciais que constituem os meios por intermédio dos quais o território realiza efetivamente os papéis a ele atribuídos pelo agente social que o criou e controla” (ROSENDAHL, 2003, p. 195).

Na fundamentação desse território religioso, temos um “conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território” (ROSENDAHL, 2008b, p. 195), é uma ação individual ou coletiva, “na tentativa de influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações” (ROSENDAHL, 2018, p. 338). Tal territorialidade fortalece a experiência religiosa coletiva e individual, a legitimação da fé e a sua reprodução (ROSENDAHL, 2005).

O Santuário Nacional é um território com controle de acesso e com uma autoridade exercida pela Igreja Católica Apostólica Romana, a Santa Sé, no primeiro nível e, no segundo nível, a Diocese de Aparecida (ROSENDAHL, 2018). O controle não ocorre pela opressão,

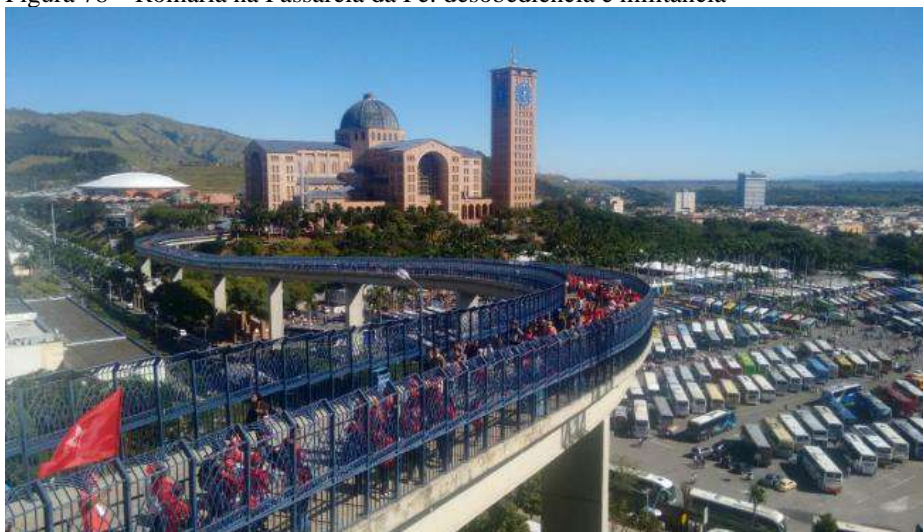
exercício da força física ou militar, ele ocorre por meio de um sistema abstrato da fé e doutrinário, a Igreja invisível (SACK, 1986; ROSENDAHL, 2005). Há, ainda pela proposição de Sack (1986), a Igreja visível, nela temos a delimitação física, o templo e outras edificações, correspondem ao território religioso que apresenta uma estrutura de relações de poder, tendo na figura do Arcebispo de Aparecida e o Reitor do Santuário Nacional, a gestão territorial e ecumênica.

É na compreensão do território como um campo de força, regido por um agente social, envolto em um simbolismo e uma identidade, na vivência da fé e dos fiéis, que procuramos analisar as percepções quanto aos *manifestantes devotos* ou *devotos lulistas*. As relações de poder e campo de força se tornam elucidativas e observáveis, no momento que os devotos, ao trespassarem o limite entre o acesso à passarela da fé, por recomendação do coordenador do PT e do Santuário Nacional, ficaram expressamente proibidas à manifestação de palavras de ordem, o hasteamento de bandeiras ou qualquer tipo de ação que não devocional religiosa. Dessa situação, observa-se que a territorialidade religiosa “[...] depende de quem está influenciando e controlando quem [...]” (SACK, 1986, p. 1). Ela não apresenta rigidez no tempo e no espaço (ROSENDAHL, 2018), a territorialidade religiosa se faz na vivência da fé e, por conseguinte, o posicionamento estritamente político fora rompido pelas práticas religiosas, as rezas e os cânticos.

O campo de força e o poder dimensionaram tais meandros do território no caminhar pela Passarela da Fé, todavia, toda ação humana é carregada por atos singulares, aqui tratados como desobediência civil, desse modo, em meio a rezas e promessas, foram observados gritos e tremulações de bandeiras (Figura 78), no território religioso e no espaço sagrado (Figura 79), sobretudo na missa, onde algumas posições contrárias às regras foram acometidas.



Figura 78 – Romaria na Passarela da Fé: desobediência e militância



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2018).

Figura 79 – Devotos lulistas com a bandeira do Brasil e do PT no Santuário Nacional



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2018).

A romaria organizada pelos grupos: *Movimento Mineiro de Fé e Política* e *Fórum Político Inter-religioso*, ambos de Minas Gerais, da cidade de Teófilo Otoni, segundo conversado com simpatizante, saíram aproximadamente 10 ônibus. A romaria ainda contou com a presença de outros grupos da região do Vale do Paraíba, grande São Paulo e Rio de Janeiro. Notadamente, estavam presentes políticos, seja por serem devotos marianos, *devotos lulistas* ou por interesses majoritariamente eleitoreiros, como as lideranças; o vereador Eduardo Suplicy; o presidente do PT de São Paulo, Luiz Marinho; o presidente do PT do Rio de Janeiro, Washington Quaquá, entre outros.

A missa representou a idealização do movimento e sua proposta, principalmente, se analisarmos pelas palavras proferidas na missa pelo celebrante e o leigo. Todavia, tais são

interpretativas e até *contraditórias*, tendo em vista a nota oficial do Santuário Nacional com respeito ao evento, na qual enfatiza a posição contrária a utilização do espaço para fins políticos ou ideológicos.

O Santuário Nacional de Aparecida é um espaço sagrado que acolhe todos os filhos e filhas de Nossa Senhora Aparecida, sem distinção;  
Da mesma forma, também é uma Casa que se coloca **contra toda e qualquer utilização do seu espaço para fins políticos ou ideológicos**;  
Com base nos valores éticos e cristãos, o Santuário Nacional entende que o momento atual é propício de reflexão e protagonismo do cidadão ao que tange às escolhas eleitorais, por isso, **sob qualquer se posiciona ou se posicionará em favor de quaisquer líderes políticos refutando toda e qualquer iniciativa que queira utilizar-se do Altar da Eucaristia para fins de promoção individual ou partidária**; [...] (grifo nosso)

Ainda que o comunicado oficial, do dia 3 de maio de 2018, explicita que o Santuário Nacional é contra a utilização do seu espaço para fins políticos, observou-se, invariavelmente, o contrário no espaço sagrado, sobretudo, no momento em que o celebrante proferiu no sermão as intenções de reza por Lula e pela paz no Brasil. Esses trechos podem ser vistos nesta transcrição do áudio da missa,

[...] **nós viemos aqui para rezar, por que acreditamos na força da oração.** [...] Então meus irmãos e minhas irmãs, bem-vindos, **nós estamos aqui para rezar**, eu estava olhando aqui, a gente sempre deixa no cantinho do altar esse cálice e eu vou levantar para todo mundo ver, aqui a gente coloca as intenções das pessoas. Olha, quanta gente pediu para que **nós rezássemos**, tanta gente passa por aqui, deixa seu nome, sua causa e o seu pedido. Porque acredita na força da oração. **Eu quero aqui fazer uma saudação muito carinhosa e muito especial para todos vocês que vieram rezar por Lula e pela paz no Brasil** (grifo nosso).

Naturalmente, as intenções das rezas não podem ser compreendidas unicamente no sentido político, as falas do clero e a missa são “*bens de salvação*” (BORDIEU, 2007, p. 39), o catolicismo prega no seio da sua doutrina o respeito, igualdade e, aos que praticam amor e justiça em comunhão com o Reino de Deus, serão aceitos no reino do céu (BÍBLIA, Mateus 7, 21).

O celebrante, o padre João Batista, enfatizou que a razão de estarmos ali de vermelho (roupas) era devido à festa do espírito santo – o sangue de Cristo – e que a Igreja Católica só usa o vermelho por dois motivos: “a celebração dos mártires e a celebração do espírito santo”. Evidentemente, não podemos discorrer que a ênfase dada na questão da cor vermelha, por parte do representante, esteja atribuída ao momento político atual, em que o vermelho representa o comunismo, uma Igreja Católica comunista e o amarelo, os patriotas, os antilulistas. Todavia, não pode ser deixada de lado tal possibilidade.

Em comunhão e em reza, o poder e o campo de força do sagrado se fizeram presente, os *devotos lulistas* respeitaram o espaço sagrado e, em sua grande maioria, sem manifestações

de cunho político partidária. Embora após a intenção da reza, ressoaram gritos no templo: “*Lula Livre*”, “*Fora Temer*” e “*golpistas e fascistas*”, “*Moro golpista*”, entre outros. Tais palavras foram rechaçadas pelo celebrante padre João Batista com um sonoro “*shut up*”, em inglês, “*cala a boca*” ou “*fique quieto*”.

As manifestações dos devotos pelo ex-presidente Lula e os discursos interpretativos dos religiosos atingiram outra percepção e intenção com a leitura do leigo,

Pela paz e fraternidade do povo brasileiro, para que Nossa Senhora Aparecida nos abençoe e que saibamos conviver como irmãos mesmo nas divergências, nas diferenças, eliminando toda forma de **ódio e intolerância** entre nós. Rezemos ao senhor. [...] **Pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, para que Nossa Senhora Aparecida o abençoe e lhe dê muitas forças, e que se faça a verdadeira justiça para que, o quanto antes, ele possa estar entre nós, construindo com o nosso povo um projeto de país, que semeia a justiça e a fraternidade.** Rezemos ao Senhor! (grifo do nosso)

A fala do leigo estimulou manifestações por parte dos devotos que em êxtase aplaudiram, choraram e entoaram palavras de apoio ao ex-presidente Lula. Os semblantes estavam atônitos e a felicidade era explícita em cada *devoto lulista*. Da mesma maneira, pairava no ar olhares incrédulos e duvidosos quanto aos discursos proferidos pelos religiosos. A missa seguiu seus ritos sacramentais e finais, que após o êxtase na figura político partidária a fé demonstrava sua sinergia.

Com o término da missa e os últimos agradecimentos a Nossa Senhora Aparecida, alguns gritaram “*Lula guerreiro do povo brasileiro*”, mas os alto-falantes do templo abafavam qualquer coro. A felicidade nos rostos dos *devotos lulistas* e a esperança na liberdade do ex-presidente pareciam atingíveis. Essas percepções foram posteriormente confirmadas com alguns devotos lulistas durante o caminho até o ônibus e no decorrer da viagem para o Rio de Janeiro. Eles me reportaram certa descrença no ocorrido na missa<sup>72</sup>; “*estaria a Igreja, o Santuário Nacional apoiando o presidente*”; “*Seria uma resposta ao golpe perpetrado pelos algozes*”.

Os *devotos lulistas* no misto interpretações e desejos, antes de tudo, são devotos marianos e estar no Santuário Nacional é vivenciar sentimentos que balizam suas experiências devocionais que podem ser destacadas nas seguintes falas:

---

<sup>72</sup> Os trechos destacados em itálico neste parágrafo representam os diálogos aportados com os devotos lulistas.

“O mais importante é estar aqui”;

“Fazia 10 anos que eu não visitava a casa da Mãe, hoje cumpro minha promessa”;

“A alegria de estar na casa da Mãe e o sentimento de paz”;

“A fé em Nossa Senhora Aparecida e na verdadeira justiça para com o ex-presidente”;

“Por um mundo com mais trabalho e saúde”;

“Viva Nossa Senhora Aparecida”.

A missa celebrada no dia 20 de maio de 2018 e a mensagem que lhe foi atribuída soou para além do território religioso e as respostas e repercussões não demoraram. Em época da hipermodernidade, os poderes das mídias sociais e de sua propagação exercem um papel fundamental, principalmente, em encurtar discursos e fazê-los atingir àqueles que querem ou não os ouvir. Dessa maneira, as falas e os atos realizados naquele dia soaram e atingiram não somente os *devotos lulistas*, mas também o público contrário à romaria para o Lula. De modo que exigiu do Santuário Nacional uma resposta frente ao reboliço criado. No dia 23 de maio, em nota oficial<sup>73</sup>, o celebrante da missa e o Santuário Nacional objetivaram consternar o ocorrido como se pode ler,

Permaneço no meu amor! (Jo 15,9)

Saudação e Bênção a todos,

**Nós, Dom Orlando Brandes, Arcebispo da Arquidiocese de Aparecida; Pe. José Inácio de Medeiros, Superior Provincial dos Missionários Redentoristas da Província de São Paulo; Pe. João Batista de Almeida, Reitor do Santuário Nacional de Aparecida**, através desta nota, nos dirigimos ao povo brasileiro e, em especial, aos devotos de Nossa Senhora Aparecida. **Manifestamos nosso profundo pesar pelo desapontamento que causamos a todos. Pedimos perdão pela dor que geramos à Mãe Igreja, aos fiéis e às pessoas de boa vontade.**

Em nossa Ação Pastoral, o Santuário Nacional, **a Arquidiocese de Aparecida e a Congregação Redentorista não defendemos uma posição político-partidária, que é contrária ao Evangelho.** Estamos sim, em comunhão com o Magistério e com a Doutrina Social da Igreja.

**Contudo, eu, Pe. João Batista, Reitor do Santuário Nacional, manifesto meu pesar e peço o perdão de todos que se sentiram ofendidos pela maneira como conduzi a celebração da missa das 14 horas, do último dia 20 de maio.** Quero reafirmar meu compromisso com a Arquidiocese de Aparecida, com a Congregação do Santíssimo Redentor, com os colaboradores e voluntários do Santuário Nacional e com todos os que bebem dessa fonte de restauração de vidas.

Encerrando, renovamos nosso pedido de perdão e confiamo-nos à oração de todos. **Pois, com a Mãe Aparecida, “tudo o que é quebrado pode ser restaurado”.**

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/santuاريو/imprensa/releases/nota-de-reparacao>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

Queremos continuar fazendo do Santuário Nacional a Casa da Mãe de todo o povo brasileiro.

Interceda por todos nós a Mãe Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, a Mãe da Misericórdia.

Padre João Batista de Almeida  
Reitor do Santuário Nacional

Padre José Inácio de Medeiros  
Provincial da Unidade Redentorista de São Paulo

Dom Orlando Brandes  
Arcebispo de Aparecida (grifo nosso)

No primeiro trecho da nota, salienta-se a preocupação dos gestores e do celebrante para com o ocorrido, segundo algumas pessoas consultadas, após a realização da missa houve uma enxurrada de reclamações nas páginas oficiais do Facebook e do Twitter do Santuário Nacional, e, embora não comprovado, o cancelamento de planos de fidelidade, conhecidos com Família Campanha dos Devotos. O segundo trecho destaca a posição contrária da instituição e, por extensão, da Igreja Católica, quanto a posição política partidária, embora nos documentos históricos da CNBB e nas pastorais de bases ela atue com posicionamentos críticos, institucionais ou individuais, perante períodos eleitorais. Por último, destacamos caráter e missão, a restauração da fé e da confiança, e analogia de tal restauração como a ocorrida com a imagem da Santa.

Dentro dessas diversas condições e situações o Santuário Nacional procurou consternar a tensão. Na esfera digital, na página da rede social A12, os devotos *não partidários* pediram a renúncia do reitor e nessa estratégia de política depois do fato acontecido, o Santuário Nacional intenta com a nota deixar o âmbito da esfera político partidária e o ódio semeado entre à direita e à esquerda fora do espaço sagrado. Enquanto para os fiéis da romaria política e os do PT, precisam continuar a devoção pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, o messias injustiçado por seus algozes, e contra a violência no Brasil.

Ao analisarmos e interpretarmos a religião e a política, a *idealização de separação Igreja/Estado*, a laicidade promulgada pela constituição de 1988, compreende-se que, determinadamente, não há uma separação, as fronteiras são porosas, as atuações dos agentes sociais não são delimitadas e nítidas (MOUFFE, 2006). Disto isso, os agentes sociais versam no conjunto da sociedade civil, no espaço sagrado e, também, no espaço público, que são utilizados por movimentos políticos, sociais e religiosos, como campo de conflito e interesses. Nesses interesses, na contemporaneidade e no momento estudado, observa-se que a Igreja Católica e os agentes sociais envolvidos, disputam o significado da reprodução de seus

valores e de suas posições frente ao cenário atual. Tal situação não ocorre somente no cristianismo católico, ela também se dá em outros matizes do cristianismo – como no cristianismo protestante (neopentecostalismo) – uma disputa pelo poder político nas diversas esferas, na sociedade civil e nos seus valores, ora camufladas, ora visíveis. Assim,

Las religiones despliegan un importante número de roles políticos en las sociedades contemporáneas, particularmente frente a estados desguazados, sociedades políticas en crisis y sistemas económicos que excluyen. Simplificar estos roles, o considerarlos únicamente como anti-democráticos es no comprender la complejidad de lo religioso en las sociedades contemporáneas (VAGGIONE, 2005, p. 139-140).

A experiência de campo, a vivência e as práticas sociais no território religioso e fora dele, demonstraram que a romaria teve, primordialmente, cunho e viés político partidário. No Santuário Nacional e em sua historicidade, religião e política sempre caminharam juntas, ao longo do tempo diversas manifestações de amplos aspectos utilizaram do espaço sagrado como campo político. Como exemplo, no dia 10 de abril de 2016, o *Movimento Legislação e Vida*<sup>74</sup> esteve no espaço sagrado embora em menor número que a romaria petista para defender: “*Por uma Igreja livre do PT e dos comunistas*”. A associação da Igreja Católica como comunista tem como origem o período da Ditadura Militar, quando a instituição revisou sua posição de apoio ao regime e defendeu mudanças estruturais, tal defesa foi encabeçada sobre influência da Teologia da Libertação, Concílio do Vaticano II, Conferência de Medellín e movimentos de esquerda, aportados na filosofia marxista.

Da mesma maneira que a realizada por grupos lulistas, os *devotos direitistas* hastearam bandeiras e entoaram palavras de ordem. Enfatiza-se, dentro dessas conjecturas de manifestações tanto de direita e de esquerda, em uma sociedade difusa com problemas sociais agravados e dividida, o espaço sagrado e o território religioso são campos de exposição política, valores sociais e ideologias. Desse modo, ampliando a discussão da esfera política e religiosa no espaço sagrado, discute-se, na próxima etapa, o contexto político do ano eleitoral, a participação do Santuário Nacional com a idealização do *Eu sou ético Brasil*, a crescente de movimentos de direita e extrema-direita, a ida de Bolsonaro à Aparecida e a relação do neopentecostalismo.

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://movimentolegislacaoevida.blogspot.com/>>. Acesso em 15 de abr. 2020.

### 5.3 A Igreja Católica e o Estado: agentes sociais de dimensão política e histórica

O cenário político brasileiro nos últimos anos, 2018 a 2020, tem sido arena de disputa entre os espectros ideológicos de direita e ideológicos de esquerda, entre os lulismos e os anti-lulismo. As pesquisas sobre a dimensão política no lugar demonstram que arena política se acentuou e tem como marco inicial as manifestações de 2013 (CALIL, 2013), que culminou no crescimento do sentimento antipolítico e no ressurgimento de setores da sociedade até então *ocultos*, relacionados ao extremismo (xenofobismo, racismo, nazismo, homofobia, entre outros). O crescimento dessa atmosfera está intimamente relacionado ao distanciamento dos governantes e dos governados, o descaso histórico com os serviços públicos, a violência urbana, a desigualdade social, o sentimento de impunidade, sobretudo, proveniente dos casos de corrupção envolvendo setores do executivo, que foram amplamente reportados na mídia televisiva e internet, bem como a ascensão da extrema-direita no cenário mundial. Nessa conjunção de ações emergem no cenário político brasileiro e mundial, figuras que capturam em seus discursos ideologias antissistema, como o deputado federal Jair Messias Bolsonaro no contexto do ano 2013.

Na emersão de acontecimentos mundiais outras disputas são travadas e das mais variadas matizes, com narrativas, fatos e conflitos. Os matizes encontram cenário também dentro do cristianismo – no neopentecostalismo e no catolicismo – onde simpatizantes, representantes e políticos, disputam o apoio de candidatos aos cargos públicos. Nessa configuração, o Santuário Nacional se insere como agente político, porém, não com o apoio velado a determinado projeto político, mas como instituição interessada no seu escopo e ideologia, a fé e a justiça social como alicerce. Assim, busca-se compreender a dimensão política da Igreja Católica, Estado e agentes sociais, ante os significados e interesses envolvidos. Ou seja, a proposição é “[...] aceitar [que] a existência de uma dimensão política do espaço requer a aceitação prévia da política como uma instância com certo grau de autonomia na vida social, o que significa considerar que existem fenômenos políticos que, de algum modo, qualificam o espaço.” (CASTRO, 2005, p. 44)

Ao apresentarmos o Santuário Nacional como agente social com participação política no cenário eleitoral de 2018, temos como proposição inicial compreender o termo política, seu significado e interpretações. Posteriormente, contextualizar acerca da separação da Igreja e do Estado, remetendo à historicidade e à laicidade, pois, credita-se que tornar-se-ia infrutífero não perceber a relação da Igreja no espaço-temporal.

A política, segundo Castro (2005, p. 49), consiste na essência das normas socialmente instituídas para o controle das paixões (interesses, conflitos, ambições, etc...), “[...] surge da relação entre homens e das opções feitas, historicamente, para a sua realização.”, e como tal a política se realiza no espaço, o espaço das manifestações humanas. Ela “envolve, então, o reconhecimento e a reconciliação de interesses conflitantes [...]” (CASTRO, 2012, p. 50). Assim, pensar a Igreja Católica na política, como um agente social político, é compreender sua ação histórica no espaço brasileiro e o reconhecimento desta instituição na conciliação, nos interesses e, fundamentalmente, interpretar que o movimento político tem como objetivo principal a propagação de seu maior atributo, a mensagem religiosa.

A influência direta dessa instituição no território e no Estado estão na origem da divisão territorial do Brasil (ROSENDAHL, 2008b) e datam de até 1889. Por conseguinte, durante quatro séculos, do período colonial (1500-1882) ao imperial (1882-1889), a religião oficial era o catolicismo, conforme artigo 5º da Constituição de 1824, e proporcionava ao Estado um importante instrumento de dominação política, social e cultural.

Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo.<sup>75</sup>

Naquele período, a Igreja Católica era dependente do Estado, uma subordinação orgânica na manutenção e proteção da religião católica em detrimento de outras, na disciplina interna dos eclesiásticos, na nomeação de bispos, na fiscalização da instituição, bem como outros assuntos administrativos e econômicos (ESQUIVEL, 2003). No período imperial, o catolicismo continuou a religião oficial e subordinada ao poder civil. Tal dependência e subordinação entrará em decréscimo com o surgimento do racionalismo e iluminismo na Europa, que encontrarão esteio no Brasil.

A crescente do racionalismo e iluminismo promoverão o “*abandono*” do plano metafísico e, na mesma âncora, no Brasil, as penetrações das ideias do iluminismo europeu incentivaram a promulgação da primeira constituição de 1889 (ESQUIVEL, 2003). O governo provisório pôs fim a inseparabilidade da Igreja e Estado, com a extinção do regime de padroado, “a legislação recusou claramente a união entre o poder civil e o poder eclesiástico” (ESQUIVEL, 2003, p. 202), têm-se o fim do monopólio religioso católico, embora, tal processo de secularização não culminou em confisco de bens (físicos e financeiros) e tão pouco o caráter de religião oficial, a instituição continuou a usufruir de influência

---

<sup>75</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm)>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.



institucional, política e social (FONSECA, 2002). Na Primeira República (1889-1929), a nova constituição positivista buscou a descentralização das esferas de poder, esta situação tornou-se benéfica para Igreja Católica, pois abriu brecha para a atuação em outras vertentes: social e política, como o trabalho pastoral de base (ESQUIVEL, 2003).

[...] a Igreja conseguiu diversificar seu trabalho pastoral e dotou-se de uma maior permeabilidade no que diz respeito aos conflitos da estrutura social. À medida que a sociedade ficava mais complexa – resultado da reformulação do aparelho produtivo –, a Igreja se adaptava e estendia suas bases, abrindo-se às classes médias e populares. (ESQUIVEL, 2003, p. 203)

Tendo em vista que a proposição aqui é demonstrar em momentos históricos os estreitos laços e as divergências nas relações dos agentes sociais. Desse modo, dando um salto na análise temporal da relação Estado e Igreja Católica, é extremamente oportuno destacar o governo varguista. No governo de Getúlio Vargas (1934-1945), Estado e Igreja Católica, na figura de Dom Sebastião Leme, nomeado arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro e da capital da República em 1921, aliam-se na garantia do processo republicano e no *status quo* (ORO, 2003). Essa política de conciliação e o fim do distanciamento entre os agentes sociais com a Constituição de 1934, proporcionará no fortalecimento da Igreja, na difusão da religião católica, retomando sua *oficialidade* e no processo de catequização da população, sobretudo, com a implementação do ensino religioso nas escolas públicas. Como destaca Esquivel (2003, p. 205), a Igreja Católica em seu apoio ao governo varguista conseguiu que demandas fundamentais ao seu projeto fossem levadas em consideração como impulsos políticos liberais e comunistas e, ainda,

Declaração de feriados religiosos, atos oficiais precedidos de cerimônias religiosas, imagens religiosas entronizadas nas dependências públicas – tribunais, assembleias legislativas, escolas, hospitais, delegacias policiais –, bênçãos de novos prédios, referências a valores religiosos nos discursos públicos, missões rurais do Ministério de Educação implementadas por agentes das dioceses.

Destaca-se que, nesse período, mais precisamente em 1931, foi promovida na capital federal, Rio de Janeiro, a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, fortalecendo o caráter nacionalista e identitário do Brasil como país católico.

Na década de 1960, influenciada pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965) e pela Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, na cidade de Medellín, em 1968 na Colômbia, a Igreja Católica no Brasil e na América Latina, reveem a incondicionalidade ao regime de exceção, apoiada na CNBB e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a instituição questiona a sociedade, a desigualdade social e a violência estatal (MEDELLÍN, 1968). Segundo Löwy (1997), a mudança ocorreu, fundamentalmente, devido

as intensas perseguições à religiosos e religiosas, intelectuais e trabalhadores no período militar. Embora, conforme refere Scott Mainwaring (2004), não houve unanimidade nas posições contrárias ao regime, os setores conservadores – como a adesão de católicos ao movimento integralista – continuaram com o apoio massivo enquanto o setor progressista era duramente repellido.

A influência política da Igreja Católica assume diferentes facetas e sob a ação de diversos seguimentos, como a CNBB fundada em 1952, por D. Hélder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, com ela a instituição adotaria uma estrutura nacional e organizacional frente as mudanças pleiteadas pelos governantes acerca da unidade nacional e da qual participaria deste processo, como também o alcance de sua presença nas áreas social e política (movimentos sindicais, educação popular, universitários e secundaristas) (SOUZA, 2004). Ao mesmo tempo que assume uma organização institucional centralizada e com difusão por todo o território (ROSERDAHL; CORRÊA, 2006), a Igreja Católica aproveitará da aliança com o Estado para implementação do projeto político e religioso de identidade cultural de Nossa Senhora Aparecida.

A ditadura militar representa na política da Igreja Católica um divisor entre os moderados conservadores e os progressistas, nos primeiros, houve apoio ao regime de exceção sob a prerrogativa de libertação do mal do Leste, o comunismo, conforme Declaração da CNBB sobre a situação nacional, em julho de 1964:

Atendendo à geral e angustiada expectativa do Povo Brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do Poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, evitaram se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa Terra. [...] Logo após o movimento vitorioso da Revolução, verificou-se uma sensação de alívio e de esperança [...] De uma à outra extremidade da pátria transborda dos corações o mesmo sentimento de gratidão a Deus, pelo êxito incruento de uma revolução armada. **Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos Militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação; e gratos somos a quantos concorreram para libertarem-na do abismo iminente** (ROLLEMBERG e QUADRAT, 2010, p. 53, grifo nosso).

Enquanto no segundo momento, centrado na Teologia da Libertação e na resistência ao modelo opressor, demonstrou que “o conservadorismo político não é tão intrínseco” à instituição (MAINWARING, 2004, p. 25). A Teologia da Libertação pregava a mudança na estrutura social do país, reforçada pela Conferência de Medellín que escancaram a ditadura militar, as perseguições políticas ao viés marxista. A mudança de posicionamento, em meados de 1968, fomentou a criação de movimentos políticos e sociais contra o regime militar, foi uma adversária e uma força na luta pela democratização do Brasil no período (LÖWY, 1997).

Os períodos posteriores foram de grandes tensões no seio da instituição, a Igreja voltada para os mais pobres e os limites do seu envolvimento político tornaram-se mais preponderantes. Nesse período de regime de exceção, sua ação tornou-se mais ativa do ponto de vista político e por intermédio da CNBB e CEBs, os líderes eram acolhidos e/ou protegidos frente à perseguição dos agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Em contrapartida, a partir de 1982, conforme Mainwaring (2004, p. 25), os setores conservadores assumiram os cargos mais elevados dentro da instituição e, por outro lado, as bases populares e progressistas estavam estabelecidas na sociedade civil e na própria Igreja.

A religião e a política sempre estiverem presentes nas relações do Estado e da Igreja na história do Brasil, principalmente no processo de produção do espaço de Aparecida. Os tempos porvindouros, a posição de separação continuou amparada na Constituição de 1988, o Estado laico. De acordo com Schmitt (1996), o Estado laico deu lugar na modernidade a figura do soberano, não mais centrada na onipotência de Deus, onde o chefe do executivo, o soberano, é o encarregado de salvar a nação das mazelas, o salvador da pátria. Deve-se compreender que,

*[...] las religiones abren espacios políticos importantes. Insistir en la **laicidad del estado** o en la erradicación de los fundamentalismos son, sin dudas, actividades cruciales para la profundización democrática. Pero la religión sigue siendo una dimensión política más allá de estas dos narrativas; ignorarlo puede implicar, irónicamente, el fortalecimiento de los sectores religiosos más poderosos (VAGGIONE, 2005, p. 139-140, grifo nosso).*

Nessa busca embebida por um salvador da pátria, na descrença com o modelo vigente de democracia, no distanciamento entre governantes e governados, urge o messianismo político. No Brasil atual, o messianismo político é representado pelos opostos, Luís Inácio Lula da Silva, o mártire petista que fora preso injustamente, o homem do povo que conciliará as classes, o único salvador e, do outro lado, Jair Messias Bolsonaro, o salvador da família tradicional, dos tempos *áureos* da Ditadura Militar, um homem de Deus e a favor das armas. O messianismo na política demonstra uma característica específica do Brasil, onde para soluções que envolvem reflexões, longas construções democráticas e carência de representatividade, o nicho é separado por A ou B e, nesta arena, os opostos se encontraram no Santuário Nacional em 2018 e 2019.

### 5.3.1 A dimensão política do Santuário Nacional: dia nacional mariano, Eu sou ético Brasil, restauração da Santa/Brasil e Debate Aparecida

A Igreja e o Estado atuaram em conjunto em diversos momentos na história do Brasil, em outros, as posições e os interesses eram contrários e antagônicos. Como discutido no tópico anterior, a Igreja proporcionou para o Estado num importante mecanismo de dominação social, legitimação e manutenção do território. Partindo deste entendimento, analisar as ações das instituições Igreja Católica/Santuário Nacional é compreender que sempre há um movimento de dimensão política, e que a sua mudança busca defender seus interesses e expandir sua influência (MAINWARING, 2004). Nesse sentido, o Santuário Nacional no ano eleitoral organizou diversas atividades se posicionando frente ao pleito, o *Dia Nacional Mariano, Eu sou Ético Brasil*, a celebração dos 40 anos de restauro da imagem – e o simbolismo da restauração do país – o *Debate Aparecida*. Tais atividades tiveram amplo apoio dos devotos marianos e os comentários nas páginas do Santuário Nacional (Figura 80), na sua síntese, condicional esta percepção.

Figura 80 – Comentários em apoio a iniciativa do Santuário Nacional no portal A12



Fonte Portal A12 – Santuário Nacional.

O Dia Nacional Mariano foi celebrado a cada dia 12 do mês, segundo o Santuário Nacional, sua elaboração é fruto dos festejos do jubileu de Nossa Senhora Aparecida, seu objetivo é destacar a cada mês uma realidade específica no Brasil, e por meio da força da oração como força transformadora e agregadora unir pessoas e transformar realidades<sup>76</sup>. Em entrevista a mídia digital da Canção Nova, o reitor do Santuário Nacional, padre João Batista, salienta a importância do ano eleitoral e que “o povo brasileiro pode começar a mudar a sua

<sup>76</sup> Informação obtida em entrevista com o padre João Batista no dia 17 de abr. 2018.

história (...). Nosso objetivo será rezar por essa realidade”<sup>77</sup>. As atividades tinham como proposição enfatizar a importância da reza e das boas intenções para o Brasil, tais atividades não se restringiram ao Santuário Nacional, elas também foram realizadas em dioceses, paróquias, comunidades e famílias. Outro projeto de relevância e de busca de conscientização cívica e religiosa foi o *Eu sou Ético Brasil* (Figura 81), lançado no dia 12 de fevereiro de 2018, a campanha vincula-se na esteira da participação política da instituição no cenário eleitoral.

Figura 81 – Eu sou Ético Brasil



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional<sup>78</sup>.

O projeto estava inserido em um momento de ruptura democrática impulsionado com o *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, as investigações deflagradas pela Polícia Federal com a Operação Lava Jato, que atingiram a base governista dos governos do PT, foram amplamente reportadas na grande mídia, e a crescente demonstração de desinteresse da população na política. Nesse ambiente, ciente da sua posição como agente social de ampla influência política nos devotos marianos, a campanha buscou estimular o voto consciente, o pensar crítico e cristão, e enfatizar o peso da participação dos devotos nas eleições presidenciais.

<sup>77</sup> Disponível em: < <https://noticias.cancaonova.com/brasil/dia-nacional-mariano-santuario-nacional-convida-a-rezar-pelo-brasil/>>. Acesso em 25 de abr. 2020.

<sup>78</sup> Eu sou ético Brasil. Disponível em: < <https://www.a12.com/santuario/eusoubrasiletico>>. Acesso em 24 de ago. 2018.

O *Eu sou Ético Brasil* dizia,

**Queremos estimular os brasileiros a pensarem mais criticamente nas ações que praticam enquanto cidadãos e nas escolhas que farão este ano [grifo do autor], a partir de valores éticos que devem nortear a vida de uma nação. Trata-se de uma campanha de conscientização, que busca resgatar a ética e os verdadeiros valores do brasileiro, trazendo o espírito patriótico para o seu dia-a-dia e, para isso, vamos usar todas as nossas forças de comunicação. É uma campanha apartidária, com o objetivo de resgate dos valores por muitos já esquecidos, em busca de uma verdadeira transformação. Queremos uma nação ética!**”, ressalta o reitor do Santuário Nacional, padre João Batista Almeida.<sup>79</sup> (grifo nosso)

O projeto buscava reforçar que não há separação entre a fé e a sociedade civil, o voto deve pautar-se nos ensinamentos de Cristo, no Evangelho, na Doutrina Social da Igreja<sup>80</sup>, o alcance da iniciativa ou sua tentativa de êxito, partiu da elaboração de diversas práticas cívicas e religiosas no espaço sagrado, desde palavras dos celebrantes e leigos nas missas, nas paróquias e dioceses, que encorajassem os devotos à participação política, onde a política aqui é entendida como o ato de participar da vida pública, de discutir acerca dos anseios e vicissitudes de se viver na coletividade. Os leigos representam para a Igreja a possibilidade de alcance do projeto, tal proximidade se dá nas comunidades e nas paróquias, uma vez que dentro da hierarquia eclesial o leigo “é a Igreja no coração do mundo e o mundo no coração da Igreja” (CAMAROTTI, 2018, p. 97), um agente da transformação religiosa, social e, acima de tudo, política.

As atividades também atingiram as mídias televisivas, web e impressa, destacam-se as digitais com publicações e mensagens criadas. A cada mês, o site A12, disponibilizava vídeos com temas a serem refletidos nas missas e na sociedade, os temas foram: *Eu quero segurança, Eu quero educação, Eu quero saúde, Eu tenho fé, Eu tenho esperança, Eu ajudo o próximo, Eu sou honesto, Eu sei votar, Eu sou ordem e progresso e Eu sou a mudança*. As realizações também tiveram presença nas páginas do Facebook e Twitter.

Par as missas o Santuário Nacional elaborou uma oração especial para os devotos e pode ser lida abaixo:

---

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/eu-sou-o-brasil-etico-o-projeto>>. Acesso em: 15 de abr.2020.

<sup>80</sup> Compêndio da Doutrina Social da Igreja. A Doutrina Social da Igreja consiste no conjunto de orientações da instituição frente aos diversos temas sociais. Nela se reúne os pronunciamentos do magistério católico, a presença do homem em sociedade e seu contexto internacional. Ela consiste na reflexão da fé e da tradição, a denúncia das mazelas sociais e na visão global do homem e da humanidade. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compêndio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compêndio-dott-soc_po.html)>. Acesso em: 28 de abr. 2020.

Ó Maria Imaculada, **Senhora da Conceição Aparecida**,  
 Aqui estamos, prostrados, diante de vós e de vosso Filho Jesus,  
 Nós, o Brasil, que viemos de novo consagrar-nos à vossa maternal proteção.  
 Nós vos escolhemos para ser **Padroeira e Advogada da nossa Pátria**;  
 Queremos que o Brasil e cada brasileiro seja inteiramente vosso e de vosso Filho  
 Jesus:  
 De vós, é a natureza; de vós é a sociedade; vossos são os lares e seus habitantes,  
 com seus corações e tudo o que eles têm e possuem;  
 Vosso é, enfim, todo o Brasil.  
**Sim, ó Senhora Aparecida, o Brasil é vosso!**  
 Por vossa intercessão, temos recebido todos os bens das mãos de Deus,  
 e todos os bens esperamos receber, ainda e sempre, por vossa intercessão.  
**Abençoai, pois, o Brasil, que vos ama;**  
 abençoai, defendei e salvai o vosso Brasil!  
**Protegei a Santa Igreja;**  
 preservai a nossa fé, defendei o Santo Padre;  
 assisti os nossos Bispos; santificai o nosso Clero;  
 socorrei as nossas famílias; amparai o nosso povo;  
**esclarecei o nosso governo;**  
 guiai a nossa gente no caminho do Céu e da felicidade!  
**Sim, ó Rainha do Brasil,** ó Mãe de todos os brasileiros,  
 venha sempre mais a nós o vosso reino de amor, e, por vossa mediação,  
 venha à nossa Pátria o Reino de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor Nosso.  
 Amém. (grifo nosso)

Algumas observações que destacamos da oração e que assim interpretamos: enfatiza-se o simbolismo e a identidade de Nossa Senhora Aparecida como representante do Brasil, *Padroeira*, uma construção histórica com ampla participação política com o Estado, conforme apresentado no capítulo I. Outra, a figura de *Advogada da Pátria*, àquela que zelará e defenderá seus filhos sem distinção, mas especialmente os pobres. A defesa não se restringe aos devotos e a Santa Igreja, dentro de uma compreensão político e cívica ela deve clarificar as mentes dos governantes. Esta defesa se dá também pela própria Igreja que detém para si o capital da fé e o direciona, nesse sentido, ela exerce sua função política no debate, das mazelas sociais ao plano espiritual. Da mesma maneira, estendendo para o projeto *Eu sou Ético Brasil*, bem como a atuação da CNBB e outras campanhas firmadas ao longo de 2018, ela procura ocupar o cenário político, pois há uma preocupação latente com as reinterpretções dos seus dogmas: a legalização do aborto, das drogas e a ideologia de gênero.

As esferas religiosa e política no Brasil apresentam uma linha tênue e uma fronteira porosa, ao não discutir alguns dogmas e relegar a eles o arbítrio, a Igreja Católica interfere no Poder Público, prevalecendo sob ele verdades absolutas e intransigíveis em detrimento dos princípios democráticos que são orientados por legisladores e os gestores públicos (EMMERICK, 2010). Todavia, conforme apresenta Mainwaring (2004), a proteção desses interesses e os organizacionais foram ao longo da história e continuarão a ser um elemento chave da instituição na política. A fronteira porosa e os dogmas acima referidos irão compor a

base dos espectros que concorreram ao pleito de 2018, que serão abordados posteriormente neste capítulo.

A celebração dos 40 anos do restauro da imagem de Nossa Senhora, que fora quebrada no dia 16 de maio de 1978 e reconstruída pela artista plástica Maria Helena Chartuni, chefe do Departamento de Restauração do Museu de Arte de São Paulo (MASP), procura correlacionar política e religião, no sentido que os brasileiros estão quebrados por anos de escândalos de corrupção e desconfiança política, conforme sintetiza o Reitor do Santuário Nacional, padre João Batista:

Assim como naquele evento, naquele fato ruim, a imagem foi totalmente quebrada, o povo brasileiro também está em pedaços, então agora é a hora de nós sermos os artistas da restauração, por isso nos meses de maio, junho, julho e agosto nós teremos algumas ações pontuais para dizer: ‘Olha nós temos esperança, porque a imagem de Nossa Senhora também passou por este processo, ela também foi restaurada!’<sup>81</sup>

Na época, em 1978, a rodovia Presidente Dutra teve paralisação nos dois sentidos da via, em vários locais, conforme a figura 82 abaixo.

Figura 82 - O retorno da Santa ao Santuário Nacional, 1978



Fonte: Santuário Nacional

A celebração de 18 de maio de 2018 foi realizada em dois locais distintos, teve início na Igreja da Sé, em São Paulo, e encerramento no Santuário Nacional, em Aparecida. Após a celebração na Catedral da Sé, a imagem percorreu caminhos da capital de São Paulo num caminhão do Corpo de Bombeiros e seguiu pela rodovia Presidente Dutra em direção ao

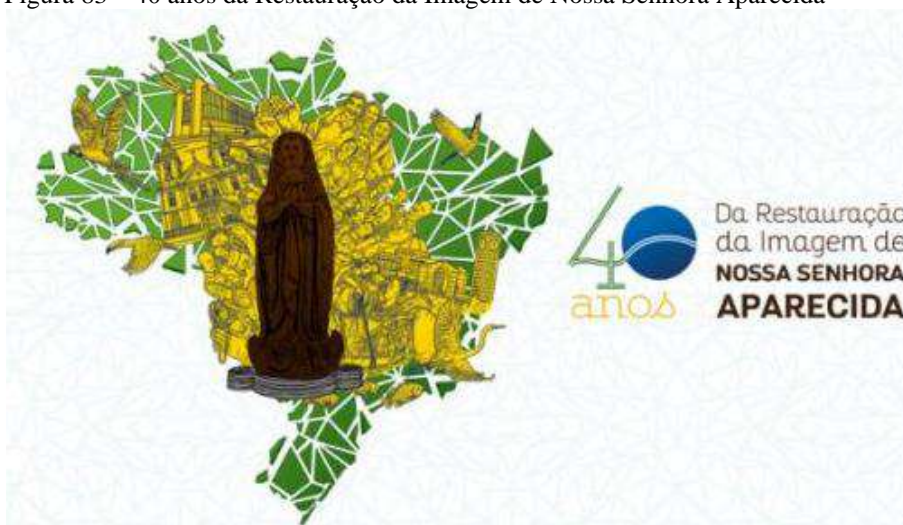
---

<sup>81</sup>Disponível em: < <https://noticias.cancaonova.com/brasil/dia-nacional-mariano-santuario-nacional-convida-a-rezar-pelo-brasil/>>. Acesso em: 28 de abr. 2020.



Santuário. A romaria em seu trajeto simbolizou a força do sagrado ao tornar diferente o que antes era uma dinâmica cotidiana, por exemplo, o trânsito de carros e pessoas. Há também uma relação política que pode ser sintetizada, principalmente, na atuação das estâncias federais, estaduais e municipais no controle e interdição de vias importantes de tráfego. Outra análise que se reitera é quanto à força da instituição Igreja Católica como agente de relevância e influência nos poderes públicos, ao realizar uma ação que reforça a identidade e a memória da Santa como Padroeira do Brasil. Esse reforçar da memória aqui não é compreendido como algo que fora esquecido ou perdido, e sim, analogamente, de confirmar a força do sagrado frente ao momento da festa, que é restaurar “nossos governantes, que restaure a vida religiosa, que restaure a nossa Igreja, que restaure tudo aquilo que estiver esfacelado, desfigurado e quebrado”<sup>82</sup>. O próprio logo (Figura 83) da comemoração representa um signo, uma dimensão religiosa e política, a imagem reproduz um sentido para o devoto, outro para o não devoto e para aqueles que a criaram, onde a Santa é o centro do Brasil, e em segundo plano estão as pessoas (devotos ou não) e as cidades brasileiras.

Figura 83 – 40 anos da Restauração da Imagem de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional<sup>83</sup>.

Nesta etapa buscamos contextualizar a experiência do *Debate Aparecida* realizado no Centro de Eventos Padre Vitor Coelho de Almeida, organizado pela CNBB, pela Rede

<sup>82</sup> Disponível em: < <https://www.a12.com/santuاريو/noticias/cerimonias-especiais-remember-os-40-anos-do-restauro-da-imagem-de-aparecida>>. Acesso em: 4 de mai. 2020.

<sup>83</sup> 40 anos da Restauração da Imagem de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: < Disponível em: <https://www.a12.com/tv/comemoracao-dos-40-anos-da-restauracao-da-imagem-de-nossa-senhora-aparecida-e-destaque-na-tv-aparecida>>. Acesso em: 4 de mai. 2020.

Católica de Rádio e pela Rede Aparecida de Comunicação no dia 20 de setembro de 2018. O primeiro debate eleitoral realizado pela instituição católica ocorreu em 16 de setembro de 2014, contou com oito emissoras de inspiração católica, 230 rádios e portais católicos. O segundo debate eleitoral contrariamente aos anteriores, que foram carregados de insultos e provocações, este foi particularmente de comportamento ameno e, na época, visto por parte da população como um debate frio e pouco propositivo. Por mais que não tenha sido um debate caloroso, devemos pautar as principais diretrizes do debate, a postura dos candidatos e a ausência do candidato Jair Messias Bolsonaro.

O período político no país estava em ebulição há algum tempo por diversas ações, mais precisamente: os seguidos casos de corrupção, a perda de poder aquisitivo de parcela da população, o aumento do desemprego, a violência urbana, os problemas sucessivos nas áreas educacionais e saúde. Todos estes somavam ao caldeirão e eram um prelúdio do que as sucessões de erros políticos e descrédito nos governos poderiam facultar ao país. Naquele dia de debate, a cidade de Aparecida presenciou o que a vitória do candidato da extrema-direita e sua horda bolsonarista poderiam impulsionar – o fanatismo na figura de um messias - uma carreata que durou 20 minutos na frente da TV Aparecida, o grupo formado por apoiadores entoaram gritos de ordem e soltaram fogos na sede emissora (Figura 84). Algo inimaginável para os padrões dessa cidade tranquila que só vê sua rotina modificada pelo poder do sagrado, principalmente, nos finais de semana e dias de festas.

Figura 84 - Carreata na porta dos estúdios da TV Aparecida.



Fonte: Foto Nilton Fukuda<sup>84</sup>.

O debate eleitoral, mediado pela jornalista Joyce Ribeiro da emissora Tv Cultura, teve a presença dos candidatos ao pleito presidencial: Fernando Haddad (PT), Álvaro Dias

---

<sup>84</sup> Apoiadores de Bolsonaro. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/09/20/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-carreata-na-porta-da-tv-aparecida.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

(Podemos), Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista – PDT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (Partido Socialismo e Liberdade – PSOL), Henrique Meirelles (MDB) e Marina Silva (REDE Sustentabilidade). A ausência significativa no debate realizado se deu pelo candidato Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL) que estava sobre recuperação de saúde após ter sofrido um ataque numa passeata na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais.

O debate entre os candidatos realizado no Centro de Eventos teve como pauta principal a temática corrupção, demonstrando que o estado policalesco impulsionado pela a) operação Lava Jato, b) Ministério Público e o c) aporte das mídias televisivas e impressa deleitaram com o cenário punitivo com *flashes* diários de prisões de políticos e empresários. Assumiu, assim, grande importância na área política e nos debates.

O *Debate Aparecida* foi dividido em cinco blocos de perguntas. Para fins de análise no ateremos ao último bloco, no qual coube uma pergunta a CNBB. Todavia, podemos elucidar que os quatro restantes tiveram perguntas relacionadas aos temas: a) ética na política, b) descrença no modelo político atual, c) corrupção, d) Lava Jato, e) sistema de governança, f) saúde pública (distribuição de remédios, saúde da família), g) Reforma Trabalhista, h) emenda do teto de gastos, i) violência e segurança pública, j) PT, k) desigualdade de gênero, l) migração, m) desemprego, n) entre outros. O quinto bloco merece nossa atenção por corresponder aos dogmas da Igreja, assim, reproduzimos os questionamentos dos bispos aos candidatos conforme quadro 4 abaixo:

Quadro 4 – Perguntas aos candidatos a presidência da república no Debate Aparecida

Direcionada a(o) candidata (o)	Pergunta
Fernando Haddad	Como pretende superar a violência?
Ciro Gomes	Qual a sua visão do agronegócio e da agricultura familiar no Brasil?
Álvaro Dias	Como pretende superar a desigualdade no Brasil e melhor distribuir a renda nacional?
Marina Silva	Qual a política os quilombolas, indígenas e povos tradicionais?
Geraldo Alckmin	Como gerar gastos primários especialmente na educação, na saúde, na segurança, na infraestrutura e não congelar o pagamento dos juros? A proposta é justa?
Henrique Meirelles	Qual é o seu posicionamento em relação ao aborto?
Guilherme Boulos	Como será no seu governo o diálogo com os outros poderes da república e com os movimentos sociais?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

As perguntas efetuadas pelos bispos da CNBB dizem respeito, sobretudo, as práticas consolidadas no seio desta instituição como: a defesa dos povos tradicionais, indígenas e

quilombolas – grupos que sempre tiveram apoio, sobretudo com a Teologia da Libertação – a agricultura familiar, que corresponde a parte de uma população muito ligada ao religioso, as comunidades de base e paróquias. A emenda da constituição nº 95/2016, conhecida como Teto de Gastos, a temática da violência urbana, e, naturalmente, a pergunta relacionada ao aborto, um dogma que a Igreja não deseja discutir. Esta defesa e integralidade da vida, do nascituro, e outros temas polêmicos, mas valorados para os religiosos, como a discussão de gênero tiveram no candidato antissistema, Jair Messias Bolsonaro, uma disseminação e importância no angariamento de votos nos setores conservadores do catolicismo e os evangélicos<sup>85</sup>.

O debate foi realizado no território religioso com os futuros presidenciáveis e demonstrou a presença da Instituição na inserção no cenário político, principalmente, se contextualizarmos a opinião lastreada no senso comum acerca da perda de proeminência da mesma, bem como quando se destaca o aumento no número de evangélicos e decréscimo de católicos, na sociedade que ainda somam cerca de 50% da população<sup>86</sup>. Dessa maneira, a Igreja Católica ainda é um agente institucional político de relevância, esteve presente em diferentes períodos no Estado brasileiro e na esfera pública.

As temáticas questionadas pelos bispos da instituição aos candidatos, ratificam os eixos norteadores da mesma e confirmam o agente social como representante de parte dos seguimentos destacados. Consideramos, ainda, que ao ser realizado o debate presidencial no Santuário Nacional e pela segunda vez, assevera que este espaço corresponde à centralidade do poder da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Embora, ao não se posicionar contrária ao candidato que viria a ganhar a disputa presidencial e que por diversas vezes propagou ideias contrárias as defendidas por essa instituição, conforme declaração da CNBB em 21 de fevereiro de 2018, onde a instituição reafirma não responder e não pronunciar quanto a candidato A ou B: “A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não se pronuncia sobre candidatos e/ou partidos. A Igreja no Brasil oferece critérios cristãos para o

---

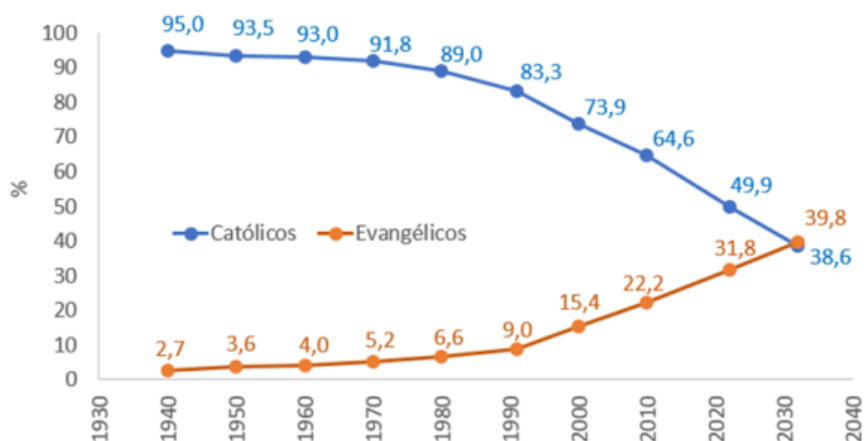
<sup>85</sup> Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro; Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584446-foram-os-evangelicos-que-elegeram-bolsonaro>>. Acesso em: 11 de ago. 2020.

<sup>86</sup> Pesquisa DataFolha 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

discernimento sem substituir a consciência do eleitor”<sup>87</sup>. Disto, acreditamos que possa configurar num erro histórico e não foi o primeiro na história brasileira.

A dimensão política do sagrado não se restringiu somente as ações destacadas nos tópicos anteriores, como as vivenciadas por setores políticos ligados à esquerda, como a Romaria por Lula e pela paz no Brasil. Tivemos ao longo da história da Igreja Católica Apostólica Romana e, por consequência, no Santuário Nacional, vários movimentos conservadores. Com a promulgação do Estado laico em 1890, a Igreja concorreu com outras religiões pelo espaço público, religioso e político, podemos citar a crescente do pentecostalismo a partir da década de 70 e o neopentecostalismo, na década de 80, conforme podemos verificar no gráfico (Gráfico 1) abaixo que apresenta a transição religiosa no Brasil.

Gráfico 1 - Transição religiosa no Brasil: 1940 - 2032



Fonte: Adaptado EcoDebate. Dados IBGE de 1940 a 2010 e projeções para 2020 e 2032<sup>88</sup>

Na atualidade, os grupos evangélicos retratam uma parcela expressiva no debate político brasileiro e conseguiram nas últimas décadas elegerem candidatos a cargo político que defendem, teoricamente, os valores religiosos e morais. Tal estratégia não era ação de outras religiões, como a católica apostólica romana. É conhecido que há representações do judaísmo e afro-brasileiro, mas como representantes e não chegam a fazer união de bancada parlamentar. Esse grupo soma-se aos ultraconservadores de extrema-direita, que visitam o Santuário Nacional e estão em nossa sociedade. Tais grupos constituem, hoje, uma parte

<sup>87</sup> Fala de presidente da CNBB é alvo de falsas notícias. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/fala-de-presidente-da-cnbb-e-alvo-de-falsas-noticias/>>. Acesso em: 11 de ago. 2020.

<sup>88</sup> EcoDebate – Transição religiosa no Brasil. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/12/05/transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

considerável do eleitorado do presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Desse modo, busca-se no próximo item discutir acerca desses movimentos no período histórico, evidentemente, sem maiores aprofundamentos pois não é esse o objetivo da tese, mas em compreender a dimensão política destes na cidade-santuário de Aparecida tendo o personagem de Jair Messias Bolsonaro a sua simbolização.

### 5.3.2 Os movimentos de direita na Igreja Católica: as redes, a eleição e ida de Bolsonaro à Aparecida

O Brasil, ao longo de sua história, pode ser identificado, predominantemente, como um país católico e, como já destacado por diversas bibliografias neste trabalho, o Estado e a Igreja Católica atuaram em diversos momentos, no espaço e no tempo, de maneira amistosa e conciliável quanto aos seus respectivos interesses. Estes agentes sociais atuaram de maneira conjunta, na maioria das vezes, no aporte ao sistema de poder, seja ele: colonial, imperial, militar e república. Enquanto a participação de outras denominações religiosas eram observadas por preconceito e por perseguição por parte sociedade. Assim, por mais que houvesse uma separação das instituições com o fim do regime de padroado, a Igreja Católica usufruiu de relativa *benesse* estatal no decorrer histórico. Como apresentando anteriormente, com a Constituição de 1934, houve uma reaproximação entre os agentes sociais Estado e Igreja Católica Apostólica Romana, favorecendo a Instituição Católica. A história marca esses agentes atuando em diversos momentos, outrora em conjunto, ora em separado, mas, segundo Esquievel (2003), a mudança ocorre em consequência da urbanização na sociedade brasileira. Outro fator foi o monopólio católico no campo religioso que esvaeceu com a expansão de grupos evangélicos, espíritas e afro-brasileiros. Este processo demarcou uma maior presença de outras denominações religiosas na política brasileira.

A chegada do pentecostalismo no Brasil tem como data a primeira metade do século XX, no bairro do Brás, em São Paulo, em 1910, com a construção do primeiro templo da Congregação Cristã no Brasil. O pentecostalismo é um movimento de renovação do cristianismo, estabelece uma experiência direta e pessoal com Deus por meio do batismo no Espírito Santo.

De acordo com Santos (2013), a expansão do pentecostalismo decorre do processo de transformação do espaço urbano brasileiro de estrutura complexa, data de meados da década

de 1950 e 1960, com a urbanização impulsionada pela riqueza provinda do café, notada em São Paulo. Neste período temos uma intensa modificação da vida urbana com inúmeras condições que corroboraram na difusão do pentecostalismo, sobretudo entre pessoas pobres de baixa escolaridade, que foram discriminadas por Igrejas Protestantes Histórica e Católica (DUARTE, 2018). Além do fator urbano, temos a violência, a solidão, o desemprego, a pobreza, a miséria e outros (SANTOS, 2019). Nesse contexto floresce a Teologia da Prosperidade e a figura dos profetas – os pastores das igrejas protestantes – que no momento de incertezas, novas ideias e tradições são incorporadas aos discursos dos propagadores desta religião para atender a demanda ao sagrado.

A urbanização teve importância na difusão da religião protestante, foi no regime militar que as mudanças no campo religioso e político se tornaram significantes e merecem uma contextualização para a construção da nossa análise. Na Ditadura Militar (1964-1985), enquanto alguns setores católicos eram contrários ao regime, como destacado anteriormente em tópico, os grupos evangélicos, na sua grande maioria, apoiaram o governo, conforme destaca Freston (1993, p. 158), “[...] a única igreja protestante a pronunciar-se mais criticamente foi a luterana, [...]. Mas, uma coisa é não entrar em rota de choque com o regime para não ficar exposto a todo o peso da repressão; outra, é deixar-se transformar em “sustentáculo civil”. Todavia, da mesma maneira que houve setores conservadores católicos em apoio ao regime, houve também opositores ativos por parte dos não católicos.

Na década de 1970, os pentecostais somavam 10% da população brasileira, as maiores denominações protestantes emergem desse período, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977 e a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), em 1980, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, 1976 e a Renascer em Cristo, em 1986, qualificando-se como neopentecostais. A influência desse grupo se traduzirá no alcance dessas repartições nas classes mais pobres, onde travam a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na Terra, a pregação da Teologia da Prosperidade, o sucesso econômico e espiritual vindo da prosperidade e a rejeição dos costumes de santidade pentecostais. Eles são denominados como neopentecostais, são fruto do pentecostalismo, e sua diferenciação se dá na crença da prosperidade e materialidade, e estas são realizadas por bênçãos de Deus.

Os neopentecostais se destacaram também no uso das mídias e na inserção na política institucional. E, a partir de 1986, temos uma maior inserção do movimento no poder executivo. Os neopentecostais começam a figurar no cenário político de Brasília com o apoio a candidatos e a criação de siglas partidárias. A década de 1980, durante o processo de redemocratização do Brasil, marca a perda de influência política institucional da Igreja

Católica Apostólica Romana acentuada com a Constituição de 1988, particularmente, pelo seu viés liberal, e com a vertente conservadora advinda com a ascensão de João Paulo II, que freou o avanço da Teologia da Libertação no país, de viés marxista e popular. Ocasionalmente uma Igreja dividida com a ala marxista progressista e sem atuação por ordem papal.

Os neopentecostais apoiaram as lideranças políticas presidenciais desde o período da redemocratização, dos presidentes Fernando Collor a Jair Messias Bolsonaro, coube à Igreja Católica na sua prática hierárquica, o apoio não declarado, mas sim de vigia, de “que há uma tradição, constituída e amadurecida, de voz ativa e de presença permanente da Igreja no que se refere à coisa pública, isto é, à vida política em seu sentido mais amplo e abrangente” (SOUZA, 2004, p. 86), bem como o prezo pela liturgia assim como os protestantes. Embora, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro outras variáveis tornam-se presentes, uma guerra declarada de vertentes religiosas e o retorno de uma “fantasia”, a vinculação comunismo, Igreja Católica e partidos de esquerda.

### 5.3.3 O Santuário, a Santa e o Presidente da República.

O Santuário Nacional sob a organização institucional dos Redentoristas atuou politicamente na transformação do espaço sagrado ao longo do tempo, como descrevemos no capítulo I. A magnitude, a difusão e a identidade religiosa foram moldadas da sociedade, são partes do jogo de relações e interesses das instituições Igreja Católica e o Estado. Desse modo, o Templo, a Santa e a Cidade-santuário, representam a dimensão política, um espaço político, uma espacialidade e agenda política, tendo em vista, principalmente, por figurar como o país com maior população de católicos na América Latina, de acordo com o último Censo de 2010 são 123 milhões<sup>89</sup>.

A dinamismo dos governantes com a Santa é longínquo, os eleitos aos cargos públicos se vão, mas a Padroeira do Brasil permanece acolhida na sua casa, abençoando àqueles que a procuram e alimentando discursos ideológicos. Ir à Aparecida como candidato ao pleito público, seja como presidente, governador, deputado ou qualquer outra figura, demonstra

---

<sup>89</sup> IBGE notícias. Disponível em: <



percepção política, compreensão da magnitude da Santa e o seu simbolismo para com o devoto católico, possíveis cabos eleitorais. Não se pode esquecer que ir ao Santuário Nacional é também entender o importante papel que a Instituição Igreja Católica Apostólica Romana exerce no pleito eleitoral. Nesse sentido, analisamos dois momentos da ida do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro ao Santuário Nacional: o dia 30 de novembro de 2018 e o dia 12 de outubro de 2019, este último com o pesquisador *in loco*.

A primeira visita ao Santuário Nacional ocorreu no dia 30 de novembro de 2018, sobre ela, fomos pegos de surpresa<sup>90</sup> como boa parte da imprensa, tendo em vista que não estava na agenda oficial do planalto. Por sinal, essa é uma das características da gestão Bolsonaro desde que assumiu o cargo do executivo. Estava no planejamento oficial do planalto a participação na formatura de sargentos da Aeronáutica, no município de Guaratinguetá e a visita ao Santuário do Pai das Misericórdias, na Canção Nova, em Cachoeira Paulista. Após a participação na cerimônia de formatura, o presidente da república seguiu para o Santuário Nacional e lá permaneceu por 40 minutos.

Em sua visita, o presidente da república foi recebido pelo ecônomo do Santuário, padre Daniel Antônio e o Arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes, em seguida, seguiu em direção ao Nicho de Nossa Senhora Aparecida (Figura 85), onde rezou e recebeu graças junto aos devotos por boas intenções, acenou para simpatizantes e curiosos, numa estratégia eleitoral.

---

<sup>90</sup> O governo Bolsonaro tem adotado, seguidas vezes, a prática do improvisado, em muitos casos não fornece informações sobre os planos da sua agenda presidencial. Nessa época não foi diferente, descobrimos sua ida ao Vale do Paraíba, na quinta-feira, 29 de novembro de 2018, no período noturno. Em sua agenda oficial constava a presença na formatura na Aeronáutica, apenas para a cerimônia. Obtivemos a confirmação de sua visita ao templo na sexta-feira, 30 de novembro, pela manhã, através de mídias bolsonaristas e, posteriormente, confirmada pela Agência Brasil – EBC. Disponível em: <

Figura 85 – Visita de Jair Messias Bolsonaro ao Santuário Nacional, 30 de novembro de 2018



Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional.

Num rápido discurso na sala de imprensa, o presidente da república reforçou o mantra de tenência a Deus que o levou ao pleito, o slogan centrado em *Deus acima de tudo e todos*. Em rápido discurso, “Eu sou um homem temente a Deus e, em minhas orações, eu sempre peço que eu tenha, além de sabedoria, coragem para tomar as decisões certas, para que o Brasil seja colocado no local de destaque que ele merece”<sup>91</sup>. E outro momento, comentou que o Estado é laico, mas afirmou que *nós brasileiros somos cristãos*, deixando claro sua posição frente às outras religiões que não sejam do seu Deus. O discurso realizado na Sala de Imprensa agradou sua base eleitoral (Quadro 5), e propriamente a Igreja Católica/Santuário Nacional, pois demonstram uma afinidade do presidente da república com a doutrina católica, embora somente no discurso.

---

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://www.a12.com/redacaoa12/brasil/presidente-jair-bolsonaro-visita-santuario-de-aparecida>>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

Quadro 5 – Comentários de perfis apoiando o Presidente da República

Nome	Comentários (sic)
Daniel Lucarelli	Teremos um novo Brasil com Bolsonaro Que Nossa Senhora interceda a Deus para que Bolsonaro melhore muito o nosso país e q nada o atrapalhe de fazer o bem
Rosa de Oliveira	Que Nossa Senhora Aparecida interceda pelo novo presidente
Edgard	Obrigado, Senhor! Glória por ter ouvido o clamor de Vosso povo. Eu estou encantado com tudo isso, e agora a esperança voltou em meu coração para que o Brasil volte a trilhar um caminho próspero. Deus abençoe o Presidente Bolsonaro e todos os seus ministros para que eles possam fazer o Brasil crescer com prosperidade e que consigam defender o povo das mãos dos maldosos corruptos que quase destruíram nosso país querido.
Júlio Laureano das Chagas	Que A Mãe Aparecida interceda junto À Santíssima Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Ao Espírito Santo), para que o nosso Presidente Jair Bolsonaro seja Fiel aos princípios Éticos, Cristãos e Morais, para governar o Brasil, País tão abalado pela corrupção. Eu creio, Amém.
Stanley Borsoi de Souza	Que grande alegria, poder ver nosso futuro presidente, diante de Nossa Senhora de Aparecida, nosso está em boas mãos, me sinto realizado com meu voto!
Jair Rodrigues de Moraes	Deus me deixou livre para viver; mas nem todas as pessoas pensam assim. Nos últimos dezesseis anos, os brasileiros foram massacrados politicamente, até que Deus teve dó do povo “dizendo”; agora os políticos serão de outro nível, chega de corruptos e de maus tratos ao ser humano. Que Nossa Senhora Aparecida interceda a Deus para abençoar o Presidente eleito Jair Messias Bolsonaro e sua equipe, para que façam um bom governo com ética para os brasileiros. Que Deus te proteja xará em 2019...
Luiz Ferreira de Lima	Um gesto cristão temente a Deus, que Nossa Senhora Aparecida lhe cubra com seu manto Sagrado e lhe de Sabedoria para governar nosso País com honestidade e honradez Que ela abençoe seu Governo e nosso Povo especialmente os que mais sofrem.
Lucas Rabelo	Me sinto muito honrado de ter votado e ajudado a eleger um presidente Cristão de verdade. Que nos próximos 4 anos Deus e Nossa Senhora Aparecida protejam e iluminem ele, nosso Brasil e o povo brasileiro que tanto sofre na mão de bandidos de terno e gravata.

Fonte: Portal A12 – Santuário Nacional. Adaptação do autor.

A viagem do presidente da república pelo Vale do Paraíba ainda reservara a visita a outro templo religioso, dessa vez, na cidade de Cachoeira Paulista, sede da Comunidade Canção Nova, no Santuário do Pai das Misericórdias. Foi abençoado e recebeu uma oração do fundador da comunidade, Monsenhor Jonas Abib. No altar, Jair Bolsonaro enfatizou ser o escolhido por Deus,

Quero mais uma vez agradecer a Deus por estar vivo. Fui salvo por homens, mas pelas mãos de Deus. Agradeço o apoio, consideração, confiança e orações. Entendo que o que acontece comigo é uma **missão de Deus**. Como disse, há pouco, Monsenhor Jonas, quero avançar um pouco mais, e quero pedir mais que sabedoria, quero pedir coragem para decidir acertadamente o destino desta **grande nação** chamada Brasil.<sup>92</sup>(grifo nosso)

Ambos em ação estratégica da fé no campo religioso, em outro momento, Monsenhor Jonas, em entrevista a Tv Canção Nova, ainda disse: “Quem o elegeu não foi o povo, foi Deus”, e ainda continuou, “[...] o Brasil tem o presidente que precisava ter”. Nota-se nos discursos do representante e de Jair Bolsonaro, sobretudo na sua campanha eleitoral (Figura 86), na cidade-santuário de Aparecida e na Canção Nova, uma aliança no discurso e na ideologia, a idealização de escolhido para uma missão divina, na qual guiará a grande nação frente a um grande mal, onde vencerá o amor a Nação e a Fé, contra o progressismo de esquerda, o comunismo, o viés ideológico e o PT, entre outros males<sup>93</sup>.

Na Figura 86 temos no primeiro plano o slogan do candidato, aos moldes da ditadura militar e teocracia, na outra imagem, uma alusão a personificação de Cristo regendo um médico uma cirurgia na qual o candidato foi submetido após sofrer um atentado em Juiz de Fora, Minas Gerais, na campanha presidencial. A última imagem ilustra parte do apoio de setores protestantes ao candidato simbolizado na figura do pastor Silas Malafaia. Ações escolhidas para qualificar essa dimensão política que o sagrado possui para análise nesta tese.

---

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/apos-eleicao-bolsonaro-visita-pela-primeira-vez-cidades-do-vale-sp/>>. Acesso em: 27 de jun. 2020.

<sup>93</sup> Terça Livre, como é conhecida uma das mídias bolsonaristas, comunicando a presença do Presidente da República em Aparecida. Disponível em: <<https://www.tercalivre.com.br/bolsonaro-visita-santuario-de-aparecida/>>. Acesso em: 27 de jun. 2020.

Figura 86 – Bolsonaro e religião - slogan de campanha, montagens e pastores



Fonte: Google Imagem<sup>94</sup>

Os discursos do presidente apresentaram similaridades nos locais por onde passou no Vale do Paraíba, observamos algumas diferenças nos referidos templos; em Aparecida, seu posicionamento foi comedido sobretudo quanto as suas bandeiras eleitorais – o discurso de gênero, o progressismo, contra o aborto e a escola sem partido. Talvez, tal ponderação possa ser considerada pela tradição do Santuário Nacional e sua ligação mais próxima com a CNBB, esta foi apontada por setores próximos ao presidente como de viés progressista, ligada à ideologia de esquerda e nas palavras do, ainda candidato em 2018, “a parte podre da Igreja Católica”<sup>95</sup>. Ou tenha sido o pouco tempo de visitaçao em Aparecida, acrescido da Instituição Religiosa ampla, ligada ao Papa em hierarquia. Diferentemente na Canção Nova, onde seu discurso remeteu às principais bandeiras eleitorais, sobretudo na defesa de valores conservadores – a tradicional família brasileira, cristã, homem e mulher – acredita-se que essa diferença se deva à própria relação amistosa e o apoio que obteve desse setor da Igreja

<sup>94</sup> Slogan de campanha. Disponível em: <<https://www.bolsonaro.com.br/>>. Acesso em 27 de jun. 2020. Montagem no perfil do Delegado Francischini. Disponível em: <[https://twitter.com/Francischini\\_/status/1037834887485640704](https://twitter.com/Francischini_/status/1037834887485640704)>. Acesso em 27 de jun. 2020. Encontro de pastores com Bolsonaro. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-e-lideres-evangelicos-fazem-oracao-em-direcao-ao-stf-e-congresso-195012758.html>>. Acesso em 27 de jun. 2020.

<sup>95</sup> Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,igreja-catolica-espere-ruídos-com-governo-bolsonaro-ate-sinodo-da-amazonia,70002996168>>. Acesso em 27 de jun. 2020.

Católica durante toda eleição. É possível interpretar a liberdade evangelizadora da Canção Nova frente às normas rígidas dos Redentoristas. Outras reflexões surgem, mas não serão abordadas nesta tese.

Ainda na sede da Canção Nova, em entrevista<sup>96</sup> no Auditório São Paulo, o presidente demonstrou compreender e agradar a congregação ao defender a isenção de impostos para as igrejas, "O que depender de mim, manteremos essas isenções, porque o trabalho prestado é de extrema relevância, e não é justo qualquer taxaço nesse sentido. O que depender de mim as isenções serão mantidas", e ainda acenou para o devoto conservador ao dizer que, "[A] População deu recado de que quer família, respeito, não quer ideologia de gênero, não quer esse progressismo todo que pregam por aí". Desse modo, nesta primeira visita ao Vale do Paraíba e ao eixo do turismo religioso, composto pelas cidades: Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista, temos um discurso afinado com sua base eleitoral, com as instituições católicas e com o cristão conservador em período eleitoral no país.

Nossa segunda análise ocorre com o dia 12 de outubro de 2019, que marca um importante momento na vida do devoto de Nossa Senhora Aparecida, tal qual para a pesquisa, por ser o último campo realizado no espaço sagrado e, extremamente, profícuo para construção da esfera de estudo da dimensão política do lugar. Ressalva seja feita, o último campo não estava decidido se seria necessário, as análises da devoção mariana haviam sido realizadas e desenvolvidas no Capítulo II, mas a expectativa de uma visita do presidente da república ao espaço sagrado, poderiam fornecer novos apontamentos e interpretações quanto aos agentes sociais envolvidos. Porém, como de *práxis* na gestão bolsonarista, as informações são desencontradas e nas páginas oficiais do Santuário Nacional não havia qualquer menção a sua visita. A confirmação ocorrera apenas no dia 11 de outubro, no final da tarde e, diferentemente, do tradicional, a presença foi marcada para o dia 12 de outubro e não na tradicional missa das solenidades que ocorre no dia 11 de outubro às 18h.

A maior celebração religiosa no templo, sabidamente, ocorre durante o mês de outubro, com seu ápice no dia 12 de outubro. Essa data é esperada por todo devoto mariano, como também é para o comerciante em Aparecida e, naturalmente, para o Santuário Nacional. Ela representa a maior festa religiosa no espaço sagrado e, provavelmente, foi um momento único para o presidente da república Jair Messias Bolsonaro, que se diz ser católico, embora já tenha dado demonstrações de estar alinhado ao neoprotestantismo. Esse período corresponde

---

<sup>96</sup> Disponível em: <[https://www.ovale.com.br/\\_conteudo/2018/12/politica/61863-em-visita-ao-vale-bolsonaro-pregou-pauta-conservadora-e-isencao-a-igrejas.html](https://www.ovale.com.br/_conteudo/2018/12/politica/61863-em-visita-ao-vale-bolsonaro-pregou-pauta-conservadora-e-isencao-a-igrejas.html)>. Acesso em: 27 de jun. 2020.

uma demonstração da força do agente social, o Santuário Nacional, do símbolo e da religião católica na história do Brasil, que tem nesse espaço sagrado o seu centro. Nesse tempo, a festa para a Santa domina os noticiários em todas as mídias – da impressa a digital – e exprime uma sujeição do poder executivo ao poder do sagrado e da instituição, que pode ser retratado com a presença de políticos no território religioso, mais especificamente na missa solene das autoridades. Convivendo numa relação onde “[...] o que é público ou privado, propriamente político ou propriamente religioso, já não pode ser definido de forma categórica e estável” Burity (2005, p. 33-34). Ao estar presente no lugar em busca do acontecimento para analisar como pesquisador temos: o dia 12 de outubro de 2019 pode ser dividido em duas partes segundo nossa inteligibilidade: a) a missa realizada às 9 horas, onde destacamos, na homilia, o posicionamento incisivo da instituição por meio do seu arcebispo Dom Orlando Brandes e; b) a missa das 16 horas com o mesmo celebrante, porém com o posicionamento ponderado na frente do presidente da república. Dessa maneira, procuramos tecer interpretações e análises dos momentos vivenciados no tempo de festa, no mesmo dia. Homílias diferentes.

As missas que são realizadas no domingo, no período da manhã, possui um número maior de devotos que o período da tarde. Isso está relacionado ao retorno dos devotos para os seus respectivos lares e para isso necessitam passar por longas horas nas estradas e, naturalmente, continuar no templo ou estender a visita pode não ser efetivo, tendo em vista que nas segundas-feiras boa parte deles precisam trabalhar. Assim, podemos interpretar que o discurso proferido pelo arcebispo Dom Orlando Brandes, na missa do período da manhã, possa ter um peso maior sobre os devotos e um alcance mais específico, se comparado ao realizado no período da tarde quando o templo estava mais vazio. Evidentemente em tempos pós-modernos, identificados pela abrangência dos meios-técnicos científico informacionais, a relação de contingência torna-se pouco relevante e, conforme presenciamos, não influenciou na propagação da mensagem do episódio.

As missas como são habituais demonstraram a devoção e a dimensão espacial do sagrado na cidade-santuário, o espaço profano diretamente vinculado se expande. As mudanças no cotidiano urbano são visíveis, porém naquele dia houve uma outra situação de significado e simbolismo importante para o entendimento da posição do Santuário Nacional como um agente social de esfera política. Ela ocorreu com a homilia do arcebispo Dom Orlando Brandes, na qual o celebrante da missa foi categórico e direto nas críticas aos setores ideológicos da direita – que são, sobretudo, ligados ao presidente da república –, dentre as críticas direcionadas destacamos no seu discurso a analogia ao dragão que “[...] nas escrituras

o dragão é o demônio, é o dragão, é o diabo, é o mal que se organiza no mundo [...]” e continuou:

Temos o **dragão do tradicionalismo. A direita é violenta, é injusta, estamos fuzilando o Papa, o Sínodo, o Concílio Vaticano Segundo.** Parece que não queremos vida, o Concílio Vaticano Segundo. Parece que não queremos vida, o Concílio Vaticano Segundo, o evangelho, porque ninguém de nós duvida que está é a grande razão do sínodo, do concílio, deste santuário, a não ser a vida, como já falei. Ah, e aquele **dragão**, que ainda continua, **estão sendo facilitados agora os caminhos, do dragão da corrupção**, que tira o pão da nossa boca e aumenta as desigualdades sociais, que a mãe não pode ficar alegre com filhos desempregados, com filhos sofrendo uma violência injusta, com filhos e filhas não tendo nem como sobreviver cada dia, talvez até a cada minuto da vida. Dragão é o que não falta, mas a fé vence<sup>97</sup>. (grifo nosso)

A homilia carregada de simbolismo e alusões à direita representou boa parte dos devotos que estão incomodados com os sucessivos discursos, atos e ocorrências relacionadas à extrema-direita que possuem no chefe do executivo sua maior representação. Como a defesa do Sínodo, na Amazônia, que foi criticado publicamente pelo presidente da república como um evento que não reflete as posições dos católicos e que teria muita influência política da esquerda e de suas pautas: mudanças climáticas, desmatamento, terras indígenas e seus povos<sup>98</sup>, que são contrárias as pautas bolsonaristas.

As falas do arcebispo de Aparecida naquela manhã na missa não agradaram setores conservadores e o mesmo sofreu ataques de simpatizantes, principalmente nas redes sociais. O resultado do discurso poderoso e direcionado ao *dragão* pode ser visto nos principais canais de comunicação. Abaixo, destacamos alguns dos comentários retirados das mídias O Vale - site de notícias relacionadas ao Vale do Paraíba (Figura 87) – e a rede social Facebook (Figura 88):

---

<sup>97</sup> Registro de trecho transcrito de captação de áudio em pesquisa de campo, 12 de outubro de 2019.

<sup>98</sup> Em fala, Bolsonaro critica o Sínodo e diz que Agência Nacional de Inteligência monitora o Sínodo, bem como qualquer grupo. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-abin-monitora-sinodo-da-amazonia,70002991566>>. Acesso em: 19 de ago. 2020. Em contrapartida, a CNBB respondeu que setores da sociedade querem criminalizar o evento, o Papa Francisco e taxar a Igreja como inimigos da pátria e da soberania nacional. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1384928/2019/09/cnbb-reage-a-criticas-de-bolsonaro-e-catolicos-conservadores-e-defende-sinodo-da-amazonia/>>. Acesso em: 19 de ago. 2020.



Figura 87 – Comentários ofensivos em site de notícias



Fonte: O Vale<sup>99</sup>

Figura 88 – Ofensas ao arcebispo Dom Orlando Brandes no Facebook



Fonte: Facebook - A12.

Os comentários odiosos nas páginas e rede sociais seguiram o padrão que acometeu as eleições presidenciais de 2018 e tiveram seu ápice, mais precisamente, com o desenrolar das investigações da operação Lava Jato que culminou na derrocada do partido dos trabalhadores. Alguns dos comentários que repercutiram nas mídias e grupos de *Whatsapp* foram:

<sup>99</sup>Arcebispo é criticado por grupos conservadores. Disponível em: <[https://www.ovale.com.br/\\_conteudo/nossa\\_regiao/2019/10/89539-arcebispo-de-aparecida-e-atacado-por-grupos-conservadores.html](https://www.ovale.com.br/_conteudo/nossa_regiao/2019/10/89539-arcebispo-de-aparecida-e-atacado-por-grupos-conservadores.html)>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

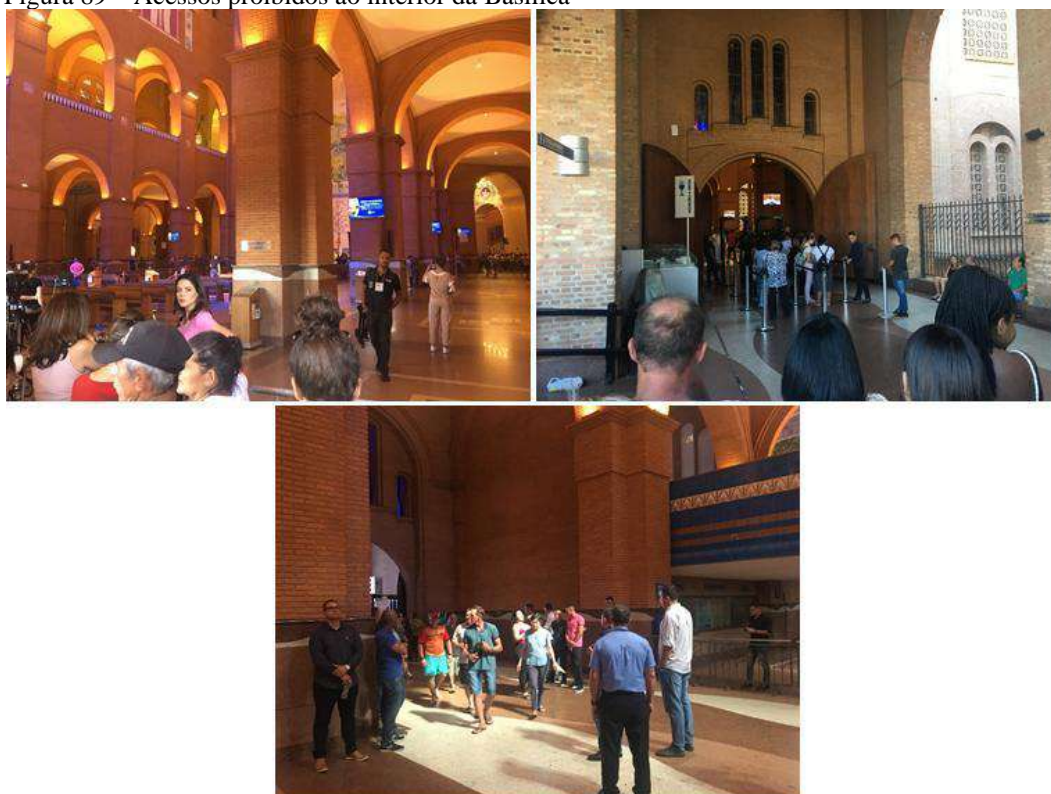
*esquerdopata* – analogia à setores da esquerda e psicopatas-, *presidiário* – alusão ao ex-presidente Lula que na época cumpria prisão em Curitiba, *polaridade política* – divisão entre direitistas e esquerdistas, *igreja e política não devem se misturar* e outras. Todavia, não houve apenas críticas ao discurso do arcebispo, nas páginas e redes sociais visitadas encontramos palavras de apoio por parte de devotos.

A missa realizada no período da manhã demonstrou o posicionamento da Igreja Católica Apostólica Romana, pode-se dizer que foi o único naquele teor desde o fortalecimento da extrema-direita no país com a eleição de Bolsonaro e bem diferente de qualquer declaração dada no decorrer do período eleitoral sobre qualquer candidato. Ao participarmos daquele momento conflitante e reflexivo, pensar que poderíamos ter algo semelhante ou ao menos direto na missa da tarde nos pareceu factível, principalmente pelos comentários e reverberações que o evento atingiu nas mídias sociais e na imprensa.

Para o agente modelador, a homilia ou qualquer discurso ou a presença de um presidente não afeta o seu motivo principal de estar no espaço sagrado. A festa simboliza o tempo esperado de vivenciar a fé, de agradecer aos pedidos atendidos e para arrumar outros e, assim, entrar numa dívida com o sagrado. E estar no espaço sagrado é a fidelização da submissão e da devoção. Deste modo, a presença de A ou B, de um político ou uma autoridade eclesiástica não retira do sagrado sua força de atração. Contudo, a presença do chefe do executivo afetou o ordenamento das espacialidades e territorialidades da devoção. Locais que tradicionalmente eram ocupados e vividos por devotos, turista religiosos e turistas, tiveram que ser desviados e delimitados. A visitação ao Nicho da Santa teve seu tempo de devoção encurtado e proibido para atender a segurança presidencial. Em diálogos com devotos no acesso à Nave Leste, eles estavam surpresos com as entradas do templo fechadas e reclamaram o desapontamento com a situação. Muitos deles nos afirmaram que só tinham aquele horário para visitação ao nicho e ao interior da igreja, e outros desistiram de prestar agradecimentos ou uma última reverência ao sagrado.

Nas imagens abaixo (Figura 89) podemos ver os setores Oeste e Leste do Santuário Nacional com os acessos proibidos por cavaletes, além de outras medidas de controle como: detectores de metais, fileiras para contenção e amplo aparato de segurança. O acesso, inicialmente, só foi permitido à imprensa, organizadores e agentes públicos federais. Na última foto temos o acesso liberado por volta das 15:30, porém, com limitações, os devotos não puderam ultrapassar as laterais do templo.

Figura 89 – Acessos proibidos ao interior da Basílica



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2019)

A entrada do presidente da república foi anunciada pelo locutor, extremamente rápida e sem qualquer aceno aos simpatizantes que estavam presentes (Figura 90). No trajeto de menos de 30 metros até os bancos localizados próximos ao altar central – enquanto Bolsonaro dirigia a sua posição – vozes entoaram a alcunha de *Mito* – apelido do presidente da república - além coros efusivos, aplausos, uma empolgação típica do nosso sebastianismo político. A Santa foi esquecida pelos devotos num momento curto. Evidentemente, nem toda esfera naquela tarde foi de aplausos e adeptos, houve vaias, poucas. No momento das vaias foi possível notar comentários como: “Os que vaiaram eram petistas, são pagos” e “A Igreja é petista”, demonstrando a divisão ideológica a que deparamos até no espaço e tempo sagrado.

Os aplausos e gritos de *Mito* em maior número não é uma surpresa, uma vez que o candidato teve bons resultados no centro-sul do país e principalmente na Região Metropolitana do Vale do Paraíba<sup>100</sup>. Temos ainda o sebastianismo característico das figuras políticas brasileiras, crendice no salvador.

---

<sup>100</sup> Jair Messias Bolsonaro teve 68% dos seus votos na região Sul e Sudeste do Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/eleicoes-2018-o-peso-de-cada-regiao-do-brasil-na-votacao-para-presidente.ghtml>>. Acesso em: 19 de ago. 2020. Na Região Metropolitana do Vale do Paraíba ele teve 78% dos votos. Disponível em:

A entrada do presidente da república foi marcada por palavras de apoio e poucas negativas, dessa maneira, a princípio, podemos considerar aquele momento como uma vitória para o chefe do executivo na maior festa do catolicismo e da sua narrativa de disputa ideológica.

Figura 90 – Entrada do Presidente da República no espaço sagrado



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2019)

A missa das 16 horas com a presença do chefe do executivo teve uma postura diferente do celebrante Dom Orlandes Brandes, conquanto as críticas à direita. Como representante da Igreja Católica Apostólica Romana, o arcebispo cumpriu o seu papel político, agradeceu a presença do presidente Bolsonaro e ponderou o discurso dito pela manhã. Em sua homilia, agora numa postura diferente, reiterou o dragão do tradicionalismo, só que com mais um contribuinte, a ideologia de esquerda. Nas suas palavras:

Há dragões que atacam de tudo o que é lado. Atacam a Igreja, as religiões. Esses dragões são as ideologias, que quer dizer interesses pessoais, **tanto da direita como da esquerda**. Isso não faz bem, o que faz bem é procurar a verdade que nos faz viver como irmãos e irmãs entre nós.

O discurso moderou, continuou pontuando as ideologias direita e esquerda e demonstrou neutralidade, aparente, da instituição frente ao presidente da república. Ao mesmo tempo, enfatizou o peso do discurso da instituição como agente político e cobrou: “*É isso que queremos pedir, a vida do nosso povo. Que não falte emprego, pão, dignidade e a paz entre nós*”. E ainda ressaltou a identidade do povo brasileiro na representativa da Santa, que Nossa Senhora Aparecida é preta e que devemos dizer: “*Fora com o racismo, fora com toda desigualdade social.*” O discurso pode não ser diretamente vinculado “à direita” ou ao presidente – que sabidamente é agressivo com negros, quilombolas, indígenas e LGBTs – mas são claros quanto aos problemas brasileiros e as bandeiras defendidas pela instituição. O arcebispo ainda fez analogia a restauração da Santa e do Brasil, dizendo: “*Muitas coisas no Brasil estão quebradas, mas, como a imagem, podem ser restauradas*”. E em um tom pacífico e político, ao final, se dirigiu a Bolsonaro: “*Senhor presidente, sinta-se abraçado pela nossa Mãe querida, e o Brasil também o abraça. Somos todos irmãos.*” Nesse momento o celebrante coloca a Santa como dona do lugar, em primeiro lugar na visita

A reflexão dos sermões no dia 12 de outubro mostrou o papel estratégico da Instituição: no primeiro momento, a crítica é direta, possui uma identificação e um perfil, a ideologia da direita no país. Ele ressoa, demonstra que o agente social deve ser ouvido e se faz ouvir, tendo uma força de atuação e propagação da sua fala. No segundo momento, o sermão estratégico diante da presença agrada ao político, o presidente da república, pois está em consonância com a sua vida religiosa, onde Deus é família, irmãos e irmãs, unidos num só país. Demonstra o entendimento da instituição e o respeito ao Estado laico, e as outras religiões, que querendo ou não, se veem no representante Jair Messias Bolsonaro. Temos uma dimensão política no espaço e no tempo sagrado, a Igreja Católica, ao que parece, com a fala do arcebispo, quer manter os laços e não contrariar o governo numa visita ao Santuário.

Ao adotar intenções e práticas diferentes nas homilias o Santuário Nacional objetiva por mais tempo seu apoio político de ambos os lados. Embora, observou-se as complicações e interpretações dos discursos para os referidos grupos, onde nem sempre o discernimento e nuances do posicionamento da instituição são percebidas. Por mais que as homilias e a vinda do presidente da república a Aparecida tenham contribuído para uma outra reverberação da festa sagrada, o dia da Santa é para o devoto e para a Rainha do Brasil, qualquer que seja a preferência política ou o governo central, a subordinação será a Nossa Senhora Aparecida.

A dimensão política do sagrado no território religioso esteve presente com a despedida de Bolsonaro, que rapidamente se dirigiu ao carro oficial e foi efusivamente apoiado pelos simpatizantes, os devotos bolsonaristas o seguiram pelo pátio em busca de um aceno, um

registro fotográfico para compartilhar nas redes sociais ou meramente curiosidade (Figura 91). Prática política civil num território religioso.

Figura 91 – Saída do Presidente da República em carro aberto



Fonte: Registro fotográfico de trabalho de campo (2019)

A dimensão política não se restringiu apenas ao lugar de devoção, hoje, no Brasil, as áreas são diversas e não restritas aos espaços sagrados. Temos outras arenas de debates e conflitos, sobretudo no ciberespaço<sup>101</sup> (LEVY, 2000) onde católicos progressistas contrários às posturas do presidente da república e católicos conservadores, somados aos neoprotestantes, que na sua grande maioria são contributos do pensamento bolsonarista, tem se engalinhado nas redes sociais e nela alimentam seus discursos e ideologias. Exemplo dessa situação podemos ver na Figura 92, da página do Facebook, do perfil A12 do Santuário Nacional. Nela podemos ver as representações sociais, os adjetivos mais comumente associadas a Santa, os elogios a postura do presidente por ter ido ao Santuário Nacional, bem como críticas ao discurso de ódio propalada diariamente, críticas a Igreja e ao arcebispo.

Utilizamos essas frases como pronunciamentos públicos que acreditamos substituir possíveis entrevistas de relatos dos participantes do Santuário no contexto relatado.

---

<sup>101</sup> “O termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p. 17).

Figura 92 – Comentários no perfil da página A12 no Facebook

**Edson Oliveira**  
Louvada seja a nossa Padroeira e Rainha, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Mãe, Rainha, Padroeira do Brasil, protegi os vossos Filhos, que tanto vos Ama. E daí nos a Paz e a Prosperidade. Cuidai das nossas Autoridades, e seja a nossa Advogada no... [Ver mais](#)  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 96  
↳ 3 respostas

**Varnê Donizete Nicácio**  
Isto mostra que a religião diferente não impede a prática e o respeito à Nossa Senhora, o Ecumenismo deve ser praticado independente de qual a religião que você tem, o respeito às diferentes religiões é fundamental Parabéns Jair Bolsonaro  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️ 25  
↳ 9 respostas

**Mariana Claudino Ricardo Ramos**  
Que Nossa Senhora Aparecida continue abençoando e protegendo nosso Brasil e o presidente dessas línguas cheias de veneno e olhos cheios de ódio! 🇧🇷🇺🇸  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 251  
↳ 43 respostas

**Adriana Sotana**  
A igreja tem sempre as portas abertas. E não, o bispo não foi obrigado a receber ninguém, o bom pastor não escolhe suas ovelhas ele as recebe e ampara. Não julgueis para não serdes julgados. O julgamento é de Deus e Nele sera feito as justiça que os h... [Ver mais](#)  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏 23  
↳ 4 respostas

**Maria Penha Da Rosa Bassani**  
Apesar da homilia desnecessária....inoportuna , para o dia da padroeira . Estou orgulhosa de ver o nosso Presidente participando da festa.Que Deus e N.SraAparecida lhe proteja Presidente ...e livrai-o de td mal!  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 241  
↳ 116 respostas

**Maria Jose Silvestri**  
Parabéns!! Presidente isso mesmo, na casa da Mãe todos são bem vindos. Só Deus conhece e sonda o coração de seus filhos!!  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 51  
↳ 2 respostas

**Cleber Costa**  
Deus te abençoe imensamente Jair Bolsonaro... Nossa senhora te cubra com o santo manto e te proteja nesta caminhada de líder de uma nação inteira... Santos anjos e Nossa mãe do céu te guarde... Abencoa o Brasil e o mundo inteiro  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏🙄 127  
↳ 36 respostas

**Ana Maria**  
Pelo menos fez o Papel de Presidente independente da sua religião demonstrou respeito por uma nação que honra e proclamou Nossa Senhora Aparecida como Rainha e Padroeira do Brasil  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏🙄 380  
↳ 87 respostas

**Vinicius Aparecido**  
Casa de Maria. Morada de Deus. Casa de irmãos. Todos são sempre acolhidos na Casa da Mãe. Afinal... É Casa de Mãe. O que não dá mais para suportar é a cultura violenta pregada. Parabéns Dom Orlando Brandes me representou.  
"Os poderosos da terra... [Ver mais](#)  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏🙄 28  
↳ 15 respostas

**Lucy Luz**  
Com muito orgulho me fiz presente !! Nossa Senhora abençoe infinitamente nosso Presidente!!  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏🙄 55  
↳ 3 respostas

**Lourdes Lopes Rosa**  
Parabéns presidente que Nossa Senhora Aparecida cubra com seu manto sagrado  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏 28  
↳ 7 respostas

**Reinaldo Dos Santos**  
Deve-se acolher uma autoridade constituída com respeito, ainda mais numa ocasião como o dia de Nossa Senhora Aparecida. Porém não está certo colocar tal autoridade para fazer leitura na missa. Isso é errado. Não faz parte do quadro de leitores, não tev... [Ver mais](#)  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 35  
↳ 29 respostas

**José Ricardo Lima**  
Mesmo discordando em absoluto com as ações do seu Governo, que Nossa Senhora Aparecida interceda por ele e pelo Brasil. Estamos precisando MUITO.  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏 108  
↳ 9 respostas

**Ana Cris**  
Que ele receba todo o discurso de intolerância que prega em dobro. Que o salário dele seja igual dos aposentados da reforma da previdência , principalmente dos trabalhadores rurais Amém !  
Curtir · Responder · 43 semanas · Editado  
👍❤️👏🙄 28  
↳ 5 respostas

**Adriana Bazeth**  
Que NSRA Aparecida abençoe nosso presidente. E a todos do nosso querido Brasil.  
Curtir · Responder · 43 semanas  
👍❤️👏 33  
...

Fonte: Perfil A12 no Facebook.

Nos comentários na página A12 podemos ver o resultado do discurso do Arcebispo de Aparecida no dia 12 de outubro. Os devotos marianos reclamam da postura do celebrante e julgam a partir dos ensinamentos e representações sociais aos quais foram submetidos. A esfera virtual de conflito e política pode ser vista em boa parte das redes dos perfis do

Santuário Nacional – Youtube, Instagram, Facebook, Twitter, A12 -, há também em outras redes e foram acentuados com a ida de Jair Messias Bolsonaro ao templo.

A eleição realizada no Brasil, em 2018, colocou Jair Messias Bolsonaro no cargo de Presidente do país. Sua eleição representa a chegada dos neopentecostais ao poder ou pelo menos do discurso conservador ao mais alto cargo do executivo. Ele é o primeiro presidente não católico desde a promulgação da Constituição de 1988. A pesquisa feita o qualifica com o fundamentalismo religioso, com os setores neopentecostais e com adeptos católicos conservadores. Outros presidentes brasileiros tiveram apoio e alianças com os respectivos setores, nele o fundamentalismo religioso encontra sua centralidade. E essas ligações religiosas podem ser identificadas em sua fala, no slogan de campanha, na figura messiânica, na idealização de uma família tradicional brasileira e cristã, na formulação dos ministérios de governo, onde parte deles são protestantes ou *terraplanistas*<sup>102</sup>. Nesse contexto, há um conflito cultural e religioso, contra o progressismo, as religiões de matrizes africanas, a Igreja Católica na figura da CNBB – e o pensamento do Partido dos Trabalhadores – e a ciência.

A dimensão espacial política não foi apenas relatada no espaço sagrado do Santuário Nacional como ilustrado e analisado, há momentos conflitantes entre as narrativas nas diversas esferas de representação política e religiosa, sobretudo, nas mídias sociais. Uma visita às páginas do Santuário Nacional em qualquer data poderemos ver a mesma disputa de narrativas e concepções ideológicas: ataques à instituição e aos seus agentes: bispos, arcebispos e ao sumo-pontífice. São semelhantes as tipificações de narrativas e palavras de *ódio* com as quais nos deparamos no espaço e no tempo da festa religiosa.

Durante a pesquisa empírica, ocorreram períodos *sui generis*, numa dimensão política e religiosa com a pandemia de COVID-19<sup>103</sup>, que instala no mundo uma situação de emergência global, atingindo a sociedade e, claramente, os templos religiosos como o Santuário Nacional. A fé e a devoção a Nossa Senhora Aparecida são interrompidas no espaço sagrado, contudo, no comportamento digital as missas assumem uma ação estratégica por

---

<sup>102</sup> Terraplanista são conhecidos por acreditarem na teoria conspiratória de que a Terra é plana. Hoje, o termo ganhou abrangência e passou a ser atribuído também aos que não creem em avanços científicos, tecnológicos e que creem em teorias conspiratórias diversas. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/o-que-e-o-terraplanismo,977b20965968aa970c8f745951e76f983fslvt28.html>>. Acesso em 24 de fev. 2021.

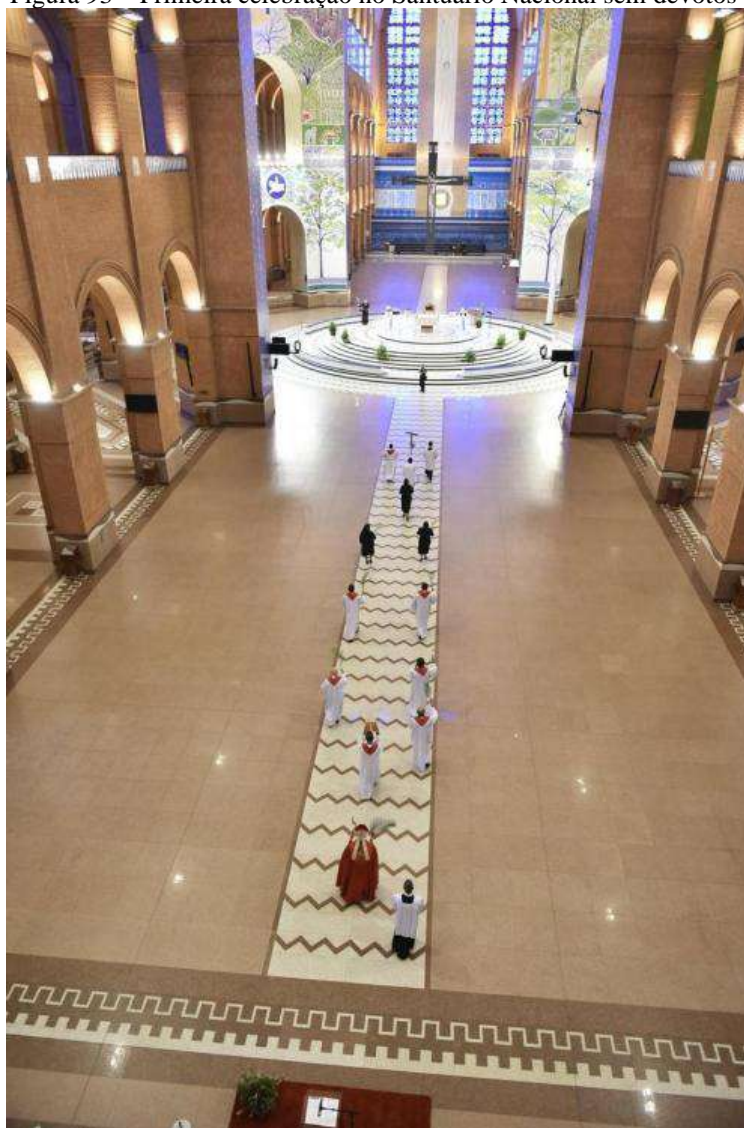
<sup>103</sup> “Desde o início de fevereiro [2020], a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto ‘19’ se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças”. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>. Acesso em 24 de fev. 2021.



meio das mídias sociais, pois alimentam e sanam a distância das práticas. Temos a presença do sagrado na ausência de seus fiéis, uma *nova normalização* em tempos pandêmicos. É nesse contexto que a dimensão espacial política merece destaque e análises. O maior templo católico no Brasil atende uma ação de hiato com as celebrações canceladas.

Esse hiato pode ser visto na Figura 93. A ausência dos devotos no interior da Basílica reflete a presença contínua do profissional religioso especializado em sua atividade religiosa. O cortejo qualifica o espaço sagrado e confere identidade ao devoto que ausente da Basílica está presente virtualmente ao lugar.

Figura 93 – Primeira celebração no Santuário Nacional sem devotos



Fonte: Perfil A12 no Facebook.

As celebrações religiosas assim como as atividades que culminem em aglomerações foram proibidas, deste modo as instituições religiosas tiveram perdas significativas de receitas

que respondem pela manutenção dos seus templos, como a Campanha do Devotos do Santuário Nacional. Por conta disto, os administradores dos templos começaram a cobrar a reabertura dos lugares de devoção sobre a prerrogativa de desavenças entre as partes gestoras – governantes e autoridades sanitárias – e por creditarem estar preparadas para o recebimento dos devotos, respeitando um Protocolo de Segurança. Esta situação foi condicionada pelas posições negacionistas do governo federal ante a pandemia e encontraram alicerce em setores religiosos que se viram na condição de pleitearem uma mudança em meio ao contexto do *novo normal*.

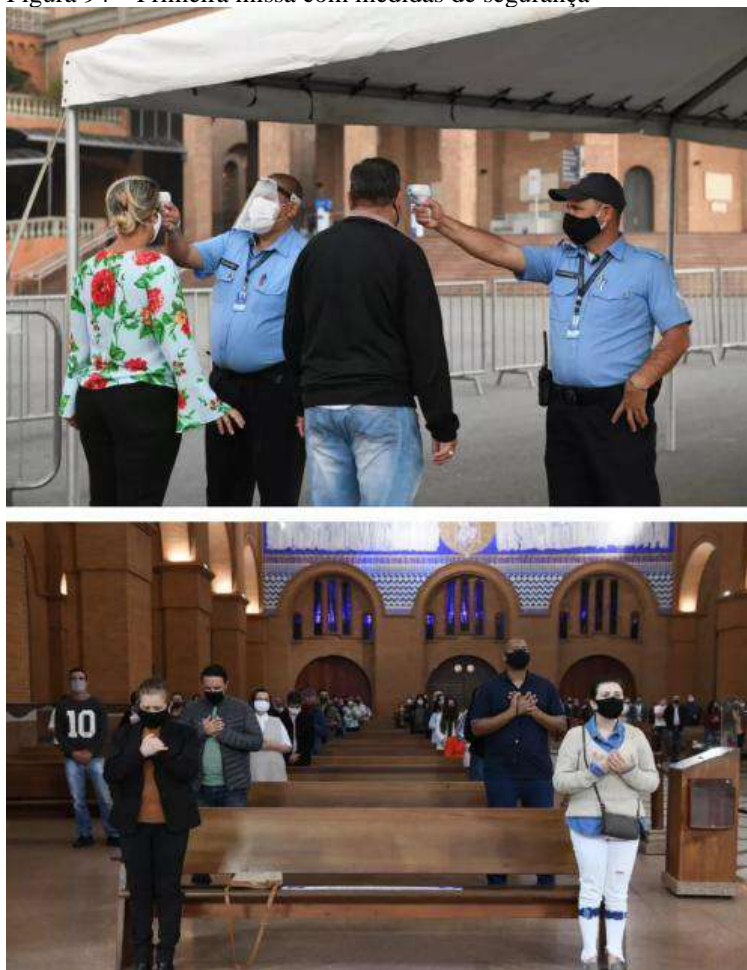
O Santuário Nacional foi uma das administrações de templos religiosos no Brasil que tentou a reabertura e, primeiramente, não obteve êxito. Dentre as suas justificativas, a instituição alegava que não existia consenso sobre a eficácia do isolamento como medida de contenção da COVID-19, dessa maneira, pediu à Justiça a liberação de missas no templo<sup>104</sup>. A posição do Santuário Nacional e sua indagação para abertura foi baseada nos discursos propagados pela direita e por adeptos bolsonaristas, segundo a qual: "Países como a Suécia não adotaram um mecanismo extremo e sofreram menos do que outros, como a Itália, que adotaram o modelo restritivo estranhamente defendido pela Promotoria.". Em contrapartida, os números na Suécia não corroboram a proposição e tão pouco encontram embasamento científico. Nesse sentido, o que vemos é uma consonância com o discurso negacionista da ciência tão quanto o chefe do executivo. É oportuno alentar que a dimensão econômica em questão favorece a própria oferta/demanda pelo sagrado em tempo de guerras e doenças. E da mesma maneira, vemos que esta como agente político procura com o seu capital político, a fé e a devoção, uma passível mudança na ação das medidas sanitárias e conseguir a reabertura. De fato, isso ocorreu, a pressão tem sido grande por parte de diversos setores pela reabertura, numa falsa dicotomia economia x saúde<sup>105</sup>, o Santuário Nacional retomou as missas no dia 28 de julho de 2020 (Figura 94).

---

<sup>104</sup> Igreja questiona isolamento e quer reabrir Santuário de Aparecida. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/26/igreja-questiona-isolamento-e-quer-reabrir-santuario-de-aparecida.htm>>. Acesso em: 26 de ago. 2020.

<sup>105</sup> Economia e Saúde não estão opostos na pandemia da COVID-19. Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/130257-economia-e-saude-nao-estao-opostos-na-pandemia-da-covid-19>>. Acesso em 18 de mar. 2021.

Figura 94 – Primeira missa com medidas de segurança



Fonte: Portal G1.<sup>106</sup>

Essa narrativa torna-se necessária no contexto da COVID-19 durante o último ano de nosso doutorado. Assim, o contexto *sui generis* indica que o retorno às atividades e prática religiosas ainda ocorre com mudanças de comportamento, e não está permitida a presença de caravanas de romarias, somente carros e sem a presença de pessoas no grupo de risco, denominação da Organização Mundial da Saúde. Embora tenha tido sucesso juridicamente na reabertura do templo religioso, devemos compreender que a Igreja Católica Apostólica Romana não é uníssona, ela é representada por diversos setores hierárquicos que diferem nas maneiras de interpretar, de praticar a religião cristã, bem como de atuar politicamente. A diferenciação pode ser vista na carta Pacto pela Vida assinada pela CNBB e cinco organizações da sociedade civil:

---

<sup>106</sup> Santuário Nacional de Aparecida retoma missas com presença de fiéis após quatro meses. Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/07/28/santuario-nacional-de-aparecida-retoma-missas-com-a-presenca-de-fieis.ghtml>>. Acesso em 26 de ago. 2020.

O Brasil vive uma grave crise – sanitária, econômica, social e política — exigindo de todos, especialmente de governantes e representantes do povo, o exercício de uma cidadania guiada pelos princípios da solidariedade e da dignidade humana, assentada no diálogo maduro, corresponsável, na busca de soluções conjuntas para o bem comum, particularmente dos mais pobres e vulneráveis.

A pandemia do novo coronavírus se espalha pelo Brasil exigindo a disciplina do isolamento social, com a superação de medos e incertezas. O isolamento se impõe como único meio de desacelerar a transmissão do vírus e seu contágio, preservando a capacidade de ação dos sistemas de saúde e dando tempo para a implementação de políticas públicas de proteção social. Devemos, pois, repudiar discursos que desacreditem a eficácia dessa estratégia, colocando em risco a saúde e sobrevivência do povo brasileiro. Em contrapartida, devemos apoiar e seguir as orientações dos organismos nacionais de saúde, como o Ministério da Saúde, e dos internacionais, a começar pela Organização Mundial de Saúde – OMS<sup>107</sup>.

Por conseguinte, a solicitação de reabertura do Santuário Nacional e o critério baseado em afirmações duvidosas quanto a eficácia do isolamento e aos modelos adotados em outros países não representam a totalidade da instituição católica. Como bem sabemos, o Santuário Nacional é administrado pelos Redentoristas, que são identificados por terem uma posição menos progressista se comparada a CNBB. Assim, devemos compreender que a dimensão política e religiosa ocorre nas diferentes instituições católicas. Uma dimensão política e religiosa que é parte da construção da instituição. E analisar as diversas concepções e movimentos dos agentes sociais é compreender que tratamos de múltiplas ações, interesses e interações.

Reafirmamos que essa abordagem na tese ocorreu pela necessidade de mostrar, de documentar a vida religiosa dos devotos, dos redentoristas e dos comerciantes durante o hiato de atividades religiosas. Esse contexto marcou a última pesquisa elaborada em campo reformulada devido à existência do contexto mundial da COVID-19.

---

<sup>107</sup> Pacto pela Vida e pelo Brasil”. Disponível em: < <http://www.sjpmg.org.br/2020/04/e-hora-de-entrar-em-cena-o-coro-dos-lucidos-diz-manifesto-conjunto-da-cnbb-oab-abi-sbpc/>>. Acesso em: 26 de ago. 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade-santuário de Aparecida se desenvolveu a partir do religioso e da devoção à Santa, isso é um fato notório. O nosso objetivo com a pesquisa foi interpretar esse desenvolvimento à luz da geografia da religião, tendo como suporte teórico-metodológico as dimensões de análises propostas pela geógrafa Zeny Rosendahl. Com essa proposição teórico-metodológica, buscamos analisar o processo histórico de transformação espacial, a consolidação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, os agentes políticos na sua consolidação e nas transformações atuais e, particularmente, as alterações advindas da transformação espacial para o acolhimento ao devoto, ao turista religioso e o turista. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi compreender e interpretar as interfaces do turismo religioso e da produção de formas simbólicas espaciais na cidade-santuário de Aparecida, que foi alcançado a partir da construção propositiva dos capítulos que versaram nas seguintes proposições: a) o lugar sagrado e a transformação espacial da cidade-santuário; b) a devoção e a festa sagrada, o Jubileu dos 300 anos do descobrimento da Santa; c) o entendimento das categorias; peregrinos, turismo religioso e turismo; d) o Parque Temático Religioso e; e) os agentes sociais políticos no lugar sagrado ao longo do período da pesquisa.

A pesquisa teve como análise espaço-temporais quatro tempos sacralizados e que foram compreendidos em: T1 – Espaço sagrado primário (1717 – 1745); T2 – Espaço sagrado secundário (1745 – 1946); T3 – Santuário Nacional (1946 – 1998); T4 – Santuário Nacional - cidade-santuário (1998 – 2020). As escolhas dos tempos, conforme apresentadas ao longo da pesquisa, foram determinadas por aspectos e situações marcantes no espaço específico. Essa periodização do espaço permitiu uma complexificação do processo de espacialização e da formação da cidade-santuário, apresentando as singularidades de cada período nessa localidade, tornando inteligível o nosso objeto. Evidentemente, os períodos e o seus marcos analisados fazem parte de escolhas da pesquisa e, como tal, são passíveis de interpretações e reinterpretações das temporalidades. Elas, por serem escolhas, resultam em limitações metodológicas e, acima de tudo, das ações no espaço e no tempo que possam ter sido excluídas da análise, e estamos cientes dessa condição. Assim, os capítulos desenvolvidos exploraram as temporalidades e as ações no espaço sagrado e espaço profano por nós escolhidas. Por conseguinte, o primeiro capítulo discorreu acerca da hierofania, a demanda da devoção e sua espacialização e, ao mesmo tempo, das ações e intenções políticas na consolidação do templo e do símbolo como Padroeira do Brasil. O objetivo foi realizar um

estudo espaço-temporal da construção da cidade-santuário e compreender as ações e os agentes sociais que partilharam da elevação de sua importância. Nessas ações compreende-se um dos objetivos específicos da pesquisa que foi contextualizar as estratégias da Igreja Católica na dimensão simbólica e do Estado no desenvolvimento do Complexo Turístico Religioso, tal condição se realizou e ficou registrada na pesquisa a partir da análise espaço-temporal das transformações na cidade-santuário ao longo da sua consolidação como espaço mariano com ênfase na devoção e no turismo religioso.

No segundo capítulo, buscou-se vivenciar a experiência da fé, sua devoção no espaço sagrado e a festa em celebração dos 300 anos do descobrimento de Nossa Senhora Aparecida. A vivência no espaço de fé contou com problemas oriundos de entraves institucionais por parte do Santuário Nacional, conforme relatado, bem como de problemas operacionais da pesquisa. Todavia, tal dificuldade não afetou nossa interpretação da festa e da devoção que impulsiona toda uma transformação espacial no território religioso e no entorno da cidade-santuário. As vivências dos devotos representam parte das ações, embora simbólicas e afetivas, no conjunto das modificações espaciais. Elas são parte das maneiras pelas quais os agentes analisados, sobretudo o Santuário Nacional, modificam o espaço e consolidam as formas simbólicas espaciais e religiosas. Tais consolidações foram analisadas e identificadas como processos de replicação das experiências de outrora e, da mesma maneira, responsáveis por outras interações, intensões e desejos, seja para o devoto, o turista religioso e o turista.

A festa do Jubileu dos 300 anos demonstrou uma condição para nossa interpretação, ao assentar o Santuário Nacional como instituição voltada também para o espetáculo, principalmente ao identificarmos a preparação infraestrutural e midiática da Festa da Padroeira, que, como reportado pela própria em entrevista, tratou-se de um longo processo, de anos de preparação. Evidenciamos a ação efetiva da comunicação e da difusão da fé por meio de diversas atividades, nas mais variadas plataformas e ações, como a imagem peregrina e as obras realizadas, como o Campanário, Baldaquino e Cúpula Central. Todas ações representam, no nosso entender, a transformação do Santuário Nacional numa perspectiva pós-moderna da evangelização por meio de um universo de sensações e sentimentos – onde a fé e o sagrado são alcançados por uma variedade de experiências sensoriais – que compõem a representação social de Nossa Senhora Aparecida no imaginário do devoto.

No capítulo III, analisamos o Complexo Turístico Religioso do Santuário Nacional e suas formas simbólicas, a partir da construção teórica acerca das categorias de análise que particularizam a necessidade, assim defendida pela instituição, das obras. Atentou-se para o risco de particularizar as categorias e sintetizá-las no espaço de análise, ao reduzir o visitante

em três opções. Todavia, a busca nessa etapa da pesquisa era de dimensionar, justamente, a variabilidade do visitante da cidade-santuário e de tornar inteligível a própria dinâmica dessas concepções, ao compreendermos sua mobilidade e complexidade, que identificamos pela transitoriedade de sentidos e significados, de discursos e vivências no espaço. E, ainda, as formas e suas especificidades quanto às categorias, que representam possibilidades de atribuições aos grupos estudados, mas que são, fundamentalmente, estruturas de aporte para o fluxo da devoção ao sagrado. Elas estão abarcadas no movimento que o sagrado institui e acomoda, na polifonia de significados, sentidos e representações.

Nessa parte da pesquisa dois objetivos específicos foram alcançados: a) interpretar e entender os novos processos e inserções mercadológicas do turismo religioso no espaço da cidade-santuário; e b) identificar as formas simbólicas espaciais produzidas pelo Santuário Nacional, seus significados, suas intencionalidades, os anseios dos peregrinos, dos romeiros, dos turistas religiosos, dos turistas e dos visitantes. A concretização dos objetivos ocorreu da análise e interpretações das intenções e dos anseios do agente social, o Santuário Nacional, a partir da perspectiva do papel do turismo religioso e do processo de turistificação do espaço. Ao mesmo tempo, por meio da abordagem das categorias analisadas: os peregrinos, os romeiros, os turistas religiosos, os turistas e os visitantes, foi possível compreender que tais produções e reproduções correspondem aos anseios e desejos, não somente do Santuário Nacional, mas também das categorias analisadas e como tais tipificações são preponderantes para solidificação da hipótese do Parque Temático Religioso. Tal hipótese teve êxito ao longo desse capítulo e da sua construção no capítulo IV.

No capítulo IV apresenta-se a hipótese da tese, o Parque Temático Religioso do Santuário Nacional, entende-se que o diferencial desse atrativo está na sua qualidade voltada ao sagrado, a fé, a devoção a Nossa Senhora Aparecida, essa diferenciação é elementar na sua identificação para além dos aspectos do *ver, comer, comprar e vivenciar*. O Parque Temático Religioso possui o *sentir* como atributo significativo, e será esta funcionalidade o seu caráter fundante, a especificidade e a singularidade desse espaço e do seu processo de turistificação. Como todo parque temático, ele está imerso em uma perspectiva pós-moderna e consumista, centrada no lazer e, como singular que é, esse parque temático tem nas formas simbólicas espaciais produzidas pelo Santuário Nacional uma importante função por meio da tematização, o de aliar processo de evangelização, de turismo religioso e de apropriação dos espaços.

Para a construção da hipótese aventada, retomamos a interpretação e contextualização das formas simbólicas espaciais, a partir dos atributos identificáveis: religioso, comercial e

lazer, no espaço da cidade-santuário. Ao propormos a análise desses atributos, partiu-se da correlação identificada por meio da bibliografia estudada acerca dos parques temáticos, e assim, identificamos tais qualidades na construção das formas simbólicas espaciais e religiosos, bem como as categorias: a) peregrino; b) turista religioso e c) turista, que compõem as partes constituintes do Parque Temático Religioso do Santuário Nacional. Essas formas se caracterizam pelo espetáculo por meio da tematização, aliando aspectos relacionados ao lazer e ao religioso, e transformando a vivência do visitante e sua experiência no ambiente de devoção. Elas são: o Memorial da Devoção Nossa Senhora Aparecida, o Morro do Presépio, o Bondinho Aéreo, o Centro de Apoio ao Romeiro (CAR), a Cidade do Romeiro e o Caminho do Rosário, e se inserem numa dinâmica única dessa cidade-santuário e numa exclusividade em nível mundial, se comparada a outras da mesma tipificação.

O último capítulo da tese tem como cerne de discussão a análise da dimensão política na cidade-santuário de Aparecida, a partir dos agentes políticos que estiveram presentes no período deste estudo. Analisou-se as ações do Santuário Nacional, dos agentes políticos e dos devotos nos tempos festivos e em outras datas. Ao interpretarmos a ação dos agentes políticos diversos, sobretudo a Igreja Católica Apostólica Romana, observou-se que sua atuação tem sido de diversificação ao longo da sua história, posicionando-se, em alguns momentos, de maneira ativa e incisiva na dimensão política, e em outros, de maneira tênue, sem transparecer sua posição declarada. Outros agentes políticos que corroboraram a nossa interpretação referem-se aos candidatos, aos partidos políticos e seus movimentos, que veem nesse lugar um papel fundamental para manifestações e associação de suas imagens, bem como a devoção no direcionamento das campanhas eleitorais.

Observamos, no espaço sagrado e no espaço profano, as delimitações e as imposições que o sagrado e a instituição religiosa estabelece sobre o político e as relações de poder, ao passo que o território demonstrou suas nuances e limites nos atos dos grupos, nos seus comportamentos e nos materiais. Todavia, da mesma maneira que tal objetificação e subjetificação nos demonstrou sua aparência, os comportamentos e ações dos grupos não são uníssono, não correspondem uma unidade na totalidade, elas são dinâmicas e tal fluidez nos foi perceptível.

No Brasil, nos últimos anos, tem-se vivenciado turbulências na esfera política sobretudo entre os setores ideológicos à direita e à esquerda. Os conflitos têm ocorrido tanto nos espaços físicos como no virtual. Da mesma maneira, a dimensão política e os ideais conflitantes desses grupos também fizeram parte desta pesquisa. As ações e as práticas dos grupos tiveram presença na cidade-santuário, conforme demonstramos na análise da caravana



de Lula, uma devoção mariana lulista, e da visita do Presidente da República, onde deparamos com outra devoção. Embora os atos tenham sido caracterizados pelo aspecto político aliado à fé, evidenciamos a ação da Instituição Católica Apostólica Romana como agente político com papel significativo. Ela atua nas mais variadas esferas e no tensionamento de sua posição política. Em certa medida, a Igreja não estabelece ideais conflitantes com o *status quo*, representado no atual momento por setores à direita, mas, em contrapartida, no seu território de domínio, em alguns momentos, posiciona-se contrariamente ao mesmo *status quo*. Em outros dizeres, ela é um agente político no sentido estrito da palavra política, ao controlar as emoções e os conflitos, e, acima de tudo, ao demonstrar seu domínio sobre o território e para com os devotos, ao direcionar e controlar a prática devocional nos seus limites.

A dimensão política também marcou a interpretação espacial da cidade-santuário de Aparecida nos dois últimos anos de pesquisa, 2020 e 2021. Nesse período, houve uma ocorrência atípica no cronograma de trabalho, a presença da COVID-19, que reestruturou a prática e a atividade religiosa e devocional, ganhando corpo a adoção de missas celebradas no formato digital, bem como a disputa de narrativas dentro da própria Igreja em torno da abertura dos templos e transmissão do vírus, muitas vezes, aportada em decisões sem fundamentos científicos. Evidentemente, a pandemia da COVID-19 possivelmente se prolongará e, ao mesmo tempo, facultará na modificação dos hábitos. Tal situação coloca uma outra possibilidade de interpretação, as formas simbólicas construídas precisarão também se reestruturar ao *novo normal*, o seu funcionamento pode estar em risco com a diminuição da dinâmica devocional.

As transformações espaciais e a dinâmica provinda do sagrado são fluidas na cidade-santuário e as interpretações por nós realizadas tende, no decorrer do tempo, a tornarem-se desatualizadas, todavia, a pesquisa se realiza no espaço e no tempo, num momento específico de uma escolha. Dessa maneira, acreditamos que as análises levantadas e discutidas podem trazer contribuições significativas na maneira como a geografia, sobretudo a geografia da religião, compreende a espacialidade do fenômeno religioso nas cidades-santuário, bem como acerca do religioso e sua exploração que culmina na produção e reprodução do espaço. E ainda, em proporcionar para o campo geográfico o papel da Igreja Católica Apostólica Romana na produção do espaço, um agente social que está inserido na dinâmica produtiva do capital.

Dentro de uma perspectiva de trabalhos futuros, a pesquisa traz importantes questionamentos e reflexões acerca do papel dos agentes sociais na produção e reprodução do espaço em cidade-santuários, mais especificamente, quanto a inserção de novas dinâmicas que

estão relacionadas ao processo de turistificação do espaço e da construção de Parque Temático Religioso, uma condição singular na conjectura analisada e, assim, uma nova perspectiva de estudo para geografia da religião e para a geografia e o turismo.

Os eventos festivos e o Jubileu dos 300 anos demonstraram o alcance da devoção e do templo mariano no período analisado, este alcance e a construção do símbolo como Padroeira do Brasil tem sido parte da tessitura dos agentes sociais e políticos ao longo da estruturação do simbolismo da Santa. Essa composição de ações, de interesses e da interpretação do alcance da devoção e do símbolo, em alguns momentos, foi compreendida através de práticas concebidas pelos agentes sociais e que podem estar relacionada ao aspecto de abrangência regional do Santuário Nacional. Ainda assim, tais interpretações merecem aprofundamento e novas perspectivas acerca do alcance da devoção e da relação do Santuário Nacional com a difusão devocional, deste modo, uma campo possível para novos estudos.

## REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, E. S. Religião e Turismo: Notas sobre as deambulações religiosas, Turismo Religioso - Ensaios Antropológicos/ Edin Sued Abumanssur (org.), Papiru Editora, **Colecção Turismo**, pp. 53-67, 2003.

ACMA. **Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá – 1757 - 1873**. Aparecida, SP: Cúria Metropolitana de Aparecida, [18--?].

ALTHUSSER, L. Os Defeitos da Economia Clássica. Esboço do Conceito de Tempo Histórico. In: **Ler o Capital**. Org. L. Althusser, E. Balibar e R. Establet. Rio de Janeiro. Zahar, 1980.

ALVAREZ, R. **A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ed. Globo, 2014.

ALVES JUNIOR, N. As peculiaridades do Turismo Religioso e a Peregrinação: universo humano fundamentado no turismo. In: **Turismo Religioso: Caminhos da Fé**. Fortaleza: SENAC, 2003.

ASHTON, M. S. G. Parques Temáticos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre/RS, v. 11, p. 64-74, 1999.

\_\_\_\_\_. Parque Temáticos: Fenômeno Da Pós-Modernidade. (in: PANOSSO NETTO, A; ANSARAH, M. G. dos R. Org.). **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009, p. 255 - 266.

BANDUCCI JR. A; BARRETO M. (Org) **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BARBOSA, A. M. L. **Aparecida: A multiplicidade do olhar**. Aparecida: Editora Ver Curiosidades, 2000.

BARBOSA, B. L. **Nossas Origens: Três séculos de História de Aparecida-SP**. Edição do autor, Aparecida – SP, 2007.

BARBOSA, I. F. **A produção do espaço urbano em Aparecida-SP: agentes e processos**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Campos dos Goytacazes, RJ, UFF. 2016.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschinir. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA, N. T. Mateus. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 202-203.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, J. L. A. Aspectos da evolução urbana da cidade de Aparecida. In: **Aparecida: A multiplicidade do olhar**. Aparecida: Editora Ver Curiosidades, 2000.

BRASIL. **Ações de gestão do conhecimento para o aprimoramento da Política Nacional de Turismo - Parques Temáticos (Apêndice E)**, 2014. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/images/pdf/2.2PARQUES\\_TEMATICOS.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/pdf/2.2PARQUES_TEMATICOS.pdf)>. Acesso em: 8 de jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei Geral do Turismo**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11771.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11771.htm)>. Acesso em: 29 de jun. 2020.

BRUSTOLONI, J. **Coletânea de documentos e crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)**. Aparecida: ACMA, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Senhora da Conceição Aparecida**. Aparecida: Editora Santuário, 1979.

\_\_\_\_\_. **Construção da Nova Basílica**: Documentário e Notícias (1955-1988). Aparecida, Mimeo, 1980.

\_\_\_\_\_. 25 anos de construção da Basílica Nova. **Revista Ecos Marianos**. Aparecida. Ed. Santuário, 1982.

\_\_\_\_\_. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**: A imagem, o Santuário e as Romarias. 10ª ed. rev. e ampl. Aparecida: Editora Santuário, [1979]1998.

BURITY, J. A. Religião e política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, nº 4, p. 27-45, 2005.

CALIL, G. Embates e disputas em torno das Jornadas de Junho. **Projeto História** (Online), v. 47, p. 01-27, 2013.

CAMAROTTI, G. **Para onde vai a Igreja?** cinco cardeais brasileiros falam sobre o futuro da Igreja no Brasil e no mundo. .1. ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

CARLOS, A. F. A. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARMELLO, M. L. M. **Marketing mix de parques temáticos: o caso do Parque da Mônica de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.

CARNEIRO, S. de Sá. **A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago**. São Paulo: Attar, 2007.

\_\_\_\_\_. As peregrinações como atrações turísticas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org). **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas I: A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTRO, I. E. de. **Geografia e Política: Território, escala de ação e instituições**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. O território em o poder autônomo do Estado. Uma discussão a partir da teoria de Michel Mann. In: MENDONÇA, F. et al (Org.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e de fazer geográfico**. Ademadan, Curitiba. p. 579-594, 2009.

\_\_\_\_\_. O espaço político: limites e possibilidades do conceito. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORREA, R.L. (org.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUSC, 1999.

COCUZZA, P. I. **Parques y Espacios Temáticos em la Argentina, 1990-2010**. Dissertação (Maestria em Arquitetura). Universidad Nacional de Litoral, Santa Fe, 2014. Disponível em: < <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/handle/11185/693>>. Acesso em 01 de jun. de 2020.

COLTRINARI, L. O sítio da conurbação Guaratinguetá-Aparecida. **Revista Geografia Urbana do Instituto de Geografia – USP**. São Paulo, 1974.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à Geomorfologia da região de Guaratinguetá-Aparecida**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. Instituto de Geografia, 1975.

CORRÊA, R.L. A periodização da Rede Urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, 49/3, pp. 39-68, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Formas simbólicas e espaço – algumas considerações. **Aurora Geography Journal**, 2007. v1. P.11-19.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Geografia Cultural**. Textos NEPEC, nº3, Brasil, 2007b.

\_\_\_\_\_. Formas Simbólicas Espaciais e Política. In: **Conferência internacional aspectos culturais en las geografias económicas, sociais y políticas**, 2007, Buenos Aires. Anais... Buenos Aires: UFF/ Universidad de Buenos Aires, 2007c.

\_\_\_\_\_. Temas e Caminhos da Geografia Cultural. In: **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. (org) Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Parques Temáticos – uma forma simbólica do capitalismo avançado. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny. **Economia, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010b.

\_\_\_\_\_. Espaço e Simbolismo. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. (org.) Iná de Castro e all. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

COSGROVE, D. Em Direção a uma Geografia Cultura Radical. Problemas da Teoria. In **Introdução à Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, O. J. L. **Canindé e Quixadá: construção e representação de dois lugares no sertão cearense**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 216 p.

CRUZ, R. de C. A. da. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. v. 1. 167p.

\_\_\_\_\_. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2001. v. 1. 107p.

\_\_\_\_\_. **Geografias do turismo, de lugares a pseudo-lugares**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2007. v. 1. 140p.

CRUZ, R. de C. A. da; YÁZIGI, E. A. (Org.); CARLOS, A. F. A. (Org.). **Turismo, espaço, paisagem, cultura**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. v. 1. 250p.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DIAS, C; ISAYAMA, H. F. **Organização de atividades de lazer e recreação**. Série Eixos. Ed. Érica, 2014.

DUARTE, M. F. **O diabo a serviço de Deus: a Teologia da Prosperidade e as representações acerca do diabo no neopentecostalismo IURDIANO (1977-2015)**. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DUNCAN, J. O Supraorgânico na Geografia Cultural Americana. In **Introdução à Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ECOS MARIANOS. **Revista Almanaque de Aparecida**. Ed. Santuário, 2019.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução Sofia Rodrigues. Blackwell Publishers Limited, Oxford, Editora Unesp, 2. ed. 2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EMMERICK, R. As relações Igreja/Estado no direito constitucional brasileiro. Um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), v. 5, p. 144-172, 2010.

ESQUIVEL, J. C. Igreja católica e Estado na Argentina e no Brasil. Notas introdutórias para uma análise comparativa **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.191-223, out 2003.

FERNANDES, N; COELHO, O.G.P. **História e Geografia do Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, CREA-RJ, Prefeitura de Vassouras, 2013.

FERRI, C; RUSCHMANN, D. Turismo: visão e ação. **Revista Científica do Mestrado em Turismo e Hotelaria**. Itajaí, SC: UNIVALI, ano 2, n.4, p.9-17, fev. 2000.

FONSECA, A. B, **Secularização, Pluralismo religioso e Democracia no Brasil**, Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo: USP, 2002.

FRATUCCI, A. C. **A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. Tese (Doutorado em Geografia). Niterói: UFF, 2008.

\_\_\_\_\_. Turismo e território: relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.87-s.96, nov. 2014.

FREITAS, O. C. **Aparecida, capital mariana do Brasil**. Aparecida: Ed. Santuário, 1978.

FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279821>>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

GAMA, A; SANTOS, N. **Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas**. ed. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

GASPARI, E. **A Ditadura Encurralada**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2004.

GUNN, C. **Vacationscape**. Designing tourist regions. Washington, DC: Taylor and Francis/University of Texas, 1972

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **Representations: Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres, Sage Publications, 1997.

HERRMANN, L. **Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas/USP, 1986.

JODELET, D. Representations Sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org.) **Les Representations Sociales**. Paris: PUF, 1991.

KNAFOU, R. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org.). **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.62-74.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÖWY, M. L'Église en Amérique latine: le cas brésilien. In: PATRICK, M. **Religion et Démocratie**, Paris, Albin Michel, 1997.

MACHADO, Pe. **Aparecida na história e na literatura**, Congresso da Padroeira, [S.I.:s.n.], 1979.

MAINWARING, S. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 2004.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: EDUSP. [1923-24], 1974.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974b.

MEDELLÍN, **Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano**. Edições Paulinas, 1968.

MITCHELL, D. **Cultural Geography**. A Critical Introduction. Oxford, Blackwell, 2000.

MOUFFE, C. "Religião, democracia liberal e cidadania". In: BURITTY, A. J. & MACHADO, Maria D. C. (coord.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. 1. ed. Recife: Massangana. 236 p, 2006.



MOURA, C. E. de. **Visconde de Guaratinguetá: um fazendeiro de café**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Edusp, 2013.

MOSCOVICI, S. Em que sentido uma representação é social. In: MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978, p. 67-81.

MÜLLER, N. L. **O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba do Sul – São Paulo**. Rio de Janeiro, IBGE, 1969.

NICOLÁS, D. H. **Teoría y praxis del espacio turístico**. México: Universidade Autônoma Metropolitana - Xochimilco, 1989.

\_\_\_\_\_. Elementos para un analisis sociogeográfico del turismo. In RODRIGUES, Adyr A. B. (org.) **Turismo e reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 39-54.

NOLAN, M. L; NOLAN, S. **Christian Pilgrimage in Modern Western Europe**. Chape Hill: The University of North Carolina Press. 1998.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Basílica de Aparecida: Um templo para a cidade-mãe**. 1ª. ed. v. 1. São Paulo: Olho D'água, 2001.

OLIVEIRA, C. D. M. de; SOUZA, J. A. X.de. “A ‘geograficidade’ das formas simbólicas: o santuário de Fátima da Serra Grande em análise”. **Confins [Online]**, n. 9, 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6509>> . Acesso em 2 de maio de 2021

OLIVEIRA, J. R. de. **O on e o off da fé na hipermodernidade: a religião e novas interfaces do sagrado na era 2.0: o exemplo no Vale do Paraíba (SP)**. Tese (Doutorado em Geografia), Rio de Janeiro, UERJ, 2017. 267 f.

OLIVEIRA, P.A. R. de. **Religião e dominação de classe: estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ORO, A. P. Religião e política no Brasil. **Cahiers des Amériques Latines** (Paris), França, v. 48, n.49, p. 205-222, 2006.

OTTO, R. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PASIN, J. L. **Guaratinguetá: tempo e memória**. São Paulo: Ed. Rk, 1983.

PARK, C. Religion and geography. In: HINNELLS, J. (ed). **Routledge Companion to the Study of Religion**. London: Routledge, 2004. p. 1-29.

PÉREZ, X. P. **Turismo Cultural**. Uma visão antropológica. El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, F. J. G dos. **Os Redentoristas, o Cônego Antônio Marques Henriques e a Romanização da Igreja Paulista. 1888-1917**. Dissertação (Mestrado em História Social) São Paulo, USP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os redentoristas de Aparecida e a regeneração do Brasil: 1916-1931**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Igreja e História de Aparecida. In: **Aparecida: A multiplicidade do olhar**. Aparecida: Editora Ver Curiosidades, 2000.

REIS FILHO, D. A.; ROLLAND, D. (Org.). **Modernidades Alternativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

REESINK, M. L; REESINK, E. B. Entre Romeiros e Turistas: a busca do turismo como uma alternativa econômica em uma cidade do sertão da Bahia. **Estudos de Sociologia** (Recife), v. 13, p. 195-217, 2007.

RODRIGUES, A. A. B. Geografia do Turismo: novos desafios. In: Trigo, Luís Gonzaga Godoi. (Org.). **Turismo. Como aprender. Como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001, v., p. 87-122.

ROLLEMBERG, D. e QUADRAT, S. V. **A Construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROSENDAHL, Z. **Porto das Caixas. Espaço Sagrado da Baixada Fluminense**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas**. p. 119-153. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.), **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas sobre Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.

\_\_\_\_\_. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. **Revista Espaço e Cultura** (UERJ), v. 1, p. 67 - 79, out. 2008.

\_\_\_\_\_. Os Caminhos da Construção Teórica: Ratificando e Exemplificando as Relações entre Espaço e Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Hierópolis: O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2. ed, 2009.

\_\_\_\_\_. **Primeiro a Obrigação, Depois a Devoção: estratégias da Igreja Católica no Brasil, de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. O Sagrado e sua dimensão espacial. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. (org.) Iná de Castro e all. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012b.

\_\_\_\_\_. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 35, p. 09-25, Jan./Jun.; 2014.

\_\_\_\_\_. **Uma procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

ROSERDAHL, Z, CORRÊA, R. L. Difusão e territórios diocesanos no Brasil: 1551–1930. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. Volu X, núm. 218, 1 de agosto de 2006.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAINT-HILAIRE, A de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo (1822)**. Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, EDUSP, 1974.

SANTOS, D. R. **Prosperidade e Fé: estratégias de difusão espacial da Igreja Universal do Reino de Deus em Alagoas**. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. 2019, 147 il.

SANTOS, L. DOS. A cor da santa: Nossa Senhora Aparecida e a construção do imaginário sobre a padroeira do Brasil. In: VAGNER, G. da S. (org.), **Imaginário, cotidiano e poder**. São Paulo, 2007: Summus/Selo Negro. Coleção Memória Afro-brasileira. vol 3. 87-108

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

SANTOS, M. da G. S. P. **A Mobilidade Religiosa em Transformação: o turismo religioso**. Portugal: Editora Princípia, 2006.

\_\_\_\_\_. **Turismo e Território – Estudo Geográfico de Fátima**. Editora Princípia, 1ª ed. Portugal, 2006b.

\_\_\_\_\_. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDHAL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

- SANTOS, T. Os parques temáticos históricos como preservadores do patrimônio imaterial. **5ª Cidade. Cidades, Cultura Urbana e Reabilitação**, pp. 51-76, junho, 2009.
- SCHMITT, C, **Politische Theologie. Vier Kapitel zur Lehre von der Souveränität**. Berlin, Duncker & Humblot, 1996.
- SHIFF, O. America and Zion, Essays and Papers in Memory of Moshe Davis. **American Jewish History**, vol. 92, no. 1, 2004, p. 138.
- SJOBORG, G. **Origem e Evolução das Cidades**. In: DAVIS, K. et. all. Cidades - A Urbanização da Humanidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977.
- SOUZA, J. A. X.. Geografia e Peregrinação. **Caderno de Geografia**, v. 28, p. 686-701, 2018.
- SOUZA, L. A. G de. As várias faces da Igreja Católica, **USP Estudos Avançados**, Dossiê Religiões no Brasil, nº 52, set-dez 2004.
- SOUZA, M. J. L. de. O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de et al. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- STEIL, C. A. Peregrinação e Turismo: o natal em Gramado e Canela. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 29, n.125, p. 413-432, 1999.
- \_\_\_\_\_. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes Etimológicas e Interpretações Antropológicas. In: ABUMANSUR, E. S. (org). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre turismo e religião**. Campinas: SP, Papirus, 2003.
- SMITH, V. L. **The quest in guest**. **Annals of Tourism Research**, n. 19, p 1-17, 1992.
- SOJA, E. W. **Thirdspace: The Journeys of to Los Angeles**. Blackwell Publishers. Oxford, 1996.
- SOLLA, X. S. Turismo religioso: Uma busca turística do sagrado? In: Santos, M. G. M. P. (Org) **Turismo cultural, territórios e identidades**. Instituto Politécnico de Leiria e Edições Afrontamento, Leiria, pp. 177-186, 2010.
- SOUZA, A. M.; CORRÊA, M. V. **Turismo: conceitos, definições e siglas**. Manaus: Valer, 2000.
- TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- URRY, J. **The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies**. London: Sage, 1990.
- VAGGIONE, J. M. Los roles políticos de la religión. Género y sexualidad más allá del secularismo. In: VASSALLO, M. (org). **En nombre de La vida**. Córdoba/Argentina: Católicas por el Derecho a Decidir. 205 p, 2005.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira Ciências Sociais**. [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909.

ZALUAR, A. E. **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora UNB, 2004.

WHITE, L. **In High Points in Anthropology**. Org. P. Bohannan e M. Glazer. New York, Alfred A. Knopf, 1973.

## APÊNDICE – Questionário 1 e 2

### Questionário 1

#### Santuário Nacional

1) Dados Pessoais:

Sexo: H ( ) M ( )

Idade: \_\_\_ de 15 ( )      35 a 50 ( )  
           15 a 20 ( )      50 a 65 ( )  
           20 a 35 ( )      + de 65 ( )

2) Escolaridade:

Analfabeto ( )                      Ensino Médio ( )              Pós-graduado ( )  
 Ensino Fundamental ( )              Superior Completo ( )              Superior Incompleto ( )

3) Nacionalidade

---

4) Procedência:

---

5) Profissão:

---

6) Como veio para Aparecida?

---

7) Está sozinho ( )    Com família ( )    Em romaria ( )

8) Pretende ficar quanto tempo em Aparecida?

---

9) Na cidade de Aparecida você frequenta algum lugar específico? E por que?

---

10) Costuma participar das missas no Santuário Nacional?

Sim ( )                      Não ( )

11) Você confessa no Santuário Nacional?

Sim ( )                      Não ( )

12) Quando vem ao Santuário Nacional você visita esses locais:

Sala das Promessas ( )    Mirante/Museu ( )    ( ) Outros: \_\_\_\_\_  
 Oratório ( )                      Passarela ( )

13) Participará da festa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida -“300 anos de bênçãos”  
?

Sim ( )                      Não ( )

14) Virá em que dia para festa?

---

15) O que representa Nossa Senhora da Conceição Aparecida para você? Consegue descrever em uma palavra?

---

## Questionário 2

### Porto do Itaguaçu e Morro do Cruzeiro

Dados Pessoais:

Sexo: H ( ) M ( )

Idade: \_\_\_ de 15 ( )

15 a 20 ( )

20 a 35 ( )

35 a 50 ( )

50 a 65 ( )

+ de 65 ( )

1) É a sua primeira vez:

---

2) Desde quando vem?

---

3) Como você ficou sabendo do Porto do Itaguaçu ou Morro do Cruzeiro?

---

4) Qual o principal motivo da visita?

---

5) Pretende visitar outros locais? Quais?

---

6) Qual será o motivo da visita?

---